REVISTA LITERÁRIA
EM TRADUÇÃO

ANO XII - 2º VOL. - DEZ. 2022- EDIÇÃO BILÍNGUE SEMESTRAL – BRASIL

Ivan Vazov

Esther Granek

Nicolás Guillén

Rachel Field

Edward Thomas

Samuel Beckett

Hanan Al-Shaykh

George Bacovia

Laura Withrow

Fumiko Hayashi

Sait Faik Abasıyanık

Mario Halley Mora

Sêneca

Luo Guanzhong

Konstantinos Kaváfis

Frank Herbert

+

Cantigas de amor

Cantares mexicanos

Antonia Pozzi (HQ)

ISSN 2177-5141

25

tradução
μετάφραση
ترجمه
ਅਨੁਵਾਦ
Übersetzung
ñembohasa
traducción
перевод
[illegible]
תרגום
vertaling
번역
käännös
translation
тәржемә
översättning
თარგმანი
përkthim
թարգմանություն
canjı
okujjulula
turkakipt'äwi
translatio
tradukado
ಅನುವಾದ
překlad
çeviri
翻訳


Ficha catalográfica elaborada por:
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Literária em Tradução -- n. 1, set. 2010 -.- Florianópolis, 2010 –
[recurso eletrônico].

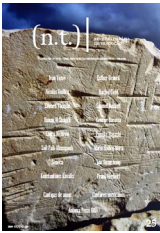
Semestral, ano 13, n. 25, 2° vol., dez. 2022
Bilíngue: 14 idiomas
Editada por Gleiton Lentz e Roger Sulis; ilustrada por Aline Daka
Sistema requerido: PDF
Modo de acesso: https://www.notadotradutor.com/
Portal interativo: Archive.Org
ISSN 2177-5141

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

Indexada na Sumários.Org e Latindex

# INTRO

"Eu estava sozinha. Eu estava livre!."

Laura Withrow

# EDITORIAL

**notadotradutor.com**
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

EDIÇÃO E COORDENAÇÃO
Gleiton Lentz

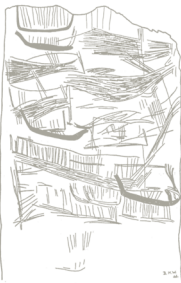
COEDIÇÃO E CONSULTORIA
Roger Sulis

ILUSTRAÇÃO E HQS
Aline Daka

REVISÃO E ASSISTÊNCIA
Amanda Zampieri

REVISÃO EDITORIAL
Thaís Fernandes

CONSULTORIA LINGUÍSTICA
Scott Ritter Hadley

REVISÃO DOS ORIGINAIS
Equipe (n.t.)

Localizada no Mediterrâneo central, a Ilha de Malta experimentou, ao longo de cinco milênios, as idas e vindas de muitas culturas diferentes, começando pela civilização neolítica, passando pelas épocas romana e medieval, até chegar aos atuais malteses. E todos esses povos, em diferentes momentos, deixaram constância de sua passagem no arquipélago através de uma forma de representação, antes um método de gravação, que se tornou uma tradição local, os grafites marítimos. Encontrados em diversas edificações e monumentos, e representando sobretudo embarcações, os grafites estão presentes em vários períodos da história de Malta, o que faz com que vários historiadores da área se questionem sobre quem, quando e por que foram feitos.

Definidos, geralmente, como um método de gravação ou de decoração por ranhuras, sujeitos à deterioração do tempo, os grafites variam em forma e função, sendo encontrados não só em pedras megalíticas, mas também em prisões, igrejas e prédios públicos, e categorizados de acordo com o período histórico a que pertencem. Gravados em calcário globigerina, a maioria deles remonta ao período dos cavaleiros medievais, não obstante esse fenômeno tenha iniciado nos templos neolíticos de Tarxien, em 2800 a.C. E embora tenham sido usados por milênios pelos malteses, não chegaram à condição de proto-escrita, o que poderia ter acontecido se tivessem evoluído de uma forma rudimentar para uma forma mais complexa de representação, já que as primeiras formas de escrita eram comumente compostas de sinais e desenhos em relevo.

Os grafites, capa desta edição da (n.t.), em seu silêncio secular, transmitem uma mensagem, que transcende a sociedade e as gerações, fixando-se como um registro pétreo e quase perene. O mesmo se pode dizer dos textos literários aqui traduzidos, que transmitem uma mensagem desde suas épocas e culturas, e que alcançam a condição de transcendência assim que *desembarcam* de uma cultura e *embarcam* em uma outra.

E é assim que iniciamos mais um número da revista, que *abarca* todos os gêneros, da poesia à prosa, do ensaio ao epistolário. E abrimos com a seção Poesia, primeiro, com os *Cantares mexicanos*, clássico náuatle, por Sara Lelis de Oliveira; seguidos de *A língua búlgara* | *Българският Език*, do poeta búlgaro Ivan Vazov, por Karina Vilara; *Corro atrás de minha sombra* | *Je cours après mon ombre*, da belga-israelense Esther Granek, por Karine Souza; *Vim em um navio negreiro* | *Vine en un barco negrero*, do cubano Nicolás Guillén, por Marcella Gaioto; *Cantigas de amor*, do trovador galego Anônimo 4, por Cílio Lindemberg; *Dias descalços* | *Barefoot Days*, da estaduni-

dense Rachel Field, por Thais Giammarco e Telma Franco Diniz; *Adlestrop*, do anglo-galês Edward Thomas, por Luís Felipe Ferrari; *Mancando*, do irlandês Samuel Beckett, por Gabriela Ghizzi Vescovi; e *Divagações úteis*|*Divagări utile*, do romeno George Bacovia, por Rodrigo Menezes.

Nas seções seguintes reunimos textos desconhecidos de nomes conhecidos, e apresentamos nomes desconhecidos com textos agora tornados conhecidos. Na seção de narrativas, abrimos com o conto *Uma menina chamada Maçã*|بنت اسمها تفاحة, da escritora libanesa Hanan Al-Shaykh, por Maria Carolina Gonçalves; seguido de *Narcisos*|水仙, da japonesa Fumiko Hayashi, por Thais Diehl Bresolin; d'*O beijo da morte*|*The Kiss of Death*, da estadunidense anônima Laura Withrow, por Juliana Gomes e Beatriz Viégas-Faria; dos *Anticontos*|*Anticuentos*, do paraguaio Mario Halley Mora, por Luiz Roberto Lins Almeida e Maria Liz Benitez Almeida; das *Quatro histórias de uma costa*|*Bir Kıyının Dört Hikayesi*, do turco Sait Faik Abasıyanık, por İmren Gökce Vaz de Carvalho; e do 1º capítulo do *Romance dos Três Reinos*|三国演义 (第一回), do chinês Luo Guanzhong, por Rud Eric Paixão. Já na seção epistolar, apresentamos a *VI. Epístola a Lucílio*|*VI. Epistulae ad Lucilium*, escrita pelo filósofo cordobês Sêneca, por Maíra Meyer Bregalda, e na seção de ensaios, vemos *Como construir um mundo*|*How to Build a World*, na visão do escritor estadunidense Frank Herbert, por Ademar Soares Jr.

E encerramos o número com duas seções clássicas da (n.t.), a seção Memória, em que homenageamos um grande nome da tradução luso-brasileira, Jorge de Sena, na republicação de seus *Cinco poemas de Kaváfis*|*Πέντε ποιήματα του Καβάφη*, lançados originalmente em 1970, pela editora Inova, de Porto. E, na sequência, a seção das HQs Literárias ilustradas pela artista gráfica da revista, Aline Daka, que retorna, desta vez, com a poeta italiana Antonia Pozzi e os versos de *Canção da minha nudez*|*Canto della mia nudità*, traduzida por Gleiton Lentz.

Por fim, cabe reiterar ainda a importância histórica dos grafites marítimos de Malta, recentemente reconhecidos como um elemento etnográfico próprio do arquipélago, pois quanto mais nos aprofundamos no tema, mais percebemos que se trata de um fenômeno nacional perdido nas brumas do tempo e que espera ser resgatado. Eis onde os estudiosos dos grafites malteses mais se assemelham aos tradutores, uma vez que lhes cabe também traduzir todo um passado, um passado que atesta que, desde as antigas paredes pompeianas, na era clássica, às ruínas do muro de Berlim, na época moderna, os grafites têm servido a um propósito de significado permanente, tendo sido, no passado, o *porto* de origem de muitas escritas.

Portanto, boa literatura *além dos mares*! ■

*Os editores*
Desterro, agosto de 2023.


✤

**Agradecimentos**

**Fac-símiles e originais**: ▪ Hemeroteca Nacional de México/UNAM, para "Cantares mexicanos"; ▪ Wikisource, para "Българският Език", de Ivan Vazov; ▪ Gallica (Fra.), para "Je cours après mon ombre", de Esther Granek; ▪ Hispanista.Org, para "Vine en un barco negrero", de Nicolás Guillén; ▪ Projeto Littera (Port.), para "Cantigas de amor", de Anônimo 4; ▪ OpenLibrary.Org, para "Barefoot Days", de Rachel Field; ▪ Archive.Org, para "Adlestrop", de Edward Thomas; ▪ Google Books, para "Mancando", de Samuel Beckett; ▪ Archive.Org, para "Divagări utile", de George Bacovia; ▪ National Diet Library (Jap.), para "水仙", de Fumiko Hayashi; ▪ Pulpmags.Org (EUA), para "The Kiss of Death", de Laura Withrow; ▪ Fundación Mario Halley Mora (Paraguai) e Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes (Esp.), para "Anticuentos", de Mario Halley Mora; ▪ Archive.Org, para "Bir Kıyının Dört Hikâyesi", de Sait Faik Abasıyanık; ▪ Archive.Org, para "三国演义", de Luo Guanzhong; ▪ Google Books, para "Epistulae ad Lucilium", de Sêneca; ▪ Onassis.Org, para "Πέντε ποιήματα του Καβάφη", de K. Kaváfis; Liberliber.it (Itá.), para "Canto della mia nudità", de Antonia Pozzi. **Direitos de publicação:** ▪ Amra (EUA), para "How to Build a World", de Frank Herbert; ▪ Centelha (Port.), para "Cinco poemas de Kaváfis", trad. de Jorge de Sena. **Direitos autorais cedidos:** ▪ Hanan Al-Shaykh (Líb.) e Rogers, Coleridge & White Ltd. (Ing.), para "بنت اسمها تفاحة".

(n.t.)|25º

Publicada na Ilha do Desterro, em Santa Catarina, Brasil.





ISSN 2177-5141

SUMÁRIO

POESIA

PROSA POÉTICA

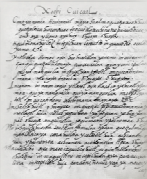


CONTOS

# poesia

(n.t.) | La Valletta

# Cantares mexicanos

## [folhas 7 frente-9 verso]

**O texto:** Tradução inédita do náuatle clássico para o português brasileiro de três cantos dos *Cantares mexicanos* [85f], manuscrito novo-hispano conservado no Fundo Reservado da Biblioteca Nacional do México. O trio está disposto entre as folhas 7 frente e 9 verso do cancioneiro, e são os primeiros de um conjunto de seis *melahuac huexotzincayotl*, ou cantochões, performados pelos Huexotzinca. Trata-se de composições coloniais com base na língua e na cultura nahuas que respondem à estratégia de catequização de nativos por meio da música. A introdução dos cantos revela que os cantochões foram entoados com o acompanhamento de dois instrumentos mesamericanos, o *huehuetl* (membranofone) e o *teponaztli* (idiofone). A paleografia e a edição do texto em náuatle são de nossa autoria.

**Texto traduzido:** *Cantares mexicanos* [manuscrito]. In. MS 1628 *bis* [siglo XVI]. México: UNAM/Biblioteca Nacional de México, fojas 7 recto a 9 verso.



**O autor:** A autoria do cancioneiro é desconhecida, mas possivelmente coletiva. No caso do *corpus* apresentado, os responsáveis pela confecção teriam sido alguns alunos do Colégio Imperial de Santa Cruz de Tlatelolco, centro educativo colonial onde jovens indígenas foram educados com as disciplinas do *trivium* e do *quadrivium*. Com a sua colaboração, foram elaborados diversos manuscritos no chamado náuatle clássico, esforço que objetivava a conversão dos nativos para o catolicismo.

**A tradutora:** Sara Lelis de Oliveira é doutora em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB), com estágio doutoral em Estudos Mesoamericanos pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Mestre em Estudos da Tradução e tradutora pela mesma UnB, realiza estágio pós-doutoral na Facultad de Estudios Superiores de Acatlán da UNAM, com o apoio financeiro do Programa de Becas Posdoctorales, e sob a supervisão de Pilar Máynez.

**Contato:** saralelis@gmail.com

# CANTARES MEXICANOS

[7 recto - 9 verso]

*"Zan ye nauhcampa in ontlapepetlantloc, oncan onceliztoc in cozahuic xochitl oncan nemi in mexica."*

COLECTIVO

**.I H S.**

[7r, l. 19] *Nican ompehua in cuicatl motenehua melahuac huexotzincayotl. Ic moquichitoaya in tlatoque huexotzinca, manime catca. Yexcan quiza inic tlatlamantitica: teuccuicatl ahnozo cuauhcuicatl, xochicuicatl, icnocuicatl. Auh inic motzotzona huehuetl, cencamatl mocauhtiuh, auh in oc cencamatl ipan huetzi yetetl ti, auh in huel ic ompehua ca centetl ti. Auh inic mocuepa quin incuac*[1] *iticpa huetzi i[n] huehuetl zan mocemana in maitl. Auh quin icuac ye inepantla occeppa itenco hualcholoa in huehuetl. Tel yehuatl itech mottaz in ima in aquin cuicani quimati in iuh motzotzona. Auh yancuican ye no ceppa inin cuicatl ichan Don Diego de Leon governador Azcapotzalco. Yehuatl oquitzotzon in Don Francisco Placido ipan xihuitl 1551, ipan inezcalilitzin Totecuiyo Jesuchristo.*

[1] Leia-se "icuac". (n.t.)

## I

[7v] *Zan tzinitzcan impetlatl ipan ohuaye on tzinitzcan iceliztoc a oncan i[n] za[n] nenninentlamatia, in zan icnoxochicuicatica in noconyatemohua*[2] *ya ohuaya ohuaya.*

*In canin nemi ya i[n] canon in nemi toconchia ye nican huehuetitlan a ayiahue, ye onnentlamacho, ye moca tlaocoyalo a i[n] xopancalitec a ohuaya ohuaya.*

*Ac ipiltzin? Ach anca ipiltzin yehua yan Dios Jesuchristo: can*[3] *quicuiloan tlacuiloa quicuiloan cuicatl a ohuaya ohuaya.*

*O ach anca nel ompa hui[t]z canin ilhuicac ixochintlacuilol xochincalitec a ohuaya ohuaya.*

*In ma ontlachialoya in ma ontla'tlamahuizolo intlapapalcal[l]i ma nican i[n] Ipalnemo[hu]a itlayocol yehuan Dios ohuaya etc.*

*Techtolinia [i]n techtla'tlanectia i[n] icuica xochiamilpan in techontla'tlachialtian Ipalnemo[hu]a itlayocol yehuan Dios a ohuaya etc.*

*Ya i[n] xopantla i[n] xopantla tinenemi ye nican ixtlahual itec i[n], za[n] xiuhquecholquiahuitl zan topan xaxamaca i[n] in Atlixco ya ohuaya ohuaya.*

*Zan ye nauhcampa i[n] ontlapepetlantloc, oncan onceliztoc in cozahuic xochitl oncan nemi in mexica in tepilhuan a ohuaya ohuaya.*

---

[2] Leia-se também "noconyatemoa". (n.t.)
[3] Leia-se "zan". (n.t.)

## II

### *Tezozomoctli ic motécpac*

*Zanca[n] tzihuactitlan, mizquititlan aiyahue Chicomoztocpa[n] mochi ompa ya huitze antla'tohua ye nican ohuaya ohuaya.*

*Nican momalinaco in Colcahuahcatecpillotl*[4] *huiya nican milacatzoa in Colhuahcachichimecayotl in toteuchua huia.*

*Maoc achitzinca xonmotlaneuican antepilhuan huiya Tlacateuhtzin Huitzilihuitl aya cihuacoatl y Cuauhxilotl huia Totomihuacan Tlalnahuacatl aya. Zan ca xiuhtototl Ixtlilxochitl i[n] quenman tlatzihuiz quimohmoyahuaquiuh yauh itepeuh yehuan Dios ica ye choca Tezozomoctli ohuaya ohuaya.*

[8r] *Ye no ceppa mizquitl ye no ceppa tzihuactli ya cahuantimani Hueytlalpan i[n] anqui zan itlatol yehuan Dios an ohuaya etc.*

*Canon yeh yauh xochitl cano[n] ye yauh yeh intoca cuauhtli ocelotl huia ya moyahuaya xelihuia atlo yan tepetl Hueytlalpan i[n] anqui zan itlatol Ipalnemoahua ohuaya ohuaya.*

*Onecuiltonoloc, onetlamachtiloc, in teteuctin cemanahuac i[n] huel zotoca huipantoca itla'tol Ipalnemohuani, huel quimot[i]huitico huel quiximatico iyollo yehuan Dios huiya chachihuitl maquiztli ya tlamatelolli ya tizatla ihuitla za[n] xochitl quimatico yaoyotl a ohuaya ohuaya.*

*O ya in tochin i[n] miccacalcatl i[n] Acolmiztlan teuctli zan ca tocih teuctli yohuallatonoc i[n] yehuan Cuetzpaltzin Iztac Coyotl Totomihuacan Tlaxcallan ohuaye Coatzi[n] teuctli hui Tlalotzin za[n] xochitl quimatico yaoyotl a ohuaya ohuaya.*

*Tley[o] anquiyocoya anteteuctin i[n] huexotzinca ma xontlachiacan Acolihua'can*[5] *in cuatlapanca oncan ye Huexotla[n] Itztapallocan huia ye yohuatimani atl o yan tepetl, a ohuaya etc.*

---

[4] Leia-se "Colhuahcatecpillotl". (n.t.)
[5] Leia-se "Acolhuacan". (n.t.)

*Oncan in pochotl ahuehuetl oncan icaca mizquitl ye oztotl huian tletlacuahuac quimatia Ipalnemohuani o yao aiyahue, ohuaya etc.*

*Tlaca'teotl nopiltzin chichimecatl i[n] tle on mach itla techcocolian Tezozomoctli techinmicitlani*[6] *yeehuaya at a iyahuili quinequi a yaoyotl nehcaliztli onquima Acolihuacan ohuaya etc.*

*Tel ca tonehua ticahuiltia Ipalnemohuani colihua oo mexicatl i[n] Tlahca'teotl huia ya at a yahuil i[n] quinequi a yaoyotl necaliztli quimana Acolihuacan a ohuaya ohuaya.*

*Zan ye onnecuiltonolo in tlalticpac ayoppan titlano chimalli xochitl ayoppan ahuiltilon Ipalnemohua ye ic ana[h]uia in tlailotlaqui Xayacamach ahuia ho ay ya yi ee o ahua yaha ohuaya etc.*

*In ac on anquelehuia chimalli xochitli yohualxochitli tla'chinolxochitl ye ic neyahpanalo antepilhuan huiya Quetzalmamatzin. Huitznahuacatl ohuaye ho hayia yi ee oua i iaha ohuaya etc.*

[8v] *Chimaltenamitl ipac oncan in nemohua yehua nezcalia huilotl oyahualla ihcahuaca yehuaya oncan in ye nemi in tecpipiltin Xiuhtzin Xayacamachan i[n] amehuan oo anconahuiltia Ipalnemohua ohuaya etc.*

*In ma huel nehtotilo man nemamanaloya yaonahuac a onnetlamachtiloyan ipan nechihuallano ohuaye in tepiltzin can ye mocue[pa] tlaca ohuaya ohuaya.*

*Quetzalipantica oyohuiloa ahuiltilon Ipalnemohua ixtlahuacan in tepalcayocan a ohuaya ohuaya.*

*Oyohualehuaya ye tocal ipan oyohua yehua huexotzincatl i[n] Tototihua[can]*[7] *oo Iztac Coyotl a ohuaya ohuaya.*

*Acemelle ica tona'coquiza i[n] nican topan titemon titlaxcaltecatl i[n] tocoya cahcalia in altepetl i[n] Huexotzinco ya ohuaya etc.*

*Cauhtimaniz o polihuiz tlalli yan Totomihuacan huia cehuiz iyollo o antepilhuan a huexotzinca i[n] ohuaya ohuaya.*

---

[6] Leia-se "techinmiquitlani". (n.t.)
[7] Leia-se "Totomihuacan". (n.t.)

*Mizquitl imancan tzihuactli imancan i[n] ahuehuetl onicaca huiya Ipalnemohua xonicnotlamati mochi el imanca[n] Huexotzinco ya zanio oncan in huel ommani tlalla ohuaya ohuaya.*

*Zan nohuian tlaxixinia tlamomoyahua i[n] ayocan mocehuia momácehual i[n] hualcaco mocuic in Icelteotl oc xoconyocoyacan antepilhuan a ohuaya ohuaya.*

*Zan mocuepa itlahtol conahuiloa Ipalnemohua Tepeyacac ohuaye antepilhuan a [o]huaya ohuaya.*

*Canel amonyazque xoconmolhuican antlaxcalteca y[n]*[8] *Tlacomihuatzin hui oc oyauh itlachinol ya yehuan Dios a ohuaya etc.*

*Cozcatl ihuihui quetzal ne'huihuia oc zo conhuipanque zan chichimeca i[n] Totomihua[can] a Iztac Coyotl a ohuaya ohuaya.*

*Huexotzinco ya zan Quiauhtzin teuctli techcocolia mexicatl i[n] techcocolia acolihua o ach quennel otihua tonyazque Quenonamican a ohuaya ohuaya.*

*Ay antlayocoya anquimitoa in amotahuan anteteuctin Ayocuantzin ihuan a in Tlepetztic in cach a ohuaye Tzihuacpopoca i[n] ohuaya etc.*

[9r] *Ca zan catcan Chalco Acolihuaca[n]*[9] *huia Totomihuacan i[n] Amilpan in Cuauhquecholla[n] quixixinia in ipetl icpan yehuan Dios ohuaya ohuaya.*

*Tlacocoa ye nican tlalli tepetl ye cocolilo ya cemanahuac a ohuaya etc.*

*Quennel conchihuazque atl popoca itlacoh in teuctli tlalli mocuepa ya Mictlan onmati a Cacamatl on teuctli quennel conchihuazque ohuaya ohuaya.*

---

[8] Leia-se "in". (n.t.)

[9] Leia-se "Acolhuacan". (n.t.)

## III

*On onellelacic quexquich nicyai'ttoa antocnihuan ayia[h]ue noconnenemititica noyollon tlalticpac i[n], noconicuilotica a in iuhcan tinemi ahuian yeccan a y[n]*[10] *cemellecan in tenahuac i[n], ahnonnohuicallan in Quenonamican ohuaya etc.*

*Zan nellin quimati ye noyollo, za[n] nelli nic ittoa*[11]*: antocnihua, ayiahue. Aquin quitlatlauhtia Icelteotl, iyollo itlahco ca conayamaca y[n]*[12]*. Mach amo oncan in tlalticpac[.] Mach amo oppan piltihua? Ye nelli nemohua*[13] *in Quenonamican, ilhuicatl i[n] itec, y[n]*[14] *can*[15] *y[n] io oncan in netlamachtilo i[n] ohuaya etc.*

*Oyohualli ihcahuacan teuctlin popoca ahuiltilon Dios Ipalnemohuani: chimalli xochitl in cuecuepontimani in mahuiztli moteca molinian tlalticpac ye nican ic xochimicohuayan in ixtlahuac itec a ohuaya ohuaya.*

*Yaona[h]uac ye oncan yaopeuhca in ixtlahuac itec i[n] teuhtlin popoca ya milacatzoa i[n] momalacachoa yaoxochimimiquiztica antepilhuan in anteteuctin zan chichimeca y ohuaya etc.*

*O anquin ye oncan yaonahuac noconelehuia in itzimiquiztli can*[16] *quinequin toyollo yaomiquiztla ohuaya ohuaya.*

*Mixtli ye ehuatimani yehuaya moxoxopan Ipalnemohuani ic oncan celiztimania in cuauhtlin ocelotl ye oncan cuepo* [9v] *ni*[17] *oo in tepilhuan huiya in tlachinolehua ya ohuaya etc.*

*In ma oc tonahuiacan antocnihuan ayiahue ma oc xonnahuiacan antepilhuan in ixtlahuatl itec i[n] nemoaquihuic zan tictotlanehuia o a in chimalli xochitl in tlachinollehua*[18] *ya ohuaya ohuaya ya.*

---

[10] Leia-se "in". (n.t.)
[11] Leia-se "niquittoa". (n.t.)
[12] Leia-se "in". (n.t.)
[13] Leia-se também "nemoa". (n.t.)
[14] Leia-se "in". (n.t.)
[15] Leia-se "zan". (n.t.)
[16] Leia-se "zan". (n.t.)
[17] Leia-se "cueponi". (n.t.)
[18] Leia-se "tlachinolehua". (n.t.)

# CANTARES MEXICANOS

[folhas 7 frente - 9 verso]

*"Nos quatro cantos do mundo, junto ao resplandecer,*
*nasce a flor que amarela. Aí moram os Mexica."*

COLETIVO

## .I H S.[1]

[7f, l. 19] Aqui começam os cantos chamados cantochões performados pelos Huexotzinca[2]. Com eles os sacerdotes-reis Huexotzinca, que estavam sentados, vangloriavam-se como grandes guerreiros. Estão divididos em três gêneros: cantos divinos ou cantos de águia, cantos floridos [e] cantos de angústia. E quando tocam o tambor [chamado] *huehuetl*, a letra do canto vai acabando e outras três palavras caem sobre o "ti"[3], exatamente quando está começando o primeiro "ti". E, ao retornar o canto, depois [o "ti"] cai dentro do *huehuetl*, e a mão continua [tocando]; e, depois, no meio dele. [E] outra vez na borda [a mão] salta do *huehuetl*. Mas sobre esse assunto se deve observar as mãos de algum cantor que saiba tocar. Em certa ocasião, [entoaram] este canto pela primeira vez na casa de Dom Diego de León, governador de Azcapotzalco[4]. Dom Francisco Plácido tocou, no ano 1551, na ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo.

---

[1] Monograma do nome de Jesus Cristo, IHS ou JHS. (n.t.)

[2] Povo originário de Huexotzinco (ou Huejotzingo), que se aliou a Hernán Cortés na conquista de México-Tenochtitlan e México-Tlatelolco, concretizada em 1521. A região está geograficamente posicionada na atual cidade de Atlixco, Estado de Puebla, México. (n.t.)

[3] Onomatopeia referente ao *teponaztli*, instrumento de percussão mesoamericano que acompanhava o *huehuetl* nos rituais dos nahua. (n.t.)

[4] Literalmente, "no formigueiro". (n.t.)

**I**

## [Sem título]

[7v] Sobre o petate do surucuá, *ouaie*,
aí o surucuá nasce, desperta.
Entristecia-me,
mas o busco com cantos floridos e de angústia,
*ouaia ouaia.*[5]

Onde [ele] vive? Onde [ele] vive?
Nós já o esperamos aqui, entre os tambores, *aiiaue*.
Por você nós somos afligidos,
nos lamentamos dentro da casa de primavera,
*ouaia ouaia*.

Quem é o seu filho amado?
Por acaso aquele não é Jesus Cristo, o amado filho de Deus?
Onde pintam, escrevem, pintam o canto?
*Ouaia ouaia...*

Por acaso não vem de lá do céu[6] a sua pintura florida,
[lá] de dentro da casa de primavera?
*Ouaia ouaia*...

Que seja apreciada,
Que aqui seja admirada a casa multicolorida do Dono da vida[7],
a criação de Deus,
*ouaia ouaia*...

Ele nos maltrata,
nos faz anelar o seu canto no milharal florido,
nos faz apreciar a criação do Dono da vida, de Deus,
*ouaia ouaia*...

---

[5] A versificação dos cantos é de nossa autoria. (n.t.)
[6] Em referência a Tamoanchan, árvore cósmica que diz respeito ao lugar da criação. (n.t.)
[7] O epíteto refere-se a um dos neologismos em náuatle clássico criados na colônia para alterar o referente divino dos nahua. (n.t.)

No tempo do florescimento,
no tempo do florescimento
caminhamos no campo de guerra.
A chuva, como o pássaro-turquesa,
faz estrondo sobre nós em Atlixco[8],
*ouaia ouaia*.

Nos quatro cantos do mundo,
junto ao resplandecer,
nasce a flor que amarela.
Aí moram os Mexica, os nobres,
*ouaia ouaia*...

---

[8] Literalmente, "sobre a superfície da água". (n.t.)

**II**

## Dessa maneira Teçoçomoctli[9] foi celebrado

Do lugar dos pequenos cactos,
do lugar dos mesquites, *aiaue*,
todos vêm de lá, de Chicomoztoc[10].
Vocês governam aqui,
*ouaia ouaia*...

Aqui veio para se entrelaçar a nobreza de Colhuacan[11], eh!
Aqui se inclina a essência Chichimeca[12] de Colhuacan, eh, nossos senhores!

Que peçam emprestado por um pouco de tempo, eh!
Vocês são nobres, venerados Tlacateuhtzin, Huitzilihuitl, *aia*,
general Cuauhxilotl, *aia*.
O venerado Tlanahuacatl está em Totomihuacan[13], *aia*,
Ixtlilxóchitl só é um pássaro turquesa.
Algumas vezes se fatigarão,
vão para destruir o *altepetl*[14] com ele, Deus.
Por isso, Teçoçomoctli chora,
*ouaia ouaia*...

[8f] Mais uma vez o mesquite,
mais uma vez o pequeno cacto permanecem abandonados em Hueytlalpan[15],
de forma que só [permanece] a palavra dele.
Ele é Deus,
*ouaia ouaia*...

---

[9] *Tlahtoani* (literalmente, "aquele que fala, que governa") de Azcapotzalco até 1428, ano em que foi derrotado por Itzcóatl, quarto *tlahtoani* de México-Tenochtitlan. O sucesso determinou a formação da *Excan tlahtolloyan* (literalmente, "lugar onde três governam"), ou Tríplice Aliança, composta pelos *tlahtoanimeh* de Acolhuacan (Texcoco) e Tlalhuacpan (Tlacopan), e liderada pelo *tlahtoani* de México-Tenochtitlan. Desde então, o trio dominou quase todo o território mesoamericano conquistando territórios e cobrando tributos. (n.t.)

[10] Literalmente, "nas sete cavernas", lugar de origem metafísica de alguns povos mesoamericanos. (n.t.)

[11] Literalmente, "lugar dos colhua ou dos que possuem ancestrais". Está localizada no centro-sul de México-Tenochtitlan e foi fundada pelos toltecas, povo que serviu de grande inspiração para a cultura tenochca ou mexica. (n.t.)

[12] Povos mesoamericanos originários do norte do México. Nesta estrofe, parece referir-se aos Mexica. (n.t.)

[13] Literalmente, "o lugar do dono da flecha-pássaro". Região localizada no atual Estado de Puebla, onde se estabeleceram alguns povos que vieram de Chicomoztoc. (n.t.)

[14] Literalmente, "a água, o cerro", metáfora que designa o território de uma cidade ou povoado, mas também uma região politicamente independente, com governo e deus patrono próprios. (n.t.)

[15] Literalmente, "no deserto", em referência ao campo de guerra. (n.t.)

Para onde vão as flores?
Para onde vão as chamadas águias e ocelotes[16]? Eh!
Desbaratavam, dividiam o *altepetl* em Hueytlalpan,
de forma que só [permanece] a palavra do Dador da vida.
*ouaia ouaia*...

No mundo, os senhores[17] regozijaram-se, contentaram-se,
verdadeiramente glorificaram-se no lugar onde a palavra do Dador da vida
|se estabelece.
Verdadeiramente viemos,
verdadeiramente vieram para conhecer o coração dele, de Deus, *uia*,
[e também] o jade [e] o bracelete polidos onde abunda o giz,
onde abunda a pluma[18].
Vieram para conhecer a flor, a guerra,
*ouaia ouaia*.

O coelho é dono da casa dos mortos,
é senhor do lugar de culto;
mas somente nossa avó, senhora, repousa na noite.
Ele, o venerado Cuetzpaltzin, o Coiote Branco,
o venerado senhor Coatzin, eh,
[e] o venerado Tlalotzin vieram a Totomihuacan,
a Tlaxcala[19], para conhecer a flor, a guerra,
*ouaia ouaia*.

Os maravilhosos senhores Huexotzinca a engendram:
observem Acolhuacan[20], lá onde as cabeças estão quebradas.
Em Huexotlan[21], em Iztapallocan[22], eh,
já se estabelece a noite no *altepetl*,
*ouaia ouaia*.

---

[16] Trata-se de uma metáfora para os guerreiros. (n.t.)
[17] Tradução de "teuctli", vocábulo em náuatle que se aplica a dirigentes de diferentes hierarquias sociais. (n.t.)
[18] "O giz, a pluma", metáfora utilizada para designar aqueles que seriam sacrificados. (n.t.)
[19] Literalmente, "lugar de *tortillas*". Região localizada no atual Estado de Puebla, onde anos antes da queda de Tenochtitlan e Tlatelolco habitaram povos cholulteca, huexotzinca e tlaxcalteca. (n.t.)
[20] Literalmente, "lugar dos acolhuas ou dos senhores da água". Atualmente, é conhecida como Texcoco, e antes do sucesso de 1521 esteve sob o domínio de Neçahualcóyotl, um dos *tlahtoanimeh* da Tríplice Aliança. (n.t.)
[21] Literalmente, "lugar dos salgueiros". Atualmente é um município do Estado do México. (n.t.)
[22] Literalmente, "lugar onde se molha o sal". (n.t.)

Lá a ceiba, lá o *ahuehuete*[23],
lá o mesquite, a caverna se erguem, eh,
[e] o fogo endurece.
O Dador da vida sabe disso,
*o yao aiyahue ouaia*...

Tlacateotl, meu venerado nobre Chichimeca,
por que Teçoçomoctli nos aborrece?
Por acaso [ele] deseja a nossa morte? *Ieeuaia*...
Talvez seja a oferenda para o sacrifício.
Quer guerra, combate,
[ele] conheceu Acolhuacan?

No entanto, você se levanta e os alegra,
Dador da vida: os Colhua, *oo*,
os Mexica [e] Tlacateotl, *eh.*
Talvez desejem que a oferenda, a guerra [e] o combate
ocorram em Acolhuacan,
*ouaia ouaia*.

Já é regozijado sobre a terra:
não duas vezes escudo e a flor são enviados,
não duas vezes o Dador da vida é alegrado.
Por isso o juiz se alegra,
Xayacamach alegra-se,
*ho au ia ee o ahua yaha ouaia…*

Quem de vocês anela o escudo, a flor,
a flor noturna, a flor de guerra?
Com eles, vocês, venerado Quetzalmamatzin e Huitznahuacatl,
|os nobres, são envolvidos,
*ouaie ho haia i ee oua i iaha ouaia ouaia*...

[8v] Sobre o muro de escudos,
lá vivem aqueles que são prudentes.
A paloma veio, gorjeia, *ieuaia.*

---

23 Árvore típica do México. (n.t.)

Lá vivem os nobres do palácio,
o venerado Xiuhtzin [e] Xayacamachan.
Vocês, *oo*,
alegrem o Dador da vida,
*ouaia ouaia*...

Que verdadeiramente dancem,
que façam oferendas junto à guerra,
o lugar da alegria;
sobre onde se faz, *ouaie,*
que o venerado nobre se torne homem,
*ouaia ouaia*...

Com plumas de quetzal sobre si
dão gritos de guerra
para que seja alegrado o Dador da vida no deserto,
na morada alheia,
*ouaia ouaia*...

Os guizos ressoavam sobre nossa casa;
ele, o Huexotzinca, o Coiote Branco, *oo*,
grita em Totomihuacan,
*ouaia ouaia...*

Com aflição você se ergue aqui, Tlaxcalteca;
sobre nós você descende.
Você flechava e enterrava no *altepetl* de Huexotzinco,
*ouaia ouaia...*

A terra de Totomihuacan se esvaziará, perecerá, eh!
O coração dele se apaziguará;
Vocês são nobres, Huexotzinca,
*ouaia ouaia...*

Onde se encontra o mesquite,
onde se encontra o pequeno cacto,
onde cresce o *ahuehuete*, *uia*,
tenha piedade, Dador da vida!

Onde se encontra todo o ânimo, em Huexotzinco,
somente lá a terra se estende verdadeiramente,
*ouaia ouaia...*

Em todos os lugares o povo é devastado, é desbaratado;
nenhum dos seus servos se acalma.
O seu canto ainda é escutado, Deus único.
Engendrai-o, vocês são nobres,
*ouaia ouaia*,,,

Somente a palavra dele se transforma;
envergonham o Dador da vida em Tepeyacac, *ouaie*.
Vocês são nobres,
*ouaia ouaia*...

Para onde vocês irão?
Diga, Tlaxcalteca!
O venerado Tlacomihuatzin, eh,
em efeito partiu para o combate dele, de Deus,
*ouaia ouaia*...

Tal como joia,
tal como pluma de quetzal em efeito
ordenaram os Chichimeca [e] o Coiote Branco em Totomihuacan,
*ouaia ouaia...*

O venerado senhor Quiauhtzin está em Huexotzinco;
os Mexica nos aborrecem, os Acolhua nos aborrecem.
O que faremos para irmos?
Iremos a Quenonamican,
*ouaia ouaia...*

Ainda não imaginam,
dizem que os pais são os venerados senhores
Ayocuantzin e Tlepetztic, *ouaie*.
Por que não Tzihuacpopoca?
*Ouaia ouaia...*

[9f] Somente estavam os de Chalco, de Acolhuacan, eh;
Totomihuacan, Amilpan, Quauhquechollan devastam o seu petate,
o lugar do trono dele, de Deus,
*ouaia ouaia*...

A terra, o cerro já adoecem aqui;
o mundo todo é afligido,
*ouaia ouaia*...

O que farão?
A água fumega,
a flecha do senhor vira terra.
O senhor Cacamatl já conhece o caminho para Mictlan[24].
O que farão?
*Ouaia ouaia...*

[24] Um dos três lugares para onde iam as almas (de nobres ou vassalos) após a morte causada por enfermidade. (n.t.)

**III**

## [Sem título]

Quanto me afligi?
Vejo: vocês são nossos amigos, *aiaue*.
Havia feito o meu coração peregrinar sobre a terra, o havia pintado.
Em lugar semelhante vivemos alegres;
em boa hora, em paz, perto uns dos outros.
Também não vou embora para Quenonamican[25],
*ouaia ouaia*...

Verdadeiramente o meu coração sabe,
verdadeiramente vê: vocês são nossos amigos, *aiaue*.
Quem roga ao único Deus,
entrega também o seu coração.
Por acaso, por acaso não se nasce duas vezes na terra?
Verdadeiramente há morada em Quenonamican,
no céu[26], somente nesse lugar se é feliz,
*ouaia ouaia*...

Os guizos ressoam,
o pó fumega.
Deus, o Dono da vida, é alegrado.
O escudo, a flor brotam:
o temor se estende, a terra treme aqui,
no lugar da morte florida, no campo de guerra,
*ouaia ouaia*...

Junto aos inimigos a guerra começa,
no campo de batalha o pó fumega.
Inclinam-se, rodeiam a morte florida dos inimigos.
Vocês são nobres, vocês são os senhores Chichimeca,
*ouaia ouaia*...

---

[25] Literalmente, "lugar onde de alguma forma nos encontramos". O Livro Terceiro do *Códice florentino* o define como um local misterioso, sem luz, para onde os indivíduos são levados no momento da morte. (n.t.)
[26] Em náuatle, "ilhuicac", também chamado "lar do Sol", local para onde vão as almas dos indivíduos que morreram em guerra ou combate. (n.t.)

Que o meu coração não tenha medo no campo de guerra.
Desejo a morte com faca de obsidiana,
nosso coração quer morte de guerra,
*ouaia ouaia*...

De modo que junto à guerra [eu] deseje a morte com faca de obsidiana;
nosso coração quer morte de guerra,
*ouaia ouaia*...

A nuvem levanta-se, *ieeuaia*,
na época da sua primavera, Dono da vida.
Aí as águias e os ocelotes florescem,
onde brotam, [9v] *oo*, os nobres, *uia*.
A guerra estoura,
*ouaia ouaia*...

Que ainda sejamos alegres,
vocês são nossos amigos, *aiiaue*.
Que ainda estejam alegres,
vocês são nobres.
[Eles] vão ao campo de guerra para viver,
tomamos emprestados o escudo, a flor.
A guerra estoura,
*ouaia ouaia*...

# A LÍNGUA BÚLGARA

**IVAN VAZOV**

**O TEXTO:** Três poemas de Ivan Vazov, extraídos de três diferentes livros: "Soneto" ("Сонет"), de *Майска китка* (*Buquê de Maio*, 1880); "A língua búlgara" ("Българският Език"), de *Поля и гори* (*Campos e montanhas*, 1884); e "Os nossos três lagos" ("Трите наши езера"), de *Песни за Македония* (*Poemas da Macedônia*, 1913-1916). O primeiro, o soneto, revela a faceta do poeta enamorado; o segundo é uma espécie de hino à língua búlgara que levanta as batalhas travadas para que ela se consolidasse, além de ser de suma importância por trazer à cena literária a língua da nação onde o alfabeto cirílico, empregado por algumas línguas eslavas como o russo, se fundou como tal; e o último traz a geografia do território dos Balcãs e elementos do folclore búlgaro. A seleção foi pensada a partir de três eixos: o amor, a língua e a natureza, respectivamente.

**Texto traduzido:** Вазов, И. *Сочинения в 6 томах*. Москва: Гослитиздат, 1956.

**O AUTOR:** Ivan Vazov (1850-1921), poeta, escritor e dramaturgo búlgaro, nasceu em Sopot. Conhecido como o "patriarca da literatura búlgara", a importância de sua obra se dá não só por seu valor literário, mas pela mobilização de temas históricos e pátrios. Seus livros abordam dois momentos históricos, o Renascimento búlgaro e a época pós-libertação do domínio do Império Otomano. Em 1874, juntou-se à luta pela independência da Bulgária e em 1875 tornou-se membro do comitê revolucionário de Sopot, o que explica o teor político de muitas de suas obras. Valeu-se de quase todos os gêneros literários: poesia, conto, romance e drama.

**A TRADUTORA:** Karina Vilara é bacharel em Letras português-russo e mestranda em Ciência da Literatura pela UFRJ. Sua pesquisa volta-se à poesia russa do século XIX e de outras línguas eslavas, como o búlgaro.

# Българският Език

*"Език свещен на моите деди*
*език на мъки, стонове вековни."*

**ИВАН ВАЗОВ**

## СОНЕТ

*На ученичката А.,*
*която четеше постоянно*
*книгата "Небесни светила".*

Ах, какво е туй желанье,
що в сърцето ти гори?
Що ти е, отговори,
толкова наука, знанье?

Туй ти Северно сиянье,
тез звезди, луна, слънца
дали можат ти прида
повеч блясък, обаянье?

Нали и без тях си ти
пълна с дарби, красоти
и обайваш, и привличаш?

Съвършенство ли желайш?
Научи се да обичаш
и ти всичко ще да знайш!

## БЪЛГАРСКИЯТ ЕЗИК

Език свещен на моите деди
език на мъки, стонове вековни,
език на тая, дето ни роди
за радост не – за ядове отровни.

Език прекрасен, кой те не руга
и кой те пощади от хули гадки?
Вслушал ли се е някой досега
в мелодьята на твойте звуци сладки?

Разбра ли някой колко хубост, мощ
се крий в речта ти гъвкава, звънлива –
от руйни тонове какъв разкош,
какъв размах и изразитост жива?

Не, ти падна под общия позор,
охулен, опетнен със думи кални:
и чуждите, и нашите, във хор,
отрекоха те, о, език страдални!

Не си можал да въплътиш във теб
съзнаньята на творческата мисъл!
И не за песен геният ти слеп –
за груб брътвеж те само бил орисал!

Тъй слушам си, откак съм на света!
Си туй ругателство ужасно, модно,
си тоя отзив, низка клевета,
що слетя всичко мило нам и родно.

Ох, аз ще взема черния ти срам
и той ще стане мойто вдъхновенье,
и в светли звукове ще те предам
на бъдещото бодро поколенье;

ох, аз ще те обриша от калта
и в твоя чистий бляск ще те покажа,
и с удара на твойта красота
аз хулниците твои ще накажа.

*Пловдив, 1883*

## ТРИТЕ НАШИ ЕЗЕРА

Трите наши езера светлеят,
трите наши огледала ясни,
трите водни небеса синеят
в македонските долини красни.

В първото стар Охрид се оглежда,
в другото – духът на Самуила,
върху третьото чело навежда
царствено Беласица унила.

Денем те унесени мечтаят,
тихо шъпнат с вековете дални,
в лунни нощи край вълни кристални
самодиви тайнствени играят.

*Февруари 1916*

# A LÍNGUA BÚLGARA

*"És a língua sagrada de meus pais*
*de gemidos antigos e tormentos."*

IVAN VAZOV

## SONETO

*Ao aluno A.,*
*que lê constantemente*
*o livro "Luzes Celestiais".*

Ah, que vontade é essa, que desejo
que arde no coração e em ti palpita?
De que vale à tua pessoa, me diga,
tanta ciência e vão conhecimento?

A aurora boreal para a senhorita,
as estrelas, os sóis, o branco luar
será que poderiam te ultrapassar
em brilho e mil e uma maravilhas?

Não pensas que tu és sem esses astros
mais repleta de dons adoráveis
enfeitiçando todos com teu charme?

Ora, o que desejas, perfeição?
Aprenda, pois, do amor sua mais alta arte
e tudo poderás saber então.

**A LÍNGUA BÚLGARA**

És a língua sagrada de meus pais
de gemidos antigos e tormentos
és a língua na qual todos nascemos
não para alegria, mas angústias más.

Língua admirável, quem não te ultrajou
e das blasfêmias vis, quem te preserva?
Acaso ouviste tão suave e mélea
toada como a língua que soou?

Acaso compreenderam a beleza
e a força sob a fala sinuosa –
das notas opulentas de que glória
de que expressividade és assim feita?

Não! Caíste sob pública vergonha
manchada com palavras sem decoro
forasteiros e cômpares em coro
negaram-te, oh, língua sofredora!

Não eras capaz de em si encarnar
a grande obra do espírito criador!
Teu cego gênio te profetizou
para murmúrios, não para o cantar.

Assim ouço tão logo habito a Terra!
Profanações terríveis e ordinárias
serem o tom que com calúnias baixas
ressecam a sonora raiz materna.

Mas eu apanharei a tua vergonha
e a hei de tornar minha inspiração
e teus rútilos sons alastrar-se-ão
pelo futuro sem conhecer sombra.

De ti removerei a gris sujeira
e em puro brilho te revelarei
e vândalo qualquer eu punirei
a golpes de beleza tão certeira.

*Plovdiv, 1883*

**NOSSOS TRÊS LAGOS**

Nossos três lagos resplandecem,
nossos três espelhos claros,
nossos três céus de água azulecem
na Macedônia dos belos vales.

No primeiro, a antiga Ócrida se mira,
no segundo – o espírito de Samuil,
sobre o terceiro – a triste Belasitsa
majestosamente em reverência se viu.

Na luz do dia são levados a sonhar
em silêncio suspirando aos séculos,
nas margens das ondas em noite de luar
as Samodivas[1] em segredo brincam por perto.

*Fevereiro de 1916*

[1] *Samodiva:* figura do folclore búlgaro análoga à sereia e que habita a água de lagos e rios. (n.t.)

# CORRO ATRÁS DE MINHA SOMBRA

**ESTHER GRANEK**

**O TEXTO:** Seleção com quatro poemas de Esther Granek, extraídos do livro *Je cours après mon ombre* (Corro atrás de minha sombra), publicado em 1981: "Constatação" ("Constatation"), "Miragens" ("Mirages"), "Canto" ("Chant") e "Grávida" ("Enceinte"). Caracterizada pela fluidez, sua poesia, melodiosa e alegre, não deixa de transparecer também uma boa dose de resiliência, algo fundamental na vida das mulheres e de pessoas com uma história de vida difícil, como a dela. Diferente de sua geração, adotou uma forma híbrida, ao fazer uso do verso livre com esquemas rímicos, e também, da métrica tradicional, mas sem dela se tornar refém.
**Texto traduzido:** Granek, E. *Je cours après mon ombre*. Paris : Saint-Germain-des-Prés, 1981.

**A AUTORA:** Esther Granek (1927-2016), poeta belga-israelense, nasceu em Bruxelas. De formação autodidata, é autora e compositora de canções, poemas e baladas que exploram temas nostálgicos da infância e que evocam épocas memoráveis. Publicou seu primeiro livro, *Portraits et chansons sans retouches*, em 1976, pela Éditions Saint-Germain-des-Prés. Sobrevivente do holocausto, em 1941 fugiu com a família do campo de concentração em Brens, na França, alguns dias antes do extermínio de todos os prisioneiros do lugar. Em 1956, partiu para Israel, para Tel Aviv, onde trabalhou como secretária-contadora na Embaixada da Bélgica e onde faleceu aos 89 anos.

**A TRADUTORA:** Karine Souza é poeta, professora, mestra em Estudos Literários pela UFPR e doutoranda pela UnB. Suas pesquisas voltam-se à tradução de poetas mulheres francófonas e à prosa e crítica literária feminista.

# JE COURS APRÈS MON OMBRE

SÉLECTION

*"Sauvage était ma voix*
*Et tendre fut mon chant."*

---

ESTHER GRANEK

## CONSTATATION

Je n'ai que moi
En chaque jour
Pour accueillir l'aube nouvelle
Mais dès qu'au songe je m'attèle
Je n'ai que toi

*
**

Je n'ai que moi
Pour encaisser
De toute la vie les escarres
Mais dès qu'en rêve je m'égare
Je n'ai que toi

*
**

Je n'ai que moi
Lorsque j'épie

De l’avenir l’heure qui chante
Mais dans mes prières ardentes
Je n’ai que toi

*
**

Je n’ai que toi
Pour m’éblouir
Et pour embellir les images
Mais dès que j’ai tourné les pages
Je n’ai que moi

## MIRAGES

Parfois déjà je me voyais
me promenant sous les ombrages,
mon cœur tout de sève imprégné.
Hélas !... combien pour moi dommage !
Et que ne puis-je y remédier.
Car la forêt me fut mirage…
et de loin l'avais inventée.

Parfois aussi je me voyais
errant en vain dans le désert,
le cœur à jamais asséché.
Ah ! que risible est ma misère !
Qu'ardent mon besoin de tricher !
Car de forêt ne trouvant guère,
au loin me fallait l'inventer.

## CHANT

Avec des fils de soie
J'avais tissé un chant sauvage

Sauvage était ma voix
Et tendre fut mon chant

**ENCEINTE**

Je suis enceinte de prés verts…
Je porte en moi des pâturages…
Que mon humeur soit drôle ou sage,
je suis enceinte de prés verts…

*

Belle est l'image !
Doux le langage…
« Je porte en moi des pâturages… »

Et tout à la fois, mais qu'y faire ?
je suis enceinte de déserts.

Et de mirages.
Et de chimères
De grands orages.
De regrets à tort à travers.
De rires à ne savoir qu'en faire.

Et mes grossesses cohabitent.
En tout mon être. Sans limite.

# CORRO ATRÁS DE MINHA SOMBRA

SELEÇÃO

*"Selvagem era minha voz*
*E suave foi meu canto."*

ESTHER GRANEK

## CONSTATAÇÃO

Não tenho senão a mim
A cada dia
Para acolher o novo amanhecer
Mas ao me unir à fantasia
Tenho somente a ti

*
**

Não tenho senão a mim
Para dar conta
Das feridas de toda uma vida
Mas ao, nos sonhos, me perder
Tenho somente a ti

*
**

Não tenho senão a mim
Ao espiar

No porvir, as horas cantantes
Mas em minhas orações ardentes
Tenho somente a ti

*
**

Tenho somente a ti
Para me encandear
E para embelezar as imagens
Mas com a evolução das passagens
Não tenho senão a mim

## MIRAGENS

Talvez eu já me visse
perambulando entre as sombras,
meu coração todo de seivas impregnado.
Azar!... por mim quantas penas!
Que eu não pudesse ter remediado.
Pois as florestas me foram quimeras...
e de longe eu as havia inventado.

Talvez também eu me visse
Errando em vão no deserto,
o coração continuamente a se ressecar.
Ah, que risível é o meu desconcerto!
Que ardente minha necessidade de trapacear!
Pois o encontro da floresta incerto,
distante, eu precisava a inventar.

**CANTO**

Com os fios de seda
Tecera um canto selvagem

Selvagem era minha voz
E suave foi meu canto

**GRÁVIDA**

Estou grávida de verdes prados...
Carrego em mim vastos pastos...
Seja o meu humor engraçado ou ajuizado,
estou grávida de verdes prados...

*

Bela é a imagem!
Doce a linguagem...
"Carrego em mim amplas pastagens..."

E ao mesmo tempo, o que fazer?
estou grávida de desertos.

E de miragens.
E de quimeras
De fortes tempestades.
De desgostos a torto e a direito.
De risos para dar e vender.

E minhas gestações coabitam.
Sem demarcações. Em todo meu ser.

# VIM EM UM NAVIO NEGREIRO

NICOLÁS GUILLÉN

**O TEXTO:** Seleção com três poemas extraídos da *Antología de la Poesía Cósmica de Nicolás Guillén*, publicada em 2001, às vésperas do centenário de nascimento do poeta: "Momento em García Lorca" ("Momento en García Lorca"), "West Indies, LTD" e "Vim em um navio negreiro..." ("Vine en un barco negrero..."). Nos poemas, nota-se o lirismo ativista de Guillén, que fazia de sua verve ação, com denúncias ao racismo e ao imperialismo americano, e também, sua reverência a outros poetas hispano-americanos, como García Lorca, de quem era amigo.

**Texto traduzido:** Guillén, Nicolás. *Antología de la Poesía Cósmica de Nicolás Guillén*. México: Frente de Afirmación Hispanista, 2001, pp. 36, 56 y 102.

**O AUTOR:** Nicolás Guillén (1902-1989), poeta cubano, nasceu em Camagüey. É considerado um dos principais poetas da Revolução Cubana, marcado pelo assassinato do pai por antirrevolucionários. Sua poesia, influenciada pela música tradicional de seu país, funciona também como um lugar de denúncia. É reconhecido por abordar de forma ativista e lírica temas como sua negritude, o racismo e o avanço do imperialismo americano sobre a ilha de Cuba. Recebeu o Prêmio Lênin da Paz, em 1954, e foi eleito presidente da União Nacional de Escritores e Artistas de Cuba, em 1961.

**A TRADUTORA:** Marcella Gaioto é graduada em Letras pela UFMT e mestranda na UFF, com pesquisa sobre Intermedialidade, Tradução e Literatura. Publicou poemas nas revistas *Ruído Manifesto* e *Pixé*.

# VINE EN UN BARCO NEGRERO

*"Libre estoy, vine de lejos.*
*Soy un negro."*

NICOLÁS GUILLÉN

**MOMENTO EN GARCÍA LORCA**

Soñaba Federico en nardo y cera,
y aceituna y clavel y **LUNA** fría.
Federico, Granada y Primavera.

En **AFILADA** soledad dormía,
al pie de sus ambiguos limoneros,
echado musical junto a la vía.

Alta la noche, **ARDIENTE DE LUCEROS,**
arrastraba su cola transparente
por todos los caminos carreteros.

«¡Federico!», gritaron de repente,
con las manos inmóviles, atadas,
gitanos que pasaban lentamente.

¡Qué voz la de sus **VENAS DESANGRADAS**!
¡Qué **ARDOR** el de sus cuerpos ateridos!
¡Qué suaves sus pisadas, sus pisadas!

Iban verdes, recién anochecidos;
en el duro camino invertebrado
caminaban descalzos los sentidos.

Alzóse Federico, en **LUZ** bañado.
Federico, Granada y Primavera.
Y con **LUNA** y clavel y nardo y cera,
los siguió por el monte perfumado.

**WEST INDIES, LTD**

**8**

Un altísimo **FUEGO RAJA CON SUS CUCHILLAS**
la noche. Las palmas, inocentes
de todo, charlan con voces **AMARILLAS**
de collares, de sedas, de pendientes.
Un negro tuesta su café en cuclillas.
Se **INCENDIA** un barracón.
Resoplan **VIENTOS** independientes.
Pasa un crucero de la Unión
Americana. Después, otro crucero,
y el **AGUA INGENUA ENSUCIAN** con ambiciosas quillas,
nietas de las del viejo Drake, el filibustero.

Lentamente, de **PIEDRA**, va una mano
cerrándose en un puño vengativo.
Un claro, un claro y vivo
son de esperanza estalla en tierra y océano.
El **SOL** habla de bosques con las verdes semillas...
West Indies, en inglés. En castellano,
las Antillas.

**VINE EN UN BARCO NEGRERO…**

Vine en un barco negrero.
Me trajeron
Caña y látigo el ingenio.
**SOL DE HIERRO.**
Sudor como caramelo.
Pie en el cepo.

Aponte me habló sonriendo.
Dije: – Quiero.
¡Oh **MUERTE**! Después silencio.
Sombra luego.
¡Qué largo **SUEÑO** violento!
Duro **SUEÑO.**

La Yagruma
de nieve y esmeralda
bajo la **LUNA.**

O'Donnell. Su **PUÑO SECO.**
Cuero y cuero.
Los alguaciles y el miedo.
Cuero y cuero.
De **SANGRE** y tinta mi cuerpo.
Cuero y cuero.

Pasó a **CABALLO** Maceo.
Yo en su séquito.
Largo el aullido del **VIENTO.**
Alto el trueno.
Un **FULGOR DE MACHETEROS.**
Yo con ellos.

La Yagruma
de nieve y esmeralda
bajo la **LUNA.**

Tendido a Menéndez veo.
Fijo, tenso.
Borbota el pulmón abierto.
**QUEMA EL PECHO.**
Sus **OJOS** ven, están viendo.
Vive el **MUERTO.**

¡Oh Cuba! Mi voz entrego.
En ti creo.
Mía la tierra que beso.
Mío el cielo.

Libre estoy, vine de lejos.
Soy un negro.

La Yagruma
de nieve y esmeralda
bajo la **LUNA.**

# VIM EM UM NAVIO NEGREIRO

*"Sou livre, vim de longe.*
*Sou um negro."*

NICOLÁS GUILLÉN

## MOMENTO EM GARCÍA LORCA

Sonhava Federico com nardo e cera,
e azeitona e cravos e **LUA** fria.
Federico, Granada e Primavera.

Em **AFIADA** solitude dormia,
ao pé de ambíguos limoeiros,
em estado musical junto à via.

Profunda a noite, **ARDENTE DE ESTRELAS,**
arrastava sua cauda transparente
por todas essas estradas estreitas.

"Federico!", gritaram de repente,
com suas mãos imóveis, atadas,
ciganos que passavam lentamente.

Que voz a de suas **VEIAS DRENADAS**!
Que **ARDOR** o de seus corpos dormentes!
Que suaves suas pisadas, suas pisadas!

Iam verdes, recém-anoitecidos;
nos duros caminhos invertebrados
caminhavam descalços os sentidos.

Ergueu-se Federico, em **LUZ** banhado.
Federico, Granada e Primavera.
E com **LUA** e cravos e nardo e cera,
os seguiu pelo monte perfumado.

**WEST INDIES, LTD**

**8**

Um altíssimo **FOGO RASGA COM SUAS LÂMINAS**
a noite. As palmeiras, inocentes
de tudo, falam com vozes **IÂMBICAS**
de colares, de sedas, de pingentes.
Um negro tosta seu café de cócoras.
**INCENDEIA**-se um barracão.
Sopram **VENTOS** independentes.
Passa um cruzeiro da União
Americana. Depois, outro cruzeiro,
e a **ÁGUA INGÊNUA SUJAM** com ambiciosas quilhas,
as netas do velho Drake, o flibusteiro.

Lentamente, de **PEDRA**, vai uma mão
cerrando-se em um punho vingativo.
Um claro, um claro e vivo
som de esperança, oceano e terra em transe.
O **SOL** fala de bosques com as verdes sementes...
*West Indies*, em inglês. Em castelhano,
*las Antillas*.

**VIM EM UM NAVIO NEGREIRO...**

Vim em um navio negreiro.
Me trouxeram.
Cajado e açoite o engenho.
**SOL DE FERRO.**
Suor como caramelo.
Pés no tronco.

Aponte me falou sorrindo.
Eu disse: – Quero.
**Oh MORTE!** Depois silêncio.
Logo sombra.
Que **VENTO** longo e violento!
**VENTO** pesado.

> A embaúba
> de névoa e esmeralda
> sob a **LUA.**

O'Donell. Seu **PUNHO SECO.**
Couro e couro.
Os capitães do mato e o medo.
Couro e couro.
De **SANGUE** e tinta o meu corpo.
Couro e couro.

Deu-se com o **CAVALO** Maceo.
Eu em seu séquito.
Longo o alarido do vento.
Alto o trovão.
Um **FULGOR DE MATEIROS.**
Eu com eles.

> A embaúba
> de névoa e esmeralda
> sob a **LUA.**

Estendido a Menéndez vejo.
Fixo, tenso.
Gorgoleja o pulmão aberto.
**QUEIMA O PEITO.**
Seus **OLHOS** veem, estão vendo.
Vive o **MORTO.**

Oh Cuba! Minha voz entrego.
Em ti creio.
Minha a terra que beijo.
Meu o céu.

Sou livre, vim de longe.
Sou um negro.

A embaúba
de névoa e esmeralda
sob a **LUA.**

# Cantigas de amor

## Anônimo 4

**O texto:** Seleção com dez cantigas de amor localizadas no *Cancioneiro da Ajuda*, de autoria anônima. Datadas do final do século XIII, influenciadas pela lírica occitana e em contraposição às de amigo, as cantigas de amor partem de uma perspectiva masculina, nas quais o trovador se dirige à sua pretendente (a qual chama de *sennor*, retratando a relação de vassalagem em que o trovador é o vassalo, ao passo que sua amada é seu senhor feudal, adaptado aqui como *senhora*), a Deus, ou então, fala do próprio amor, desnudando seus sentimentos. Adaptadas ao trovadorismo galego-português a partir da poesia provençal, essas cantigas representam o amor cortês medieval em suas quatro fases: aspirante, suplicante, entendedor e amante. O eu-lírico sofre a dor do amor por sua pretendida, à qual se declara ou admira de longe. Em sua integralidade, as cantigas foram reconstituídas a partir do manuscrito disponibilizado pelo Projeto Littera, de Portugal.

**Texto traduzido:** Anônimo 4. In. *Cantigas Medievais Galego-Portuguesas*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2022.

**O autor:** Anônimo 4, conforme o Projeto Littera, foi um trovador medieval de origem incerta. Sua obra, composta por dez cantigas que se identificam com facilidade em vista do estilo, encontra-se no *Cancioneiro da Ajuda*, conservado na Biblioteca do Palácio Real da Ajuda, em Lisboa. Apesar da anonimidade, estudiosos da lírica medieval galego-portuguesa apontam dois possíveis autores, Vasco Peres Pardal ou Gonçalo Anes do Vinhal.

**O tradutor:** Cílio Lindemberg de Araújo Santos, tradutor, escritor e poeta, é graduado em Letras Inglês pela UEPB. Para a (n.t.) traduziu Mary E. Wilkins Freeman, Olivia Howard Dunbar, Charlotte Brontë, Guy de Maupassant e Léon Deubel.

# CANTIGAS DE AMOR

*"Pero ben ſey ia*
*que deſta coyta morte prenderey."*

ANÔNIMO 4

## [NOSTRO ſENNOR] ME GUIſOU DE UIUER

[Nostro ſennor] me guiſou de uiuer
na mui gran coita, mentr'eu uiuo for,
quando [me fez] querer ben tal ſennor
que me non quer ſol dos ollos catar!
Quandoa ueio, non ll'ouſo dizer
que'lle fiz, ou por que me quer matar.

E non me poſſ'eu queixar con razon
d'Amor, nen d'outre, ſe me uenna ben!,
ſenon de Deus que me tolle o ſen
en me fazer tal ſennor muit'amar,
que me non diz, en algũa ſazon,
que'lle fiz, ou por que me quer matar.

E por aqueſto nunca perderei
ia mui gran coita, pois aſſi Deus quer
que eu queira mui gran ben tal moller
.....................................[ar]
e me dizer, ia que me morrerei,
que'lle fiz, ou por que me quer matar.

## ORA, POſſ'EU CON UERDADE DIZER

Ora, poſſ'eu con uerdade dizer,
ſennor fremoſa, que fazo mal ſen
en uos amar, pois de uos non ei ben,
nen attendo d'al, mentr'eu uiuo for
- ſe non ouuer de uos ben - gran prazer;
o que non poſſ'auer de uos, ſennor.

Pois ſe non dol Deus de mi, nen Amor,
nen uos, ſeñor, que eu ſempre ſerui,
de'lo dia que uos primeiro ui,
meu mal fiz e fazo de uos amar;
ca de morrer por uos ei gran pauor,
da coita que me fazedes leuar.

Muy gran dereyto faç'en me queyxar
de uos, ſennor, eno meu coraçon,
que me leyxades morrer ſen razon
por uos, pero me podedes guarir;
e por aqueſto podedes oſmar
que muy mal ſeſo faço de uos seruir.

Mais non me poſſ'ende, ſeñor, partir,
quant'ey poder de mia morte fogir.

**ſENNOR FREMOſA, IA PERDI O ſEN**

ſennor fremoſa, ia perdi o ſen
por uos e cuido muy çed'a'morrer,
ca uos ſey mellor doutra ren querer;
e, per bõa ffe, ſe eſt'aſſi for,
      quantos ſaben q'uos heu quero ben
      diran que uos me mataſtes, ſennor.

E de morrer por uos, ſeñor, ben ſey
que me non poſſo ia per ren partir,
pois que me uos non q'redes guarir;
mays direy-uo-lo de q'ey pauor:
      quantos ſaben q'l amor uos eu ey
      diran que uos me mataſtes, ſennor.

E d'atal pleyto puñad'en guardar,
ſeñor fremoſa, o uoſſo bon prez;
ca, ſſe heu moyro por uos eſta uez,
uedes de que uos faço ſabedor:
      quantos ſaben q'uos ſey muit'amar
      diran que uos me mataſtes, ſeñor.

## ſENNOR FREMOſA, IA NUNCA ſERÁ

ſennor fremoſa, ia nunca ſerá
ome no mundo que tenna por ben
ſe heu por uos moyro, porque'o ſen
perdi, cuidando no bon pareçer
que uos Deus deu; por'en uos eſtará
mal, ſe me ben non quiſerdes fazer.

E uos, ſeñor, podedes entender
que eſt aſſi: que nũca me perdon
N'ro ſeñor, ſe mais de coraçon
uos pud'amar do q'uos ſẽp'amey,
deſ'que uos ui, i amo! Mais morrer
cuido por uos, ſe de uos ben nõ ey.

E ſe eu moyro por uos, muy bẽ ſey
que uos acharedes ende pois mal.
E por aqueſto, mia ſeñor, mais ual
de me guarirdes de mort'ao meu cuidar,
ca per'al non guareçerey,
pois Deus ſobre mi tal poder [uos] deu.

E non teñades que uo-lo digu'eu
por'al ſenon por bẽ uoſſ'e por meu!

## DEſ'OIEMAIS ME QUER'EU, MIA ſEÑOR

Deſ'oiemais me quer'eu, mia ſeñor,
quitar de uos mia fazenda dizer,
per bõa ffe, ſe o puder fazer,
pois ueio que auedes gran ſabor
que uos non diga quanto mal me uen
por uos; pero non poderey per ren
ſoffrer a coyta en que me ten Amor

por uos, mia ſeñor; ca muit'á, de prã,
que uos heu dixe toda mia razon,
e quãto mal ſoffri, á gran ſazon,
e qual pauor, de mort'e q'nt'affan
por uos; e nunca fezeſtes por mi
ren; mais non poſſ'eu ſoffrer deſ'aqui
quantas coitas meus cuidados me dã

por uos, mia ſeñor, que ſempr'amarey,
mentr'eu for uiuo, mais ca'mi nẽ'al:
perdi o ſen e ſoffri muito mal.
E, pois uos praz, oiemais ſoffrerey
de uos non dizer rẽ, pois prol nõ mi'a
que uo-lo diga; pero ben ſey ia
que deſta coyta morte prenderey

por uos, [mia] ſeñor, que ſeru'i muyt'a,
prenderey morte, pois que Deus nõ ha
doo de min, nen uos que ſẽpr'amey.

## ſENNOR FREMOſA, QUERRIA ſABER

ſennor fremoſa, querria ſaber
de uos que ſempre punney de ſeruir:
pois uos eu ſey mais doutra ren amar,
que diredes a'quen uos preguntar,
pois me podedes de morte guarir,
ſennor, por que me leyxades morrer?

Pois que m'aſſi teẽdes en poder,
ſeñor fremoſa, dized'ũa ren:
que diredes, ſe uos alguen diſſer
que'lle digades, ſe uos aprouguer,
pois me podedes guareçer muy bẽ,
ſeñor, por que me leyxades morrer?

Pois m'en'tal coyta podedes ualer,
come de morte, ſe Deus uos perdon!,
que diredes, fremoſa mia ſeñor,
u uos aqueſto preguntado for:
poys uos amo muy de'coraçon,
ſeñor, por que me leyxades morrer?

Poys uos Deus fez muyto ben entẽder,
ſeñor fremoſa que ſempre ſerui,
se uos alguen preguntar'eſta uez,
que'lle diredes, por Deus que uos fez,
poys uos eu amo muyto mais ca mí,
ſeñor, por que me leyxades morrer?

## DIZEDES UOS, ſENNOR, QUE UOſſO MAL

Dizedes uos, ſennor, que uoſſo mal
ſeria, ſe me fezeſſedes ben;
e non tenn'eu que fazedes bon sen
en me leyxardes en poder d'Amor
morrer, poys eu non quero min nen al
    atan gran ben come uos, mia ſeñor.

Ben me podedes uos leyxar morrer,
ſe quiſerdes, come ſeñor que ha
end'o [poder]; mais ſabed'ora ia
que ſeria de me guarir mellor,
poys eu non ſey eno mund'al'q'rer
    atan gran ben come uos, mia ſeñor.

ſempre uos eu, ſeñor, cõſellarey
que me façades ben por me guarir
de mort';e uos deuedes mi'o graçir,
ca mal ſera ſe por uos morto for,
poys eu non quis no mũd'al, nẽ q'rrey
    atan gran ben come uos, mia ſeñor.

Ca nunca dona ui nen ueerey
con'tanto ben come uos, mia ſeñor.

**TAN MUYTO MAL ME UEN D'AMAR**

Tan muyto mal me uen d'amar
a mia ſennor, per bõa ffe,
meus amigos, que aſſi [he]
que ey a dizer con peſſar:
    a'o demo comend'Amor
    e min, ſe d'amar ey ſabor!

Quando me nenbra quanto mal,
meus amigos, me d'Amor uen
porquei quero mia ſeñor ben,
con peſſar digo, non con al:
    a'o demo comend'Amor
    e min, ſe d'amar hey ſabor!

Quando me nenbra o prazer,
amigos, que ouu'e perdi
per'Amor, poys mia ſeñor ui,
con gran peſſar ey a dizer:
    a'o demo acomend'Amor
    e min, ſe d'amar ey ſabor!

Pero quero ben mia ſeñor
e querrey, mentr'eu uiuo for.

## MIA ſENNOR, QUANTOS ENO MUNDO ſON

Mia ſennor, quantos eno mundo ſon
que ſaben como uos quero gran ben
e ſaben o mal que me per uos uen,
todos dizen que fill'outra ſennor,
e [que] punn'en partir o coraçon
de uos amar, poys non ey uoſſ'amor.

E, mia ſeñor, por uos eu nõ mẽtir,
ſen uoſſo bẽ nõ poſſ'eu guareçer,
e'poys lo nõ ey, ſe ueia prazer!,
todos dizen q'fill'outra ſeñor
e que me punne muy bẽ de partir
de uos amar, poys nõ ey uoſſ'amor.

Eſte conſſello non poſſ'eu fillar,
pero m'aſſi ueio, per bõa ffe,
morrer por uos; e pero aſſi he,
todos dizen q'fill'outra ſeñor,
e que me punne [muy] ben de quitar
de uos amar, poys nõ ey uoſſ'amor.

Mais eſto nõ quer'eu prouar, ſeñor:
de me quitar d'atender uoſſ'amor.

## A’DEUS GRADEſCO, MIA ſENNOR

A’Deus gradeſco, mia ſennor
fremoſa, que me uos moſtrou;
e poys ueio que’ſſe nenbrou
de min, en’quant’eu uiuo for,
    non quer’outra ſennor fillar
    ſenon uos, ſe uos non peſſar.

ſe tanto de uos poſſ’auer
que uos non peſ, ſempr’andarey
por uoſſ’om’e ſeruir-uos-ey;
ca mentr’eu no mũdo uiuer
    non quer’outra ſennor fillar
    ſenon uos, ſe uos non peſſar.

Tan muyto uos fez Deus de bẽ
que, ſe uos p’uguer, deſ’aquí
ſerey uoſſ’om’e uos de’mi
ſeredes ſeñor; e por en
    non quer’outra ſeñor fillar
    ſenon uos, ſe uos non peſſar.

Ca non poſſ’eu deſto forçar
Deus, que me uos faz muyt’amar.

# CANTIGAS DE AMOR

*"Porém, bem já sei*
*que deste sofrimento morrerei."*

ANÔNIMO 4

## NOSSO SENHOR ME DESTINOU A VIVER

Nosso Senhor me destinou a viver
uma enorme dor, enquanto eu vivo for
quando [me fez] querer bem tal amor
que me não quer nem nos olhos mirar
Quando a vejo, não lhe ouso indagar
o que lhe fiz, ou por que quer me matar.

E não me posso eu queixar com razão
de Amor, nem doutra, se me venha bem!,
senão de Deus que me tolhe o juízo
em me fazer tal senhora muito amar,
que me não diz, em nenhuma ocasião,
o que lhe fiz, ou por que quer me matar.

E por isto nunca perderei
já mui grande dor, pois assim Deus quer
que eu queira mui grã bem a tal mulher
......................................[ar]
e me dizer, já que morrerei,
o que lhe fiz, ou por que me quer matar.

## AGORA POSSO EU COM VERDADE DIZER

Agora posso eu com verdade dizer,
formosa senhora, que cometo um erro
em te amar, pois de ti não tenho bem,
nem espero doutrem, enquanto eu vivo for
– se não tiver o teu bem – grande prazer;
o que não posso ter de ti, senhora.

Pois se dó Deus não tiver por mim, nem Amor,
nem ti, senhora, a quem eu sempre servi,
desde o dia que te primeiro vi,
meu mal fiz e faço em te amar;
pois de morrer por ti tenho grande pavor,
do sofrimento que me fazes suportar.

Tenho todo direito de me queixar
de ti, senhora, no meu coração,
que me deixaste morrer sem razão
por ti, embora me possas salvar;
e por isto podes calcular
que insensatez faço em te servir.

Mas não posso, senhora, deixar de me permitir,
Porquanto tenho poder de minha morte fugir.

## FORMOSA SENHORA, JÁ PERDI O JUÍZO

Formosa senhora, já perdi o juízo
por ti e julgo mui em breve morrer,
pois mais do que qualquer outra coisa sei te querer;
e, por Deus, se isto assim for,
    quantos sabem que eu te quero bem
    dirão que tu me mataste, senhora.

E de morrer por ti, senhora, bem sei
que me não posso por nada impedir,
pois que tu me não queres acudir;
mas dir-te-ei o que me apavora:
    quantos sabem qual amor por ti hei
    dirão que tu me mataste, senhora.

E de tal contenda, esforça-te em livrar,
formosa senhora, o teu bom nome;
pois, se eu morro por ti desta vez,
vê de que te faço conhecedora:
    quantos sabem que bem te amo
    dirão que tu me mataste, senhora.

## FORMOSA SENHORA, JÁ NUNCA HAVERÁ

Formosa senhora, já nunca haverá
homem no mundo que tenha por bem
se eu por ti morro, porque o juízo
perdi, pensando na formosura
que te Deus deu; por isso ficarás
mal, se a mim bem não quiseres fazer.

E tu, senhora, podes perceber
que é assim: que nunca me dará perdão
Nosso Senhor, se mais de coração
te puder amar do que sempre te amei,
desde que te vi, e amo! Mas morrer
julgo por ti, se de ti bem não hei.

E se eu morro por ti, mui bem sei
que depois te acharás vista pois mal.
E por isto, minha senhora, mais vale
que me salves da morte, em meu entender,
porque doutra forma não me salvarei,
pois Deus sobre mim tal poder [te] deu.

E não consideres que te o diga eu
por outro, senão pelo bem teu e pelo meu!

**DE HOJE EM DIANTE, QUERO EU, MINHA SENHORA**

De hoje em diante, quero eu, minha senhora,
deixar de minha situação te dizer,
por Deus, se o puder fazer,
pois vejo que tens grande prazer
que te não diga quanto mal me vem
por ti, porém não poderei por nada
sofrer a mágoa na que o Amor me tem

por ti, minha senhora, pois há muito, realmente,
que te eu disse tudo quanto tinha para dizer,
e quanto mal sofri, há muito tempo,
e qual pavor de morte e quanta ânsia
por ti; e nunca fizeste nada por mim;
mas não posso eu sofrer desde aqui
quantas dores meus pensamentos me dão

por ti, minha senhora, que sempre amarei,
enquanto eu for vivo, mais do que a mim ou a qualquer outra coisa:
perdi o juízo e sofri muito mal.
E, pois, te apraz, desde hoje suportarei
de te não dizer nada, pois é inútil para mim
que to diga; porém, bem já sei
que deste sofrimento morrerei

por ti, [minha] senhora, que há muito sirvo,
morrerei, pois que em Deus não há
dó de mim, nem em ti que sempre amei.

## FORMOSA SENHORA, QUERIA SABER

Formosa senhora, queria saber
de ti que sempre tratei de servir:
pois bem te amo mais do que qualquer outra coisa,
o que dirás a quem te perguntar,
pois me podes da morte salvar,
senhora, por que me deixaste morrer?

Pois que me assim tens em poder,
formosa senhora, dize-me uma coisa:
o que dirás, se te alguém disser
que lhe digas, se te aprouver,
pois me podes muito bem salvar,
senhora, por que me deixaste morrer?

Pois nessa mágoa me podes socorrer,
como de morte, que Deus te perdoe!,
o que dirás, formosa senhora minha,
quando por isto perguntada fores:
pois te eu amo mui sinceramente,
senhora, por que me deixaste morrer?

Pois Deus te fez muito bem entender,
formosa senhora, que sempre servi,
se te alguém perguntar desta vez,
o que lhe dirás, por Deus que te fez,
pois te eu amo muito mais que a mim mesmo,
senhora, por que me deixaste morrer?

**DIZES TU, SENHORA, QUE TEU MAL**

Dizes tu, senhora, que teu mal
seria, se me fizesses bem;
e não acho que faças algo sensato
em me deixares sob o poder do Amor
morrer, pois eu não quero a mim nem mais nada
      além de tão grande bem como o teu, minha senhora.

Bem me podes tu deixar morrer,
se quiseres, como senhora que tem
disso o [poder]; mas sabe desde já
que seria de me salvar melhor,
pois eu não sei querer outra coisa no mundo
      além de tão grande bem como o teu, minha senhora.

Sempre, senhora, te eu aconselharei
que me faças bem por me salvar
da morte; e tu deves me agradecer,
pois eu não quis outra no mundo, nem quererei
      além de tão grande bem como o teu, minha senhora.

Pois nunca dama vi nem verei
com tanto bem como a ti, minha senhora.

## TANTO MAL ME VEM DE AMAR

Tanto mal me vem de amar
a minha senhora, por Deus,
meus amigos, que assim [é]
que tenho a dizer com pesar:
    ao diabo encomendo o Amor
    e mim, se em amar tiver gosto!

Quando me lembro quanto mal,
meus amigos, do Amor me vem,
porque quero à minha senhora bem,
com pesar digo, e com mais nada:
    ao diabo encomendo o Amor
    e mim, se em amar tiver gosto!

Quando me lembro do prazer,
amigos, que tinha e perdi,
pelo Amor, pois minha senhora vi,
com grande pesar tenho a dizer:
    ao diabo encomendo o Amor
    e mim, se em amar tiver gosto!

Mas quero bem à minha senhora
e quererei, enquanto eu vivo for.

## MINHA SENHORA, QUANTOS NO MUNDO SÃO

Minha senhora, quantos no mundo são
que sabem como te quero gran bem
e sabem o mal que me por ti vem,
    todos dizem que arranje outra senhora,
e [que] tente afastar o coração
    de te amar, pois não tenho teu amor.

E, minha senhora, por eu não te mentir,
sem teu bem não posso eu viver,
e já que não o hei, se vê prazer!,
    todos dizem que arranje outra senhora,
e que eu tente ao máximo me afastar
    de te amar, pois não tenho teu amor.

Este conselho não posso eu tomar,
embora me assim veja, por Deus,
morrer por ti; e ainda que assim seja,
    todos dizem que arranje outra senhora,
e que eu tente ao máximo desistir
    de te amar, pois não tenho teu amor.

Mas isto não quero eu tentar, senhora:
de me deixar de aguardar pelo teu amor.

**A DEUS AGRADEÇO, MINHA SENHORA**

A Deus agradeço, minha senhora
formosa, que me te mostrou;
e, pois, vejo que se lembrou
de mim, enquanto eu vivo for,
    não quero outra senhora arranjar
    a não ser tu, se te não desagradar.

Se puder ao menos conseguir
que isso não te pese, considerar-me-ei
teu servidor e servir-te-ei;
pois enquanto eu no mundo viver
    não quero outra senhora arranjar
    a não ser tu, se te não desagradar.

Tanto te fez Deus de bem
que, se te aprouver, desde aqui
serei teu homem e ti de mim
serás senhora; e por isso
    não quero outra senhora arranjar
    a não ser tu, se te não desagradar.

Pois não posso eu disto forçar
Deus, que me te faz muito amar.

# Dias descalços

## Rachel Field

**O texto:** Seleção com três poemas de Rachel Field: "Dias descalços" ("Barefoot Days") e "A chave da casinha" ("The Playhouse Key"), de *Favorite Poems: Old and New* (1957), e "Alguma coisa disse aos gansos" ("Something told the wild geese"), de *One Hundred Years of Poetry for Children* (2007), ambas coletâneas de poemas infantis. O primeiro poema é sobre um eu-lírico entusiasmado com o verão; o segundo traz um olhar melancólico sobre uma casinha de brinquedo e as memórias evocadas por ela durante um inverno; e o terceiro acompanha as aves que pressentem a chegada do inverno, voando para longe.

**Textos traduzidos:** "The Playhouse Key"; "Barefoot Days". In. *Favorite Poems: Old and New*. Garden City: Doubleday & Company, Inc., 1957, pp. 107 and 229; "Something Told the Wild Geese". In. *One Hundred Years of Poetry for Children*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 37.

**A autora:** Rachel Lyman Field (1894-1942), poeta, dramaturga e romancista estadunidense, nasceu em Nova Iorque. Começou a escrever muito jovem, para a revista infantil nova-iorquina *St. Nicholas*, onde publicou seu primeiro ensaio, passando logo às histórias infantis, que marcariam sua obra. Em 1930, recebeu o Prêmio Newbery, pelo livro *Hitty, Her First Hundred Years* (1929), e em 1935, o National Book Award, por *Time Out of Mind*. Apaixonada pelo estado do Maine, por sua costa repleta de ilhas e por sua população, ambientou muitas de suas obras nele, como em *Calico Bush* (1931).

**As tradutoras:** Thais Giammarco é mestra em Teoria e História Literária pela Unicamp (2009). Tem traduções publicadas nas revistas *Machado de Assis* e *Cadernos de Literatura em Tradução*. Para a (n.t.) traduziu Lorine Niedecker.

Telma Franco Diniz é doutora em Estudos da Tradução pela USP e consultora literária do selo infantil Lexikos Bambini. Tem poemas publicados na coletânea *Anônimo não é nome de mulher* (Patuá, 2022).

# BAREFOOT DAYS

*"Barefoot where the fern grows curly*
*And grass is cool between each toe."*

RACHEL FIELD

**THE PLAYHOUSE KEY**

This is the key to the playhouse
In the woods by the pebbly shore,
It's winter now, I wonder if
There's snow about the door?

I wonder if the fir trees tap
Green fingers on the pane,
If seagulls cry and the roof is wet
And tinkle-y with rain?

I wonder if the flower-sprigged cups
And plates sit on their shelf,
And if my little painted chair
Is rocking by itself?

## BAREFOOT DAYS

In the morning, very early,
That's the time I love to go
Barefoot where the fern grows curly
And grass is cool between each toe,
On a summer morning-O!
On a summer morning!

That is when the birds go by
Up the sunny slopes of air,
And each rose has a butterfly
Or a golden bee to wear;
And I am glad in every toe
Such a summer morning-O!
Such a summer morning!

**SOMETHING TOLD THE WILD GEESE**

Something told the wild geese
It was time to go.
Though the fields lay golden
Something whispered, –'Snow.'

Leaves were green and stirring,
Berries, luster-glossed,
But beneath warm feathers
Something cautioned, – 'Frost.'

All the sagging orchards
Steamed with amber spice,
But each wild breast stiffened
At remembered ice.

Something told the wild geese
It was time to fly, –
Summer sun was on their wings,
Winter in their cry.

# DIAS DESCALÇOS

*"Pisar descalça a relva fresca,*
*Senti-la brotar entre os dedos."*

RACHEL FIELD

## A CHAVE DA CASINHA

Eis a chave da casinha
No bosque à beira da orla
Pergunto-me se, no inverno,
Há neve à soleira da porta?

Tamborilam os pinheiros
Verdes dedos na vidraça?
Grasnam aves e o telhado
Tilinta sob a borrasca?

Dormem as flores das louças
Por dentro das prateleiras?
Balança por conta própria
Minha pequena cadeira?

**DIAS DESCALÇOS**

Lá onde a samambaia é crespa
É para onde vou bem cedo,
Pisar descalça a relva fresca,
Senti-la brotar entre os dedos.
Ah, as manhãs de verão, eh-ô!
Oh, as manhãs de verão!

Os pássaros voam a reboque
Das mornas correntes de ar;
Em cada rosa um berloque
De um inseto a adejar;
E em cada dedo feliz estou!
Oh, que manhã de verão, êh-ô!
Ah, que manhã de verão!

**ALGUMA COISA DISSE AOS GANSOS**

Alguma coisa disse aos gansos
Para apressarem a revoada.
Dourados estavam os campos,
Mas algo sussurrou: – 'Geada.'

Os frutos luziam, viçosos,
As folhas buliam de leve,
Mas sob as penas quentinhas
Algo os avisou: – 'Neve.'

Os pomares, arqueados,
Recendiam a marmelo,
Mas o peito das aves tremia
À mera lembrança do gelo.

Alguma coisa disse aos gansos
Que partir era preciso –
O verão voava em suas asas,
O inverno, no seu grito.

# Adlestrop
## Edward Thomas

**O texto:** Seleção com quatro poemas de Edward Thomas: "*In Memoriam* (Páscoa, 1915)" ("*In memoriam* (Easter, 1915)"), "Adlestrop", "Foram-se de novo" ("Gone, Gone Again") e "Velhinho" ("Old Man"), extraídos de *Collected Poems*, de 1921. Em sua poesia, a experiência da guerra, vivida em primeira pessoa, aparece refletida por meio da temática bucólica. Enquanto dois poemas terminam com imagens de destruição, retratando os horrores da Primeira Grande Guerra, a nota predominante em todos é a da recriação memorial de um tempo de harmonia que não poderá ser recuperado. Nesse sentimento de separação de um passado, cuja felicidade ingênua se perdeu, repousa uma das constantes de sua poesia.

**Texto traduzido:** Thomas, E. *Collected Poems*. New York: Thomas Seltzer, 1921, pp. 29, 52, 60 and 97.

**O autor:** Edward Thomas (1878-1917), poeta e ensaísta inglês, nasceu em Londres. Considerado um poeta de guerra, sua poesia, além de abordar as experiências vividas em confrontos bélicos, também é marcada pela temática pastoril. Em seus versos, adotou uma dicção simples, sem abandonar os modelos tradicionais de metrificação. Antes de se dedicar à poesia, por mais de duas décadas, escreveu ensaios literários, biografias e livros de viagem. Após se alistar no exército britânico para lutar na Primeira Guerra Mundial, morreu nas tricheiras francesas durante a Batalha de Arras, em 1917.

**O tradutor:** Luís Felipe Ferrari é formado em Letras pela USP, com habilitações em Português e Latim. Atualmente, realiza mestrado em Teoria Literária na mesma instituição, com pesquisa sobre o teatro de T. S. Eliot.

# ADLESTROP

*"What I saw*
*Was Adlestrop – only the name."*

EDWARD THOMAS

***IN MEMORIAM*** **(EASTER, 1915)**

The flowers left thick at nightfall in the wood
This Eastertide call into mind the men,
Now far from home, who, with their sweethearts, should
Have gathered them and will do never again.

**ADLESTROP**

Yest. I remember Adlestrop –
The name, because one afternoon
Of heat the express-train drew up there
Unwontedly. It was late June.

The steam hissed. Someone cleared his throat.
No one left and no one came
On the bare platform. What I saw
Was Adlestrop – only the name

And willows, willow-herb, and grass,
And meadowsweet, and haycocks dry,
No whit less still and lonely fair
Than the high cloudlets in the sky.

And for that minute a blackbird sang
Close by, and round him, mistier,
Farther and farther, all the birds
Of Oxfordshire and Gloucestershire.

**GONE, GONE AGAIN**

Gone, gone again,
May, June, July,
And August gone,
Again gone by,

Not memorable
Save that I saw them go,
As past the empty quays
The rivers flow.

And now again,
In harvest rain,
The Blenheim oranges
Fall grubby from the trees,

As when I was young –
And when the lost one was here –
And when the war began
To turn young men to dung.

Look at the old house,
Outmoded, dignified,
Dark and untenanted,
With grass growing instead

Of the footsteps of life,
The friendliness, the strife;
In its beds have lain
Youth, love, age, and pain:

I am something like that;
Only I am not dead,
Still breathing and interested
In the house that is not dark: –

I am something like that:
Not one pane to reflect the sun,
For the schoolboys to throw at –
They have broken every one.

**OLD MAN**

Old Man, or Lad's-love, – in the name there's nothing
To one that knows not Lad's-love, or Old Man,
The hoar-green feathery herb, almost a tree,
Growing with rosemary and lavender.
Even to one that knows it well, the names
Half decorate, half perplex, the thing it is:
At least, what that is clings not to the names
In spite of time. And yet I like the names.

The herb itself I like not, but for certain
I love it, as some day the child will love it
Who plucks a feather from the door-side bush
Whenever she goes in or out of the house.
Often she waits there, snipping the tips and shrivelling
The shreds at last on to the path, perhaps
Thinking, perhaps of nothing, till she sniffs
Her fingers and runs off. The bush is still
But half as tall as she, though it is as old;
So well she clips it. Not a word she says;
And I can only wonder how much hereafter
She will remember, with that bitter scent,
Of garden rows, and ancient damson trees
Topping a hedge, a bent path to a door,
A low thick bush beside the door, and me
Forbidding her to pick.

As for myself,
Where first I met the bitter scent is lost.
I, too, often shrivel the grey shreds,
Sniff them and think and sniff again and try
Once more to think what it is I am remembering,
Always in vain. I cannot like the scent,
Yet I would rather give up others more sweet,
With no meaning, than this bitter one.

I have mislaid the key. I sniff the spray
And think of nothing; I see and I hear nothing;
Yet seem, too, to be listening, lying in wait
For what I should, yet never can, remember:
No garden appears, no path, no hoar-green bush
Of Lad's-love, or Old Man, no child beside,
Neither father nor mother, nor any playmate;
Only an avenue, dark, nameless, without end.

# ADLESTROP

*"O que eu vi*
*Foi Adlestrop – um nome apenas."*

EDWARD THOMAS

## *IN MEMORIAM* (PÁSCOA, 1915)

Essas flores deixadas na floresta à noite
A Páscoa faz pensar em todos esses homens,
Que, tão longe de casa, deviam colhê-las
Com suas namoradas e não vão jamais.

**ADLESTROP**

Sim. Eu me lembro de Adlestrop –
do nome, pois num dia quente
o expresso, inesperadamente,
parou lá. Era fim de junho.

Chiou o vapor. Alguém tossiu.
Ninguém desceu, ninguém subiu
na plataforma. O que eu vi
Foi Adlestrop – um nome apenas,

E chorões, flor do campo e capim,
e ulmeiras e medas de feno,
nada, mais que as nuvens no céu,
era mais belo e mais sereno.

No entretanto, um melro cantou
por perto, e com ele, invisíveis,
à distância, todos os pássaros
de Oxfordshire e Gloucestershire.

## FORAM-SE DE NOVO

Foram-se de novo
maio, junho, julho,
já se foi agosto
de novo, de novo.

Nada estranho, não
fosse passarem por mim
como por portos desertos
os rios correrão.

Chegou outra vez
o tempo das chuvas,
maçãs comidas de bichos
dos pés caindo maduras,

como quando eu era jovem –
quando o perdido era certo –
quando a guerra começou
a fazer de homens, esterco.

Olha como a velha casa,
honrada, fora de moda,
está escura, descuidada,
e como a grama cresceu

sobre as pegadas da vida,
as amizades, conflitos;
em suas camas dormiram
amor, dor, velhos, meninos:

eu sou coisa parecida;
tirando não estar morto,
ainda respiro e busco
lá, onde não está escuro –

eu sou coisa parecida:
não brilha o sol nas janelas;
meninos não jogam pedras,
pois todas estão partidas.

**VELHINHO**

Velhinho ou Amor-de-rapaz: os nomes
não dizem nada a quem não conheceu
a erva grisalha, quase uma árvore,
crescendo entre a lavanda e o alecrim.
Mesmo para quem a conhece, esses nomes
enfeitam e escondem o que ela é:
ela, ao menos, não se guarda nos nomes,
malgrado o tempo. Mas gosto dos nomes.

Da própria erva, não; mas a amo tanto
quanto um dia vai amá-la a criança
que sempre arranca uma pluma do arbusto
quando entra ou sai de casa. Muitas vezes,
ficou picando as pontas, amassou
as tiras pelo caminho, pensando
em algo, ou nada talvez, até
cheirar seus dedos, e então foi embora.
O arbusto, que não chega na cintura,
tem a sua idade. Nada ela diz;
só posso imaginar quanto mais tarde
esse cheiro amargo a fará lembrar
dos canteiros do jardim, dos abrunhos
sobre a cerca, da trilha até a porta
junto ao baixo, grosso arbusto, e de mim,
que a proibia de colher.

Mas eu,
quando foi que senti seu cheiro amargo,
já não sei. Também eu amasso as tiras,
e cheiro e penso e cheiro sempre e tento
encontrar outra vez o que me foge,
em vão. Não consigo gostar do cheiro,
mas abriria mão de outros mais doces,
mas sem importância, do que este amargo.

Há muito perdi a chave. Eu cheiro
o ramo, em nada penso; nada vejo
nem escuto; mas estou esperando
do que lembrar quisera e já não posso:
o jardim não volta, não volta o arbusto
cinza de Amor-de-rapaz ou Velhinho,
nem pai nem mãe, já não vejo ninguém;
só uma avenida escura e sem fim.

# MANCANDO
## SAMUEL BECKETT

**O TEXTO:** Com facilidade para ler e aprender línguas, Samuel Beckett era fluente em inglês, italiano, francês e alemão. Neste último idioma, chegou a produzir alguns poucos textos, dos quais o poema "Mancando" (de 62 versos) faz parte. Consiste em uma composição longa, escrita entre 1936 e 1937 como tradução ao poema anglófono "Cascando" (1936, de 37 versos). Embora não tenha sido publicada, foi incluída nos apêndices da edição mais completa de sua poesia (bilíngue, salvo por este poema em alemão). Assim como "cascando", o termo "mancando" faz parte do léxico musical e, apesar de ser usado raramente, diz respeito à indicação para diminuição do volume e do tempo em uma partitura.

**Texto traduzido:** Beckett, S. *The collected poems of Samuel Beckett*. New York: Grove Press, 2012.

**O AUTOR:** Samuel Beckett (1906-1989), escritor irlandês, nasceu em Dublin. Reconhecido como um dos autores mais relevantes do século XX, além de poesia, explorou outros gêneros literários, como a prosa e o teatro. Sua obra pode ser dividida em duas fases, uma anterior à Segunda Grande Guerra, quando, a partir de 1937, começa a escrever textos com recursos reduzidos, sem estrangeirismos e referências externas, além de adotar o francês como língua literária, e outra posterior, após 1950, quando publica suas obras mais conhecidas voltadas à estética do esgotamento.

**A TRADUTORA:** Gabriela Ghizzi Vescovi é graduada em Letras e mestra em Teoria e História Literária pela Unicamp, com pós-graduação em Tradução do Inglês pela Estácio. Atualmente, cursa doutorado na Unicamp, com foco na prosa de Samuel Beckett da década de 1960, além de atuar como tradutora e revisora de textos. Já publicou traduções de Samuel Beckett (Relicário), Jumoke Verissimo (Mocho) e Eva Gore-Booth (Ofícios Terrestres).

# Mancando

*"Es dreschen des Herzens Flegel die faulen Worte,*
*die schalen Worte, die unablässige Spreu von Worten."*

SAMUEL BECKETT

1
Konntest du nicht
jene blosse Gelegenheit zum Wortvergiessen,
jene goldene
einfach sein?

Lieber Missgeburt als keine?

Kaum bist du fort, so wird
die Zeit zu Blei.
Dann immer zu früh
beginnen sie zu baggern,
blindlings mit den Haken
am Boden ihrer Not umher,
und Knochen, alte Lieben,
schale Lieben, Schädel
von Augen wie den deinen
einst erleuchtet,
heraufzubringen.
So werden sie alle
immer beginnen
müssen.

Besser zu früh als niemals?

Die schwarze Not
spritzt ihnen ins Gesicht.
Sie wiederholen
die alten Worte:

Es bargen die Geliebte
neun Tage nie,
noch neun Monate
noch neun Leben.

Die Geliebte!

2
Die grauen Worte:

Lehrst du mich nicht,
lerne ich nie.

Die schalen Worte:

Es gibt ja ein letztes
auch von letzten Malen,
eine letzter Bitten,
eine letzte letzter Lieben.
Es kommen doch zu Ende
Wissen, Zweifel, Trug,
zum Schweigen auch die Worte:

Liebst du mich nicht,
werd' ich nie geliebt,
lieb' ich dich nicht,
lieb' ich nie.

3
Es dreschen des Herzens Flegel die faulen Worte,
die schalen Worte,
die unablässige
Spreu von Worten.
Es steigt das alte Grauen,
ich könnte nich mehr lieben,
eine andere als dich lieben,
von einer andern als dir
geliebt werden,

nicht geliebt werden.
Das alte Grauen
vor Wissen, Zweifel, Trug.
Trug.

4
So begann ich, so werden sie alle
immer beginnen
müssen,
wenn sie dich lieben.

Ausser wenn sie dich lieben.

# MANCANDO

*"Batem no duro coração as palavras podres, as palavras vazias, a incessante debulha das palavras."*

SAMUEL BECKETT

1
Tu não poderias ser
aquela mera chance de verter palavras,
aquela preciosidade
apenas?

Antes o fracasso do que nada?

Tu mal te foste, o tempo
tornou-se chumbo.
Então, sempre cedo
eles começam a cavar,
sem olhar, as garras
no chão, no entorno da angústia,
e ossos, amores antigos,
amores vazios, crânios,
com olhos como os seus
outrora brilharam,
vêm à tona.
Assim todos vão
sempre precisar
começar.

Antes cedo do que nunca?

A negra angústia  
lhes mancha o rosto.  
Eles repetem  
as palavras conhecidas:  
Nunca salvam a amada  
nove dias,  
nem nove meses  
nem nove vidas.

A amada!

2  
As palavras cinzentas:  
Tu não me ensinas  
eu não aprendo nunca.  
As palavras vazias:  
Há sim uma última  
mesmo das últimas vezes,  
um último desejo,  
um último dos últimos amores.  
Por fim chegam ao fim  
ciência, dúvida, engano,  
ao silêncio também as palavras:  
Tu não me amas,  
eu não serei amado,  
eu não te amo,  
eu não amo.

3  
Batem no duro coração as palavras podres,  
as palavras vazias,  
a incessante  
debulha das palavras.  
Cresce o conhecido temor,  
não consigo mais amar,  
amar alguém que não a ti,  
por outro alguém que não a ti  
vir a ser amado,

não vir a ser amado.
O conhecido temor
da ciência, da dúvida, do engano.
Engano.

4
Então comecei, e todos eles vão
sempre precisar
começar,
se te amarem.

Salvo se te amarem.

# prosa poética

(n.t.) | Ilha de Gozo

# DIVAGAÇÕES ÚTEIS
## GEORGE BACOVIA

**O TEXTO:** Nos últimos anos de sua vida, George Bacovia registrou em seus cadernos estas "divagações". Em fluxo de consciência, anotou pensamentos e recordações, afetos e desafetos, alegrias e tristezas, amiúde sem um nexo entre as sentenças. Trata-se de um exercício poético e mnemônico para a morte (de onde advém sua "utilidade"), um *memento mori* simbolista e elegíaco, um longo e hesitante adeus, escrito em uma prosa poética que equivale a uma iniciação lírica na "escuridão".

**Texto traduzido:** Bacovia, G. "Divagări utile". In. *Plumb: versuri, proza.* Bucureşti/Chişinău: Litera, 2001, pp. 303-313.

**O AUTOR:** George Bacovia (1881-1957), poeta e escritor romeno, nasceu em Bacău. Considerado o maior expoente do simbolismo de seu país, conquistou tardiamente o merecido renome. Sua poesia tem sido reverenciada pela singularidade e aparente simplicidade, uma precursora do modernismo romeno, permanecendo inclassificável e irredutível frente às tendências artísticas às quais costuma ser associada, do simbolismo ao suprarrealismo, do expressionismo ao existencialismo. Publicou seu primeiro livro de poesia, *Plumb* (*Chumbo*), em 1916, seguido de *Scântei galbene* (*Faíscas amarelas*) e *Bucăţi de noapte* (*Estilhaços de noite*), 1926.

**O TRADUTOR:** Rodrigo Inácio R. Sá Menezes é bacharel em Filosofia, mestre em Ciências da Religião e doutor em Filosofia pela PUC-SP. Estudioso da obra de Emil Cioran, é editor da Átopos Editorial. Para a (n.t.) traduziu Cioran, Héctor Escobar Gutiérrez, Mihai Eminescu e Albert Caraco.

# DIVAGĂRI UTILE

*"Am fost și eu odată ca niciodată...*
*Am fost stea pe cer? Acum ce sunt?"*

GEORGE BACOVIA

***1955***

Am fost și eu odată ca niciodată...
Am fost stea pe cer? Acum ce sunt?...
Eu sunt steaua? Aș putea lumina pustiul?
Aș vrea să domnesc in Sahara... Aș putea lumina tăcerea...
Cum să nu mă duc după aceste vremuri?
Dacă am existat, e că te-am iubit...
S-a dus Agatha? O stea senină a fost în visul meu...
Dar „florile roșii muriră".
O, buno, tu muncești și eu stau?... S-a năruit echilibrul...
Cum? oare cântecul meu să se năruie?
Tot am luptat eu, în cerc restrâns...
Taci, labor vrăjitor! Noi dacă vom pieri, nici urșii nu ne vor sfâșia.
Profeții mei? Nimeni... Iar e trist pe pământ...
O, părinților ce ați rodit în glebea vieții, George, Virginia, Ecaterina, Lina...
Când Isus a murit, nici în Roma, August nu mai domnea…
Pământului i-am spus moartea mea...
Înțeleg cântul. El dă plăcere lucindelor stele...
Spre stele se înalță veacul...

Pământului i-am spus: tăcere...
George, oprește calea spre destin...

***1956***

Culegeți, voi, ce mai pot semăna gândurile mele.
Shakespeare? Suspinele mute ale Londrei.
Steaua, steluța mea, va apune și ea!
Când Cloșca va apune, mă duc și eu cu puii ei.
Ce-i pasă lui Zeus de mine?
Și, totuși, bolta cerului cerne și astăzi nemernicii pe astă lume!...
Când toate nemerniciile le știi, amarul se postează fără să-l dorești...
Mi s-a trecut copilărea, viața la mulți e în dizgrație...
Prezentul vrea să mă doboare, dar nu va putea...
Suntem toți niște mișei; nu desciframcaisa de zarzăr.
Baconsky, lasă pe Cicerone să vorbească despre mine.
George moare de al vieții glonte dureros.
Ca și legenda Bacăului, am și eu legenda mea.
Doar cerul este liber, nu mi se văd artificiile morții.
Eu nu mai cred în Zeus, căci Zeus este orb cu noi toți.
O, vederile în lume sunt scurte! „Ad finis“ asta și o doresc.
O minte dacă-ți vine-n cap, n-o pierde! e-n funcție de creier.
Esențialul vieții?... a nu fi prea esențial.
Bacovia, vei apune!...
George Enescu, tu cântă la scripca-ți minunată, suflet din sufletul țării.
Steaua mea majoră, ce m-ai albit tu pe mine!
Septembrie... o, septembrie, ca o gălușcă de aur, un lăstun... O fi murit?...
Ultimul ecou al lui George Bacovia, pe care trebuie să-l percepți.
La muncă!... Nu leneși, nătărăilor, la muncă!!
Pe Cik Damadian îl apreciez. Îmi place cum m-a liniat în *Contemporanul.*
Prea departe mergem cu trecutul. Prezentul îl doresc.
Cum am cântat eu în *Scânteile* mele și scânteile s-au aprins azi.
Ivești... Ivești... Ștefan Petică... iubitul şi frumosul poet...

Un DA limpede, un NU întunecos, asta e viața.

Viață mea a fost o iubire a mea, cu lacrimi perfide...

Îmi place *Gazeta literarã* foarte mult.

Un poet cu ochii albaștri... Ștefan Petică...

Vino și tu, muză a ultimelor mele litanii... Vino, muză, stea muncitoare, bine ai
|venit!...

Ce liniște crepusculară este azi!

lată frumusețea pe bolta lui Dumnezeu, – poetul, ce niciodată cu trandafiri nu
|s-a împodobit...

Mă turbură vederea în centrul ei... poate pier...

În liniște nimica nu-i... tăceri...

Pamfilică Șeicaru?... un ticălos, a șters-o ca un trădător peste hotare.

Așa este Gabriel. Când el are, eu nu am; când eu am, el nu are...

Și Gangele se duce spre răsărit...

Chinezii sunt teribili, s-au întrecut pe sine...

Șoseaua Olteniței – Arghezi! Șoseaua Giurgiului – Bacovia; aici începe
|comparația socială...

*Simfonia a IX-a* de Beethoven! Ce mult m-a fermecat; urechile mele sunt ciudate.
|Lauri, pe lauri...

În umbra ulițelor lui Bacovia găsești iubiri...

lată ce frumos am prins sunetul lui Arghezi; mă caută mai târziu pe mine, dar
|eu eram dispărut...

Aripi de aur mai vreau.

M-am născut in zilele cele mai teribile, cu gânduri de lei, cu o serenadă
|a muncii...

Socialismul este prietenul meu. Să beau și eu în cinstea lui, ca la puntea leilor...

Să lăsați pe domnul să doarmă, acel domn sunt eu, tu, el, noi toți...

Să ne iubim toți artiștii: pe George Enescu eu îl iubesc ca un mare viorist ce este...

O carte aș mai vrea să mai citesc odată: *Alixăndria.*

S-a trezit creierul și a spus: „Eu iubesc viața".

Se descărnează trupul şi-şi așteaptă moartea...

Aproape gingaș și delicat e versul meu...

De la egoism la realitate...
Salut destinul. Am văzut abundențele epocii.
Tăcerea, o, moarte e ceasul tău...
Odihnește-te, buna mea, tu muncești pentru toți...
Uneori plouă la șes, rime fără de-nțeles, alte ori plouă la munte, Bistrița ne spune multe.
Am venit bătrân și trist pe acest pământ ca să văd Luceafărul de la Bacău...
Pământul este ca și un șarpe, atomul l-a potolit ca să nu muște.
Calvarul nu există dacă nu există oameni...
Când oamenii ajung să se sfâșie, nici tigrii bengali, nici leii africani nu sunt atât de cruzi.
Gabriel, cititul e un viciu, dar nedăunător minții și trupului…
Gabriel, de ce nu te culci? Tot mai vrei să notezi?... O, visul meu, mă clatin când vorbesc...
Mai bine să te îmbeți de licoarea minții decât de licoarea dracului.
Nu fi zgârcit cu mintea; dă-i bună dulceață, și chinină cât mai puțină...
Nu te îndepărta de carte! Citește și cărți bune si cărți rele, așa poți vedea și compara binele cu râul...
O autoprefață sau fotografie la un volum adaugă a înțelege mai aproape pe autor.
O cafea și o țigară, realizări de pace.
Beția materială atrage pe cea spirituală...
Vor apare și poeziile lui George Bacovia... ani mulți fără tipar...
Gloria nu a murit... Tot mai vine către poetul ei...
Am slujit poeziei și vinului... prietenii tăcerilor grele...
Prin undele grele ale amurgurilor au rătăcit și versurile mele.
Am primit apele și frunzele târgului meu în rime...
Poeziei i-am trimis luceferii bucuriei...
Luceafărul meu? stea fără noroc...
S-a deschis golul și mă duce în adânc...
Cumplit e golul singurătății... Sunt ucisul ei...
Golul din spații goale, din existențe pustii...

Singurătatea, povara tăcerilor sfâșiate de suspine...
Singurătate, ochiul tău privește înghețat in ochiul gândului neîmpărtășit.
Singurătate, nu te-am voit... Viața haină m-a dăruit ție... Tu m-ai cerut vieții...
Prizonierul tău, singurătate...
Poeți, evitați singurătatea, între oameni e viața... Cum i-am iubit... Dar ei nu m-au voit...
Din singurătatea vieții în singurătatea morții... și nimeni nu înțelege acest adânc.
O, Gabriel, cu tot ce am scris, e mai bine să pier... E momentul... E momentul oportun...
Eu am fost un fenomen din naștere... superior oamenilor și simplu.
Îmi place și slava care s-a fanat...
George, te vei duce în steaua lui Verde-mpărat...
Eu sunt poet... să pier, atât aștept... Societății, nimica pe pământ...
Pe tine când te-am adus pe lume așa mi-au șoptit zeii: În lume te-am dat atât de blazat!
Iar eu voi trece curând ca mânjii din povești...
Erau scântei galbene în Bacău... Adio... în noapte meditez și tac...
Gabriel, eu am cunoscut Bacăul în anii de demult ai tinerețelor plecate...
Ce-a fost și Bacovia decât un nume prin univers...
Lată vine și primăvara și nici o floare nu mă va mângâia...
O tăcere s-a lăsat peste sufletul meu... Nu faceți dezordine in viața mea...
Mă duc spre ținutul lui Dumitru pentru totdeauna...
Copii, jucați-vă cât timpul vă permite...
Și steaua polară din timpul nopții ziua m-a întărit...
Flori de miozotis? Și zeii încă mă mai iubesc?
Ce sunt eu decât un cuib de inimă?
În casă un dar... și bani... și belșug...
Da! Berlinul se vrea iarăși botnița Europei.
Acordurile Londra-Paris? Orice zi aduce o doză de otravă...
Problema păcii, dacă șade la Londra, atunci sărmana pace rămâne in ceață.
America? Ce să caute pe aici? N-o înghite Oceanul Pacific?

Ce mai fac? Stau pe întuneric, privesc luceferii țigării în oglindă...
Gândesc la luceferii păcii... Când vor răsări, când nu vor mai apune?
Și pupăza când se uită-n oglindă i se pare că este steaua polară...
Pentru masele largi, ieri eram ținut în întuneric... Azi încep să fiu cunoscut... | Mâine?...
E greu să spui Bacovia... Azi sunt necunoscut. Mâine sunt mort... și ascuns...
Am vrut să scriu despre frumos... sunt ani de-atunci... Azi scriu, despre ce? nu | mai știu...
În poeme de *Plumb*, acolo sunt neîntrecut...
Toate foarfecele au o îndeplinire: de a strica operele literare.
Am greșit colosal că m-am născut în acest secol...
Isus era mare când făcea revoluție...
Îmi pare rău că zeii nu s-au consfătuit și despre mine, Bacovia Gheorghe... | unde sunt cam tare...
Și noi in oglindă ne vedem pupăză și ne credem că strălucim ca steaua polară.
A fost odată un prinț vestit cu plete mari, El: Eminescu... Azi este mort, dar | scrierile lui nemuritoare sunt și mai tari ca rubinele in strălucire...
Admirații... aplauze, interminabile, si apoi m-am văzut în vitrină... dar acum | sunt in cameră cu mine însumi...
A, m-am dezgustat, oglindă, tot secretul tu ni-l spui...
Viața? un pachet de tutun cu aspect de aur și gust oxidat...
N-am scris mult, dar multe lucruri am zugrăvit în puținul și concisul meu fel | de a scrie...
O, degeaba scriem... O, Gabriel. Au venit ploile, sunt multe deșertăciuni...
A nu munci însemnează că ai o senzație prostească: e o propozițiune lungibilă | cu un accent dureros...
Am fost caricatura vremurilor prin saloane... Nu vreau să-mi amintesc...
Eu sunt copilul natural al epocii noastre... Poeți, nu scrieți pentru saloane...
Fustele ne fură privirile, să nu ne pierdem mințile...
O, mamă! Păcatul mare este că sunt singur, că tu nu mai ești alături de mine...
Destin, nu-mi place sărutarea ta!... a fost prea amară...
Bacău, adio, pământ cult... Sunt în București...

În viață nu găsim egalitate...
Destin, te-am văzut cum farmeci oamenii... Pe mine nu m-ai iubit...
Eu sunt un piccolo la frizeria vieții, mătur cu măturicea durerilor semnele |bucuriilor prezentului, pentru unii...
A murit prezentul? S-a dus și viitorul? Învie trecutul? Pentru cine?
Nimic despre poeta Agatha Grigorescu-Bacovia? Ar trebui să dea de gândit |Editurii de stat.
Nici un studiu cât de cât serios nu există despre George Bacovia, nici măcar in |„Mica bibliotecă critică"...
Tânărul A. Baconsky figurează, singurul, care în *Colocviul critic* a scris mai serios |despre mine...
Amintiri... Noapte... luciri de stele... acum voi merge și eu printre ele...
Eu sunt orice numai pentru o completare la redacția unei gazete.
Voi, Jebeleanu și Cicerone, sunteți copiii mei, ca și Gabriel...
Ce singur mă simțeam în lume! 1916! Bacovia poetul de „plumb"...
Am scris poezii când pantofii erau de aur și argint, iar opinca din ogheli...
Îmi spuneam: la fântâna ta, viață, eu n-o să mai beau mult...
De ce stai pe-ntuneric? N-am nici o nebunie de văzut...
Nu mă mai ajută creierul să am condeiul acela de demult...
Înger al suferinței, fie că ești îmbrăcat în negru, fie că ești îmbrăcat în alb, lumea |ți-o ia înainte...
Pune piciorul în prag: Înainte...
Închidem din ochi și viața se sfârșește.
Alege-ți prietenii, fiule: fugi de oamenii lingușitori ce-n față te sărută și în spate |te spală cu apă de colonie.
Prin undele grele ale amurgului au rătăcit și versurile mele.

***1957***

Realitățile îmi produc reale efecte.
Seară plăcută... Lumini de candelabre, și fotografii. Mă filmau! A fost o poezie |noaptea aceea...

O, sală cu flori si versurile mele bătrâne...
Am văzut bogățiile de aur și mătase ale trecutului, şi acum ale lui azi...
Cât de săraci suntem, iubito, cum ai putut să stai cu mine!...
Fusei în castelul nababilor. Cu sticle, oglinzi, şi marmură...
Și cei doi mari parcă se îmbrățișau...
Arghezi, te iubesc, mă bucură cinstea că ai venit.
A fost o poezie noaptea aceea... Nu te mai culci?... Nu... Ochii mei sunt foarte buni...
E noaptea la cruce. Vino să te sărut! Nunta cu garoafe albe s-a sfârșit...
De acum, aurore nu vor mai veni asupra mea.
Când ard lămpile prin centru, mă predispun la poezie...
Or fi anii care au trecut, lacrimi... Or fi anii care au trecut să citim licărinde stele...
Nu mai poate fi mândră bătrânețea...
Povești din trecut... o, vino să te sărut, Agatha mea...
Ce vreți voi, așa e creierul meu: gândește când nu e nevoie, şi stă când nu trebuie să stea...
Gândul se gândește pe gând, și gândirea devine eter...
Eu sunt Dumnezeul și judecătorul meu.
O, geniu, inexistent și prea solitar...
George Bacovia, artist înmormântat și nemuritor in același timp.
Plecați sunt toți? Iar sunt singur?... Și Agatha vine târziu...
La naiba! Ei, și ce dacă mi-au picat dinții? E o sincopă a vieții.
O undă roză de ftizie a străbătut și corpul meu, și viața se scurge lent.
Policandru al vieții, puține brațe ți-au mai rămas...
Ce tristețe. S-a dus și Camil Petrescu cam pe la capătul zorilor.
Cocoșul i-a cântat pentru ultima dată...
Păcat! te-ai dus, bunul meu prieten.
Erou al muncii... ai murit în ceasul al unsprezecelea; ai murit încă tânăr...
Eu când mă voi duce odată?...
Ce calabalâc e în mintea mea!!...
Îți părăsești familia, prietenii și te îmbraci in neagra mătase, și-ți porți ca Isus crucea...

Adio, Camil Petrescu! Îmi pare rău de moartea ta. Dar și eu sunt ținut pe patul suferinței...
Dar... nu s-a auzit bătând clopotul...
Cum, tu nu ai voit să plângă clopotul prelung și sfâșietor!?...
Când am plecat din Bacău, plângea grădina publică cu stropi de ploaie, iar eu de atunci plecat am fost, plecat voi fi mereu...
Ce întunecime... vi... ne... ntunericul...

# Divagações úteis

*"Também já fui uma vez como nunca...*
*Era uma estrela no céu?Agora o que sou?"*

GEORGE BACOVIA

***1955***

Também já fui uma vez como nunca...
Era uma estrela no céu? Agora o que sou?...
Eu sou a estrela? Poderia iluminar o deserto?
Gostaria de dominar o Saara... Poderia iluminar o silêncio...
Como não ir atrás desses tempos?
Se existi, é porque te amei...
Agatha[1] foi embora? Uma estrela radiante esteve no meu sonho...
Mas "as flores vermelhas morreram".
Ah, que bom, trabalhas e eu fico?... Perde-se o equilíbrio...
Como? Será que minha canção falhará?
Eu ainda lutei, em um pequeno círculo...
Cala a boca, labuta bruxa! Se perecermos, nem os ursos nos despedaçarão.
Meus profetas? Ninguém... E é triste na terra...
Ó, aos pais que deram à luz na gleba da vida, George, Virginia, Ecaterina, Lina...
Quando Jesus morreu, nem em Roma, Augusto já não reinava...

[1] Agatha Grigoresco-Bacovia (1895-1981), poeta e esposa de George Bacovia. (n.t.)

Contei à terra a minha morte...
Eu entendo a canção. Ela dá prazer à luz das estrelas...
Às estrelas se eleva o século...
À terra disse eu: silêncio...
George, interrompa o caminho para o destino...

***1956***

Colhe, tu, o que ainda podem semear meus pensamentos.
Shakespeare? Os suspiros mudos de Londres.
A estrela, minha estrelinha, também vai se pôr!
Quando a Galinha[2] se pôr, eu também me vou com seus pintinhos.
Será que Zeus[3] se importa comigo?
E, apesar de tudo, a abóbada do céu peneira até hoje os canalhas deste mundo!...
Quando conheces toda a canalhice, a amargura se impõe sem que a desejes...
Minha infância acabou, a vida de muitos é uma desgraça...
O presente quer me derrubar, mas não vai conseguir...
Somos todos uns patifes; não discernimos alho de bugalho.
Baconsky[4], deixe Cícero falar sobre mim.
George morre pela bala dolorosa da vida.
Como a lenda de Bacău[5], também tenho minha lenda.
Só o céu é livre, não consigo ver os fogos de artifício da morte.
Não acredito mais em Zeus, porque Zeus é cego em relação a todos nós.
Ó, as visões no mundo são curtas! "Ad finis", é isso o que quero.
Se uma mentira te passar pela cabeça, não a perca! É uma função do cérebro.
O essencial da vida?... não ser muito essencial.
Bacovia, vais desaparecer!...

---

[2] Referência à constelação das Plêiades no hemisfério norte, conhecida popularmente, em muitas línguas, como "a Galinha e seus Pintinhos". (n.t.)

[3] *Zeus*, no original (nome da divindade grega), distinto de *Dumnezeu*, nomenclatura distinta (majestosa) para designar o "Deus único" da tradição judaico-cristã (literalmente "Senhor Deus"). Bacovia deixa claro que não crê em *Dumnezeu*, tanto é que escreve *Zeus*. (n.t.)

[4] Anatol E. Baconsky (1925-1977), poeta, ensaísta e crítico literário romeno. Em 1955, publicou na revista *Steaua* um ensaio para promover a obra poética de Bacovia. (n.t.)

[5] Bacău é a cidade natal do poeta, da qual deriva seu sobrenome autoral Bacovia. (n.t.)

George Enescu[6], tocas teu belo violino, alma da alma pátria.
Minha estrela maior, como tu me alvejaste!
Setembro... ó, setembro, como uma *galuşca* de ouro[7], uma andorinha... Morreu?
O último eco de George Bacovia, que é preciso ouvir.
Ao trabalho!... Sem preguiça, mandrião, ao trabalho!
Admiro Cik Damadian[8]. Gostei de como me desenhou no *Contemporanul*.
Muito longe vamos no passado. É o presente que desejo.
Como cantei em minhas *Centelhas* e as centelhas se apagaram hoje.
Iveşti... Iveşti... Ştefan Petică[9]... o amado e belo poeta...
Um límpido SIM, um Não sinistro, isto é a vida.
Minha vida foi um amor meu, com lágrimas pérfidas...
Gosto muito da *Gazeta literară*.
Um poeta de olhos azuis... Ştefan Petică...
Vem tu também, musa das minhas últimas litanias... Vem, musa, estrela
|incansável, sê bem-vinda!...
Que paz crepuscular hoje!
Eis a belezura da abóbada de Deus – o poeta, que com rosas nunca se adorna...
Minha visão fica embaçada bem no meio dela... talvez eu pereça...
Em paz nada está... silêncios...
Pamfilică Şeicaru[10]?... um canalha, foi cancelado como um traidor no estrangeiro.
Assim é Gabriel. Quanto ele tem, eu não tenho; quando eu tenho, ele não tem...
E o Ganges deságua no mar...
Os chineses são terríveis, eles se superam...
A avenida Oltenița-Arghezi! A avenida Giurgiu-Bacovia; aqui começa
|a comparação social...
A *Nona Sinfonia* de Beethoven! Como me encanta; meus ouvidos são
|estranhos. Louros, louros...

[6] George Enescu (1881-1955), compositor, musicólogo e educador. (n.t.)
[7] *Galuşca de aur*, “bolinho dourado”, sobremesa popular na Romênia e na Hungria. (n.t.)
[8] Hacik Damadian (1919-1985), pintor, ilustrador e cartunista romeno, conhecido por suas sátiras políticas. (n.t.)
[9] Ștefan Petică (1877-1904), poeta simbolista romeno, que nasceu na cidade de Iveşti. (n.t.)
[10] Pamfil Șeicaru (1894-1980), jornalista romeno de extrema-direita do período entreguerras, condenado à morte *in absentia* pelo regime comunista em 1945. (n.t.)

Na sombra das ruas de Bacovia encontras o amor...
Olha como captei belamente o som de Arghezi[11]; ele procurou por mim
|depois, mas eu tinha desaparecido...
Asas de ouro quero mais.
Nasci nos dias mais terríveis, com pensamentos de leões, com uma serenata
|de labuta...
O socialismo é meu amigo. Que eu também beba em sua homenagem, como
|na cova dos leões.
Deixa o senhor dormir, aquele senhor sou eu, tu, ele, todos nós...
Amemos todos os artistas: eu amo George Enescu como o grande violinista
|que é...
Um livro que gostaria de ler mais uma vez: *Alixăndria*[12].
O cérebro acordou e disse: "Eu amo a vida".
O corpo é estripado e espera pela sua morte...
Quase terno e delicado é o meu verso...
Do egoísmo à realidade...
Saúdo o destino. Vi as abundantes épocas.
O silêncio, ó morte, é tua hora.
Descanses, minha querida, trabalhas para todos...
Às vezes chove no chão, rimas incompreensíveis, outras vezes nas montanhas,
|Bistrița[13] nos diz muito.
Eu vim velho e triste a esta terra para ver *Luceafărul*[14] de Bacău...
A terra é como uma cobra, o átomo a apascentou para que não mordesse.
O calvário não existe se os homens não existem...
Quando os homens digladiam, nem os tigres de bengala, nem os leões
|africanos conseguem ser tão cruéis.

---

[11] Tudor Arghezi (1880-1967), poeta romeno, de tendência baudelairiana. (n.t.)

[12] Romance popular romeno dos séculos XVII-XVIII em que são narradas as viagens e a vida do imperador Alexandre o Grande. É uma tradução da língua sérvia do romance popular *Historia Alexandri Magni regis Macedoniae*, escrito em grego por volta do século III a.C. (n.t.)

[13] Capital do condado de Bistrița-Năsăud, na Transilvânia. (n.t.)

[14] Um dos mais célebres poemas de Mihai Eminescu. Sua composição, iniciada em 1873, levou muitos anos. *Luceafărul* foi publicado pela primeira vez em 1883. (n.t.)

Gabriel, ler é um vício, mas inofensivo para a mente e para o corpo...
Gabriel, por que não vais para a cama? Ainda queres escrever?... Oh, meu |sonho, estremeço enquanto falo...
É melhor embriagar-se com o licor da mente do que com o licor do diabo.
Não sejas mesquinho com tua mente; dá-lhe um bocado de doçura, e um |mínimo de quinino possível...
Não te afastes do livro! Lê livros bons e ruins, para que possas ver e comparar |o bem e o mal...
Um autoprefácio ou fotografia em um volume contribui para uma compreensão |aprofundada do autor.
Um café e um cigarro, conquistas da paz.
A embriaguez material atrai a espiritual...
Vão sair também os poemas de George Bacovia... muitos anos sem tipógrafo...
A glória não está morta... Ainda vem ao seu poeta...
Servi poesia e vinho... amigos de silêncios difíceis...
Nas duras ondas do crepúsculo também se perderam meus versos.
Em rimas recebi as águas e folhas da minha feira...
À poesia mandei felicidades luciferianas...
Minha Vênus? A estrela sem sorte...
O vazio se abriu e me afundo nele...
Completo é o vazio da solidão... eu sou o assassino dela...
O vácuo dos espaços vazios, das existências desertas...
Solidão, fardo dos silêncios entrecortados por suspiros...
Solidão, teu olho parece vidrado no olho do pensamento não partilhado.
Solidão, eu não te quis... A vida me deu o capote... Tu me pediste a vida...
Sou teu prisioneiro, solidão...
Poetas, evitem a solidão, há vida entre os homens... Como eu os amei... Mas |eles não me quiseram...
Da solidão da vida à solidão da morte... e ninguém compreende isso a fundo.
Ó, Gabriel, com tudo o que escrevi, é melhor perecer... É o momento... |É o momento oportuno...
Fui um fenômeno desde o nascimento... superior aos homens e simples.

Também gosto da glória que se desvaneceu...
George, vais para a estrela do Imperador Verde...
Sou poeta... perecer, é só isso que espero... Sociedades, nada na terra...
Quando eu te trouxe à luz, os deuses me sussurraram no ouvido: te trouxe
|ao mundo tão blasé!
E logo passarei como os potros das estórias...
Havia faíscas amarelas em Bacău... Adeus... à noite medito e silencio...
Gabriel, conheci Bacău nos velhos tempos da juventude que se foi...
O que foi Bacovia senão um nome no universo...
A primavera está chegando e nenhuma flor me confortará...
Um silêncio pousou em minha alma... Não faças bagunça em minha vida...
Vou-me para a terra de Dumitru[15] para sempre...
Crianças, brinquem tanto quanto puderem...
E a estrela polar da noite me fortaleceu durante o dia...
Flores de miosótis? E os deuses ainda me amam?
O que sou senão um ninho de coração?
Em casa um presente... e dinheiro... e bonança...
Sim! Berlim quer voltar a ser o rosto da Europa.
Os acordos Londres-Paris? Cada dia uma dose de veneno...
E o problema da paz, se fica em Londres, então a pobre paz permanece nublada
A América? O que busca por aqui? O Oceano Pacífico não a engole?
Como vai? Sento-me no escuro, olho para a brasa do cigarro no espelho...
Penso na brasa da paz... Quando surgirá, quando não apagará nunca mais?
E o poupão[16] quando se olha no espelho parece a estrela polar...
Para as grandes massas, ontem fui mantido no escuro... Hoje começo a ser
|conhecido... Amanhã?...
É difícil dizer Bacovia... Sou desconhecido hoje. Amanhã estarei morto...
|e escondido...
Queria escrever sobre a beleza... já faz anos... Hoje escrevendo, mas sobre
|o quê? Não sei mais...

---

[15] Pai de George Bacovia. (n.t.)
[16] Em romeno, *pupăză*, ave migratória comum na savana africana e em zonas de vegetação rasteira da Europa e da Ásia.

Nos poemas de *Plumb*[17], aí sou insuperável...
Todas as tesouras têm um propósito: destruir obras literárias.
Cometi um erro colossal ao nascer neste século...
Jesus era grande quando fazia revolução...
Lamento que os deuses também não soubessem de mim, Bacovia Gheorghe...
|onde sou meio barulhento...
E no espelho nos vemos como pavão, e acreditamos brilhar como a estrela
|polar.
Era uma vez um renomado príncipe com grandes madeixas, Ele: Eminescu...
Hoje está morto, mas os seus escritos imortais são mais poderosos
que o brilho dos rubis...
Admirações... aplausos, intermináveis, e depois me vi na janela... mas agora
|estou no quarto comigo mesmo...
Ai, que lástima, espelho, contas todo o nosso segredo...
A vida? Um maço de cigarro com aspecto de ouro e gosto oxidado...
Não escrevi muito, mas desenhei muitas coisas na minha maneira curta
|e concisa de escrever...
Ó, escrevemos em vão... Ó, Gabriel. Vieram as chuvas, são muitas as vaidades...
Não trabalhar significa que te sentes estúpido: é uma longa frase com um
|acento doloroso...
Fui a caricatura dos tempos nos salões... não quero lembrar disso...
Sou o filho natural da nossa época... Poetas, não escrevam para os salões...
As saias nos roubam a primavera, não percamos a cabeça...
Ó, mamãe! O grande pecado é que estou sozinho, que não estás mais ao meu
|lado.
Destino, não gosto do teu beijo!... foi muito amargo...
Adeus, Bacău, terra de culto... Estou em Bucareste...
Na vida não encontramos igualdade...
Destino, eu vi como encantas os homens... Mas a mim não amaste...

---

[17] Livro de poesia de Bacovia, publicado em 1916. Cf. *Nota do Tradutor*, nº 13, 2016. (n.t.)

Sou um flautim na barbearia da vida, varro com a vassoura das dores, signos
|de alegrias presentes, para alguns...
O presente está morto? O futuro também? Ressuscitar o passado? Para quem?
Nada sobre a poeta Agatha Grigorescu-Bacovia? Deveria dar à Editora
|do Estado o que pensar.
Não há nenhum estudo sério sobre George Bacovia, nem mesmo na Pequena
|Biblioteca Crítica...
Aparece o jovem A. Baconsky, o único que, no *Colocviul critic*[18], escreveu
|seriamente sobre mim...
Lembranças... Noite... luzes de estrelas... agora também repousarei entre elas...
Sou qualquer coisa salvo um adido de redação em uma gazeta.
Vocês, Jebeleanu[19] e Cícero, são filhos meus, como também Gabriel...
Como eu me sentia só no mundo! 1916! Bacovia, o poeta de "chumbo"...
Escrevi poemas quando os sapatos eram de ouro e prata, e a sapatilha de pano...
Eu dizia a mim mesmo: na tua fonte, vida, não beberei muito mais...
Por que estás no escuro? Não tenho nada de louco para ver...
Não me ajuda o cérebro ter aquela caneta de tanto tempo atrás...
Anjo do sofrimento, estejas vestido de preto ou de branco, o mundo está
|diante de ti...
Coloca o pé na soleira: adiante...
Fechamos os olhos e a vida acaba.
Escolhe teus amigos, filho: foge de bajuladores que te beijam a testa e pelas
|costas te lavam com água de colônia.
Nas duras ondas do crepúsculo, também se perderam meus versos.

***1957***

As realidades produzem efeitos reais em mim.
Noite agradável... Luz de candelabro, e fotografias. Eles me filmavam!
|Houve um poema naquela noite...

---

[18] *Colóquio crítico.* (n.t.)
[19] Eugen Jebeleanu (1911-1991), poeta, acadêmico e membro do Partido Comunista Romeno. (n.t.)

Ó, a sala com flores e meus velhos versos...
Vi as riquezas de ouro e seda do passado, e agora as de hoje...
Como somos pobres, querida, como pudeste ficar comigo!...
Estavas no castelo dos nababos. Com garrafas, espelhos e mármore...
E os dois adultos pareciam se abraçar...
Arghezi, eu te amo, me alegra que tenhas vindo.
Havia um poema naquela noite... Não vais dormir?... Não...
Meus olhos são muito bons...
É noite na cruz. Veio te beijar! Findaram as núpcias de cravos brancos...
A partir de agora, nenhuma aurora mais sobre mim.
Quando as lâmpadas queimam no centro, me predisponho à poesia...
Seriam os anos que se passaram, as lágrimas... Seriam os anos passados para
|ler as estrelas cintilantes...
A velhice já não pode ser orgulhosa...
Histórias do passado... ah, quero beijar-te, minha Agatha...
O que queres, assim é o meu cérebro: pensa quando não precisa, e descansa
|quando não deve descansar...
O pensamento se pensa pensando, e o pensamento se torna éter...
Eu sou Deus e meu juiz.
Ó, gênio, inexistente e solitário demais...
George Bacovia, artista enterrado e imortal ao mesmo tempo.
Todos se foram? E estou sozinho?... E Agatha chegará tarde...
Caramba! Bem, e se os meus dentes caíssem? É uma síncope da vida.
Uma onda rosa de tísico também atravessa meu corpo, e a vida lentamente
|se esvai.
Candelabro da vida, restam-te algumas velas...
Que tristeza. Camil Petrescu[20] também se foi ao final da madrugada.
O galo cantou pela última vez...
Que pena! Partiste, meu bom amigo.
Herói da labuta... morreste na última hora; foste jovem...

---

[20] Camil Petrescu (1894-1957), escritor, poeta, dramaturgo e filósofo romeno. Sua obra representa uma ruptura com o romance tradicional e se destaca, na literatura romena, como o marco inaugural do romance moderno. (n.t.)

E eu, quando irei de uma vez por todas?...
Que confusão em minha mente!
Deixas tua família, amigos e te vestes de seda preta, carregando a cruz como |Jesus...
Adeus, Camil Petrescu! Sinto muito pela tua morte. Mas também me |encontro no leito do sofrimento...
Mas... a campainha não tocou...
Como, não querias que o sino longo e comovente tocasse!?...
Quando deixei Bacău, o jardim público chorava com as gotas da chuva, e |então parti, parti sempre...
Que a escuridão... che... gue... que a escuridão...

# contos

(n.t.) | Cittadella

# Uma menina chamada Maçã

Hanan Al-Shaykh

**O texto:** O conto "Uma menina chamada Maçã" (بنت اسمها تفاحة), de Hanan Al-Shaykh, faz parte da coletânea وردة الصحراء (*Rosa do deserto*), publicada em 1982. Assim como outros contos da coleção, o texto trata de usos e costumes, de questões sociais e de situações do dia a dia, tendo o ponto de vista feminino como foco.

**Texto traduzido:**
حنان الشيخ، وردة الصحراء: قصص قصيرة، المؤسسة الجامعية للدراسات والنشر والتوزيع، بيروت، 1982. ص 121-125.

**Agradecimentos:** À escritora libanesa Hanan Al-Shaykh, pela concessão da publicação.



**A autora:** Hanan Al-Shaykh (1945-), escritora libanesa, nasceu em Beirute. Conhecida por seus contos e romances, atuou também como jornalista, tendo estudado na capital libanesa e no Cairo. Estabeleceu-se em Londres em 1982, onde reside até hoje. Além de وردة الصحراء (*Rosa do deserto*), publicou a coleção de contos أكنس الشمس عن السطوح (*Eu varro o sol dos telhados*), em 1994, e os romances حكاية زهرة (*A história de Zahra*), em 1980, e إنها لندن يا عزيزي (*Gente, isso é Londres*), em 2001, traduzido em 2022. Escreveu também peças de teatro em inglês, as quais foram encenadas em Londres. Entre outras questões, seus textos abordam o universo das mulheres sob perspectivas diversas.

**A tradutora:** Maria Carolina Gonçalves é doutoranda e mestra em Letras Estrangeiras e Tradução (PPG-LETRA) da USP, e bacharela em Letras Árabe e em Jornalismo, também pela USP. Sua pesquisa envolve escritas árabes de autoria feminina. Estudou árabe no Instituto Francês do Cairo e foi aluna da Casa Guilherme de Almeida. É tradutora, revisora e professora de árabe e português. Do árabe, traduziu o livro infantil *Yunis* (يونس), publicado pela Tabla, entre outros.

# بنت اسمها تفاحة

«تحت ضوء النجوم، رفعت تفاحة
وجهها إلى السماء واستشهدت بالله .»

**حنان الشيخ**

**ما** تزوجت تفاحة، قاربت سن الأربعين ولم تتزوج بعد. لم يكن السبب في سمرتها الداكنة. كثيرات في مثل لونها تزوجن. ولا اسمها. هذا آخر ما يهم الزوج. عدا أن بنات الواحات يسمون احياناً بأسماء الفاكهة وصديقتها موزة تزوجت في العام الماضي.

الحظ؟ الصدف؟ أو عناد تفاحة الذي رفض ويرفض رفع علم الزواج على سطح البيت؟ رغم أن رفعه لحظة ما تطل العادة الشهرية على الفتاة - لاول مرة - أمر طبيعي في الواحة. لكن تفاحة رفضت، توسلت، وبكت وهي تخبىء وجهها وتقول لوالدها: «يابا أنا ما ابغى». ظنت والدتها أن تفاحة خجلة من أن يعرف كبار الواحة وصغارها أنها لحقت النساء. فهزت رأسها مومئة لزوجها الذي فهم وترك تفاحة.

بعد شهر لما صار الموضوع منسياً نوى والدها أن يغرس العلم الأحمر في صفيحة ملأها تراباً. لكن تفاحة ركضت تستجديه ودموعها تنهمر: «يابا، ما أبغي». ولم يفهم، سألها والحيرة بدت على لهجته: «يعني ما تبغي تتزوجي؟» اجابته ولم يفهم ما تعني، رغم أنه سمعها تقول: «أبغي لكن ما أبغي العلم». ولم يتوقف بكاء تفاحة بل ازداد ووالدها يصفق كفا على كف وهو يردد: «لا حول ولا قوة الا بالله العلي العظيم». كيف؟؟ وجدتها، وأمها، وخالاتها، وعماتها، وكل انثى رأت النور في هذه الواحة تزوجت بطريقة العلم. ولم يشرح لها أهمية رفع العلم. فهي تعرف، بل حفظته كما حفظت وجهها أن العلم هو ربما الطريقة الوحيدة لتزوج. فهذه الواحة الوحيدة التي لم تعد تعتمد على الخاطبات منذ أجيال. منذ الخاطبة هنده، التي فرقت أكثر مما وفّقت، وكانت تصف

عروستها دائماً بأنها ست الحسن. وعريسها قمر الزمان، يركب الخيل. كانت عروستها سمراء فاتنة، وبيضاء كوجه اللبن، وعريسها يملك عشرة جمال، وكان الأهل يوافقون بسرعة على هذه الصفات وهنده تقسم اليمين تلو الآخر بأنها حقيقة، وبعد ليلة الدخلة كانت الصيحة تعلو. عدا أن الواحة يؤمها الكثير من الغرباء. يوقفون قوافلهم، فترعى جمالهم لساعتين، حتما لن يطرأ الزواج على بال أحد في هذا الوقت، لكن، والاعلام الملونة ترفرف فوق السطوح فإذا برفرفتها تخدش قلوب الرجال. فتحن قلوبهم لزوجة من هذه الواحة.

رفضت تفاحة العلم الأحمر، رغم أن والدها حاول أن يغرسه في صفيحة تنك قلّت رمالها مع مرور الوقت، وغطى الصدأ لمعانها. حاول أن يشك العلم دون معرفتها، لكن تفاحة لم تدع الليل يمضي وعلمها تحرسه النجوم. انزلته وهي تنحني تقبل قدمي والدها وهي تقول باكية: «ما ابغي». ولم يفهم والدها سر رفضها بل ظن أن سوء الحظ قد اختار ابنته تفاحة لتكون عانس الواحة لهذا الجيل.

حاول الشك أن يوسوس لأمها، لكن كيف، وتفاحة ككل بنات الواحة لا يفارقن منازلهن ليلاً نهاراً. واذ فارقنها كن ملتفات بالعباءات ومغطيات الوجه ودائماً برفقة أحد. الأيام تمضي وتفاحة بقيت تساعد والدها في دبغ جلود الأغنام في البيت، بعد أن تعبئ الماء من البئر، وتكنس وتطبخ، ثم تجلس خلف النول تغزل بخيوطها التخينة بساطاً من وبر الجمل، تفكر بنفسها وفي سبب رفضها رغم أنها تحب وتتمنى أن يكون لها زوج وبيت خاصتها. وهي تحب الاولاد. تود لو تنجب الكثير. لما عادت وسألت نفسها، اكتشفت أن سبب رفضها بسيط، انها تخجل من العلم ورفرفته فوق سطح بيتها. لما قالت هذا لوالدها انفرجت أساريره وتوسم خيرا وهو يجيبها بالحل الذي وجده بسرعة، ونهض لتوه يود غرس العلم فوق سطح عمها الاعزب، بعد أن قال لها مطمئناً: «ابشري من يتقدم ويطرق باب عمك، يدله على بيتنا». ولدهشتها وجدت نفسها ترفض بشدة، واستغربت رفضها والعلم يكاد يفلت منها فهو أحمر اللون اذا هي تحت سن العشرين، أزرق: حتى الثلاثين واخيراً العلم الأصفر. فكرت تفاحة: «ان شاء الله أتزوج وأنا تحت جناح العلم الأزرق».

لكنها لم تتزوج. الأيام تمضي ولا تعود، حتى العلم الأزرق يكاد يفلت من سني عمرها، ومع ذلك رفضت تفاحة رفرفته فوق السطح. بل كلما مرت ببيوت الواحة الترابية ورأت الاعلام الملونة تلاعب الهواء، ضحكت في سرها وقالت: «مجنونات، خفيفات العقل»، ومع ذلك فتفاحة تحسد العروس وهي تحني يديها لتحضر العرس، تغص عندما ترى العروس تجلس كالأميرة، والكل يغني ويرقص ابتهاجاً لها. وعندما كانت تنطلق صرخة خضرة القابلة، تجد تفاحة نفسها تركض إلى بيت المولده تحمل المولود الجديد، تكحل عينيه، وتدهن جسمه بالزيت وتتمنى لو انه من لحمها ودمها.

طار العلم الأحمر. ثم العلم الأزرق. قفز عمرها عن الثلاثين، رغم أن تفاحة هزت كتفيها لا مبالية الا أن الضيق ونفاذ الصبر اخذت تعرفهما. فهي لم تر نفسها تتذمر من قبل في العمل في البيت، ومن مساعدة والدها. لم تجلس قط خلف نولها، تسحب الخيوط الصوفية وتلفها بعصبية وبلؤم. تسأل نفسها، كما سألت نفسها: «لماذا أرفض الزواج؟ رغم أنني احن لزوج يكون تاج رأسي وأولاد يقفزون حولي. إني اخبىء كل ما هو جميل من قطع قماش إلى فص فيروز إلى بساط متين ليوم زواجي؟». ادارت وجهها، واستطاعت أن ترى ظل سعف البلح على جدار غرفة المجلس. ورأت فستان أمها معلقاً بجانب ثوب الصلاة. شعرت فجأة بعاطفة لكل ما رأته وظنت أنها قد توصلت إلى الجواب هذه المرة. فقالت بصوت سمعته: «ما أبغي أترك هالواحة». وهرعت إلى والدها تقول: «ما أبغي اترككم... واترك الواحة يابا». انفرجت أسارير والدها. ووجد نفسه بنقه ويقول: «ما يخالف يا تفاحة عيني، اللي يتزوجك غريب عن واحتنا، راح اعطيه ثلاثة جمال وأبني لكم بيت واسكنه بواحتنا». نهض ينحني تحت السرير، يسحب سلة كانت تفاحة قد اشتغلتها من سعف النخيل. لما بان طرف العلم الأصفر، ركضت تفاحة تقبل يدى والدها تبكي وتصيح ورأسها يكاد يفارق جسمها ويضرب الجدران. وتركت نفسها تشهق وتبكي من نفسها وعلى نفسها لأنها ترفض. لأنها لا تستطيع السيطرة على عنادها. فجر اليوم التالي. وبعد ليلة مؤرقة، اجبرت خلالها نفسها على القبول. وعجلت بالقول لأبيها، بعد أن اشفقت على وجوم وجهه والحزن الذي ارتسم على تجاعيده. لكن وهي ترى العلم الأصفر يلوح في يد والدها المرتجفة، حتى خرت على قدميه تستغفره ومن جديد، رافضة أن يغرس العلم.

تبدلت تفاحة، كأن داء السواد وصل إليها. أخذت تزداد عبوساً نحالة وحزناً. تتضايق من أمها إذا صبحتها بالخير، من والدها إذا مساها بالخير. لكنها لم تترك مضايقها تعبر جسر داخلها.

هذا المساء وهي تمسك بالخيطان تسأل نفسها السؤال الذي تفكر به وتسأله كل دقيقة من يومها، حبست انفاسها ثم زفرت زفرة طويلة. امسكت هذه المرة بالجواب الصحيح وكان بسيطاً: ربما سيرفرف العلم لمدة شهور ولن يتقدم أحد. وأكون كالضأن وكسلة التمر معروضة للبيع. وجدت نفسها تفصح عن خوفها لاول مرة: «ربما لن يتقدم لي أحد، وكل من في الواحة سيرى العلم كيفما التفت، وسوف تعمه الشفقة علي لأني بضاعة كاسدة». تعود تلوم نفسها مقهورة: «لكن، لماذا كان هذا السبب الواضح، البسيط لغزاً ما استطعت حله الا عندما شارفت على الأربعين؟». وجدت تفاحة نفسها تهب تنحني تحت السرير، تجر السلة بهدوء، خوفاً من أن توقظ أمها، وتأتي بالعلم الأصفر الذي لم يحتاج أي بيت إلى غرسه. تصعد سلالم السطح بينما تغط أمها ووالدها والواحة في النوم. بعدما ايقن الجميع أن الزواج قد رحل عن تفاحة إلى الأبد. فأيامها

معدودة والعلم الأصفر كان سيفوتها. لذلك ما عاد فتح لها سيرة الزواج أحد. بل أخذوا المسألة واقعاً.

تحت ضوء النجوم، رفعت تفاحة وجهها إلى السماء واستشهدت بالله، ثم ركعت تثبت العلم في التنكة وهي تفكر بأن الواحة صغيرة، وعدد رجالها قليل، ولا وجود للخاطبة. نزلت السلالم وتنهدت وهي تجلس في البيت تنتظر دقاً على الباب.

ﮋ

# Uma menina chamada Maçã

*"Sob a luz das estrelas, Maçã levantou o rosto para o céu com Deus como testemunha."*

HANAN AL-SHAYKH

Maçã não se casou. Estava chegando aos quarenta e ainda não havia se casado. O motivo não era o tom escuro de sua pele; muitas com a mesma cor de pele se casaram. Nem o nome dela. Isso era o que menos importava para o marido. Era comum que as meninas dos oásis recebessem por vezes nomes de frutas; no entanto, sua amiga Banana havia se casado no ano anterior.

Destino? Coincidência? Ou a obstinação de Maçã, que se recusou e continuava se recusando a erguer a bandeira do casamento no telhado da casa? Isso apesar de que erguer a bandeira a partir do instante em que as garotas menstruavam pela primeira vez era algo natural no oásis. Porém, Maçã recusou, suplicou e chorou, escondendo o rosto e dizendo a seu pai: "Papai, eu não quero". Sua mãe supôs que Maçã estivesse com vergonha de os mais velhos do oásis, e os mais novos também, saberem que a filha havia se tornado uma mulher. Ela, então, balançou a cabeça, fazendo um sinal para o marido, que compreendeu e deixou Maçã.

Um mês depois, quando o assunto já havia sido esquecido, seu pai tencionou fincar a bandeira vermelha em uma lata cheia de terra, mas Maçã correu para implorar a ele com as lágrimas escorrendo: "Papai, eu não quero". Ele não entendeu e perguntou, com um tom de evidente perplexidade: "Quer dizer que você não quer casar?". Ela respondeu, mas ele não entendeu o que ela quis dizer ao ouvir suas palavras: "Quero, mas não quero a bandeira". O choro de Maçã não parou, só aumentou, e seu pai juntou as palmas das mãos, exclamando: "Não há poderio nem força senão no Deus Altíssimo

e Grandioso". Como? Sua avó, sua mãe, suas tias maternas e paternas, e todas as mulheres que já viram a luz neste oásis, se casaram por meio da bandeira. E ele não precisava lhe explicar a importância de erguer a bandeira, pois ela sabia e havia memorizado, da mesma forma como havia memorizado seu próprio rosto, que a bandeira era talvez o único meio para o casamento, uma vez que aquele era o único oásis que não contava mais com casamenteiras havia gerações. Desde a casamenteira Hinda, que separou mais do que uniu. Ela sempre descrevia a noiva como a mais bela de todas. E o noivo era como Qamar Azzaman[1] em seu cavalo. A noiva tinha pele escura, era encantadora e pura como o leite; e o noivo era o dono de dez camelos. A família mais que depressa concordava com essas qualidades, enquanto Hinda juntava as duas mãos e jurava que era verdade. Entretanto, após a noite de núpcias, os gritos se elevavam. Além disso, era comum que o oásis fosse visitado por muitos forasteiros, que paravam suas caravanas e apascentavam seus camelos por cerca de duas horas, e definitivamente não ocorreria a alguém a ideia de casamento durante essa curta parada. Contudo, quando havia bandeiras coloridas ondulando nos telhados, essas ondulações perturbavam os corações dos homens, e seus corações ficavam ansiando por uma esposa daquele oásis.

Maçã recusou a bandeira vermelha, apesar de seu pai haver tentado fincá-la em uma lata que havia ficado com pouca areia com o passar do tempo e cujo brilho havia sido coberto pela ferrugem. Tentou colocar a bandeira sem ela saber, mas Maçã não deixou passar a noite com sua bandeira sendo vigiada pelas estrelas. Ela desceu a bandeira, curvando-se e beijando os pés de seu pai, e disse chorando: "Eu não quero". Seu pai não entendia o segredo de sua recusa e pensava que o azar havia escolhido sua filha Maçã para se tornar a solteirona do oásis daquela geração.

A suspeita tentou sussurrar para a mãe dela. Mas como, se Maçã era igual a todas as meninas do oásis, que nunca saíam de casa, dia e noite? E quando saíam, estavam envoltas em suas abaias[2], com o rosto coberto e sempre acompanhadas de alguém. Os dias foram passando e Maçã continuou ajudando seu pai a curtir o couro das ovelhas em casa, depois de trazer água do poço, e varrer, e cozinhar, para depois se sentar atrás do tear e tecer com seus fios grossos um tapete de pelo de camelo, pensando sobre si mesma e sobre o motivo de sua recusa, embora ela desejasse e esperasse ter um marido e uma casa só para ela. E desejava ter crianças. Queria ter muitos filhos. Quando tornou a perguntar a si mesma, descobriu que o motivo de sua recusa era simples: ela tinha vergonha da bandeira e suas ondulações sobre o telhado de

---

[1] Personagem presente em histórias das *Mil e Uma Noites*. (n.t.)
[2] Indumentária longa e de cor preta, que pode ser utilizada por mulheres muçulmanas. (n.t.)

sua casa. Quando disse isso a seu pai, as rugas do rosto dele se dissiparam e ele viu nisso um sinal promissor, respondendo com uma solução, que encontrou prontamente. Levantou-se de imediato, na intenção de fincar a bandeira no telhado do tio paterno dela, que era solteiro, depois de dizer a ela para tranquilizá-la: "Pode se alegrar! Quem se apresentar na porta do seu tio, ele vai mandar para a nossa casa". E para seu próprio espanto, ela se recusou veementemente. E se surpreendeu com sua recusa, pois a bandeira estava prestes a abandoná-la, já que o vermelho era a cor indicando que ela tinha menos de vinte anos; o azul, até os trinta; e finalmente, a bandeira amarela. Maçã pensou: "Se Deus quiser, eu vou me casar sob a proteção da bandeira azul".

Porém, ela não se casou. Os dias passam e não voltam, e até a bandeira azul já estava prestes a abandonar seus anos de idade, e ainda assim Maçã recusava sua ondulação sobre o telhado. Toda vez que passava pelas casas empoeiradas do oásis e via as bandeiras coloridas brincando ao vento, ria em segredo e dizia: "Loucas, desmioladas". Apesar disso, Maçã tinha inveja da noiva quando passavam hena em suas mãos nos preparativos para o casamento, e se afligia quando via a noiva sentada como uma princesa, enquanto todos cantavam e dançavam, alegrando-se por ela. E quando a parteira soltava um novo grito, Maçã se via correndo até a casa onde o bebê havia nascido para carregar o recém-nascido, passar *kohl*[3] nos olhos dele e untar seu corpo com óleo, desejando que ele fosse fruto de sua própria carne e seu próprio sangue.

A bandeira vermelha voou. Depois, a bandeira azul. Passou dos trinta. Ainda que Maçã desse de ombros, indiferente, ela passou a conhecer a angústia e a impaciência. Antes, ela não se via resmungando ao fazer os trabalhos domésticos nem ao ajudar o pai. Nunca antes havia se sentado atrás de seu tear, retirando os fios de lã e girando-os, dessa forma, com nervosismo e má vontade. Perguntava a si mesma, como já havia se perguntado: "Por que eu recuso o casamento, se eu anseio por um marido que seja a coroa de minha cabeça, e crianças pulando ao redor de mim; se eu guardo tudo o que há de mais bonito, desde cortes de tecidos, passando por uma pedra de turquesa, até um tapete pesado, para o dia de meu casamento?". Virou o rosto e pôde ver a sombra dos ramos de tamareira na parede da sala. Viu o vestido de sua mãe pendurado ao lado da roupa usada nas orações. De repente, sentiu afeto por tudo o que viu e pensou que dessa vez havia encontrado a resposta. Disse em voz alta: "Eu não quero deixar esse oásis". Foi

[3] Espécie de cosmético empregado para contornar os olhos. (n.t.)

apressadamente até seu pai, dizendo: “Eu não quero deixar vocês... nem deixar o oásis, papai”. As rugas do rosto de seu pai se dissiparam. Ele compreendeu e disse: “Não faz diferença, Maçã, minha querida. Se quem casar com você não for do nosso oásis, eu vou dar três camelos para ele e vou construir uma casa para vocês morarem no nosso oásis”. Ele se levantou e depois se inclinou para retirar debaixo da cama uma cesta que Maçã havia feito com ramos de palmeira. Quando apareceu uma ponta da bandeira amarela, todavia, Maçã correu para beijar as mãos de seu pai, chorando e gritando, quase arrancando a cabeça do corpo e batendo na parede. Deixou-se soluçar e chorar por si mesma e sobre si mesma porque ela recusava. Porque ela não conseguia controlar sua obstinação. O dia seguinte amanheceu depois de uma noite de insônia, ao longo da qual ela havia se obrigado a aceitar. Apressou-se a contar a seu pai, e teve pena do desânimo no semblante dele e da tristeza que se havia desenhado nas rugas de seu rosto. Entretanto, ao ver a bandeira amarela cintilando nas mãos trêmulas de seu pai, ela logo se prostrou aos pés dele para pedir perdão e, mais uma vez, recusou que ele fincasse a bandeira.

Maçã mudou, como se tivesse sido acometida por uma doença. Passou a ficar com o cenho mais franzido, mais magra e mais triste. Aborrecia-se com sua mãe se esta lhe dizia “bom dia”, e com seu pai se este lhe dizia “boa noite”. No entanto, ela não deixou seu aborrecimento atravessar a ponte de seu íntimo.

Naquela noite, enquanto segurava os fios e fazia a si mesma a pergunta que se fazia e sobre a qual pensava todos os minutos de seu dia, prendeu a respiração e depois suspirou profundamente. Dessa vez, encontrou a resposta certa, que era simples: talvez a bandeira ondule por meses e ninguém se apresente; então, eu serei como um cordeiro ou uma cesta de tâmaras, exposta à venda. Viu-se expressando seu medo pela primeira vez: “Talvez ninguém se apresente para mim, e todos no oásis verão a bandeira de onde quer que estejam, e todos sentirão pena de mim por eu ser uma mercadoria parada”. Tornou a se repreender, derrotada: “Mas por que esse motivo claro e simples foi um enigma que eu não consegui solucionar a não ser perto dos quarenta?”. Maçã se moveu e se inclinou para arrastar a cesta debaixo da cama com cuidado, com medo de acordar sua mãe. E trazendo a bandeira amarela, que casa alguma precisou fincar, subiu as escadas para o telhado enquanto sua mãe, seu pai e o oásis estavam imersos no sono. Isso depois de todos haverem se convencido de que o casamento havia partido para longe de Maçã para sempre, pois seus dias estavam contados e a bandeira amarela a

abandonaria também. Por isso, ninguém mais abriria para ela as portas do casamento, pois haviam dado o assunto como encerrado.

Sob a luz das estrelas, Maçã levantou o rosto para o céu com Deus como testemunha. Então, ajoelhou-se, colocando a bandeira bem firme na lata e pensando que o oásis era pequeno e o número de homens lá era escasso, e não havia casamenteira. Desceu as escadas e suspirou profundamente, sentada, em casa, esperando uma batida à porta.

# NARCISOS
## FUMIKO HAYASHI

**O TEXTO:** O conto "Narcisos" (水仙), de Fumiko Hayashi, foi publicado em 1949, na compilação de histórias 晩菊 (*Crisântemo noturno*). A trama aborda a relação desgastada entre Tamae, a mãe que anseia separar-se do filho, e Sakuo, o preguiçoso filho que é visto com indiferença. Ao contrário de outras obras de Hayashi, a separação dos dois não é vista com sentimentalismo, mas como uma libertação. O conto também pode ser lido como uma crítica ao 良妻賢母 ("boa esposa, mãe sábia"), conceito difundido pelo governo japonês do que seria o comportamento esperado das mulheres.
**Texto traduzido:** 水仙. In.『晩菊』. 新潮社 (1949), p. 24~33.

**A AUTORA:** Fumiko Hayashi (1903-1951), escritora e poeta japonesa, nasceu em Shimonoseki. Mudou-se para Tóquio em 1922, onde iniciou sua carreira literária. Foi uma das autoras mais populares da década de 1950, tendo escrito poesia, conto, narrativas infantis, romances e ensaios. Sua obra também se destaca pela temática feminista, pois muitas de suas personagens, geralmente trabalhadoras de classe baixa, são determinadas e resilientes. Seu romance mais conhecido, 放浪記 (*Memórias de uma errante*), publicado em 1930, retrata as dificuldades de uma escritora iniciante nascida em uma família não abastada, que ganhou adaptações para o teatro, a televisão, o cinema e o mangá.

**A TRADUTORA:** Thais Diehl Bresolin é bacharela em Letras (Habilitação de Tradutora Português e Japonês) pela UFRGS e mestranda em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela USP. É tradutora e dedica-se ao estudo da escritora e poeta Fumiko Hayashi.

# 水仙

「だが、たまえ親子にはいまは何一つ希望はなかつた。
親と子のつながりさへも。」

林芙美子

煙草を咥へたまゝたまえの枕元に立つたので、雑誌から眼を離して、「どうだつたの？」とこちらから尋ねてやらなげればならない。向うから、お母さん、今日はかうかうでしたよと云ふやうな優しい作男ではない。「どうだつたの？」と尋ねても、にやにや笑つて、座蒲團を足のさきで引き寄、「お前さんが子不孝なひとだから駄目だッた」と、赤い舌を出してそのまゝ煙草の輪を吐いてゐる。

「お前さんが子不孝たア何だよ？ ママをつかまへて、お前さんもないもンだわ。—津田さんに始めて會つたのかい？」「逢つたさ。お前さんによろしくつて云つたよ」たまえは起きあがつて、作男の顔を暫く見つめてゐた。「子不孝つてのは何だい？」「世間にやア、親不孝つて言葉があるだらう……その反對だよ。ママ公が子不孝だつて云ふンだ…」たまえは、わが息子ながら憎々しい口のきゝかたが胸に煮えたぎつて來る。「ママはお前なンかに子不孝な親だなンて云はれる筋合ひはないよ。早くパパに別れて、お前さんを今日まで女手一つでそだてて來たンちやないか、お前位パパに似て私をいぢめるひとつてないわ。もう、二十二にもなるンだもの、何とかして勤めを持つて、きちんとしてくれたつていゝぢやアないのッ。何時でも不首尾に終▪るのはお前さんの態度がよくないンだよ。神山さんもおつしやつてゐたけど、就職を頼みに來て、あゝふんぞり返つて煙草を吹かしてゐるンぢやア、いつぺんに駄目になるつて……」

「へえ、そいぢやア、就職つてものは態度だけでいゝシだね。馬鹿でもちよんでも態度さへきちんとしてりやアいゝンかい？」作男はわざとこめかみの長い刈りかたで、スペインの闘牛師のやうな頭にしてゐる。ま

だすつかり大人びたとは去ひがたく鼻の下の柔い生毛のはえぐあひが、たまえには此間で小學校へ行つてゐた子供だつたとはどうしても思へない。何處かの違ふ男が枕元に坐つてゐるやうな氣がして來る。「どうしてけんじゃうな態度が出來ないのかねえ。お前に好意を持つてくれる人つて一人もないンだもの」「だつて、そりやア、そンな風にママが育てたンだから仕方がないンだよ。理想の息子にそだてたンだもの文句はないだらう……」たまえは眼にいつぱい涙をためて、あぐらを組んで壁に凭れてゐる憎々しいばかり悠々としてゐる息子を視てゐた。「親一人子一人でどうして、私はお前と何時もこんな風に云ひ合ひをしなくちやアならないのかね。—津田さんは何ておつしやつた？」「何も云やアしないよ。只、俺ぢやどうにもならんから試驗を受けてみろつて云ふから受けてみただけだ」「それで、自信はあるの？」「ないね。くだらん問題ばかりで書く氣がしないもの……」作男は一寸氣弱な薄笑ひを浮べて、汚れた灰皿に煙草の吸ひのこりをつつこんだ。「せめて試驗でもみんな出來ればいゝンだけどね……」たまえは頭の惡い息子の顏つきが、これからの長い人生では、生涯うだつの上らない人間になるに違ひないと侘しい氣持ちで、「態度もよくない、試驗もまるで駄目ぢやア、いかに津田さんでもどうにも手のはどこしやうがないわ？」「まア、そンなところだね……」たまえはもう口をきくのも厭であつた。遠い以前、この子供を捨ててしまひたいと思つた事があつたけれども、あの時、本當に思ひ切つて何處かにくれてしまつておけば、今頃、こんなに困らされる事もあるまい。「どんな試驗が出たの？」「どんなつて、てンで興味のない事なんだ。フランスはいかに危機を解決するかとか、トルーマンはいくつだとかさ、俺、そンな事一度だつて考へてみた事もないよ」たまえは、にがにがしい氣持ちで、タオルのよれよれの寢巻きの上から、これも汚れた銘仙のはんてんを引つかけてよろよろと立ちあがつた。洗面所に行つて、やかんに水を汲んで來ると、作男がたまえのハンドベッグの中を引つかきまはしてゐるところだつた。「何を探してるンだい？」「金が少しはしいンだよ」「いくら探したつてありやアしないよ。お前つて、本當にいけないひとにおなりだね、これ以上お母さんを苦しめる事はやめて頂戴。どうして、君はそンなにお母さんをいぢめたいのよ。どんなつもりなンだよ？」作男はハンドバッグから爪ヤスリを見つけ出すと、そのヤスリで自分の爪を荒くこすりながら、「冗談でせうだ……誰もおふくろをいぢめてやしないよ。今夜、櫻井のところへ行く約束があるんンで、まんざら、大の男が電車賃だけぢや行けねえと思つてさ……」たまえはもう默つてゐた。やかんを電氣コンロに掛けると、柱鏡の前に立つて自分の顏をぢいつと眼をすゑて眺めた。何時の間にか老年がしのびつてゐる。四十三歳と云ふ年齢がたまえには何となく口惜しいのだ。だらしなく年をと

つてしまつたやうな氣がする。子供の爲に夢中で年を取つて來たわけではなどけれども、此の子さへゐなかつたら、いまごろは案外倖せな暮しをしてゐたかもしれないのだ。いまさらどんなにぢたばたしても、もう再び女の幸福はやつて來る氣つかひはない。ぼうぼうとした艶のない髪に櫛を入れてときつける。額ぎはが馬鹿に薄くなつて來た。若い時の様々の亂行のせゐかもしれないしと、たまえは艶出し油を塗つて、前髪をたつぷりと額にかゝるやうにさげてみた。痩をた頬骨のとがつた顔が、幾分か若々しく見える。また思ひ切つて、手術の氣持ちでその髪を後へとかしてみる。不思議にさつと老けて來る。やかんの湯が沸いたので、洗面器に湯をあけて、むしタオルをつくり、顔にタオルをかぶせた。熱いタオルの下で、瞼がひくひくしてゐる。「ママ、何處かへ出るのかい？」「あゝ一寸、金策に出掛けるよ」「當てはあるのかい？」「ないンだけど仕方がないンだもの……」たまえはタオルを取つて鏡をのぞいた。皮膚にあからみのさした顔が生々して來た。いつも、こんな肌色をしてゐるといゝンだけれども、石油臭いコオルドクリームをべつとりと顔中へ塗りたくる。ぎらぎらと光る顔に、節くれだつた指が眼のふちを幾度もマッサアジしてゐる。やつと化粧の出來た顔に、また前髪を大きくかぶせて、小皺のよつた瞼に紅を點じて遠くから鏡を見た。洗面器のどろどろに汚れたぬるま湯が、たまえには貧乏たらしくて厭であつた。もう五日も風呂に行かないせゐか、化粧した顔も案外垢抜けしない。荒れて固くなつてゐる唇の紅も少しものびないので受唇の唇か、色の悪いまぐろの刺身でも見てゐるやうだ。「ねえ、君、ママはね、もう、君が頼りに思ふほど、何の力もなくなつてしまつてるンだから、君はもらママと別れて、櫻井さんところででも同居させて貰ふ氣はない？本當にママは疲れちゃつた、君とママはね、もう前の世から敵同士みたいにして生れあはせて來たンだらうから、こゝンところで、君も男一人前に大きくなつてるンだし、ママをを解放してくれる氣はないかい！君が何をしたつてママは文句は云はないし、ママだつて、何をしたつて文句云つて貰ひたくないンだよ、只ね、君の軀の弱いのが、ママは氣になるンだけど、君が病氣になつた時はまた、その時はその時でママが何とかします、ね、君一人で、何とか自活してくれないかしら？その方が、君の爲にもなるンだと思ふけど……」「ママ公は俺が邪魔になつたンだらう……何も別々になる事はないし、よかつたら、また昔みたいに、お姉さんつて云つてやるぜ……」たまえは、ゃけに唇にこつてりと棒紅を引きながら、鏡の中で皓い齒をにつと出して眺めてゐる。 返事もしない。「俺、厭だよ……」たまえは底意地の惡い光つた眼で鏡のなかの自分の顔を眺めながら、「だけどね、ママはもう君と一つ部屋にゐる根氣はないよ。 喧嘩しながら暮すには、もうママは若くはないし、ほら、お前も讀んだ、女の一生ぢや

ないけど、ママはお前に殺されてしまひさうだからね」「冗談ぢやない。ママは己惚が強いンだよ。誰がおふくろを殺す息子があるもンかッ。俺はママなンか爪の垢ほどにも思つちゃゐないよ……只、肚を借りただけのキリストさ……」「へえ、さうなの……ぢやア、君も羽根でもつけて勝手にマリヤのところから飛び立つがいゝさ。何も、ママは何時までも一人前になつた君を養つてなきやならないて法はないからね」たまえはグリンの相當疲れたジャケッに黑いスボンをはいた。脚が馬鹿に細い、毛絲のソックスをはいて、電氣コンロの前に橫ずわりに坐ると、渦巻きの火の上に汚れた手をかざして、爪に紅を塗りたくつてゐる。作男は放心したやうにたまえの手を見てゐた。惡魔の手としか考へられない。 かつてこ母の口から優しい言葉をかけられた事がないと云ふ恨みつぽい心が、底の底まで母をいぢめつけてやりたい反抗心でむらむらして來る。「汚ねえ手だなア、もうママも年だよ」「よけいなお世話だわ。誰がこんなに汚ない手にしたのよ°働いて戾つて、薪をいぢくつて君に御飯を食べさせる手だよ」「ほう…… それでそンなに汚なくなるのかねえ……」爪に紅を塗り終▪つてエナメルでぴかぴかした爪をボロ布でこすつて、汚れたぬるい湯の中へまた兩手をつけた。泡立ちの惡いしやぼんで手をよく洗つてみる。そしてタオルで手を拭いて、またたまえは自分の手を遠くへはなしてみる。「ねえ、冗談ぢやないンだよ。君は何處へでも行つておくれよ。つくづくママは君に疲れてしまつたンだわ」作男は暫く眼をつぶて、頭を輕く壁にこつこつと打ちつけてゐた。たまえは外套を肩からひつかけて、やかんの殘りの湯をコップについで配給の赤砂糖を混ぜて飲んだ。「ママ公は俺の事なンか一度だつて愛情を特つて考へた事なンかないだらう？」ふつとコップを持つた手を唇から離した。たまえは、息子の顏を見た。非常に疲れた顏をしてゐる。別れた良人の若い時の面ざしに何處か似てゐる。「そりやア、ママだつて君を愛してた事もあつたわ。でもね、生活に追ひまくられてると、君の事ばかりにかまけてもゐられない時もあるわね。ーそりやアママのおなかを痛めた子供だもの、サクの事はやッぱり可愛いと思ふわ。でも、もう、二人は別れる時が來たンだよ°ママはさう思ふの……。ママのサクは、サクが小さいボーイの時だけだつたンだわ。もう、サクは大きくなつたンだし、サクだつてママを他人らしい眼で見る大人の眼も出來てるンだもの……。ママもサクもこんな風な親子だつたンだね。ママはもうこのまゝ埋れてしまふなンて氣はないンだし、まだ、充分働く氣はあるのよ。ママは君の意地惡さにあつては、駄目になつちまふンだもの。サクはママにとつても重荷だし……」作男はほつれた外套のポケットから煙草のケースを出してたまえにすゝめた。たまえは煙草を一本取つて唇に咥へた。作男も一本咥へてマッチをすると、たまえの煙草にも火をつけてやつた。「いゝよ。

ぢやア榮子のところへ行くより仕方がないげどいゝ？」榮子と云はれて、たまえは「あゝ、さうするより仕方がないの。ならさうするンだわ。お母さんが食べさせられないとなると、あンたは榮子に食はして貰ふのかい？女にばかりたかつてないで、どうして一人前の働きが出來なくなつてるのかね。榮子が君に夢中だつて云つても、あの女の事は當てにはならないし、第一君とは年も違ふンぢやないか……ママは人に聞かれて恥づかしくなつちまふわ」

たまえは、臺灣の臺北の生れで、父は鐵道の方へ勤め、官吏の娘としてきびしい教育を受げたが、アモイの神學校を出て、臺北のたまえの知人の家に一ヶ月程滯在してゐた伊部直樹と知りあい、伊部とかけおちのやうな狀態で二人は東京へ出て來た。たまえは十九歲で、女學校を卒業した翌年の春であつた。雜司ヶ谷の老松町に、二人は家賃十五圓のさゝやかな家を持つて、そこでたまえは作男を生んだ。伊部はアメリカへ行きたい志望だつたが、家が貧しかつた爲に、さうしたアメリカ行きも思ふやうにならず、宗教雜誌の編輯なンかを手傳つて細々一家を支へてゐると云ふありさまだつたけれども、たまえの女學校友達の大川多津子が音樂學校へ這入るについて、試驗勉強の爲に上京して來た。たまえの二階を借りてゐるうちに、伊部は何時の間にか多津子と、たまえの目をしのぶ仲になつてゐた。二ヶ月位して、たまえは二人の只ならぬ仲を知つて、半▪狂亂のゃうになり、おとなしい多津子を毎日たまえは責めたててゐた。多津子はおとなしい女であつた。伊部との關係が出來てからは、日に日に元氣がなくなり、音樂學校志望も何時の間にか挫折してしまつて、ぐづぐつな暮しかたに氣持ちが落ちぶれてゐた。一つ家に住んでゐるに耐へかねてか、多津子は本鄉の動坂に三部屋ぽかりの小さい家をみつけて引越して行つた。動坂と云つても田端の地藏樣の近くで、此のあたりは下町に通▪つてゐる問屋筋の勤人の多いところであつた。たまえの留守に引越したのだけれども、何時のか問にかたまえは動坂の家も嗅ぎあててしまひ、押しかけて行つて多津子の髮を引きずりまはすやうな騷ぎがあつたりして、多津子は動坂へうつつて半▪年もしないうちに、その家でガス自殺をしてしまつた。伊部はすぐ職をやめて、飄然とアモイへ去つて行き、ァモイから馬來へ行き、クァランプウルと云ふところに行つてゐると云ふ風のたよりを聞いた。それは昭和三年の頃であつた。たまえは伊部を愴み、死んだ多津子を何時までも愴んだ。たまえは眼や鼻のあたりに雀斑のあつた多津子の色白な顏を思ひ出すたび、ガスのゴム管をくはへてゐたと云ふ死のおもかげが何時までもたまえの胸から忘れ去る事が出來なかつた。たまえは、作男の眼もとにも薄い雀斑があるのをみて、何となく、多津子の恨みが作男にとりついてゐ

るやうで厭な氣持ちだつた。—たまえは伊部の知人を頼つて、宗教雜誌の編輯の手傳ひをしたりしてゐたけれども、親子二人に女中を置いての生活は樂ではなかつた。臺北の實家とも絶縁の狀態だつたので、たまえは、色々な男を綱渡りのやうにしてあぶない暮しを立ててゐた°—子供から少年になつて、物心ついて來た作男の眼には母の生活が不可解であり、少年のけつぺきさから云つても氣持ちの悪いものであつた。たまえは、中學生の作男に姉さんと云はせてゐた。女中もおかない二人暮しになつてからは、作男は何時も泊つて來る母を呪つてゐた。二人は長い間毒づきあつて暮してゐた。作男は家庭生活に失望して以來、學校のやうな集團的な、人間のかたまりの中に進んで行くには、あまりに氣が弱く、學業もおこたり勝ちで、中學をやつと出てからも、B學院に籍を置いてのらりくらりたまえのすね嚙りで暮してゐた。戰爭中も軀が弱いところから、勤勞動員にも出る事なく、うまくさうした規則からはづれたところで、たまえとともに轉々と居をうつしてゐた。終▪戰後、高圓寺の知人の家の一間を借りてたまえは作男と二人で暮してゐたが、たまえは新聞の募集に應じて、池袋の連れ込みホテルの女中頭のやうな仕事をみつけて通つてゐた。ホテルへ來る闇屋仲間にも這入りこんで、上手にハクライの藥の賣買に手をつけて、少しづつ金も貯へていつたのだけれども、折角一息つくほどの金が貯ると作男が持ち出してはその金をつかひ果してしまふ狀態で、たまえと作男の間は日日とけはしいものになり、たまえは時々、作男を殺してしまひたいと思ふやうになつてゐた。伊部は死んだのか生きてゐるのか、もう二十年あまり何の消▪息もない。—作男はこのごろ女をつくつてゐた。ダンサアで良人のある女だと云ふことを作男はぬけぬけと、たまえにのろけて聞かぜた。たまえは、或日偶然に早く家へ戾つて來て、作男と寢てゐる女をみつけると、遠い昔、多津子にしたやうに、その寢てゐる息子の女の髪の毛を引きつかんで荒い言葉で怒鳴りちらした。女はたまえの劍幕におそれをなして二度とは來なかつたけれども、良人とも別れて、作男と同棲しよう迫るのだと作男がたまえに厭がらせのやうな事を云ふのである。作男は、別に、戀愛の氣持ちでその女が好きだと云ふのではなかつた。只、食べさせてくれる便利な女として彼女を選▪んだに過ぎないのである。作男は寄矯な母に育てられて、本當の戀愛と云ふものを知らなかつた。早くから老人くさいものぐさな氣質で、何事も女の方から持ちかけて來るのを待つ云ふなまけものの根性を養はれてゐた。「ママが俺と別れたいと云うふのなら別れてもいゝよ。だけど、今日からすぐつてわけにはゆかないね。—俺だつて榮子のところへ相談に行かなくちやならないし、簡單にはゆかないよ」たまえは、作男と別れてしまへば何事も自分一人の自由になると胸算用を始めてゐる。富田とわざわざ高い宿賃を彿つてあひびきする必要もない。此

の部屋を幾分かでも居心地よく模様替へしてみたいのだ。縁側か掃き出すゴミが、狹い庭に山のやうに積まれてゐる。野良猫が來て、よくゴミのなかをつゝき散らしてゐた。狹い庭前の椹の垣根も枯れつぱなし、一度は破れた垣根からこそ泥がはいつて、たまえの只一足の靴を持ち逃げされた事もある。あまりだらしがないので、家主の臺所は使用禁止になつてゐた。たまえは、此二三日風邪で寢ついてゐたが、年のせゐなのか、實際何をする元氣もなく寢ついてゐた。もう、ぢき正月が來ると云ふのに、こゝだけは何の氣配も感じられなかつたし、餠一つ祝ふ氣もたまえは考へなかつた。

出掛けるつもりで、たまえは支度をしたものの昨日の雨あがりの泥ンこの道を下駄ばきで街に出るのも氣がひけた。「サクは、本當に勤める氣はないのかい？」作男は肩をゆすぶつて小さく口笛を吹いてゐたが、「勤めたくないよ。みンな厭なンだ。かうして生きてゐるのも退屈なンだょ。だけど、やつぱり、ママか、榮子かそばにちらちらしてゐてくれないと淋しいンだよ°喧嘩相手でもないよりはましだね」さう云つてくすりと笑つた。「何か闇の商賣でもする氣なら、富田さんに頼んでやるげど、商賣でもしてみない？」作男は暫く肩や膝をゆすぶつてゐたが、「櫻井の兄さんの世話で、澁谷で纓井と萬年筆を賣つてみたンだけどテンで賣れやしないもの、馬鹿馬鹿しくなつちやつた。商才がないからテンで賣れやしない。榮子に頼んだら六本も賣つてくれたけど、やつぱり縹緻のいゝ女が賣つた方が賣れるよ」たまえは、自分の女を縹緻がいゝと思つてゐる作男をぬけぬけとよくものろけられるものだとをかしくなつてゐる。「へえ、榮子が縹緻がいゝのかね。あンなおでぶさんがどこがいゝンだい? 水ぶくれみたいぢゃないのさ……」「僕には美人にみえるンだからいゝンですよ。餠肌で、下腹がすべすべしてゐて、とても綺麗な肌ですよ」「君は始めて女を知つたからさう思ふンだわ」「だつて、ママの若い頃だつて、あンなに美しくはなかつたな……」たまえは呆れて、縁側を開けた。空が晴れ渡つてゐた。黑い畑地に湯氣が舞ひ立つてゐるやうに、ぽかぽかと暖い。たまえの干した軒先きの赤い下着が、柿の皮をむいたやうによぢれて吊りさがつてゐた。何日も干しつぱなしのせゐか、薄汚れてみえる。

夕方になつて、たまえと作男は外へ出かせた。たまえは作男とは反對の吉祥寺へ行つた。廣い軍道路へ出て、公園の方へ近道をして、雪の家へ行つた。すぐ富田の家へ番頭に電話をして貰つたが、富田は二三日前から出張で正月三日頃でなければ戻らないと云ふ返事だつた。暮にはぜひもう一度雪の家で逢ふ事になつてゐたのでをかしいと思ひ、茅場町の事務所に自分で電話をしてみた。富田さんはずーとお風邪で此四五日お休みですと云ふ女事務所の返事である。どつちを信じていゝのか判▪らなかつたが、

たまえは、暮になつてかうした思ひをする事にやりきれない焦つくものを感じた。下連雀の富田の家の近くへ行き、暗くなるまで、曲り角の塀のそばに立つて門から出て來る人を見張つてゐた。若いモンペ姿の女中が出て來たので、たまえは會社からの使ひのやうな口のきゝかたで、「富田さんに會社から參つたのでございますが、御在宅でせうか？」と聞いてみた。「あら、旦那さまは御旅行なンでございますよ。會社の用で、正月二日頃お歸りなンでございますけど……」「まア、困りましたわねえ、私、會社から、至急つて用事で參りましたンですけど、ぢやア、會社の御用向きの出張とは違ひますかしら？」「本當でずね。不思議ですね。一寸、奥さまにうかゞつて參りますから……」 女中が門の方へ戻つて行つた。たまえはさつさときびすを返して、暗い小河添ひの水の匂ひのする道を急いで驛へ行つた。高圓寺で降りて氣が變つた。ふつと思ひついて神山氏のところへ寄つてみたが、神山は風呂上りの艶々した顔で食卓についてゐた。神山は數の子で一杯やりながら、「やア、奥さん、どうです？」と盃をさしてくれた。神山の細君もさつき、美容院でパアマネントをして貰つて戻つたのだと、アップに結つた首筋を寒〻さうにしてゐた。「何時來ても、こゝは愉しさうで羨ましいわ。篤子さん幸福だわね」神山の細君の篤子は、たまえと臺北の女學校での同級生で、たまえとは終〻戰後同じ高圓寺に住む間柄で親しくなつてゐた。神山は丸の内の經濟雜誌に勤めてゐたので、作男を何とか世話しようとしてくれたのだけれども、類まれなる太々しい態度に驚いてしまひ、それからは、作男君を世話しませうとは一度も口にしなかつた。篤子は、遠い以前、同級生の大川多津子が、たまえのためにガス自殺をさせられた事のあるのを知つて、氣の強いたまえに對しては、あたらずさはらずの交遊をつゞけてゐたが、みすみす落ちぶれてゆく友達を見てゐてはすげない事も出來ないのであつた。篤子は皐后陛下に似てゐたので、皇后さんと云ふあだ名で家の者達に呼ばれてゐた。たまえも神山にさゝれる盃を受けて二、三杯よばれた。「たまえさんも、まだ老いこむには早いンだが、どうして早く結婚しなかつたのかね？」「子供がゐるからですよ」「子供がゐるからつてかまやしないでせう？」「いゝえ、とてもうちのサクは意地が惡いの。私のさうした事を常に警戒してて、ぶちこはすンですものね」「そンな馬鹿な事つてないなア……子として母の幸福を願ふのはあたり前だもの」「えゝ、でも、家のは違ふのよ。變質者なンだわ」たまえは、暗くて冷い我が家へ戻る氣がしなかつた。寢て空想してゐる時だけは、一應は元氣のいゝ事を考へてゐるのだけれども、いざ、現實となつてみると、何處にも面白い事はなかつた。愉しさうに男と歩いてゐる若い女のはつらつとしたところを見をつけられるたび、たまえはまるで同年配のものに對するやうな嫉妬を感じた。どんなにしたつて、もう自分

にはあゝした若さはないのだ。どうしてこんな風に速く年をとり、落ちぶれてしまつたのか、その實相が自分でも判▪らない。たゞ、作男の爲に自分の人生が臺なしにされたやうな怒りを感じる。人間の思ひと云ふものはいろいろなことを考へてはゐるけれども、結局はどの人間もみんな慾の道をたどつてゐるに過ぎないのだ。神山の家の賑やかな食卓の前に坐つてゐても、あはよくば神山夫妻の好意によつて晩飯をよばれたいと云ふ氣がたまえにはあつた。こゝで夕食をして歸れば、歸つて寢るきりである。それにしても、逢へないとなると富田がひどく今夜はなつかしかつた。もう二人の間も終▪りかも知れない。何時か、富田が、君の軀も隨分骨張つて來たねと云つた事があつた。たるんだ腕の皮膚なんか、きつくつねりあげてみても以前のやうにすつともとへ戻るやうな事はなく、暫くつまゝよれた皮膚が疲れたゴムのやうに皺ばんでゐる。軀を何とかして鍛へたいと思ひながらも、すぐ生活にかまけて一日一日がものぐさになり、たまえは作男と云ひ争ふ事のみに暮れてゐた。夕食をよばれて神山の家を出たのは九時頃であつた。あつかましいよばれかたであつたせゐか、神山夫妻は玄關へも送つては出なかつた。人家の途切れた杉の森の一寸續いた廣い通りをたまえはゆつくり歩いた。霜冷えのする寒▪い風が吹きつのつて、澄みきつた空に細かい星が無數にきらきらと光つゐた。背の高い男がすたすたとたまえの後からついて來てゐる。たまえは多少の希望を持つた。呼びとめられる可能性を己惚れて空想してゐた。物思ひに沈んだ樣子でゆつくり歩いた。郵便局の前まで來ると、後からついて來ゐた男はすつとたまえの横を通つて一寸電柱の燈火に透かすやうにしてたまえの顔を見て、そのまゝすたすたと遠ざかつて行つた。若い男であつた。たまえは何となく裏切られたやうな氣がした。

　家へ戻つて、裏口から硝子戸を開けると、電氣コンロが暗闇に一ッ目小僧のやうに光つてゐた。作男が蒲團にもぐりこんでゐる樣子である。「サクなの？」「あゝ」「どうして戻つたのよ？」「榮子が今日は駄目だつて云ふンだよ」燈火のスイッチをひねると、作男が泣き腫れたやうな眼をしてゐた。「あぶないねえ、何かやかんでもかけとくといいンだよ」「ママ、煙草ないかい」「ないわよ。働きもしないくせに煙草を吸ふなンて柄ぢやないわ」寒▪いのでたまえも薄い萬年床へ外套をぬいでそのまゝもぐりこんだ。「歸りに櫻井のところへ行つたら、俺に北海道へ行かないかつて云ふンだ。炭坑の事務所で働ける口があるンだつてね、社宅もあるし、配給もいゝつて云ふンだけど」「まア耳よりな話ぢやない？ 行けばいゝわ。學歴はいゝの？」「いゝかげんな事書いとけばいゝンでせう……」「そンなところへ行つて少し軀を鍛へて來るといゝンだわ。揚所は何處？」「美幌」「へえ、これから寒▪いンで胸の惡いものには一寸こたへるかし

らね」「ママは俺がそんなところへ行けば嬉しいだらう? 厄介彿ひ出來るしね……」「さうさう、何でもサクの思つてる通りだと思へば間違ひはないさ……ママはひどい女なンだから、お前がゐないとせいせいするだらうよ」たまえは奥の方で麻雀の音をがらがらさせてゐるのを耳にして癪にさはつてゐた。「美幌へ行けば死に行くやうなもンだ……」「そンな事はないわ。かへつて東京で暮すよりはいゝかも知れないし、いゝ事があつたらママも呼んで頂戴……ママもつくづく東京が厭になつたわ」消▪防自動車のサイレンがううう……と唸りながら、畑の向うを地響きして通り過ぎて行つた。「ねえ、サクちゃん」「何だよ?」「ママ、とても淋しいよ°ママのこの淋しさサクに判▪ンないだらうけど……ママ、今日とても厭な氣持ちになつちまつたわ。ママは勝氣だから隨分損をして暮したけど、何だか生きてるの厭になつたなア……もう、どんどん汚なくなつてゆくし、昔の元氣はないね。サクは男だから男の氣持ちは判▪るだらうけど、男つて無情なもンだね」「思ひ知つたのかい?」「あゝ、思ひ知つたよ。男と女つて、只、若い時だけかね? そンなものかね? パパだつて、お前を捨てつぱなしで行きたいところへ行つちまふしさ。女には惚れつぽくて、無責任で、ママはつくづく人間つてものが哀しくなつちやつたわ」「金があればいゝんだよ。神様は人間にうまいものを發明さをたものだよ。問題は金さへあれば何でも解決がつくンだ。榮子だつて、金さへあればいますぐにでも亭主と別れるッて云つてたよ」たまえは、爪に紅を塗つた指を扇型に擴げて、ぢいつと眺めてゐた。薄汚れた小皺のよつた手が男には見せられないといふ圖である。「サクは、本當はいゝ人間なンだか、惡い人間なンだか判▪らないね」「俺は惡い人間だよ」「さうでもないさ。まだ、二十二だもの惡い經驗もあまり積んぢやアゐないけど、金持の娘でもだませないものかね……」「ふゝん、俺は、娘なンてきらひだよ」「そりやア持つた事がないからさう思ふのさ」「ママは惡黨だな……」「さうね」たまえは、惡い事ならどんな事でもいまはかまはないやうな氣がした。いま十年も經てばさうした氣力もなくなつてしまふのだ。僞善の道徳と去ふものに、まだみんなが迷つてゐるやうな氣がする。僞善のなかで、支配や權力や富の好餌を得ようと人間はしゝふんじんの勢ひでゐる。その人間達の生活力のなかには、湯氣の立つやうな和樂がある。笑ひがある。だが、たまえ親子にはいまは何一つ希望はなかつた。親と子のつながりさへも……。「行く氣あるのかい?」作男は返事もしなかつた。默つて、天井を見てゐた。たまえは、作男と添ひ寢をしてゐたのは何時頃まででであつたらうかと考へてみる。六ッ位の時から作男の肌にふれた事はなかつた。作男は何時も獨りでおとなしく眠つてゐた。世間並の幸福も知らなければ、世間並の禮儀も知らなかつた。作男を遊山に蓮れて行く事も一度もした事がない。その癖

早熟で、十六七歳位の時から、獨りで軀を愉しむきざしをたまえは知つてゐた。人間が何も愉しい事がなければ、自然にそんな風なところへ落ちてゆく事になるのだちうと、たまえは知らないふりをしてゐた。今夜も、何處で食事をしたのかともたまえは作男に訊いてやらなかつた。

二日ほどして、作男は本當に北海道行きの支度をした。榮子から三千圓の手切れの金のやうなものも貰つて來た。「何時發つの？」「三十日の晩の汽車。櫻井と二人で行くンだ。もう、歸つて來ないよ」「あゝ、お互ひに元氣でね……」たまえは、始めて涙が溢れた。別に引きとめたい涙ではなかつたけれども、本能の涙が溢れるのをたまえは自分ながらしみじみしたものに思つた。—出發の夜、暮の賑やかな銀座の街を歩いてみた。「馬鹿に女が綺麗だな」「北海道にだつて美人は澤山ゐるよ」「都會の女はやつぱりいいね。これで、みんな男が出來るンだらうな……」たまえと作男は肩を並べて歩きながら、友人のやうな話しぶりで歩いてゐた。「もう、雪で寒〻いだらうね？」「さア、行つてみない事には……それでも、石炭を焚いたストーヴにあたれるンだから豪氣なもンだよ」「私は臺灣生れで寒〻いこと、東京より知らないけど、雪の深いところつて一寸ロマンチックでいゝぢやアないの……」「ロマンチックか。住めばさうもゆかないだらう……これからママはどうするンだい？」「ますます年を取つて行くだらう。もう昔の通りにはゆかないものね。長い冬の間、ママは時々ゼンソクで苦しめられて、そして、ぱつたり逝〻くかも知れないわ」作男は煙草店で光を二箱買つて、一つをたまえの手に握らせた。「もう、ママも男は出來ないね」「さうね。もう、駄目だわ、どんな芽も出つこないわ。まだ、時間あるの？」作男は洋品店のなかを透かして時計を見た。「まだ大丈夫だ、二時間はある」「私、送つて行かないよ？」「あゝ、その方がいゝ。榮子が送りに來るから、その方がいゝ」「榮子とは別れをしたの？」「うん、今朝行つた。そこンとこのコロンバンで待つてる事になつてるンだよ」たまえは下駄の足で立ちどまつた。榮子を見る氣はしない。ふつと、いろいろな氣持ちが胸の中に走つて來た。「ねえ、もしも、ママが變つた事があつても、歸つて來ないでいゝからね……ママの事だから、かあつとなつて死にたくなる時があるかも知れないわ。それでも、サクは來ないでいゝよ」作男はあごでうなづいた。はこりをかぶつた蟲喰ひのベレー帽を被ぶつてゐるのが、たまえには吾子ながら貧弱に見えた。たとひ人妻にしたところで、東京の別れに女のゐる事はせめてもの作男の倖であらうかと、たまえは、作男の手を握つた。作男は案外力のない渥りかたですぐたまえの手を離した。「當分逢へないげど、元氣でね。ママは筆不精だから手紙

書けないわよ」並木通りのコオヒイの匂ひのする茶房の前で作男はそのまゝ風呂敷包みをさげてさつさと暗い方へ消ゑて行つた。たまえは一二度振りかへつたが、夜霧ですぐ作男の後姿を見失つてゐた。—もう、一切が自分獨りなのだと、たまえは肩を張つて深く息をついた。暮れの街裏まで人通りが多くて、青い光りの下で、銀色の鮭がぶらさがつてゐる店や、マヌキャンが黑ビロードの布を兩手にたらしてゐる陳列が流れのやうにたまえの眼にうつろにとまつた。昔から暮の街は少しも變らないやうな氣がする。たまえは、何と云ふ事もなく、この激しい街の何處かで息を引きとる自分を考へてゐた。さうしたことだけが自分の最後の青春のやうに思へた。風に吹き消ゑされて、燭が消ゑてゆくやうな聯想がたまえの瞼に浮ぶ。師走の夜の街に、日本髪に結つた娘と二三人の子供達が騒ぎながら羽根をついてゐた。軒燈の明りで、白い羽根が消ゑたり光つたりしてゐた。—四丁目の通りへ出て、人が黑山のやうに群れてゐる森永の前で、たまえは、店員が聲をからしながら、「えゝ、昔なつかしい森永のベルベットでございます。如何でございますか」と云ふ聲を聞きながら、人混みの間から、光つたセロハァンの包みをすつと盗つてポケットに入れた。非常に快感を覺えた。瀬戸物屋では、たまえは人ごみにまぎれて、九谷の可愛い醬油瓶を一箇盗んだ。誰にもみつからないと云ふ事よりも、ポケットの重量が氣持ちよかつた。假面をかぶつて歩いてゐるやうな氣がした。ふつと、生きてゐる事も愉しい氣がして來た。息子と別れて自由になつた氣持ちのなかに、たまえは、急に年若くなつたやうな氣がして、數寄屋橋の簿暗い通りへ來るとゝたまえは、セロハァンの袋から一粒のベルベットを出して口に入れた。廣告燈から甘い流行歌のメロデイが流れてゐる。朝日新聞の電光ニュースは、議會解散をきらきら空に光らせて忙はしく右へ走つて行つた。

# Narcisos

*"Mas não havia nenhuma esperança para Tamae e seu filho.*
*Nem mesmo uma relação entre mãe e filho."*

FUMIKO HAYASHI

Ele estava parado ao lado da cama de Tamae sem tirar o cigarro da boca, e ela se sentiu obrigada a desviar os olhos da revista e perguntar:

– Como foi?

Sakuo não era gentil para dizer como havia sido seu dia para a mãe. Mesmo com ela perguntando: "Como foi?", ele deu um sorriso, puxou uma almofada com a ponta do pé e disse, mostrando a língua vermelha, ao soprar um círculo de fumaça:

– Você é uma mãe ingrata, então foi impossível.

– Como assim, sou ingrata? Sou sua mãe, então fale direito comigo. Se apresentou para o Sr. Tsuda?

– Sim. Ele mandou lembranças para você.

Tamae se levantou e fitou o rosto de Sakuo por um breve momento.

– O que você quer dizer com mãe ingrata?

– Neste mundo existem filhos ingratos, não é? É o contrário disso. Estou dizendo que minha digníssima mãe é ingrata.

O peito de Tamae fervia ao ouvir palavras tão odiosas do seu próprio filho.

– Eu não tenho motivos para ouvir você me dizer que sou uma mãe ingrata. Separei-me cedo do seu pai e o criei até hoje sozinha, não é mesmo? Você é parecido com seu pai, e me maltrata como ele fazia. Já vai fazer vinte e dois anos, é melhor arrumar algum emprego e tomar jeito. Tudo sempre

acaba dando errado, porque você é mal-educado. O Sr. Kamiyama também falou isso. Você foi pedir um emprego, mas ficou fumando todo arrogante, e ele soube imediatamente que não servia para o trabalho.

– Ah, é assim? Para achar um emprego, eu só preciso ter boas maneiras? Mesmo que eu seja burro, vou conseguir, se tiver bons modos?

Sakuo, com seu cabelo intencionalmente longo nas têmporas, parecia um toureiro espanhol. Para Tamae, ele não se parecia nem um pouco com a criança que há pouco ia para a escola, mas ainda era difícil dizer que ele havia amadurecido completamente, com a macia penugem que crescia embaixo do seu nariz. Ela sentia como se um homem desconhecido estivesse sentado à sua cabeceira.

– Por que não consegue ser mais humilde? Não tem uma pessoa que goste de você.

– Já disse, é porque você me criou assim, então eu não tenho o que fazer. Se você criou o filho ideal, não tem do que reclamar, não é mesmo?

Os olhos de Tamae se encheram de lágrimas. Ela fitou o filho que havia cruzado as pernas, apoiando-se na parede, e que dizia coisas tão terríveis com tanta tranquilidade.

– Somos mãe e filho. Por que sempre preciso discutir com você desse jeito? O que foi que o Sr. Tsuda falou?

– Não falou nada. Só que não sabia o que fazer comigo, então disse para eu tentar responder um teste, e eu o respondi.

– E você está confiante?

– Não. As perguntas não faziam sentido, então nem tive vontade de escrever...

Um tímido sorriso transpareceu rapidamente no rosto de Sakuo, que enfiou o resto do cigarro no cinzeiro sujo.

– Seria bom se pelo menos você conseguisse responder o teste inteiro...

Tamae observou o semblante de seu filho imbecil, sentindo-se miserável por não ter mais dúvidas de que ele se tornara um ser humano incapaz de subir na vida, e que seguiria para sempre assim.

– Seus modos não são bons, não conseguiu responder nada do teste. Realmente não há nada que o Sr. Tsuda possa fazer, não é?

– Bom, acho que é isso mesmo...

Tamae não queria mais abrir a boca. Há muito tempo, havia pensado em abandonar essa criança e, se houvesse se decidido por isso à época, provavelmente agora não estaria com esse problema.

– Como era o teste?

– Como era? Do tipo que tem coisas que não me interessam nem um pouco. Como a França solucionou sua crise? Qual é a idade de Truman? Eu nunca pensei sobre esse tipo de coisa, nem uma vez.

Tamae, desgostosa, colocou o quimono sujo em cima de sua felpuda roupa de dormir desgastada e levantou-se cambaleante. Ela foi ao banheiro encher a chaleira de água e, ao voltar, deparou-se com Sakuo remexendo dentro de sua bolsa.

– Está procurando alguma coisa?

– Quero um pouco de dinheiro.

– Procure o quanto quiser, que não tenho. Você realmente virou uma pessoa ruim. Por favor, pare de fazer a sua mãe sofrer. Por que você quer tanto atormentar a sua mãe? Com que propósito?

Sakuo encontrou uma lixa de unhas dentro da bolsa e, enquanto lixava com violência as próprias unhas, disse:

– É brincadeira... Ninguém atormenta a própria mãe. Combinei que ia visitar o Sakurai hoje à noite, acho que um homem adulto não pode ir com só o dinheiro para a passagem de trem...

Tamae não falou mais nada. Colocou a chaleira no fogareiro elétrico, parou em frente ao espelho pendurado na coluna e observou fixamente seu rosto em silêncio. A velhice se aproximara desapercebida. Para Tamae, ter quarenta e três anos de idade era um tanto frustrante. Sentiu como se tivesse envelhecido desleixadamente. Ela não envelheceu por se devotar ao seu filho, mas, se apenas não tivesse tido esse filho, era possível que estivesse vivendo inesperadamente feliz agora mesmo. Ela não percebia que não adiantava espernear, não seria feliz novamente. Penteou o cabelo desarrumado e sem brilho. Seu cabelo estava ralo. Ao pensar que talvez fosse culpa da conduta licenciosa de sua juventude, Tamae passou um óleo lustroso e tentou ajeitar o cabelo para cobrir sua testa. Seu rosto bem definido com maçãs do rosto magras parecia, até certo ponto, jovem. Ela mudou de ideia e, como se fizesse uma cirurgia, penteou o cabelo para trás. Misteriosamente, envelheceu de súbito. Ela verteu a água fervida da chaleira em uma bacia, aqueceu uma toalha com o vapor e colocou-a sobre o rosto. Suas pálpebras tremiam embaixo da toalha quente.

– Mãe, você vai sair?

– Sim, vou dar uma saída para arranjar dinheiro.

– Vai para algum lugar em particular?

– Não, mas não tem outro jeito...

Tamae removeu a toalha e se olhou no espelho. A pele corada trazia vida ao seu rosto. Desejando que pudesse ter sempre essa cor, começou a espalhar generosamente pelo rosto todo um creme que cheirava a petróleo. Ela massageou repetidamente ao redor dos olhos com os dedos ossudos e seu rosto iluminou-se. Finalmente maquiada, soltou a franja novamente, passou ruge nas rugas ao redor dos olhos e se olhou de longe no espelho. Tamae não gostava da água morna suja e turva da bacia que parecia ressaltar sua pobreza. Mesmo o seu rosto maquiado era inesperadamente deselegante, talvez por fazer cinco dias que não ia ao banho público. O batom não se espalhava nos seus lábios duros e rachados, fazendo seu lábio inferior protuberante parecer até um sashimi de atum de cor desagradável.

– Hein, filho, acabaram-se minhas forças para ajudá-lo, então, você não quer me deixar e dividir a casa com o Sakurai? Sua mãe cansou de verdade, você e eu parecemos ser inimigos de outras vidas que calharam de se reencontrar, não é? Você já é um homem-feito, mas não faz menção de libertar a sua mãe! Não vou reclamar do que você fizer, então não quero que reclame do que eu fizer. Preocupo-me com seu corpo fraco, então se você ficar doente, pensarei nisso quando for a hora. Não quer ser independente? Eu acho que assim também seria melhor para você...

– Então me tornei um estorvo para minha digníssima mãe... Nem precisamos viver separados, se quiser, posso chamá-la de irmã, como fazia antigamente...

Tamae aplicava desesperadamente uma camada pesada de batom enquanto observava os dentes brancos em seu sorriso dentro do espelho. Ela não respondeu.

– Eu não quero...

Tamae, observando seu rosto refletido no espelho com olhos de brilho malévolo, disse:

– Mas a sua mãe não tem mais paciência para viver em uma casa de um quarto com você. Não sou mais jovem para viver brigando. Veja bem, isso aqui não é "Uma Vida", que você também leu, mas parece que você vai acabar me matando.

– Você só pode estar brincando. Você é muito presunçosa. E existe algum filho que mataria a própria mãe? Eu não penso em você nem um pouquinho... Não passo de um Cristo que tomou emprestado seu útero...

– Ah, é mesmo? Então, fique à vontade para criar asas e alçar voo da Maria. Porque não existe lei que me obrigue a sustentar você, que já é um adulto, até se sabe lá quando.

Tamae vestiu calças pretas com um casaco verde igualmente puído. Nos pés ridiculamente finos, colocou meias de lã. Sentou-se, com as pernas para o lado, diante do forno elétrico e esticou as mãos sujas sobre o redemoinho de fogo para pintar as unhas de vermelho. Sakuo observava distraidamente as mãos de Tamae. Não passavam de mãos de um demônio. Seu coração ressentido de quem nunca ouviu uma palavra gentil sair da boca da mãe sentiu uma irresistível vontade de se rebelar e atormentá-la.

– Que mãos sujas, hein? Minha mãe já está velha.

– Que comentário desnecessário. Quem foi que fez minhas mãos ficarem assim? São mãos que colocaram lenha no fogo para alimentar você depois de voltar do trabalho.

– Hm... Se for assim, então não se sujaram muito, não é?

Ela acabou de pintar as unhas de vermelho, poliu o esmalte com um trapo para ficar brilhante e colocou novamente as mãos dentro da suja água morna. Com a pouca espuma que o sabão fazia, tentou lavar bem as mãos. Tamae, então, secou-as com a toalha e as esticou para examiná-las novamente.

– Viu, não é brincadeira. Mude-se. Estou profundamente cansada de você.

Sakuo fechou os olhos por um momento e bateu repetida e levemente a cabeça na parede. Tamae colocou o sobretudo nos ombros, serviu-se da água que restara na chaleira, misturando-a com o açúcar mascavo recebido do racionamento, e a bebeu.

– Minha digníssima mãe não pensou em mim com afeto nem uma vez que seja, não é?

Ela afastou rapidamente a mão que segurava o copo de seus lábios. Tamae observou o rosto do filho. Sua expressão era de extremo cansaço. O semblante dele lembrava um pouco seu ex-marido quando jovem.

– Ora, eu já amei você, sim. Mas, com a correria da vida, simplesmente nem sempre tive tempo de cuidá-lo. Bem, eu pari você, é claro que eu gosto, Saku. Mas agora chegou a hora de nos separarmos. É o que eu penso... O Saku da mamãe é apenas aquele que era um pequeno menino. Você já está grande e vê a sua mãe como uma estranha com seus olhos de adulto... Eu e

você, Saku, fomos uma família assim. Não quero acabar enterrada desse jeito e, ademais, sinto que já trabalhei o suficiente. Senti-me sem esperanças quando me deparei com sua crueldade. Saku, você é um pesado fardo para a sua mãe...

Sakuo ofereceu um cigarro antes de pegar o maço do bolso do sobretudo puído. Tamae pegou um e colocou entre os lábios. Sakuo também colocou um entre os lábios, acendendo-o com o fósforo, e logo após também o de Tamae.

– Está bem. Então só me resta ir para a casa da Eiko, tudo bem?

Ao ouvir o nome de Eiko, Tamae disse:

– Ah, não há outra solução? Se for o caso, faça isso. Quando a sua mãe para de alimentá-lo, você vai viver à custa da Eiko? Por que não consegue trabalhar como um adulto em vez de ficar apenas extorquindo mulheres? Mesmo que diga que a Eiko é louca por você, ela não é confiável e, o mais importante, ela não tem a sua idade, não é? Disseram-me isso e fiquei envergonhada.

Tamae nascera em Taipei, Taiwan. Seu pai trabalhava em uma ferrovia e, por ser filha de um oficial do governo, recebeu uma educação rigorosa. Conheceu Naoki Ibe, que havia se hospedado durante mais ou menos um mês na casa de um conhecido de Tamae em Taipei, após ele deixar o seminário de Xiamen. Os dois fugiram juntos e vieram para Tóquio. Tamae tinha 19 anos, e era a primavera do ano seguinte de sua formatura da escola feminina. Os dois alugaram uma modesta casa de 15 ienes por mês em Oimatsuchō, na região de Zōshigaya, onde Tamae teve Sakuo. Ibe tinha o desejo de ir para os Estados Unidos, mas tal viagem era inconcebível para uma família necessitada como a sua, que ele mal sustentava, mesmo auxiliando na edição de uma revista religiosa. Uma amiga da escola de Tamae, Tatsuko Ōkawa, foi à capital para estudar para o exame de admissão de uma escola de música. No tempo em que ela alugou o segundo andar da casa de Tamae, Ibe se aproximou de Tatsuko bem debaixo do seu nariz. Após cerca de dois meses, Tamae descobriu o relacionamento insólito dos dois e, furiosa, começou a pressionar diariamente a pacata Tatsuko a confessar. Tatsuko era uma mulher pacata. Desde que sua relação com Ibe havia sido revelada, ela perdera gradualmente a vitalidade de antes e a ambição pela escola de música acabara frustrada, e com seu estilo de vida ocioso, foi de mal a pior. Por não aguentar mais morar na mesma casa, Tatsuko se mudou para uma apertada casa de apenas três cômodos que encontrou em Dōzaka, Hongo, embora em Dōzaka

ficasse próxima ao Jizō-sama de Tabata, região que muitos funcionários de atacado atravessavam a caminho de Shitamachi. Ela se mudou enquanto Tamae não estava, mas Tamae acabou farejando a casa de Dōzaka e apareceu sem ser convidada, causando um grande alvoroço e arrastando Tatsuko pelos cabelos. Não havia completado meio ano que Tatsuko se mudara para Dōzaka, quando ela se suicidou inalando gás naquela mesma casa. Logo depois, Ibe largou o emprego, partiu subitamente para Xiamen e, de lá, foi para a Malásia. Disseram que ele estava em um lugar chamado Kuala Lumpur. Isso foi em 1928. Tamae odiava Ibe e odiaria a falecida Tatsuko para sempre. Quando Tamae se lembrava do rosto alvo de Tatsuko com as sardas que rodeavam seus olhos e nariz, sabia que nunca conseguiria esquecer a imagem de sua morte com o cano de borracha do gás entre os lábios. Quando Tamae via as pequenas sardas ao redor dos olhos de Sakuo, por algum motivo, o ressentimento que sentia por Tatsuko passava para o filho e sentia repulsa dele.

Com a ajuda de um conhecido de Ibe, Tamae conseguiu um emprego de auxiliar de edição em uma revista religiosa, mas não era fácil para uma mãe solteira arcar com uma empregada. Ela também havia rompido a relação com os pais em Taipei e, por isso, Tamae levou uma arriscada vida, como se andasse na corda bamba, de um homem para outro.

Quando deixou de ser criança e virou adolescente, Sakuo começou a entender o mundo ao seu redor, julgando a vida de sua mãe um mistério que, do ponto de vista de um adolescente imaculado, era algo desagradável. Tamae fazia Sakuo chamá-la de irmã. Quando começaram a viver apenas os dois, sem empregada, Sakuo sempre praguejava quando sua mãe passava a noite fora. Os dois viveram aos insultos por um longo tempo. Por causa do descontentamento da vida em casa, Sakuo era tímido para conviver com uma multidão de seres humanos, como na escola, o que o fez negligenciar os estudos, mas quando finalmente se formou no ensino fundamental, matriculou-se no Instituto B, enquanto vivia como um parasita com Tamae. Porque seu corpo era fraco demais para a guerra, os dois mudaram de casa diversas vezes para fugir da lei de convocação, evitando que ele fosse escalado para trabalhar. Depois da guerra, Tamae alugou um quarto na casa de um conhecido em Kōenji, onde morou com Sakuo, mas ela se deslocava para trabalhar como camareira chefe em um motel de Ikebukuro, emprego que encontrou através de uma vaga no jornal. Ela fez amizade com os contrabandistas que frequentavam o motel e começou a vender remédios importados com habilidade, guardando dinheiro aos poucos, porém, quando poupou uma quantia suficiente para finalmente respirar um pouco, Sakuo se

apossou desse dinheiro, gastando até o último centavo e tornando penosa a relação entre mãe e filho. Às vezes, Tamae queria matar Sakuo. Não sabia se Ibe estava vivo ou morto, não sabia de seu paradeiro há vinte anos.

Nessa época, Sakuo arranjou uma namorada. E gabava-se descaradamente dessa dançarina casada para Tamae. Certo dia, por acaso, Tamae voltou mais cedo para casa e, ao encontrá-lo dormindo com essa mulher, agarrou os cabelos daquela que se deitava com seu filho e esbravejou palavras ríspidas, como fizera naquele passado distante com Tatsuko. Por medo da ameaçadora Tamae, a mulher não voltou outra vez, mas Sakuo atormentou a mãe dizendo que ela se separara do marido e que o pressionava para morarem juntos. Sakuo não gostava dessa mulher ao ponto de amá-la. Simplesmente a escolheu porque era cômodo estar com uma mulher que o alimentava. Ele fora criado por uma mãe excêntrica e não sabia o que era o verdadeiro amor. Desde cedo, exibia a natureza indolente de um velho, sempre esperando que uma mulher entregasse-lhe tudo de mão beijada para sustentar sua personalidade preguiçosa.

– Mãe, se você quer se separar de mim, pode ir em frente. Mas eu não posso fazer isso hoje. Preciso ir até a casa da Eiko perguntar a ela, não é tão simples assim.

Tamae começou a antecipar a liberdade que teria sozinha ao se separar de Sakuo. Também não seria mais preciso se encontrar secretamente com Tomita e pagar a cara conta do hotel. Ela queria tentar remodelar nem que fosse uma parte dos ares daquele quarto. A sujeira varrida da varanda formava uma montanha no apertado jardim. Um gato vira-lata frequentemente entrava no meio do lixo, esparramando-o. Na frente do apertado jardim, havia uma sebe de ciprestes-sawara seca, e foi por essa cerca quebrada que um ladrão entrou uma vez, fugindo com o único par de sapatos de Tamae. Por ser tão desleixada, fora proibida de utilizar a cozinha do proprietário. E dormira esses dois ou três dias por conta do resfriado. Talvez por causa de sua idade, não tinha energia para fazer nada e apenas dormia. Já era a época do Ano Novo, porém, este era o único lugar que não demonstrava o menor sinal disso e Tamae não pensava nem em comemorar com um mochi.

Ela planejava sair e, embora estivesse arrumada, sentiu-se envergonhada de usar os tamancos no caminho enlameado à cidade depois da chuva de ontem.

– Saku, não tem mesmo vontade de trabalhar?

Sakuo balançava os ombros e assobiava baixinho.

– Não quero trabalhar. Ninguém gosta disso. É um tédio viver desse jeito. Mas, é verdade, vou me sentir triste se não puder ficar ao lado de você ou da Eiko. É melhor do que não ter com quem brigar, né? – disse, deixando uma risada escapar.

– Se tem interesse pelo comércio paralelo, posso pedir para o Tomita. Quer tentar?

Sakuo continuou balançando os ombros e os joelhos por um tempo.

– Tentei vender canetas-tinteiro com o Sakurai em Shibuya, com a ajuda do irmão dele, mas não vendi nada e me senti ridículo. Não sirvo para vendedor, por isso, não vendi nada. Pedi para a Eiko e ela conseguiu vender seis, mas é claro que uma mulher bonita como ela conseguiria.

Tamae achou engraçado o descaramento de Sakuo ao se gabar de estar com uma mulher que considerava bonita.

– Ah é? Então a Eiko é bonita? O que aquela gordinha tem de bom? Ela não parece uma bolha?

– Para mim, ela é linda, então tudo bem. Ela tem a pele macia e linda, e o ventre lisinho.

– Você pensa assim porque ela é a sua primeira mulher.

– Então, quando você era jovem, não era tão bonita assim...

Boquiaberta, Tamae abriu a varanda. O tempo abrira. Havia esquentado tanto que uma névoa parecia dançar acima do escuro solo das plantações. As roupas de baixo vermelhas que Tamae havia pendurado no beiral para secar pendiam retorcidas como a casca de um caqui. Estavam levemente sujas, pois haviam sido deixadas ali há alguns dias.

Ao entardecer, Tamae e Sakuo saíram. Tamae seguiu na direção oposta de Sakuo, para Kichijōji. Saindo da rua larga do exército, pegou um atalho pelo parque para a Casa Yuki. Logo pediu para o servente ligar para a casa de Tomita, mas recebeu a resposta de que ele havia partido em uma viagem de trabalho há poucos dias e que não voltaria até o terceiro dia de janeiro. Como haviam combinado de se encontrar mais uma vez antes de acabar o ano na Casa Yuki, Tamae achou estranho e ligou ela mesma para o escritório de Kayabachō. A resposta de uma funcionária foi que Tomita não ia trabalhar há quatro ou cinco dias por conta de um resfriado. Ela não sabia em quem acreditar, mas sentiu uma raiva insuportável por isso acontecer justamente no final do ano. Então, foi até a casa de Tomita em Shimorenjaku e, até escurecer, ficou perto da esquina, observando quem saía do portão. Quando

uma jovem com roupa de trabalho saiu, Tamae perguntou com um tom de voz que se usaria em uma empresa:

– Eu vim da empresa em busca do Sr. Tomita. Ele se encontra?

– Ah, o chefe saiu de viagem. Ele foi a trabalho e volta apenas no segundo dia de janeiro.

– Nossa, e agora? Eu vim falar de uma tarefa urgente da empresa, mas, então, será que essa viagem não é, de fato, de negócios?

– Pois é. Que estranho. Espere um pouco, vou confirmar com a senhora – disse voltando em direção ao portão.

Tamae virou-se rapidamente e andou apressada para a estação pelo caminho que cheirava à água do pequeno rio turvo. E mudou de ideia quando desceu em Kōenji. Veio-lhe repentinamente à cabeça visitar a casa do Sr. Kamiyama e lá o encontrou à mesa de jantar com o rosto ainda corado do banho. Kamiyama bebia e comia ovas de arenque.

– Ei, senhora, quer? – ele ofereceu um copo.

A esposa de Kamiyama havia ido há pouco ao salão de beleza fazer um permanente e usava um penteado alto que parecia refrescar sua nuca.

– Não importa quando eu venha, aqui sempre há diversão. Que inveja. Você é feliz, hein, Atsuko?

Atsuko, a esposa de Kamiyama, estudou com Tamae na escola feminina em Taipei, mas elas ficaram próximas na época em que moraram em Kōenji depois da guerra. Kamiyama trabalhava em uma revista de economia em Marunouchi. Ele tentou ajudar Sakuo de algum jeito, mas acabou se espantando com a atitude extraordinariamente insolente dele e, depois, nunca mais disse que ajudaria o garoto. Atsuko sabia há muito tempo que a colega Tatsuko Ōkawa havia se suicidado por causa de Tamae e evitava se aproximar demais da obstinada amiga, mas também não conseguia ser fria ao ver a miséria dela à sua frente. A família de Atsuko a chamava de Imperatriz, porque ela era parecida com a Sua Majestade. Tamae já havia aceitado algumas taças servidas por Kamiyama.

– Tamae, você ainda não está velha, por que não se casou antes?

– Porque eu tenho um filho.

– Mas isso não importa, não é?

– É, mas a índole do meu filho é muito ruim. Ele está sempre cuidando do que eu faço para me destruir.

– Não diga uma coisa tão besta. É lógico que um filho quer a felicidade da mãe.

– É, mas comigo é diferente. Ele é perverso.

Tamae não queria voltar para sua casa escura e gelada. Ela só pensava em coisas boas quando sonhava acordada na cama, mas quando voltava à realidade, não havia nada de interessante em lugar algum. Quando uma jovem mulher andando alegremente com um homem se exibia, Tamae sentia uma inveja como se tivessem a mesma idade. Seja como for, ela já não tinha aquela juventude. Por que ela envelhecera e decaíra desse jeito? Nem mesmo ela entendia. Apenas sentia raiva por sua vida ter sido arruinada graças a Sakuo. Os pensamentos dos seres humanos são muito variados, mas, no fim, todos seguem apenas o caminho da avareza. Sentada diante da alegre mesa de jantar da casa dos Kamiyama, Tamae esperava, se tudo corresse bem, receber um convite do gentil casal para ficar para o jantar. Se voltasse para casa depois de jantar aqui, apenas chegaria e dormiria. Ainda assim, esta noite, ela sentia muita saudade de Tomita, quem acabara não encontrando. Talvez o relacionamento deles já tivesse acabado. Uma vez Tomita disse que o corpo dela estava esquelético. A pele de seu braço flácido não voltava rapidamente ao lugar depois de apertada com força e, por um instante, a pele beliscada ficava enrugada como uma borracha velha. Ela pensava em fortalecer seu corpo de algum jeito, mas logo os dias se tornavam preguiçosos, ocupados com as coisas da vida e as discussões com Sakuo. Ela jantou e deixou a casa dos Kamiyama por volta das 21 horas. O casal não a acompanhou até a porta, pois ela havia se convidado descaradamente. Tamae andou tranquilamente pelo longo caminho que cortava o bairro e continuava pela floresta de cedros. O vento frio da geada soprava cada vez mais forte e inúmeras pequenas estrelas brilhavam no céu limpo. Um homem alto seguia Tamae apressado. Tamae possuía alguma esperança. Fantasiava presunçosa com a possibilidade de ser parada. Andava calmamente, como se estivesse absorta em pensamentos. Ao chegar na frente do correio, o homem que a seguia subitamente passou para o seu lado, observou rapidamente seu rosto ao passarem embaixo de um poste de luz e continuou se afastando apressado. Era um homem jovem. Tamae se sentiu como se tivesse sido traída.

Ao chegar a casa, abriu a porta de vidro dos fundos e viu o fogareiro elétrico brilhando como um hitotsume-kozō em meio à escuridão. Sakuo estava enfiado no futon.

– É você, Saku?

– Sim.

– Por que você voltou?

– A Eiko disse que não podia hoje.

Ao ligar o interruptor da lâmpada, viu os olhos inchados de tanto chorar de Sakuo.

– Que perigo. É melhor colocar nem que seja uma chaleira no fogareiro.

– Mãe, tem um cigarro?

– Não tenho. Logo você querendo fumar? Você nem trabalha.

Com frio, Tamae tirou o sobretudo e enfiou-se do jeito que estava no fino futon deixado por arrumar.

– Na volta, passei na casa do Sakurai e ele me perguntou se eu não queria ir para Hokkaidō. Disse que tem vaga para trabalhar no escritório de uma mina de carvão. Também disse que tem uma residência para os empregados e que a divisão de mantimentos é boa.

– Mas que notícia boa. Você devia ir. E o seu currículo?

– É só eu inventar alguma coisa...

– Seu corpo deve se fortalecer se for para um lugar desses. Onde é que fica?

– Bihoro.

– Ah, com o frio que vai fazer, pode ser difícil para alguém com doença de pulmão.

– Você vai ficar feliz se eu for para lá, né? Vai se livrar deste problema aqui...

– Isso mesmo, você está absolutamente certo, Saku... Sua mãe vai ficar aliviada, porque é uma mulher horrível.

O barulho das peças de mahjong que vinha dos fundos irritava Tamae.

– Ir para Bihoro é o mesmo que morrer...

– Não é assim. Ao contrário, talvez seja melhor morar lá do que em Tóquio e, por favor, me chame se tiver uma boa oportunidade. Estou profundamente aborrecida com esta cidade.

O carro do corpo dos bombeiros, que vinha do outro lado de uma plantação, uivava sua sirene fazendo "uuuuuh" e o chão tremia com sua passagem.

– Hein, meu filho.

– Que foi?

– Estou muito sozinha. Você não entende a solidão de sua mãe, mas hoje eu fiquei muito aborrecida. Sou uma mulher determinada, então passei por muitas dificuldades, mas não gosto mais de viver... Estou ficando cada vez mais desprezível e não tenho a energia de antigamente. Você é um homem, então entende como os homens se sentem, Saku, e os homens não têm coração.

– Finalmente percebeu isso?

– Ah, percebi. Será que homens e mulheres só ficam juntos quando jovens? Será que é isso? Seu pai o abandonou e foi para onde queria ir. Ele se apaixona fácil por mulheres e é irresponsável, estou profundamente infeliz com a humanidade.

– Se tiver dinheiro, está tudo bem. Deus fez os humanos inventarem essa maravilha. Qualquer problema se resolve com dinheiro. A Eiko disse que se separaria do marido agora mesmo se ela tivesse dinheiro.

Tamae espalmou os dedos como um leque e examinou atentamente as unhas pintadas de vermelho. As mãos com pequenas rugas levemente sujas eram uma imagem que ela não mostraria para homem nenhum.

– Eu não sei se você é, de fato, bom ou ruim, Saku.

– Eu sou ruim.

– Não é bem assim. Você só tem vinte e dois anos e não acumulou muitas experiências negativas. Não quer nem enganar uma jovenzinha rica?

– Bem, eu odeio jovenzinhas.

– Você acha isso porque ainda não esteve com uma.

– Como você é malvada.

– Sou mesmo.

Tamae sentia que não importava qual era o mal que ela havia feito. Agora, depois de uma década, não tinha mais energias para esse tipo de coisa. Ela sentia que as pessoas ainda se perdiam em suas morais hipócritas. Dentro dessa hipocrisia, os seres humanos lutavam com a ferocidade de um leão para obter os engodos: controle, poder e riquezas. Nessa força para lutar pela vida desses seres humanos, há paz e harmonia que se esvaem como vapor. Há risadas. Mas não havia nenhuma esperança para Tamae e seu filho neste momento. Nem mesmo uma relação entre mãe e filho.

– Você quer ir?

Sakuo nem respondeu. Ele observava o teto em silêncio. Tamae tentou pensar até quando dormira ao lado do filho. Ela não tocava na pele de Sakuo

desde que ele tinha seis anos. Sakuo sempre dormira sozinho e sem reclamar. Ele não conhecia a felicidade comum, mas também não conhecia as boas maneiras básicas. Ela também nunca levou Sakuo a um passeio. Por causa disso, com 16 ou 17 anos, ele mostrou precocemente indícios de se divertir com o próprio corpo. Tamae fingia ignorância, porque os humanos que não tinham nada com o que se divertir, acabavam assim naturalmente. Esta noite também, Tamae sequer perguntou onde Sakuo havia jantado.

Depois de dois dias, Sakuo realmente começou os preparativos para ir para Hokkaidō. Ele recebeu 3 mil ienes de Eiko, como um presente de despedida pela separação dos dois.

– Quando você vai?

– No trem noturno do dia 30. Vou com o Sakurai. Não vou mais voltar.

– Sim, fique bem também...

Pela primeira vez, Tamae foi tomada pelas lágrimas. Não chorava porque queria impedi-lo, pois foi tomada por lágrimas genuínas, que vinham do fundo do coração de, até mesmo, uma pessoa como ela.

Na noite da partida, eles andaram pelo bairro de Ginza, movimentado com o fim de ano.

– As mulheres são tão lindas.

– Tem muita mulher bonita em Hokkaidō.

– As mulheres da capital são boas. Por isso, todas devem conseguir seu homem, né?

Tamae e Sakuo andavam lado a lado e conversavam como se fossem bons amigos.

– Já deve estar fazendo frio de nevar, né?

– Só vou saber indo ver. Mesmo assim, aposto que tem um fogão de carvão, deve ser uma maravilha.

– Eu nasci em Taiwan e não conheço frio além do de Tóquio, mas não é romântico estar em um lugar onde neva bastante?

– Romântico? Você não pensaria assim morando lá... O que você vai fazer agora, mãe?

– Vou continuar envelhecendo cada vez mais. Não dá para voltar a ser como era antes. Sofro de asma durante os longos invernos, então posso acabar indo de vez, inesperadamente.

Sakuo comprou duas caixas de cigarro Hikari em uma tabacaria e colocou uma nas mãos de Tamae.

– Você não consegue mais arranjar um homem, né?

– Não mesmo. Já é impossível, não posso mais gerar frutos. Você ainda tem tempo?

Sakuo espiou o relógio dentro de uma loja de acessórios ocidentais.

– Não tem problema. Ainda tenho duas horas.

– Tudo bem se eu não o acompanhar?

– Ah, é melhor assim. A Eiko vem se despedir de mim, então é melhor assim.

– Você não se despediu da Eiko?

– Sim, fui hoje de manhã. Combinamos que ela vai me esperar naquela Colombin.

Tamae parou em cima dos tamancos. Ela não queria ver a Eiko. De repente, diversos pensamentos correram para seu peito.

– Hein, se, por acaso, acontecer algo comigo, não precisa voltar... Eu sou assim, pode ser que eu até queira morrer. Mesmo assim, você não precisa voltar, Saku.

Sakuo concordou com o queixo. Mesmo sendo seu filho, para Tamae, ele parecia miserável usando uma boina empoeirada e carcomida. Ela pensou que pelo menos era bom para Sakuo ter uma mulher de quem se despedir em Tóquio, mesmo que fosse casada, e segurou a mão dele. Ao contrário do que ela esperava, Sakuo segurou a mão de Tamae sem força e logo a soltou.

– Não vamos nos encontrar por um tempo, mas se cuide. Eu não sou uma boa correspondente, então não vou mandar cartas.

Na frente de uma cafeteria cujo cheiro de café permeava a rua ladeada de árvores, com seu embrulho dependurado como estava, Sakuo desapareceu rapidamente na escuridão. Tamae virou-se poucas vezes, mas logo perdeu de vista as costas dele no meio da névoa noturna.

Agora completamente sozinha, respirou profundamente e endireitou os ombros. O movimento de pedestres no fim de ano era grande até nas ruas traseiras. A loja com salmões prateados dependurados sob uma luz azul e os manequins exibindo ambas as mãos sobre um veludo preto não chegavam aos seus olhos vagos. Ela sentiu como se a cidade no fim de ano não tivesse mudado nada de antigamente. Sem nenhum motivo em particular, Tamae pensou em si mesma dando seu último suspiro em algum lugar daquela cidade

violenta. Apenas assim teria um momento final de sua juventude. Veio-lhe à mente que sua vida tinha sido apagada, como uma vela é apagada pelo vento. Uma jovem com o cabelo arrumado tradicionalmente e duas ou três crianças brincavam de peteca em algazarra naquela noite de dezembro. A peteca desaparecia e voltava a aparecer brilhando à luz da lâmpada. Ao sair à rua de Yonchōme, Tamae ouviu a voz de uma funcionária perguntando às pessoas que se amontoavam na frente da confeitaria Morinaga:

– Sim, este é aquele Morinaga Velvet de antigamente. Gostariam de levar um pacote?

Ao ouvir isso, ela pegou rapidamente um cintilante embrulho de celofane por entre a multidão e colocou-o no bolso. Sentiu um prazer extraordinário. Em uma loja de cerâmicas, misturou-se à multidão e furtou um belo pote para shoyu no estilo kutani. Gostava mais do peso que faziam em seu bolso que de não ter sido descoberta por ninguém. Sentiu-se como se andasse mascarada. De repente, percebeu que viver também podia ser divertido. Como se tivesse rejuvenescido repentinamente por ter se separado de seu filho e se tornado livre, Tamae pegou um doce do saco de celofane e o colocou na boca, seguindo pela penumbra de Sukiyabashi. A melodia de uma doce canção da moda soava de um anúncio. O atarefado letreiro eletrônico do Jornal Asahi corria para a direita brilhando ao céu os dizeres: “dissolução da dieta”.

# O BEIJO DA MORTE

**LAURA WITHROW**

**O TEXTO:** O conto "O beijo da morte" ("The Kiss of Death"), de Laura Withrow, integra a edição dedicada à literatura gótica de fevereiro de 1940 da *Famous Fantastic Mysteries*, importante *pulp magazine* (1939-1953) norte-americana que publicou muitos autores de horror sobrenatural, ficção científica e fantasia. O conto de horror, escrito em primeira pessoa, narra a história de uma mulher que, ao enviuvar, sente que finalmente conquistou a liberdade, ou não?

**Texto traduzido:** Withrow, Laura. "The Kiss of Death". *Famous Fantastic Mysteries*, vol. 1, no. 5, pp. 111-115, February 1940.

**A AUTORA:** Laura Withrow publicou contos e poemas em *pulp magazines* entre 1910 e 1940. Entretanto, sua biografia é inexistente.

**AS TRADUTORAS:** Juliana Gomes é graduada em Letras – Tradução Inglês/Português pela UFPel.

Beatriz Viégas-Faria, doutora em Linguística e Letras (PUCRS), é professora na UFPel e membro da International Association of Translation and Intercultural Studies (IATIS) e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT). Para a (n.t.) traduziu Kate Chopin.

# The Kiss of Death

*"Now I was alone with the dead; my dead."*

LAURA WITHROW

I am happy this morning. Not even when I was a care-free child did the blood pulse so gaily through my veins.

My heart is beating time to music in my soul that is as joyous as are the songs of birds; music that sings one triumphant refrain:

*"It is over. You are free. You are FREE!"*

While every nerve and fibre of my being is thrilling with that exultant, welcome song, Nature herself gives a token she understands and is rejoicing with me.

That crimson and gold radiance, widening and deepening – the dividing line between night and day, tells me in the Great Mother's mystic, silent language that happiness is to come. That rainbow splendor, brightening the dull, gray earth, is an omen of joy, of love and peace.

I believe in omens.

Had I heeded Nature's warnings, I would never have been his wife; but let that pass. Those strange, sad bitter days are over and must be forgotten. I turn now to the future that waits, rich with promise.

Before permitting mind and heart to run riot along the golden pathway I will tread, I must see him under the grassy earth on the hillsides, and over him a marble shaft, its presence a reminder that the past is dead; its white finger pointing heavenward, as a suggestion of the life and joy to come.

As I close the door on all that should not have been; that might have been so different, I will wear black of the most somber dye, so that the world may see how I am sorrowing for my husband.

I will hide my Great Secret, just as I hid my fierce heartaches from its impertinent gaze. One bares the heart only to those who understand – through love.

They, his own people, in the hour after It was over, found me wearing a filmy white gown, redolent with the perfume of dead years. I wore it last in my girlhood days. The fancy occurred to me that by putting it on I might blot out the unhappy married life between the Then and Now, and be a girl again.

My black robes lay in a neglected heap on the floor, and in my shimmering draperies I was pacing restlessly up and down the room, eyes and mind and heart wandering in the Land of Happy Dreams.

Sadly they watched me, and tried to speak words of consolation. At last I persuaded them to go away, and then I turned the key. When alone I waved my white arms with glee, and laughed – softly, lest they hear. It was such a relief to be free, after those years of bondage! I laughed and cried in one breath for joy.

Then, wearing that fleecy robe, and pinning a bunch of red roses at my breast, symbol of the new life pulsing within me, I studied myself in the mirror to see whether the inner woman, the soul of me, had thrown off the shackles.

The transformation was weird and wonderful. It was as if you had taken a delicate brush and painted out the lines of grief and care left by the sun on the daguerreotype of a woman who had known years of pain and sorrow.

In that hour of freedom my features softened. The burden fell from me. The roses of youth bloomed in my cheeks. The light of youth shone now in my eyes. I smiled back at the radiant vision and promised it life's best gifts – peace, contentment, love.

When, decorously clad in deepest black, I passed the portal of my doorway, I dared not let them look into my eyes, fearing the triumphant light I knew was there, would betray me, and tell the heart's truth – that I was happy. Never before had I known such happiness because he was lying down there in the dark drawing room, dead to earth's voices evermore.

I am free, free!

I could chant the words until they would ring far above the harsh roll of the sea, and the shrill voices of the winds...

Yet in the first hours after he passed on there were fear-haunted moments. I found myself listening for footsteps – *his* footsteps, and an icy hand clutched my heart. It seemed as if he were living, and in another instant would be by my side, the old, mocking, sneering smile in his eyes and on his lips. That was only yesterday, though if I count time by heart-throbs, it was years ago.

To drive away his spirit, if it were lingering in the old, familiar places, I asked them to leave me. I would spend the last night alone with my husband.

With eyes speaking sympathy, and imploring me to be brave and calm, they slipped away, and left me among the shadows.

Now I was alone with the dead; my dead.

It was such a new and delicious experience to be beyond his power. Long I studied the white face. Death had been kind. The spirit had taken with it the evil that fast was molding the helpless clay. I was shown the man my husband was meant to be, the man he might have been.

The sneer was gone from the curved lips which told Love's tale. The hard lines had faded from the face. With the frown gone that had become habitual in life, nobleness sat on the broad, highbrow. It was a weird metamorphosis. He was younger, and was again the lover, now that he belonged to Death.

But this change did not make me sorry. It only steeled my heart still more against him. It showed at this late day all he might have been to me.

With folded arms I walked around the still figure, watching it and thinking of the girlhood hopes and dreams of happiness, which one by one he trampled under ruthless, cruel feet, with mocking laughter for my youth and inexperience; for my fantasies, my castles in the air. The wasted years and my darkened life, all his work, confronted me.

Suddenly I felt that he was near. My heart stood still, but not with fear; repulsion, rather. It was as if he could put out his hand and touch me, and I felt the old horror at the mere thought of physical contact.

Then it occurred to me that even with the added power death gives the spirit, he might not know I had conquered. He might not understand that I had sent his soul away, and thus freed myself from that unholy bondage.

I wanted him to know. To tell him would be my revenge for all that I had suffered. His death was retribution, but this would be revenge! Now was my

chance. With the empty shell between us I would tell him. I knew that he was hovering over the white face watching me, so I stood at the feet and faced him. And in my eyes was the triumphant joy that was singing in my heart.

"You are dead, dead, dead," I chanted to that spirit creature.

"Do you know what that means? You are *There* and I am *Here*. The barrier between us you may never pass. You are not my husband. I will bury that which lies between us now, with the pomp and circumstance due the man I married. Then I will forget you; or, if I remember, it will be with exultant joy, because you have passed to your own place, and I am in my own. Oh, I am so happy!"

Suddenly there were queer, rustling noises around me, as of swinging draperies, and an icy blast struck me full in the face. I became cold from head to feet, just as when he was alive and near. Then I was certain he heard and understood, and I laughed mockingly.

"But that is not all I want to tell you," I continued, in low, measured bell-like tones, that vibrated strangely in the still room; tones that had in them the echo of music, but the finality of death itself.

"*I* did it. *I* killed your earth life and sent you wandering on your dark way. Do you hear? *I*, your wife, the woman you thought you owned, body and soul and spirit!

"Do you not recollect, I told you more than once when you were cruel that I would kill you some time? And you answered me sneeringly, reminding me of my forgiving spirit,

"You knew me too well to fear such a threat. I wanted to do right. I would be sorry for my wicked words when my anger had passed away.

"Then you, whose every act was a mockery of all things holy, would quote Scripture, applicable to me, as an unruly wife. You were so sure of me. Do you remember?

"You were right. I was not dangerous in my stormy moods. My anger was too fleeting. But those gusts of passion were the beginning of the end.

"Each day my heart became harder and colder until it was ice and iron; until the only living thing within me was my hatred of *you*, my husband.

"Always you would have me near you, and I felt as if life itself was ebbing from me in a steady stream of hate, and loathing, and resentment wide enough to sweep you from my sight.

“Yet I was treating you pleasantly, kindly, trying to make both you and the world believe I loved you. For I would not admit I had failed to find happiness.

“Next came the quiet hours when I thought the situation over calmly, and decided you must die. I had borne you as my cross for weary years, trying to make a nobler man of you, and failed. You were so certain you were perfect that you were hopeless. I could do no more.

“It was either your death or mine; that was clear to me. My death would not help you. You would be no better, no nobler with the years; no readier to die, if I passed on and let you live.

“So I decided you must go, even though it was into the darkness, and give me freedom, happiness.

“My decision formed, I delved deeper into those old books on magic, the books you so abhorred, until I mastered their secret.

“It confirmed my belief.

“I could send you from earth if I concentrated the hatred you had bred in my soul, and turned the deadly current on you.

“Coolly, calmly, with inscrutable eyes, I began my task,

“While smiling in your face, listening without a murmur to your jeering, mocking words, I concentrated all the strength of my soul, and sent forth against you magnetic waves that vibrated with hate and bitterness. Always they whispered ‘*death*’, and your robust health began to fail. When you consulted a physician about your strange symptoms, you, who never had been ill, joy winged my feet. The hatred you had bred in my soul was stronger than you. I would be free!

“The doctor did not understand your case, and could do nothing for you. In all his experience he had never known a parallel.

“Physically perfect, without a care; contented in your home, and prosperous in your profession; yet you were racked with pain, grew weaker, thinner, paler.

“How you clung to me, begging me to save your life, and asking my forgiveness daily for all your past unkindness!

“You did not intend to hurt me. Oh, no! You were only jesting. You had been harsh, sometimes, because you loved me. On account of your love you

expected more of me than of other women; for you loved me tenderly. You blamed me, because you wanted me to be perfect.

"I listened as the sphinx might, while I bathed your aching head. It was too late for the best of excuses. Your words only hastened the end; for they were false as the mirage in the desert, inspired by the fear of death, and the desire to get full service from me – love and care.

"It was so characteristic of you! Never once did you think of me; self was always first. You were consistent to the end.

"Outwardly I was the devoted wife. As always in our married years, I gave you the creature comforts – kindness, too; even that which looked like love. I could afford to be magnanimous.

"Every day you thought the change for the better was at hand – tomorrow you would begin to mend; but each rising sun found you weaker; as I knew it would. Ever that subtle fluid was weakening your life forces, for my singular power became stronger daily.

"You would ask me to take you in my arms and kiss you. Do you remember?

"This was the hardest ordeal of my day – to touch you as would one who loved you. It gave the lie to all that was holiest and best within me, and yet it helped me to success.

"I knew that when the end came it would be when I had to kiss you. All the hatred and loathing and repulsion in me passed then from my soul to yours.

"Sometimes you would faint when your lips touched mine, and the watchers would whisper it was because of your great love for me. They could not read our souls.

"The doctor admitted defeat, and advised me to be brave; the end was coming swiftly. I knew it.

"You wanted a kiss. You would sleep. but first I must say good night.

"I knew you would sleep – soundly, too; and I asked if you were ready should death come.

"Your dull eyes, from which life's bright ness had faded, flashed with the old, wicked, jealous, suspicious light. You rallied and flung back bitterly:

"You need not flatter yourself that I will die. You will never have an opportunity to marry another. I shall live to bury you.' Those were your last words.

"I smiled, and then – I took you in my arms. Holding you close to my heart, I kissed you tenderly, once – twice –

"The fountain of my own life stood still in that moment of supreme effort. For an instant I thought my soul was going, too!

"Then with startled eyes, as if in thar comprehensive, last glance which swept this world and another, you saw the Unknown in awful guise, spirit and body parted company. I was free!

"Oh, yes, I shed tears, hysterical tears; but they were tears of joy, not sorrow. No one understood, and so they pitied me – the widow. Yet I was delirious with happiness.

"Had I gone from you, and let you live, I would have feared you, though half the world lay between us. Always I would have expected to turn and find you by my side. Now I can defy and mock you; for I do not fear the dead.

"Oh, I am happy!

"I have my freedom, and Love is waiting somewhere down the way; the love that glorifies a woman's life. Even now, from afar, I feel the presence of the One who will be all to me that you were not.

"Earth could not hold both him and you."

As I spoke those words to that spirit creature, two malignant eyes stared at me out of space. They were *his* eyes, seemingly suspended in the air over that still figure stretched between us. But such eyes!

They were larger than in life, and stared at me with the expression of one who had faced unnamable horrors. There was that in them I could not fathom. I had seen them reveal evil passions in life; but now the wickedness of a myriad of worlds blazed in their depths. It was as if they had lived all of evil known in all the shining spheres, and were eager, though powerless, to put it into words. There was in those eyes, too, the hopelessness of the lost souls in the Halls of Darkness.

Slowly, slowly, they came toward me, staring into my eyes, burning into my soul their awful message.

They were Death personified; Death come for me!

Instinctively I knew that if shaken with one quiver of fear, I, too, would cross the line to my home-land.

In this crucial moment I faced him serene, smiling, unafraid.

He could not claim my soul. Our paths had parted, never again to touch in any world. Suddenly he, too, knew.

As he realized the truth, and his helplessness, he who had tried to take me with him, a wild, hopeless, bitter cry wailed up and down the room, coming from everywhere at once, and died away like the moans of a sobbing child.

Again an icy blast struck me. Then followed stillness, a strange sense of isolation. Voice and wind and eyes were gone.

He knew all. He knew that he was conquered. He had fled.

I was alone. I was free!...

Free?...

# O BEIJO DA MORTE

*"Agora eu estava sozinha com o morto; o meu morto."*

LAURA WITHROW

Estou feliz nesta manhã. Meu sangue não pulsava com tanta intensidade nas veias nem mesmo quando eu era uma criança sem a mínima preocupação na vida.

Meu coração bate no compasso da música de minha alma, tão agradável quanto o canto dos pássaros; música que traz um refrão triunfante:

*"Acabou. Você está livre. Você está LIVRE!"*

Enquanto cada nervo e fibra de meu ser regozija com essa exultante canção de boas-vindas, a própria Natureza manda um sinal de que entende e fica feliz por mim.

Esse brilho carmesim e dourado, em cores cada vez mais largas e mais profundas – a linha divisória entre noite e dia –, me diz na linguagem mística e silente da Grande Mãe que a felicidade está por vir. Esse esplendor de arco-íris, iluminando a terra cinzenta e sem graça, é um presságio de alegria, de amor e paz.

Eu acredito em presságios.

Se eu tivesse prestado atenção aos avisos da Natureza, eu nunca teria sido esposa deste homem; mas podemos deixar isso para lá. Esses dias estranhos, tristes e mordazes acabaram e devem ser esquecidos. Eu agora me volto para o futuro que me espera, cheio de promessas.

Antes de permitir mente e coração de se alvorotarem com o caminho dourado que estou prestes a trilhar, preciso ver este homem debaixo da terra das colinas verdejantes e, em cima dele, uma flecha de mármore, cuja pre-

sença é um lembrete de que o passado está morto; com a ponta branca apontando para o céu, como um indício de vida e alegria futuras.

Quando eu fechar a porta para tudo que não devia e podia ter sido tão diferente, usarei o tom mais sombrio de preto, para o mundo ver como estou triste pela morte de meu esposo.

Vou esconder o meu Grande Segredo, assim como escondi as dores que ardiam no meu peito – advindas do olhar irrelevante desse segredo. Só desnudamos o coração para quem entende – por meio do amor.

Eles, os parentes de meu esposo, logo depois que tudo acabou, me encontraram usando um vestido branco, translúcido, cheirando a perfume de anos mortos. Usei esse vestido pela última vez quando era menina. Imaginei que, colocando-o, eu poderia apagar a vida infeliz de casada entre o Então e o Agora, e ser uma criança de novo.

Minhas vestes pretas estavam em uma pilha, atiradas no chão, e eu estava andando inquieta de um lado a outro na sala, com a saia rodada e cintilante de meu vestido. Olhos, mente e coração vagando na Terra dos Sonhos Felizes.

Com tristeza, me observaram e tentaram, com palavras, me consolar. Por fim, os convenci a ir embora e então chaveei a porta. Quando fiquei só, acenei com meus braços pálidos com júbilo e ri baixinho, para não me ouvirem. Depois daqueles anos em cativeiro, foi um alívio tão grande ser livre! Eu ri e chorei em um sopro de alegria.

Então, usando essas vestes macias de inverno e prendendo um monte de rosas vermelhas em meu peito, como se fossem um broche, símbolo da nova vida pulsando dentro de mim, fiquei me analisando no espelho para ver se a mulher interior, a alma dentro de mim, tinha jogado fora as algemas.

A transformação foi estranha e maravilhosa. Era como se você tivesse pegado um pincel bem fininho e pintado por cima das rugas de tristeza e cautela deixadas pelo sol no daguerreótipo de uma mulher que conhecia anos e anos de dor e sofrimento.

Naquele momento de liberdade, meus traços suavizaram. Eu não carregava mais aquele fardo. As rosas da juventude floresceram em minha face. A luz da juventude brilhou agora em meu olhar. Sorri para a radiante visão de mim e prometi a ela os melhores presentes da vida – paz, contentamento e amor.

Quando me vesti da forma mais recatada, toda de preto, saí pela porta e ousei não deixar ninguém me olhar nos olhos, temendo a luz triunfante que, eu sabia estar ali, me trairia e revelaria a verdade de meu coração – que eu

estava feliz. Eu nem sabia que era possível sentir tanta felicidade, pois ele estava lá embaixo, deitado na sala de visitas escura, morto e surdo às vozes mundanas para todo o sempre.

Estou livre, livre!

Eu poderia entoar essas palavras até que elas soassem mais forte que a rebentação das ondas no mar e que as vozes estridentes das ventanias...

No entanto, nas primeiras horas depois dele ter falecido, houve momentos assombrados pelo medo. Eu me vi esperando pelo barulho de passos – os passos dele, e um frio gelado apoderou-se de meu coração. Era como se estivesse vivo e, no momento seguinte, ao meu lado, com o sorriso de sempre estampado nos olhos e nos lábios, sarcástico e debochado. Foi justamente ontem que isso aconteceu, mas se eu contar o tempo com base nas batidas de meu coração, foi anos atrás.

Para afastar a alma dele, se ela estivesse pairando nos lugares conhecidos de sempre, pedi para me deixarem sozinha. Eu passaria a última noite a sós com meu esposo.

Com olhares de solidariedade e me implorando para eu ser corajosa e ficar calma, aquelas pessoas foram embora se esgueirando, e me deixaram no meio das sombras.

Agora eu estava sozinha com o morto; o meu morto.

Estar fora do alcance do poder dele era uma experiência tão nova e tão prazerosa! Por um bom tempo examinei aquele rosto pálido. A morte tinha sido gentil. A alma havia levado consigo a maldade que rapidamente estava moldando o barro indefeso. A mim me foi apresentado o homem que meu esposo deveria ter sido, o homem que ele poderia ter sido.

O desprezo se foi dos lábios curvos que contava a fábula do Amor. As duras linhas de expressão se esvaneceram do rosto. Com o desaparecimento da expressão franzida que lhe era comum enquanto vivo, seu semblante adquiriu um ar de nobreza. Era uma metamorfose estranha. Ele estava mais jovem, de novo um apaixonado, agora que pertencia à Morte.

Mas essa mudança não me fez ter pena, só fez meu coração endurecer e ficar ainda mais contra este homem. Essa mudança só me mostrou, depois de tanto tempo, tudo que ele poderia ter sido para mim.

De braços cruzados, andei em volta de sua figura imóvel, observando-a e pensando nas esperanças e sonhos de menina, que um a um ele pisoteou cruel e brutalmente, rindo e debochando de minha juventude e inexperiência, de

minhas fantasias e devaneios. Eu me vi confrontada com anos perdidos e minha vida sombria, com tudo que ele fez comigo.

De repente, senti que ele estava perto. Meu coração parou, mas não com medo; com repulsa. Era como se ele pudesse estender a mão e me tocar, e eu senti o pavor de sempre com o mero pensamento de contato físico.

Então me ocorreu que, mesmo com o poder que a morte dá a mais ao espírito, meu esposo pode não saber que eu tinha vencido. Ele pode não entender que eu tinha mandado sua alma embora e assim me libertado daquele cativeiro desumano.

Queria que ele soubesse. Dizer a ele seria a minha vingança por tudo que eu sofri – ele ter morrido foi retaliação, mas isso seria vingança! Agora era a minha oportunidade. Com essa casca vazia entre nós, eu contaria a ele. Eu sabia que ele estava pairando acima daquele rosto branco, me observando, então eu me coloquei aos pés dele e o encarei. E o meu olhar era de alegria triunfante que cantava em meu coração.

"Você está morto, morto, morto", entoei para a criatura daquele espírito.

"Sabe o que isso significa? Significa que você está *Aí* e eu estou *Aqui.* Nunca poderá ultrapassar a barreira entre nós. Você não é meu esposo. Vou enterrar o que se apresenta entre nós agora, com a pompa e a circunstância devidas ao homem com quem me casei. E então, vou me esquecer de você; ou, se eu lembrar, será com uma alegria exultante, porque você passou para o seu lugar e eu estou no meu. Ah, estou tão feliz!"

De repente, havia barulhos estranhos, murmurados, ao meu redor, como de cortinas balançando com o vento, e um ar gelado explodiu em meu rosto. Senti o frio dos pés à cabeça, assim como quando ele estava vivo e perto de mim. Então tive certeza de que ele ouviu e entendeu, e eu ri com deboche.

"Mas não é só isso que eu tenho para dizer", continuei, controlando o tom baixo de minha voz, que vibrava de um jeito estranho no silêncio da sala, tom este que trazia em si não um eco melodioso, mas sim o desfecho da própria morte.

"*Eu* consegui. *Matei* a sua vida terrena e mandei você ficar vagando em seu caminho sombrio. Está me ouvindo? Eu, sua esposa, a mulher que você possuía de corpo, alma e espírito!"

"Não se recorda? Eu disse mais de uma vez, quando estava sendo cruel comigo, que um dia eu ia acabar matando você. E você me respondeu com sarcasmo, me lembrando de que perdoar fazia parte de mim."

“Você me conhecia muito bem para temer tal ameaça. Eu queria fazer direitinho. Eu ia me arrepender das minhas palavras perversas quando a raiva tivesse passado.”

“Então você, que tudo o que fazia era debochar das coisas sagradas, me citava as Escrituras, como se eu fosse uma esposa indisciplinada. Você era tão confiante em relação a mim. Lembra?”

“Você estava certo. Eu não apresentava perigo quando irritada. Minha raiva era muito efêmera. Mas aqueles lampejos de ira foram o começo do fim.”

“A cada dia meu coração ficava mais duro e frio até virar ferro e gelo; até que a única coisa viva dentro de mim fosse meu ódio por *você*, meu esposo.”

“Você me queria sempre por perto, e eu sentia como se a vida estivesse escoando de mim em um fluxo constante de ódio, aversão e ressentimento, amplo o suficiente para varrer você de vista.”

“Ainda assim, eu tratava você bem, com gentileza, tentando fazer com que você e o mundo acreditassem que eu o amava. Pois eu não conseguia admitir que havia falhado em ser feliz.”

“Depois vieram as horas tranquilas em que pensei sobre a situação com calma e decidi: você precisava morrer. Eu tinha carregado você como minha cruz por exaustivos anos, tentando fazer de você um homem mais nobre; e falhei. Você tinha tanta certeza de que era perfeito que, por isso mesmo, era irremediável. Eu não conseguiria fazer mais nada.”

“Era a sua morte ou a minha; isso ficou claro para mim. A minha morte não iria ajudá-lo em nada. Você não se tornaria melhor nem mais nobre com o passar dos anos; nem estaria mais preparado para a morte se eu morresse e deixasse você viver.”

“Então resolvi: você precisava partir, mesmo que fosse para a escuridão, e me dar liberdade, felicidade.”

“Depois que tomei essa decisão, fui me aprofundar naqueles livros antigos sobre magia, os livros que você tanto abominava, até dominar os segredos que continham.”

“Isso confirmou minha crença.”

“Eu poderia mandá-lo embora da Terra se concentrasse todo o ódio que você fez nascer em minha alma e redirecionasse a corrente fatal para você.”

“Com calma, com frieza e olhar inescrutável, comecei minha tarefa.”

“Enquanto sorria na sua frente, ouvindo sem dar um pio suas palavras sarcásticas e debochadas, concentrei toda a força de minha alma e mandei ondas magnéticas contra você que vibravam com ódio e mordacidade. Elas sempre sussurraram ‘*morte*’, e a sua saúde admirável começou a falhar. Quando você, que nunca ficava doente, consultou um médico sobre seus estranhos sintomas, me senti pisando nas nuvens. O ódio que você fez nascer em minha alma era mais forte do que você. Eu seria livre!

“O médico não entendeu o seu caso e não podia fazer nada por você. Em toda a carreira dele, nunca tinha visto algo parecido.”

“Fisicamente perfeito, livre de preocupações; satisfeito em casa e próspero na profissão; no entanto, você foi atormentado pelas dores, ficando cada vez mais fraco, mais magro, mais pálido.”

“Como você se agarrou a mim, implorando para que eu salvasse sua vida e pedindo meu perdão diariamente por todas as maldades cometidas!”

“Não era sua intenção me machucar. Não... Só estava brincando. Às vezes, você era rigoroso; porque me amava! Por causa de seu amor, você esperava mais de mim que de outras mulheres; pois você me amava com tanta ternura. Você pôs a culpa em mim: porque queria que eu fosse perfeita.”

“Eu ouvia como a esfinge teria ouvido, enquanto banhava sua cabeça dolorida. Era tarde demais para as melhores das desculpas. Suas palavras apenas apressaram o fim; pois eram falsas como uma miragem no deserto, inspiradas pelo medo da morte e pelo desejo que você ganhasse serviço completo de mim – amor e carinho.”

“Foi tão característico de você! Nem uma vez pensou em mim; o seu eu sempre vinha primeiro. Você foi consistente até o fim.”

“Para todos os efeitos, eu era a esposa devota. Como sempre em nossos anos de casado, eu dei para você os confortos de um ser humano – gentileza também; até mesmo o que parecia ser amor. Podia me dar ao luxo de ser magnânima.”

“Todos os dias você pensava que a mudança para melhor estava a um passo e começaria a se curar; mas cada nascer do sol encontrava você mais fraco; como eu sabia que seria. Aquele fluido sutil enfraquecia suas forças vitais porque meu singular poder se tornava mais forte, dia após dia.”

“Você me pedia para abraçá-lo e beijá-lo. Não se lembra?”

“Essa foi a provação mais difícil de minha vida – tocá-lo como faria alguém que o amasse. Aquilo entregou a mentira para tudo o que era mais

sagrado e melhor dentro de mim, e, no entanto, me ajudou a conseguir o que eu queria."

"Eu sabia que, quando o fim chegasse, haveria o momento de beijá-lo. Todo o ódio, aversão e repulsa em mim passariam então da minha alma para a sua."

"Às vezes, você desmaiava quando seus lábios tocavam nos meus, e as pessoas ao redor sussurravam que era por causa de seu grande amor por mim. Elas não podiam ler nossas almas."

"O médico aceitou a derrota e me aconselhou a ser corajosa; o fim estava chegando rápido. Eu já sabia."

"Você queria um beijo. Ia dormir. Mas primeiro eu devia dar boa noite."

"Eu sabia que você ia dormir – um sono profundo; perguntei se estava pronto, caso a morte viesse."

"Em seu olhar embaçado, que perdera o brilho da vida, brilhou a luz perversa, ciumenta e desconfiada de sempre. Você se recompôs e me retrucou com mordacidade:

'Você não precisa se lisonjear por eu morrer. Nunca terá a oportunidade de se casar com outro. Vou viver para enterrá-la'. Essas foram as suas últimas palavras."

"Eu sorri, e então o abracei. Segurando você perto de meu coração, o beijei com ternura uma, duas vezes".

"A fonte de minha própria vida ficou parada naquele momento de esforço supremo. Por um instante eu pensei que minha alma estava partindo também!"

"Então, com o olhar assustado, como se naquele último olhar de entendimento do que ocorria, olhar que abarcava este mundo e o outro, você viu o Desconhecido em horripilante aparência, e espírito e corpo se separaram. Eu estava livre!"

"Ah, sim, derramei lágrimas, lágrimas histéricas; mas eram lágrimas de alegria, não de tristeza. Ninguém entendeu, e então eles sentiram pena de mim – a viúva. No entanto, eu estava delirando de felicidade."

"Tivesse eu me separado de você e o deixado viver, eu teria continuado com medo de você, muito embora o universo estivesse entre nós. Eu estaria sempre esperando me virar e encontrá-lo ao meu lado. Agora eu posso desafiá-lo e rir de você; pois não temo os mortos."

"Ah, estou tão feliz!"

“Eu tenho minha liberdade, e o Amor está esperando em algum lugar do caminho; o amor que glorifica a vida de uma mulher. Mesmo agora, de longe, sinto a presença d’Aquele que será para mim tudo que você não foi.”

“A Terra não poderia ter ele e você ao mesmo tempo.”

Enquanto eu falava essas palavras àquele fantasma, dois olhos malignos me olhavam, de algum lugar além do espaço. Eram os olhos dele, aparentemente pairando no ar sobre aquela figura imóvel estirada entre nós. Mas que olhar!

Ele era maior do que em vida e me encarava com a expressão de alguém que havia enfrentado horrores inomináveis. Havia algo nele que eu não conseguia compreender. Eu o tinha visto revelar sentimentos malignos em vida; mas agora a maldade de inúmeros mundos brilhava como fogo em suas profundezas. Era como se esse olhar tivesse vivido todo o mal conhecido em todas as esferas cintilantes e estivesse ansioso, embora impotente, para expressar em palavras toda essa crueldade. Também havia nele a desesperança das almas perdidas nos Corredores das Trevas.

Devagar, bem devagar, ele veio em minha direção, encarando-me nos olhos, queimando em minha alma sua pavorosa mensagem.

Ele era a Morte personificada; a Morte tinha chegado para mim!

Meus instintos me diziam que, se eu tremesse só um pouquinho de medo, eu também cruzaria a linha para minha terra natal.

Neste momento crucial, eu o enfrentei serena e sorridente, sem medo.

Ele não conseguiria reivindicar minha alma. Nossos caminhos haviam se separado para nunca mais se cruzarem em mundo nenhum. De repente, ele também sabia.

Enquanto ele ia percebendo a verdade – ele, que sabia estar desamparado e que havia tentado me levar consigo –, um berro selvagem, desesperançado e mordaz, se fez ouvir por todos os cantos da sala, vindo de todos os lugares ao mesmo tempo, até ir morrendo como os gemidos de uma criança soluçante depois de chorar.

Mais uma vez, uma explosão de ar gelado me atingiu. Então veio uma calmaria, uma estranha sensação de isolamento. A voz, a ventania e o olhar haviam desaparecido.

Ele sabia de tudo. Ele sabia que perdeu. Ele tinha fugido.

Eu estava sozinha. Eu estava livre! ...

Livre?...

# Anticontos
## Mario Halley Mora

**O texto:** As narrativas "Do medo" ("Del miedo"), "Da fúria" ("De la furia"), e "Do fogo" ("Del fuego") fazem parte da seção intitulada "Anticontos" ("Anticuentos"), do livro de Mario Halley Mora, publicado em 1987, *Cuentos, Microcuentos y Anticuentos*, responsável pela introdução, no Paraguai, dos gêneros microcontos e anticontos. Os anticontos, tal como praticados pelo autor, desbordam do que à época eram considerados os moldes do conto moderno. Os textos demonstram a intencionalidade de esgarçar as fronteiras da narrativa contística, de forma a priorizar a experimentação com o gênero.

**Texto traduzido:** Mora, Mario Halley. "Anticuentos". In. *Cuentos, Microcuentos y Anticuentos*. Asunción: El Lector, 1987, pp.133-140.

**Agradecimentos:** À Fundación Mario Halley Mora, de Asunción, Paraguai, pela concessão da publicação.



**O autor:** Mario Halley Mora (1926-2003), escritor, dramaturgo e jornalista paraguaio, nasceu em Coronel Oviedo. É considerado o fundador do romance assunceno, além de ser o precursor, na literatura paraguaia, dos gêneros microconto e anticonto. Conhecido por seu teatro, como *En busca de María* (1956) e *Plata yvyguy rekávo* (1971), e por seus romances *La quema de Judas* (1965) e *Manuscrito Alucinado* (1993), publicou também livros de poesia, compôs letras de músicas e escreveu crônicas jornalísticas. Foi laureado com o Prêmio Nacional de Literatura de seu país em 2001.

**Os tradutores:** Luiz Roberto Lins Almeida é mestre em Estudos de Linguagens pela UFMS, com dissertação sobre a narrativa de Mario Halley Mora.
Maria Liz Benitez Almeida é doutora em Letras pela UFRGS, com investigação sobre a hispanização do guarani. É professora de espanhol e guarani.

# ANTICUENTOS

*"Se olvidaron de mí y me condenaron*
*a ser libre sin ser yo mismo."*

MARIO HALLEY MORA

## DEL MIEDO

Me avisaron – no recuerdo cómo – que Valerio me buscaba para matarme. No recuerdo quién me susurró aquello. Lo entreví apenas, como una sombra, diciendo cosas en mis oídos, con una voz reptante y pegajosa, como de caracol. Cuando me volví, ya no estaba – ¿estuvo realmente? –. Una duda saludable me ensanchó el pecho y por mi garganta se coló un intento de risa. Tal vez fuera todo imaginación, y Valerio no quisiera realmente matarme. Sin embargo – es innegable – entreví la sombra amorfa y sentí cómo aquella voz soplada por el miedo, retorcida y desagradable, me introducía por los oídos este reptar tembloroso de gusano herido, que me llena la boca de acidez – será el gusto del pánico, pienso – y desde entonces vivo así, esperando que Valerio aparezca, echando lumbre por los ojos y mordiéndose la lengua para no soltar la palabra del perdón. Aparecerá, desde luego. No hay escondite posible, porque Valerio está en todas partes, es infernal, muere dentro de una burbuja dorada cuando enciendo una linterna y vuelve a nacer como un borrón vivo de tinta china al apagarla. Valerio está en todas partes, y en cada minuto es parido, incluso por las cosas que parecen refugios. Es inútil buscar protección. Valerio rompe el cascarón de la noche y sale y se levanta y exhibe uñas y sacude su cabellera mojada de sombras que se desparraman como gotas de alquitrán. Y entonces hay que huir, porque la noche es el nido abismal donde miles de Valerios patean la envoltura interior de los grandes huevos del miedo, resquebrajando la cáscara, que hace un ruido – lo oigo nítidamente – como de botas policiales marchando sobre gra-

va suelta que se acercan rítmicamente, con crujidos de masticación inexorable, y quiere atraparme, sin darme tiempo a explicar, a gritar a Valerio que reflexione, y que se duela conmigo. Yo estuve allí, es cierto. Ni siquiera intenté huir, porque el pavor empapó las suelas de mis zapatos y me dejó clavado al piso. Miles de ojos me miraban con reproche, y yo sentía la garganta quemada por el llanto comprimido, pues en todo había una injusticia tremenda con su carga de vergüenza y miedo que me pesaba sobre la cabeza, y me obligaba a inclinarla sobre el pecho. Odié a la gente que me miraba con reproche, sin compasión. La odié porque ninguna de esas personas había aprendido que se debe mirar la culpa del prójimo a través de su miedo, para que la culpa se filtre, se limpie, y asome al otro lado un poco más humanizada y más comprensible y más disculpable, porque al final de cuentas uno no mata por gusto, y hay miles de razones incomprensibles para que la muerte nos ponga en la mano su cuchilla, pues sucedió que las zapatas del freno se mojaron al cruzar el charco aquel, y que la pizarra húmeda no muerde el acero pulido, y el coche sigue avanzando aunque toda la pierna, todo el cuerpo, toda el alma incendiada de espanto empujen con angustia el pedal inútil. Pero Valerio no me comprenderá jamás. El mundo está saturado de su odio. Lo respiro y reconozco porque tiene el mismo olor de aquel vestidito celeste y rojo – de sangre – apretado entre la rueda y el asfalto mojado, donde vi reflejada por primera vez la cara de Valerio, como en un espejo negro que devuelve las imágenes exactas de la desesperación, del rencor, y del odio que me condena irremisiblemente a morir no sé cuando, ni cómo. Hecho cierto como la luz del sol, que da la razón a la voz de caracol y me induce a imaginar a Valerio luciendo en los ojos la tranquilidad mortal del cazador, mientras retuerce los hilos dorados de una cabellera rubia – de niña – convirtiéndola en cuerda que me cortará el aliento. La presa soy yo, y mi vida es cerrar ventanas y puertas y asfixiarme por falta de aire y por exceso de espera. Precaución inútil, porque Valerio ya está adentro, y siento su respiración que silba y se acerca con lenta y letal eficacia de serpiente, que va trepando pecho arriba, buscando hacerse nudo en mi garganta, hasta que el viejo instinto de vivir libera sus resortes aplastados por la resignación y la espera, y de un salto, enciendo la luz, pero inútilmente, porque Valerio se me ha metido adentro, en el cerebro, preñándolo con el feto tentacular de la angustia, que se aposenta en el punto más alto de mi conciencia y grita su mandato de morir, con tanta persistencia, con tan infernal acoso que mi brazo – o el de Valerio, ya no lo sé – busca la mesita de luz, sus manos – o las mías tal vez – abren el cajón, empuñan la reluciente pistola y apoyan su caño azul sobre mi

corazón, sobre el que – ¿anticipo feliz de lo que está próximo a llegar? – siento el agradable frío del metal...

## DE LA FURIA

Siempre que quería decir algo estallaba un infernal ruido de cadenas, y mi voz quedaba ahogada, y las palabras y las ideas se hundían en un mar de hierro sonoro, denso como cieno, que gorgoteaba con júbilo grosero cada vez que tragaba una palabra, una frase. Quería gritar más fuerte que el ruido, pero no podía, porque el ruido tenía un poder de marejada, capaz de hincharse de pesada furia y reventar en un estruendo que me dejaba parado, ridículo, moviendo la boca para modular silencios. Pero uno tiene una reserva de rebeldía, y una dignidad, y un orgullo que me impelía a pelearle a aquella mudez impuesta. Entonces me ponía a correr como loco a lo largo de los médanos de mi soledad buscando al enemigo, hasta caer agotado y furioso, arañando la arena que se deslizaba entre mis dedos con un ruidito que parecía la contenida risa maligna del mundo. Y todo seguía igual, durante horas y horas, con mi cuerpo convertido en la lisa superficie de un campo donde bullía el torneo entre mi voz que quería hacerse oír y el ruido de chatarra que la aplastaba contra el piso, una y otra vez, hasta que la fatiga lo anulaba todo, menos la desesperada ansiedad de aire. Lo terrible es que todo seguirá así hasta que el Capitán muera, o se canse. No me persigue, pero me acecha. Y eso es lo peor. En el que nos persigue hay algo tristemente heroico, pero en el que nos acecha, algo de deliberada maldad de zarpa, el salto inesperado, la risa cortada en el gorgoteo de una yugular abierta. Tenían que habérmelo dicho, avisármelo. Uno no tiene la culpa de haber nacido con un millón de ideas vírgenes en las células, ni de haber escogido unas cuantas para ir puliéndolas a lo largo de los años, y llevarlas colgadas del pensamiento y exhibirlas, fecundas y poderosas, como testículos del alma que guardan el secreto de nuestra inmortalidad auténtica, o por lo menos de nuestra supervivencia. Pero del otro lado está el Capitán, recio como un tronco reseco y duro que nutre sus raíces en el arenal, y está orgulloso de eso, con un orgullo que integra la frialdad de su mirada disciplinada y fija, que tiene filo de guadaña, ansioso de castrar.

Recordarle produce un temor enfermizo, pero ya lo dije, uno tiene su orgullo, y amor propio que substituye al coraje, y una conciencia vaga que parece agarrada al espinazo y nos induce a pensar y a creer que uno está – aquí – para algo más importante que correr sobre los médanos calientes y arañar la arena. Entonces, de la misma manera que salía a desafiar al ruido, salía a desafiar al Capitán. Pero el ruido no estaba en ninguna parte y el Capitán estaba en todas, de modo que debía soportar la condena de quedarme

quieto, incapaz de someter a mi alma a la indignidad de hacer la figura ridícula del pugilista que pega puñetazos a su sombra.

## DEL FUEGO

La persecución ya dura demasiado. Lo vengo persiguiendo a lo largo de una pesadilla que empezó cuando alguien, no sé quién, bajó corriendo con sus pies descalzos, con su crinada y sucia cabellera al viento, con su vestido de pieles podridas tremolando en torno a su cuerpo flaco, de la cima humeante de la montaña, y trayendo un leño encendido, un trozo de fuego nuevo robado al fuego viejo del volcán. Y entonces miró la inocencia, que fue asesinada por el fuego, no por la manzana. Y empezó la pesadilla que dura hasta hoy, porque el fuego proyectó una sombra en la pared pedregosa de la cueva, y la sombra danzaba, y nadie podía acercarse a ella, porque desaparecía, chupada por la piedra reseca. Fue entonces que empecé a entrever el principio de esta persecución sin fin: uno era uno, y era otro. Uno, íntegro, sólido, real, y otro, huidizo, vago, que el fuego esboza siempre a un milímetro más lejos del alcance de nuestras manos. Y tiene nuestro contorno, y es como un mapa en blanco de nuestra geografía personal, donde quisiéramos transferir los ríos y los mares, los cielos y los vientos que sólo podrán caber en ese gemelo elástico con que el fuego nos maldice y nos bendice al mismo tiempo. Yo empecé a perseguirlo, porque por la boca de mi inocencia herida brotaba a borbollones la convicción rebelde de que no se puede ser dos, sino uno, que en un instante uno no puede ser Abel corriendo tras Caín pidiendo Venganza, y al siguiente Caín corriendo detrás de Abel pidiendo Perdón. La herida dolía y urgía, y manaba de los costados por veinte bocas escalonadas y simétricas, como si por la carne hubiera rodado el círculo dentado de una espuela, doliendo siempre, con un dolor que se calmaba cuando la persecución era más fatigosa y desesperada, pero el otro siempre estaba delante, a veces al alcance de la mano, a veces como un puntito perdido en la lejanía, pero siempre el mismo, el que yo debía capturar para ser realmente yo, es decir, un continente soleado con ríos cristalinos y mares tranquilos, de cielo amplio y de vientos mansos, que iría caminando hasta la cima de todas las montañas después de dejar en el camino la chatarra del otro, que pronto moriría de sed y se volvería ceniza y se esparciría por el paisaje como una nube de polvo, tenue testimonio de algo que no tuvo por qué existir. Una vez, sólo una vez, lo alcancé. Se había detenido a esperarme en la sombra suave de una colina, tersa y comba como un seno lleno de leche. Y fuimos uno. Y por primera vez desde aquel día perdido en el milenio de la cueva, mi nombre sonaba a noble, porque ya no era más una atemorizada máquina de perseguir. Pero todo duró poco, porque el tumulto crecía al pie de la colina,

donde una multitud se agitaba y arañaba la tierra y el cielo con una furia indecible. Y todos me miraban a mí, y tuve miedo, y el miedo corrió por mis venas y abrió en mi pecho un ancho ventanal hacia la angustia, y por allí escapó el otro, que fue rodando colina abajo, hasta caer en la vorágine de esa hambre de mil bocas ansiosas que se agitaba abajo, como cae una abeja entre hormigas voraces. Y la multitud se lo llevó valle abajo, hasta alcanzar otra colina, donde le clavaron en cruz. Después vinieron a buscarme, y me acusaron de todos los horrores, y los ancianos que guardan la tradición me miraban con severidad y con miedo, y Torquemada se lavaba la boca con agua bendita después de pronunciar mi nombre, y me metían en una celda donde para respirar un poco de aire tenía que apoyar la boca ansiosa en un agujero del piso, sorbiendo con gratitud humillante un resto de oxígeno sumergido en el olor agrio de los sudores de los que odian y temen al mismo tiempo. No sé si merecía aquel sentimiento, pero la magnitud de mi crimen, que a veces me daba pavor a mí mismo, y a veces me hacía entrever en el fondo de mi carne un leve resplandor de orgullo rebelde, me aplastaba, porque yo había desatado el miedo, yo había pecado capturando el secreto del fuego, y por mi culpa la gota de agua empezó a gotear sobre la testa empalada, rompiendo el hueso gota a gota, hasta perforar el cerebro, y por mi culpa se alzó la guillotina, y el garrote atornilló sobre el grito rebelde su cuerda nudosa, y la verdad se despedazó en mil mentiras que se erigieron en mitos por cuya grandeza vacía morían los hombres y se quemaban ciudades. Finalmente, se olvidaron de mí, y me condenaron a ser libre sin ser yo mismo.

# ANTICONTOS

*"Esqueceram-se de mim e condenaram-me*
*a ser livre sem ser eu mesmo."*

MARIO HALLEY MORA

## DO MEDO

Avisaram-me – não me lembro como – que Valério me procurava para me matar. Não me lembro quem sussurrou isso. Entrevi-o apenas, como uma sombra, dizendo coisas em meus ouvidos, com uma voz rastejante e pegajosa, como a de um caracol. Quando me virei, já não estava – esteve realmente? Uma dúvida saudável me inflou o peito e por minha garganta passou uma tentativa de riso. Talvez fosse tudo imaginação, e Valério não quisesse realmente me matar. No entanto – é inegável – entrevi a sombra amorfa e senti como aquela voz soprada por medo, retorcida e desagradável, introduzia-me pelos ouvidos esse rastejar temeroso de um verme ferido, que me enche a boca de acidez – será o gosto do pânico, penso – e desde então vivo assim, esperando que Valério apareça, soltando chamas pelos olhos e mordendo sua língua para não soltar a palavra de perdão. Aparecerá, é claro. Não há esconderijo possível, porque Valério está em todas as partes, é infernal, morre dentro de uma bolha dourada quando acendo uma lanterna e volta a nascer como um borrão vivo de tinta chinesa ao apagá-la. Valério está em todas as partes, e em cada minuto é parido, inclusive pelas coisas que parecem refúgios. É inútil buscar proteção. Valério rompe a casca da noite e sai e se levanta e exibe unhas e sacode sua cabeleira molhada de sombras que se esparramam como gotas de alcatrão. E então é preciso fugir, porque a noite é o ninho abismal onde milhares de Valérios chutam a envoltura interior dos grandes ovos do medo, rachando a casca, que faz um ruído – ouço-o nitidamente – como botas policiais marchando sobre cascalho solto, que se

aproximam ritmicamente, com rangidos de mastigação inexorável, e quer me agarrar, sem me dar tempo de explicar, de gritar para Valério que reflita, e que sofra comigo. Eu estive lá, é verdade. Nem sequer tentei fugir, porque o pavor empapou as solas de meus sapatos e me deixou pregado no chão. Milhares de olhos me olhavam com reprovação, e eu sentia a garganta queimada pelo pranto comprimido, pois em tudo havia uma injustiça tremenda com sua carga de vergonha e medo que pesava sobre minha cabeça, e me obrigava a incliná-la sobre o peito. Odiei as pessoas que me olhavam com reprovação, sem compaixão. Odiei-as porque nenhuma daquelas pessoas havia aprendido que se deve olhar a culpa do próximo através de seu medo, para que a culpa se filtre, se limpe, e apareça do outro lado um pouco mais humanizada e mais compreensível e mais desculpável, porque, ao final das contas, uma pessoa não mata por gosto, e há milhares de razões incompreensíveis para que a morte nos ponha na mão uma faca, pois sucedeu que as sapatas do freio se molharam ao cruzar aquele charco, e que a pastilha úmida não morde o aço polido, e o carro avança ainda que toda a perna, todo o corpo, todo a alma incendiada de espanto empurrem com angústia o pedal inútil. Mas Valério não me compreenderá jamais. O mundo está saturado de seu ódio. Respiro-o e reconheço-o porque tem o mesmo cheiro daquele vestidinho celeste e vermelho – de sangue – apertado entre a roda e o asfalto molhado, onde vi refletida pela primeira vez a cara de Valério, como um espelho negro que devolve as imagens exatas do desespero, do rancor e do ódio que me condena inevitavelmente a morrer não sei quando, nem como. Fato certo como a luz do sol, que dá razão à voz do caracol e me leva a imaginar Valério, reluzindo nos olhos a tranquilidade mortal do caçador, enquanto retorce os fios dourados de uma cabeleira loira – de menina –, convertendo-a em corda que me tirará o alento. A presa sou eu, e minha vida é fechar janelas e portas e asfixiar-me por falta de ar e por excesso de espera. Precaução inútil, porque Valério já está dentro, e sinto sua respiração que assobia e se aproxima com a eficiência lenta e letal de uma serpente, que vai subindo pelo peito, tentando dar um nó em minha garganta, até que o velho instinto de viver libera suas molas esmagadas pela resignação e a espera, e de um salto, acendo a luz, mas inutilmente, porque Valério se meteu dentro de mim, no cérebro, emprenhando-o com o feto tentacular da angústia, que se instala no ponto mais alto da minha consciência e grita sua ordem para morrer, com tanta persistência, com um assédio tão infernal que meu braço – ou o de Valério, já não sei – procura o criado-mudo, suas mãos – ou as minhas talvez – abrem o caixão, empunham a reluzente pistola e apoiam seu cano azul sobre meu

coração, sobre o qual – antecipação feliz do que está próximo a chegar? – sinto o agradável frio do metal...

## DA FÚRIA

Sempre que queria dizer algo, um ruído infernal ruído de correntes irrompia, e minha voz ficava afogada, e as palavras e as ideias se fundiam em um mar de ferro sonoro, denso como lama, que gorgolejava de rude alegria toda vez que tragava uma palavra, uma frase. Queria gritar mais alto que o ruído, mas não podia, porque o ruído tinha o poder de uma maré, capaz de aumentar com fúria pesada e arrebentar em um estrondo que me deixava parado, ridículo, movendo a boca para modular silêncios. Porém, há uma reserva de rebeldia, e uma dignidade, e um orgulho que me impelia a lutar contra aquela mudez imposta. Então, corria como um louco pelas dunas de minha solidão buscando o inimigo, até cair exausto e furioso, arranhando a areia que deslizava entre meus dedos com um ruidinho que parecia o contido riso maligno do mundo. E tudo continuava igual, durante horas e horas, com meu corpo convertido na lisa superfície de um campo onde borbulhava o torneio entre minha voz que queria ser ouvida e o ruído da sucata que a esmagava contra o chão, uma e outra vez, até que a fatiga anulava tudo, menos a desesperada ansiedade por ar. O terrível é que tudo continuará assim até que o Capitão morra, ou se canse. Não me persegue, porém me espreita. E isso é o pior. Naquele que nos persegue há algo tristemente heroico, porém naquele que nos espreita, alguma coisa de deliberada maldade de garra, o salto inesperado, o riso cortado no gorgolejo de uma jugular aberta. Deveriam ter me contado, me avisado. Ninguém tem culpa de haver nascido com um milhão de ideias virgens nas células, nem de ter escolhido algumas para poli-las ao longo dos anos, e levá-las penduradas no pensamento e exibi-las, férteis e poderosas, como testículos da alma que guardam o segredo de nossa imortalidade autêntica, ou pelo menos, de nossa sobrevivência. Porém, do outro lado está o Capitão, vigoroso como um tronco ressecado e duro que nutre suas raízes no areal, e está orgulhoso disso, com um orgulho que integra a frieza de seu olhar disciplinado e fixo, que tem fio de foice, ansioso para castrar.

Lembrá-lo produz um temor doentio, mas eu já disse, tenho orgulho, e amor-próprio que substitui a coragem, e uma consciência vaga que parece se agarrar à espinha e que nos leva a pensar e crer que estamos – aqui – para algo mais importante que correr sobre as dunas quentes e arranhar a areia. Então, da mesma maneira que saía a desafiar o ruído, saía a desafiar o Capitão. Porém, o ruído não estava em lugar algum e o Capitão estava em todo lugar, de modo que devia suportar o castigo de ficar quieto, incapaz de submeter mi-

nha alma à indignidade de fazer a figura ridícula do pugilista que desfere socos em sua sombra.

## DO FOGO

A perseguição já dura muito. Eu o tenho perseguido ao longo de um pesadelo que começou quando alguém, não sei quem, desceu correndo com os pés descalços, com a cabeleira longa e suja ao vento, com o vestido de peles podres tremulando pelo corpo magro, do cume fumegante da montanha, e trazendo uma lenha acesa, um naco de fogo novo roubado do fogo velho do vulcão. E então olhou para a inocência, que foi assassinada pelo fogo, não pela maçã. E começou o pesadelo que dura até hoje, porque o fogo projetou uma sombra na parede pedregosa da caverna, e a sombra dançava, e ninguém podia aproximar-se dela, porque desaparecia, sugada pela pedra ressecada. Foi então que comecei a entrever o princípio dessa perseguição sem fim: eu era eu, e era outro. Eu, íntegro, sólido, real, e o outro, fugidio, vago, que o fogo esboça sempre a um milímetro além do alcance de nossas mãos. E tem nosso contorno, e é como um mapa em branco de nossa geografia pessoal, onde quiséramos transferir os rios e os mares, os céus e os ventos que só poderão caber nesse gêmeo elástico com que o fogo nos amaldiçoa e nos abençoa ao mesmo tempo. Eu comecei a persegui-lo, porque pela boca de minha inocência ferida brotava borbulhante a convicção rebelde de que não se pode ser dois, senão um, que em um instante não se pode ser Abel correndo atrás de Caim pedindo Vingança, e no dia seguinte Caim correndo atrás de Abel pedindo Perdão. A ferida doía e urgia, e manava dos lados por vinte bocas escalonadas e simétricas, como se pela carne houvesse rodado o círculo dentado de uma espora, doendo sempre, com uma dor que acalmava quando a perseguição era mais cansativa e desesperada, mas o outro sempre estava à frente, às vezes ao alcance da mão, às vezes como um pontinho perdido na distância, porém sempre o mesmo, aquele que eu devia capturar para ser realmente eu, isto é, um continente ensolarado com rios cristalinos e mares tranquilos, de céu amplo e de ventos mansos, que iria caminhando até o cume de todas as montanhas depois de deixar no caminho a sucata do outro, que logo morreria de sede e voltaria a ser cinzas e se espargiria pela paisagem como uma nuvem de poeira, um tênue testemunho de algo que não precisava existir. Uma vez, só uma vez, o alcancei. Havia parado para me esperar na sombra suave de uma colina, rígida e curvada como um seio cheio de leite. E éramos um. E pela primeira vez desde aquele dia perdido no milênio da caverna, meu nome soava nobre, porque já não era mais uma máquina de perseguir atemorizada. Porém, tudo durou pouco, porque o tumulto aumentava ao pé da colina, onde uma multidão se agitava e arranhava a terra e o céu com uma fúria in-

dizível. E todos olharam para mim, e tive medo, e o medo correu por minhas veias e abriu em meu peito uma enorme janela em direção à angústia, e por ali escapou o outro, que foi rodando colina abaixo, até cair no vórtice dessa fome de mil bocas ansiosas que se agitava lá embaixo, como uma abelha que cai entre formigas vorazes. E a multidão o levou vale abaixo, até alcançar outra colina onde o pregaram em uma cruz. Depois vieram me buscar, e me acusaram de todos os horrores, e os anciãos que guardam a tradição me olhavam com severidade e medo, enquanto Torquemada lavava a boca com água benta depois de pronunciar meu nome, e me colocaram em uma cela onde para respirar um pouco de ar tinha que apoiar a boca ansiosa em um buraco do chão, sorvendo com humilhante gratidão um resto de oxigênio submerso no cheiro azedo do suor de quem odeia e teme ao mesmo tempo. Não sei se merecia esse sentimento, mas a magnitude de meu crime, que às vezes me apavorava e às vezes me fazia entrever no fundo de minha carne um leve brilho de orgulho rebelde, me esmagava, porque eu havia desatado o medo, eu havia pecado capturando o segredo do fogo, e por minha culpa a gota d'água começou a pingar na cabeça empalada, rompendo o osso gota a gota, até perfurar o cérebro, e por minha culpa se alçou a guilhotina, e o garrote aparafusou sobre o grito rebelde sua corda nodosa, e a verdade se despedaçou em mil mentiras que se erigiram em mitos por cuja grandeza vazia homens morreram e cidades arderam. Finalmente, esqueceram-se de mim e condenaram-me a ser livre sem ser eu mesmo.

# Quatro histórias de uma costa

**Sait Faik Abasıyanık**

**O texto:** O conto "Quatro histórias de uma costa" ("Bir Kıyının Dört Hikâyesi"), de Sait Faik Abasıyanık, foi publicado originalmente na revista literária turca *Varlık* (*Presença*), em fevereiro de 1936, e depois incluído na coletânea *Semaver (Samovar*), lançada no mesmo ano. A narrativa reúne quatro histórias não conectadas entre si, mas que são contadas desde a perspectiva de uma costa litorânea, como os acontecimentos que envolvem um barco de cebolas atracado em um cais, uma ilha abarrotada de gatos, um grupo de crianças narrando histórias às escondidas e o triste desfecho de um pescador morto. No conjunto, as "quatro histórias" abordam temas relativos à vida e à natureza humana, como a pobreza e a morte.

**Texto traduzido:** Abasıyanık, S. F. *Semaver*. Istambul: Yapı Kredi Yayınları, 2009, s. 39-44.

**O autor:** Sait Faik Abasıyanık (1906-1954), poeta e escritor turco, nasceu em Adapazarı. Importante figura literária da década de 1940 de seu país, é conhecido por suas contribuições inovadoras na literatura turca, especificamente no conto. Mediante uma narrativa simples, com retratos duros, mas humanísticos, sua obra retrata a realidade das pessoas, especialmente das classes mais baixas, como pescadores, trabalhadores e camponeses. Publicou em 1936 seu primeiro livro de contos, *Semaver* (*Samovar*), e em 1952, o romance *Bir Takım Insanlar* (*Um grupo de pessoas*), censurado por retratar o sistema de classes. O Prêmio Literário Sait Faik é dado anualmente à melhor coletânea de contos pela Sociedade Darüşşafa.

**A tradutora:** İmren Gökce Vaz de Carvalho é doutoranda em Tradução e Terminologia no CETAPS-FCSH, Universidade Nova de Lisboa, bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Licenciada e mestra em tradução e interpretação em turco e inglês, é tradutora e professora de turco na ILNOVA. Suas traduções literárias incluem algumas obras da literatura portuguesa para o turco, incluindo autores como Fernando Pessoa, Almeida Garrett e José Saramago.

**Contato:** imren.gkce@gmail.com

# Bir Kıyının Dört Hikâyesi

*"Hepimiz, sırtımızda ve elbisemizin altında,*
*gözlerimizin içinde bir müstakbel ölü gezdirmiyor muyduk?"*

SAİT FAİK ABASIYANIK

*1- Soğan Kayığı:*

Bir gün adanın sahiline bir soğan yüklü kayık gelip demirledi. Adanın muhtekir ve obur esnafı, bu kocaman kayıktaki bütün malı kaldıramayacaklarına müteessir kayığın demirlediği limanda kocaman adımlarla dolaşıp duruyordu. Bu esnaftan çok, kayık beni alakadar etmişti. Bilhassa bir kayıkçı: Genç, gürbüz bir köylü çocuğu idi. Şekilsiz, yahut şekilleri bozuk çıplak ayakları ile bu zengin adanın toprağına ayak basar basmaz bir vahşi hayvan siması almıştı. Oradan oraya aç ve çıplak gözleri ile dolaştı. Kadınların önünde şayanı hayret bir buruşukluk ve asabiyet kaplayan yüzü, kendi kadar genç adamların beyaz pantolonlarında ve mavi gömleklerinde enerjisini, asabiyetini kaybediyor, gözleri harekette renklerini birden durduruveriyor, sakin ve mahzun bakıyordu.

Belki çok kıskançtı. O kadar şaşırmıştı ki, adeta, her sene uzak köylerinden bu adaya soğan getirdiğini unutmuştu. Hafızası o kadar daralmış, bir sene evvelini hatırlamıyor gibi idi. Halbuki, kendisine bir gün sorduğum zaman: "Biz bu adaya her sene geliriz," demişti. Onun için dünya ne kadar çabuk değişiyordu. İlk gün benimle karşılaştığı zaman yine bomboş baktı. Sonra katiyen alakasızlığını dahi belli etmeksizin çekilip gitti. Fakat ben onunla uğraşmaya niyet etmiştim. Kayığın önüne yüzükoyun yatardı. Artık hayret bile ifade etmeyen yüzüyle bakar dururdu.

Tombul beyaz kadınların yıkandığı sahilde bir gün soyunurken gördüm. Suya idmancı gençlerin yaptığı gibi balıklama atlamadı. Küpeşteden bırakılan

bir kalas gibi istikametsiz ve biçimsiz düştü. Suyun yüzüne çıktığı zaman gülümsüyordu. Ben de soyunmuştum. Kendisine yetiştim. Kadınları gösterdi. Parmaklarını yaladı. Ve küçük bir kotra hızıyla uzaklaştı. O kadar güzel yüzüyordu ki, dikkati çekmekte gecikmedi. Yanık genç kızlar, tombul beyaz kadınlar aralarında genç bir sportmen yüzünün gezindiğini, bacaklarının arasından bir yılan gibi süzüldüğünü fark edince fıkırdaştılar. Çığlıklar kopardılar. Hatta birkaçı ona moda bir lisanla laf attılar. O mütemadiyen gülümsüyordu.

Sudan çıktıktan sonra aynı kadınların hiç ehemmiyet vermeden önünden geçtiklerini görünce, hatta kendisine bakmadıklarını fark edince; akşam olup elektrikler yandıktan sonra yanlarından denizde yaptığı gibi yılan kıvrımı ile geçtiği zaman yine aynı kadınların bu sefer çatık ve korkunç birer çehre ile kendi anlayabildiği bir lisanla küfrettiklerini işitince şaşırdı. Üç gün bu böyle devam etti. Denizde aynı şaka, aynı cilve oluyor, kadınlar, bu genç sportmene hoş görünmek için her türlü müsamahayı gösteriyorlar, fakat gece olup ışıklar yanınca palasparelerin içindeki çocuğu tanıyamıyorlardı. O çocuk bu sırrı çözemeden günler geçti. Çocuk usandı. Bir gün kayığın kenarına oturmuş gördüm. Artık banyoya gitmiyordu. Elinde olta, balık tutmakla meşguldü. Hatta gelip geçenlere dönüp boş ve hayret dolu gözlerle bakmıyordu. Onu balıklar o kadar alakadar etmişti ki, yüzü, oltadan kurtulan balıklara asabiyetle buruşuyordu; sonra oltanın ucunda çırpınan balığa gülümsüyordu.

Şimdi ahbap olmuş konuşuyorduk. Yine kadınları göstererek parmaklarını yalıyor, küçük, kesik boş cümlelerle konuşuyordu. Benimle kayıkçılar ve balıkçılar yanımızda iken konuşmuyordu. Bu beyaz pantolonlu, mavi gömlekli adamla, onların yanında konuşulamayacağını biliyordu. Buna mukabil benim de, beyaz pantolonlu, mavi gömlekli, spor ayakkabılı insanlarla konuşurken kendisiyle görüşemeyeceğimi kestiremiyordu. Bu da onun için bir sır olup kaldı. Adanın muhtekir ve obur, dört beş aydır birbiriyle dargın esnafı barıştılar, birlik oldular ve soğanları paylaştılar. Soğan kayığını bir sabah, hareket için hazır buldum. Yelken serene çekilmişti. Filoka hazırdı. Soğanların yerine safra makamında taşlar konmuştu. Kayık hareket edecekti. Ve soğan kayığı öğleye doğru başlayan poyrazla yelkenlerini şişirdi. Köylü çocuğundan bir selam bekledim, vermedi. Ve soğan kayığı ağır ağır uzaklaştı. Ben onun denizin üzerinde bir nokta gibi kalmasını beklemeden uzaklaştım.

*2 - Kediler:*

Kedilerle ahbaplığım şu şekilde başladı.

Bir akşam rıhtım boyunda yalnızca geziniyordum. Kalabalıktı. Kızlar delikanlıların koluna girmişler, kızların kollarına girmediği gençler, gürültülü ve şarkılı erkeksiz kızlara laf atarak geçiyorlardı. Rıhtımın kenarında mehtaplı denize gözlerini dikmiş kediyi görmüştüm. Fakat kediden çok insanlara baktığım için, bir zayıf kedinin denizin mehtaplı suratında ne düşündüğü ile alakadar değildim. Futbolcu gençlerden biri zebun kediye bir şut çekti. Kedinin denize doğru uçtuğunu gördüm. Üç adım öteye düşmesiyle zıplaması bir oldu. Hayret içinde durakaldım. Kedi ayaklarımın ucunda idi. Bir lastik top çevikliğiyle denizin yüzünden sıçrayıp ayaklarımın ucuna düşen kedi alakadar olunmayacak mahluk muydu? Bu harikulade aksülamelin, çevikliğin karşısında sporcu çocuk da hayret içinde kalmakla beraber bir ikinci defa kediye hücum etmek istedi. Fakat kedi, ayaklarıma kafasını sıcak ve samimi hareketlerle sürüyordu. Sporcu gözlerime baktı, güldü. Fikrinden vazgeçti, arkadaşlarına iltihak etti. Ayaklarıma sürtünen hayvanı okşadım. O müsterih, rıhtımın kenarına çekildi. Tekrar denizi süzmeye başladı. Sonra rıhtımın cezirle suları çekilmiş kıyısına indi. Oradan bir kaplan hızıyla denize atıldı. Ağzında bir balıkla çıktı. Gözleri bende, homurdanarak yedi. Bana öyle geldi ki, elimi ağzındaki balığı almak için uzatsam kedi, yarı yarıya unuttuğu vahşetini, iptidai vahşetini, birdenbire denizin içine düşüp tekrar fırladığı andaki aksülamelle hatırlayacak ve belki de benden bir parçayı, ağzındaki balığı yer gibi vahşetle yiyecekti. Onu sofrasında rahat bıraktım; çekildim.

Adanın kedileri zaten çoktu. Sonra, yazlığa gelenler küçük sepetlerin içinde, bazen torbalarla daha güzellerini, daha tombullarını getiriyorlardı. Sonra onlar, birbirlerini çayırların, kiremitlerin üzerinde boğarak, ısırarak seviyorlardı. Yedi sekiz yavru evin içini doldurduğu zaman sokağa bırakılıyorlardı. Bazen büyük erkek kedilerin, küçük miniminileri acı seslerle tenha sokaklarda boğduklarını görürdüm. Sonra onlar da, açlıktan ve kocaman erkek kedilerin dişlerinden kurtulanlar da büyüdüler. Rıhtıma sıra sıra dizildiklerini görürdüm. Uzun geceler balık beklediler. Bazı dalgalı gecelerin sabahları, medle yükselmiş ve şimdi sakinleşmiş suyun kenarında kedi leşleri buldum. Karınları büyümüş, çevikliklerini deniz dalgaları içinde eritmiş beyazlı siyahlılar, tekirler, mor ve hala vahşi, tırmanamadıkları rıhtıma hafif hafif kafalarını ve sırtlarını vururlardı. Bu vakalar gece yarısından sonra olduğu için çok üzülürdüm. Belki onları kurtarmak mümkün olurdu. Adada kala kala miskin kasap kedileri ve pamuklar kaldı. Vahşi kedilerim birer birer ortadan çekildi. Vehayut çevikliklerini, vahşetlerini terk ederek her nevi següzeşten pençelerini çektiler.

*3 - Çocuklar:*

Yeni dostlar bulmakta gecikmedim.

Adanın çocukları akşamları etrafıma toplanıyorlar. Hepsine birer cigara veriyorum. Bütün dünyadan gizli cigara içiyoruz. Onlar kuşlardan bahsediyorlar. Ökselerin balla yapıldığını anlatıyorlar. Hangi ağacın dallarına hangi kuşların konduğunu öğreniyorum. İspari balıklarının sazlıklarda yaşadıklarını, barbunyaların oltaya gelmediklerini, balıkçılar şahının dokuz kat olta ile on iki kiloluk balık çıkardığını biliyorum. Karşı boş ve sarp kayalı adanın kıyılarında balıkçıların ağlarını parçalayan, dalyanları bozan, ihtiyar balıkçıları kapan bir ejderhanın hikayesini yanakları şiş, kara gözlü, tombul, su buharı gibi ılık ve temiz, tombulluğu nisbetinde saf ve saflığı kadar hassas, derisi tuzlu bir balıkçı çocuk bana anlattı. Yalnız bana anlattı. Öteki arkadaşları, onunla eğleniyorlar. İki parmağıyla yanağının üstünde trampet çaldığı zaman, geçtikten sonra arkasından yalnız ben "davulcu" diye bağırmadığım için ejderhanın hikayesini yalnız bana anlatıyor. Ben sakin, onun kadar inanmış, ejderhanın tasvirini dinliyorum: Gözleri sırtında, kocaman projektör gibi parlak, uzun ayı tüyü gibi sert tüyleri var. Ağzı bir kuyu ağzı gibi.

*4 - Ve Ölü:*

Geçenlerde erkenden evden çıktım. Küçük balıkçıya rastladım. Rengi uçuktu. Tırnaklarından saçlarına kadar güneş ve deniz içinde gelişmişti. Balıklar ve yosunlar kadar denizin tadını çıkarıyordu. Kim bilir belki bu poyrazın sertliği ve kapalı gökyüzü onun rengini uçurmuştu. Yoksa solacak insan mıydı? Beni görünce gülümsedi. Bir lengerin içinde götürdüğü kırlangıç balıklarını kilisenin kenarına bıraktı.

– Ölü var, dedi. Balıkçı ölüsü. Orada rıhtımın nihayetinde. Git de gör, Ejderhanın marifeti.

Gittim gördüm. Ölü, orada yeşil çakılların üzerinde idi. Daha polisler gelmemişti. Yüzünü daha görmemiştim. Ayakları ve bedeni bir mankene, bir korkuluğa benziyordu. Yüzünü tarif edeceğim:

Sağlam dişler, dökülen yanak etlerinden fışkırmış. Çene poyrazın köpüklerine gülüyor, oynuyordu. Çene etleri bembeyaz dökülmeye hazır gibi idi. Beş on günlük bir balıkçı sakalı bu beyaz etlerin üzerinde küçük sinekler gibi kaçışıyor ve tekrar toplanıyorlardı. En korkunç yeri göz çukurlarıydı. Dipleri hala pembemsi idi. Gözün birisi yoktu. Ötekisi, bembeyaz bir iplikle dışarıya

uğramış, sallanıyor, hâlâ uzak dalgalara ve zaman zaman derinlere bakıyordu. Ölünün karşısındakiler sararmışlardı. İşte konuşulanlar:

– Ben artık yemek yiyemem. Müthiş!

– Kimdir acaba? Çok korkunç.

– Pek ihtiyar da değil. Hakikaten korkunç.

– Parmağında altın halka var.

Sonra duruyorlar, tekrar konuşmaya başlıyorlardı. Yalnız, bir kadın ölünün yanına kadar sokulmaya cesaret etti, baktı. Gülümsedi. Kadını tanıyordum. Bana doğru döndü:

– Dedikleri kadar korkunç bir şey görmüyorum.

– Sahi mi, dedim. Görmüyor musunuz?

Kadın en sevgili ölülerini gömmüş, ihtiyar ve sağlamdı. Bir sırdaş bulmuş gibi koluma girdi.

– Eğer her yerde hazır ve nazır birisi varsa o zaman korkunç, dedi. Ben ona inanmıyorum. O benim elimden neler aldı. O hazır ve nazır.

Sonra sustu. Gözü yaşardı. Bir meçhul balıkçı ölüsüne iki damla yaş döktü.

Kadından ayrılmıştım. Ayaklarım beni yine ölüye doğru götürüyordu. Ölünün başı büsbütün kalabalıklaşmıştı. Polisler de halkın arasına karışmış, geziniyorlardı. Bir lahza, ölünün de yanımızda olduğunu düşündüm. Hepimiz, sırtımızda ve elbisemizin altında, gözlerimizin içinde bir müstakbel ölü gezdirmiyor muyduk? Bir zaman için kendi ölüsünü görebilecek, seyredebilecek bir yaratılışta olsaydı da bu ölü kalkıp ölüsüne baksaydı, herkes gibi biraz sararacak ve etrafındakilere:

– Bugün yemek yiyemeyeceğim, diyecekti.

*Varlık*, (62), 1 Şubat 1936

# QUATRO HISTÓRIAS DE UMA COSTA

*"Não carregamos todos nós um futuro morto*
*nas costas, sob nossas roupas, e em nossos olhos?"*

SAİT FAİK ABASIYANIK

*1- O barco das cebolas:*

Um dia, um barco carregado de cebolas ancorou na costa da ilha. Seus comerciantes oportunistas e vorazes andavam a passos largos pelo porto onde ele estava ancorado, preocupados por não conseguirem pegar todas as mercadorias da enorme embarcação. O barco me interessava mais do que os comerciantes. Especialmente, um barqueiro. Era um camponês jovem e robusto. Com seus pés descalços, disformes ou deformados, assim que pisou no solo desta rica ilha, assumiu o rosto de um animal selvagem. Vagueava com olhos esfomeados e nus.  Seu rosto, que ficava enrugado e irritável diante das mulheres, perdia sua energia e irritabilidade nas calças brancas e camisas azuis de homens tão jovens quanto ele, seus olhos paravam subitamente nas cores em movimento, e ele parecia calmo e triste.

Talvez fosse muito invejoso. Ficou tão surpreendido que quase esqueceu que traz cebolas de sua aldeia distante para esta ilha todos os anos. Sua memória tinha se estreitado tanto, que agora não conseguia se lembrar de um ano atrás. No entanto, quando lhe perguntei um dia, ele respondeu: "Viemos a esta ilha todos os anos". Tão rápido que o mundo estava a mudar para ele! No primeiro dia, quando me encontrou, seu olhar era novamente vazio. Depois foi embora, sem sequer revelar a sua absoluta indiferença. Mas eu pretendia lidar com isso. Ele se deitava de bruços na frente do barco. Seu olhar era tão fixo, que seu rosto nem sequer expressava mais espanto.

Um dia, eu o vi se despir na praia onde mulheres brancas gordinhas estavam tomando banho. Não pulou na água como fazem os jovens esportistas. Caiu como uma prancha caída de um parapeito, sem direção e sem estilo. Quando apareceu novamente, estava sorrindo. Eu também me despi. E o alcancei. Apontou para as mulheres. Lambeu os dedos. Afastou-se com a velocidade de um pequeno cruzador. Nadou tão belamente que atraiu a atenção. As moças bronzeadas e as mulheres brancas gordinhas riram ao perceber que o rosto de um jovem esportista caminhava entre elas, deslizando como uma cobra entre suas pernas. Começaram a gritar. Algumas delas até falaram com ele usando uma linguagem da moda. E ele estava sorrindo o tempo todo.

Ao sair da água, ao ver que as mesmas mulheres passavam à sua frente sem prestar atenção, percebeu que elas nem sequer olhavam para ele. E à noite, depois que as luzes foram ligadas, quando passou por elas deslizando como uma cobra como fizera no mar, ficou perplexo ao ouvir as mesmas mulheres, desta vez com rostos franzidos e aterrorizantes, xingando-o em uma língua que podia entender. Foi assim por três dias. No mar, a mesma brincadeira, a mesma coqueteria acontecia, as mulheres mostravam todo tipo de tolerância para parecerem simpáticas a este jovem esportista, mas às luzes da noite, não conseguiam reconhecer o rapaz em farrapos. Os dias se passaram sem que o rapaz pudesse resolver esse mistério. Ele se cansou. Um dia o vi sentado na beira do barco, não ia mais para nadar. Estava ocupado pescando com uma vara de pescar na mão. Nem sequer se virava para olhar os transeuntes com olhos vazios e perplexos. Estava tão interessado nos peixes que seu rosto se enrugou de raiva quando um deles escapou do anzol; e ele sorria para o peixe quando o agitava na ponta do anzol.

Já éramos amigos e conversávamos. Apontava novamente para as mulheres, lambendo os dedos e falando por meio de frases pequenas, quebradas e vazias. Não falava comigo quando os barqueiros e pescadores estavam conosco. Sabia que não poderia falar com este homem de calças brancas e camisa azul na presença deles. Por outro lado, não percebia que eu não podia falar com ele quando estava falando com pessoas de calças brancas, camisas azuis e tênis. Isso permaneceu um mistério para ele. Os comerciantes oportunistas e vorazes da ilha, que estavam em desacordo há quatro ou cinco meses, se reconciliaram, se uniram e repartiram as cebolas. Certa manhã, encontrei o barco das cebolas pronto para partir. A vela já estava presa na verga. O barco estava pronto. As cebolas tinham sido substituídas por pedras como lastro. Iria se mover. E o barco das cebolas inflou suas velas com o vento que começou por volta do meio-dia. Esperei uma saudação do cam-

ponês, que não a fez. O barco das cebolas partiu lentamente. Afastei-me sem esperar que ficasse como um ponto no mar.

*2 - Gatos:*

Eis como começou minha amizade com os gatos.

Uma noite, eu estava passeando pelo cais. Estava cheio de gente. As garotas estavam abraçadas aos garotos, e os garotos, em cujos braços não havia garotas, passavam ruidosamente, cantando as garotas sem garotos. Na borda do cais, vi um gato olhando para o mar iluminado pela lua. Mas como eu estava olhando para as pessoas e não para o gato, não me interessava o que pensava um gato magricela que olhava o mar refletir na lua. Um dos jogadores de futebol acertou o franzino gato. Vi o gato voando em direção ao mar. Assim que caiu a três passos, pulou. Fiquei espantado. O gato estava aos meus pés. O gato, que saltou do mar com a agilidade de uma bola de borracha e caiu aos meus pés, era uma criatura a ser ignorada? O jogador, embora tenha ficado espantado também com essa maravilhosa aceleração e agilidade, quis atacar o gato uma segunda vez. Mas o gato esfregava a cabeça nos meus pés com gestos calorosos e amigáveis. O atleta olhou nos meus olhos e riu. Desistiu da ideia e juntou-se aos amigos. Acariciei o animal que se esfregava em meus pés, e ele recuou, agora descansado, até a borda do cais. Começou a olhar para o mar novamente. Depois desembocou na margem do cais onde a maré estava vazia. Correu para o mar com a velocidade de um tigre. Saiu com um peixe na boca. Comeu-o com os olhos em mim, grunhindo. Parecia-me que se eu estendesse a mão para tirar o peixe de sua boca, o gato se lembraria de seu caráter feroz meio esquecido, de sua ferocidade primitiva, com a mesma reação de quando, repentinamente, caiu no mar e saltou novamente, e talvez comesse um pedaço de mim tão selvagemente quanto comia o peixe em sua boca. Deixei-o sozinho com sua comida, e me retirei.

Já havia muitos gatos na ilha. Aliás, aqueles que vinham às casas de verão traziam os mais bonitos e mais gordos em cestinhos, às vezes, em sacolinhas. Logo eles se amavam, sufocando-se e mordendo uns aos outros nos prados e nas telhas. Quando sete ou oito gatinhos enchiam a casa, eram deixados na rua. Às vezes, via gatos enormes sufocando os filhotes com sons amargos nas ruas isoladas. Depois eles cresceram, sobrevivendo à fome e aos dentes dos gatos machos enormes. Via-os alinhados no cais. Esperaram longas noites pelo peixe. Nas manhãs depois de algumas noites agitadas, encontrei carcaças

de gatos na beira da água, que havia subido com a maré, agora calma. Os pretos e brancos e malhados, com a barriga inchada e a agilidade desfeita nas ondas do mar, roxos e ainda selvagens, batiam as cabeças e as costas levemente no cais que não conseguiam escalar. Lamentava muito que isso acontecesse sempre depois da meia-noite. Talvez tivesse sido possível salvá-los. Na ilha só restaram os gatos de telha preguiçosos e fofinhos. Meus gatos selvagens se retiraram um por um. Abandonaram sua agilidade e ferocidade, e tiraram suas garras de todo o tipo de ação.

*3 - Crianças:*

Não tardei a fazer novos amigos.

Os meninos da ilha se reúnem ao meu redor à tarde. Dou um charuto a cada um deles. Fumamos charutos secretamente de todo o mundo. Eles falam sobre pássaros. Dizem que os viscos são feitos de mel. Aprendo quais pássaros estão empoleirados em quais galhos de árvore. Sei que os sargos vivem nos canaviais, que os salmonetes não chegam à linha de pesca e que o rei dos pescadores traz doze quilos de peixe com nove camadas de linha de pesca. Um menino pescador de bochechas inchadas, olhos negros, rechonchudo, quente e limpo como o vapor d'água, puro na proporção de sua gordura e sensível como sua pureza, e com a pele salgada, contou-me a história de um dragão que rasgava as redes dos pescadores nas margens da ilha rochosa oposta, vazia e íngreme. Contou apenas para mim. Seus outros amigos se divertem com ele. Conta a história do dragão apenas para mim, porque fui o único a não gritar "tamboreiro" quando ele passava após imitar um tambor com dois dedos na bochecha. Ouço a descrição do dragão, tranquilo e tão convencido quanto o menino: olhos nas costas, pelos brilhantes como um enorme holofote, longos e duros como os de um urso. Sua boca é como a boca de um poço.

*4 - E o Morto:*

Noutro dia, saí de casa cedo. Conheci o pequeno pescador. Estava pálido. Das unhas aos cabelos, havia crescido ao sol e ao mar. Gostava tanto do mar quanto dos peixes e das algas marinhas. Quem sabe, a aspereza do vento e o céu fechado tenham lhe tirado a cor. Senão, era uma pessoa que se desvane-

cia? Sorriu quando me viu. Deixou as andorinhas que havia levado em uma travessa de cobre ao lado da igreja.

– Há um morto, disse. Um pescador morto. Lá, no final do cais. Vá e veja, é o trabalho do dragão.

Fui e o vi. O morto estava lá sobre a rocha verde. A polícia ainda não havia chegado. Eu ainda não havia visto seu rosto. Seus pés e corpo pareciam um manequim, um espantalho. Vou descrever seu rosto:

Dentes fortes se projetavam das bochechas caídas. O queixo ria e brincava com a espuma do vento. A carne do queixo era branca, como se estivesse pronta para servir. A barba de um pescador de cinco a dez dias pousava sobre essa carne branca como pequenas moscas e se reagrupava. A parte mais horrível eram as órbitas oculares. Os fundos ainda eram rosados. Faltava um olho. O outro, pendurado com um fio branco, ainda olhava para as ondas distantes e ocasionalmente para as profundezas. As pessoas na frente do morto tinham ficado amarelas. Eis o que foi dito:

– Eu não posso mais comer. Incrível!

– Quem é esse? É horrível.

– Não é muito velho. É realmente assustador.

– Ele tem um anel de ouro no dedo.

Depois pararam e começaram a conversar novamente. Apenas uma mulher ousou se aproximar e olhar o homem morto. Ela sorriu. Eu a conhecia. Virou-se para mim:

– Não vejo nada tão terrível como dizem.

– Sério – eu disse –, você não vê? – A mulher tinha enterrado seus mortos mais queridos, era velha e forte. Pegou meu braço como se tivesse encontrado um confidente.

– Se há alguém onipresente, então é terrível. Eu não acredito nele. Ele tirou tanto de mim. Está sempre pronto e à espera.

Depois ela parou de falar. As lágrimas lhe vieram aos olhos. Derramou duas lágrimas sobre o cadáver de um pescador desconhecido.

Deixei-a. Meus pés me levavam novamente para o morto. Já havia muita gente em volta dele. Os policiais também se misturavam com as pessoas, andando ao redor. Por um momento, pensei que o morto estivesse conosco. Não carregamos todos nós um futuro morto nas costas, sob nossas roupas, e em nossos olhos? Se este morto tivesse sido criado de tal forma que pudesse ver e observar seu próprio cadáver por um tempo, e se este morto tivesse se

levantado e olhado para seu corpo morto, ele teria ficado um pouco amarelo como todos os outros e teria dito aos que o rodeavam:

– Hoje não poderei comer.

*Varlık*, (62), 1º de fevereiro de 1936

# Romance dos Três Reinos

## Luo Guanzhong

**O texto:** Tradução do 1º capítulo do *Romance dos Três Reinos* (三国演义), famoso romance histórico que narra o período entre os anos 184 e 280 EC na China, abordando o final da dinastia Han, a tripartição do império e sua reunificação pela dinastia Jin. É considerada uma das obras mais importantes da literatura chinesa, composta de 120 capítulos. Sua primeira composição data do século XIV e é atribuída, de acordo com a historiografia oficial, a Luo Guanzhong, com base em biografias e livretos de contadores de histórias. No entanto, a versão final e atual do romance é a recensão feita no século XVII por Mao Lun e Mao Zonggang durante a dinastia Qing, que aportou mudanças estilísticas e acréscimo de comentários por toda a obra, alterando o texto original.

**Texto traduzido:** 罗贯中．三国演义（第一回）．人民文学出版社，2019年07月，1-5.

**O autor:** Luo Guanzhong (c. 1330-1400 ou c. 1280-1360), escritor chinês, nasceu em Taiyuan ou Dongyuan, segundo a fonte consultada. Viveu entre as dinastias Yuan e Ming, mas detalhes acerca de sua vida são escassos, sendo apenas possível fazer inferências a partir de comentários a seu respeito em obras de outros autores, por isso, a localização e a data de seu nascimento são incertas. Escreveu romances, contos e crônicas, incluindo o célebre 三国演义(*Romance dos Três Reinos*), considerado um dos quatro grandes romances clássicos da literatura chinesa, a ele creditado.

**O tradutor:** Rud Eric Paixão é bacharel em História (Unesp) e em Letras - Chinês (USP), mestre em Letras (Língua, Literatura e Cultura Japonesa - USP) e pós-graduando em Letras Estrangeiras e Tradução (PPG-LETRA - USP). Intercambista na Universidade de Hubei, em Wuhan, é tradutor e professor de mandarim. Sua pesquisa envolve a tradução, adaptação, crítica e análise literária do *Romance dos Três Reinos*.

# 三国演义

（第一回）

“话说天下大势，分久必合，合久必分”

罗贯中

## 宴桃园豪杰三结义，斩黄巾英雄首立功

词曰：

滚滚长江东逝水，
浪花淘尽英雄。
是非成败转头空：
青山依旧在，
几度夕阳红。

白发渔樵江渚上，
惯看秋月春风。
一壶浊酒喜相逢：
古今多少事，
都付笑谈中。

话说天下大势，分久必合，合久必分：周末七国分争，并入于秦。及秦灭之后，楚、汉分争，又并入于汉。汉朝自高祖斩白蛇而起义，一统天下。后来光武中兴，传至献帝，遂分为三国。推其致乱之由，殆始于桓、灵二帝。

桓帝禁锢善类，崇信宦官。及桓帝崩，灵帝即位，大将军窦武、太傅陈蕃，共相辅佐。时有宦官曹节等弄权，窦武、陈蕃谋诛之，机事不密，反为所害。中涓自此愈横。

建宁二年四月望日，帝御温德殿。方升座，殿角狂风骤起，只见一条大青蛇，从梁上飞将下来，蟠于椅上。帝惊倒，左右急救入宫，百官俱奔避。须臾，蛇不见了。忽然大雷大雨，加以冰雹，落到半夜方止，坏却房屋无数。建宁四年二月，洛阳地震；又海水泛溢，沿海居民，尽被大浪卷入海中。光和元年，雌鸡化雄。六月朔，黑气十余丈，飞入温德殿中。秋七月，有虹现[见]于玉堂；五原山岸，尽皆崩裂。种种不祥，非止一端。帝下诏问群臣以灾异之由，议郎蔡邕上疏，以为霓堕鸡化，乃妇寺干政之所致，言颇切直。帝览奏叹息，因起更衣。曹节在后窃视，悉宣告左右•遂以他事陷邕于罪，放归田里。后张让，赵忠，封谞，段圭，曹节，候览，蹇硕，程旷，夏恽，郭胜十人朋比为奸，号为“十常侍”。帝尊信张让，呼为“阿父”，朝政日非，以致天下人心思乱，盗贼蜂起。

时钜鹿郡有兄弟三人：一名张角，一名张宝，一名张梁。那张角本是个不第秀才。因入山采药，遇一老人，碧眼童颜，手执藜杖，唤角至一洞中，以天书三卷授之，曰：“此名太平要术。汝得之，当代天宣化，普救世人；若萌异心，必获恶报。” 角拜问姓名。老人曰：“吾乃南华老仙也。” 言讫，化阵清风而去。角得此书，晓夜攻习，能呼风唤雨，号为“太平道人”。中平元年正月内，疫气流行，张角散施符水，为人治病，自称大贤良师。角有徒弟五百馀人，云游四方，皆能书符念咒。次后徒众日多，角乃立三十六方，—大方万馀人，小方六七千—，各立渠帅，称为将军。讹言“苍天已死，黄天当立。”又云“岁在甲子，天下大吉。”令人各以白土，书“甲子”二字于家中大门上。青、幽、徐、冀、荆、扬、兖、豫八州之人，家家侍奉大贤良师张角名字。角遣其党马元义，暗赍金帛，结交中涓封谞，以为内应。角与二弟商议曰：“至难得者，民心也。今民心已顺，若不乘势取天下，诚为可惜。”遂一面私造黄旗，约期举事；一面使弟子唐州，驰书报封谞。唐州乃迳赴省中告变。帝召大将军何进调兵擒马元义，斩之；次收封谞等一干人下狱。张角闻知事露，星夜举兵，自称天公将军，—张宝称地公将军，张梁称人公将军—。申言于众曰：“今汉运将终，大圣人出；汝等皆宜顺从天意，以乐太平。”四方百姓，裹黄巾从张角反者，四五十万。贼势浩大，官军望风而靡。何进奏帝火速降诏，令各处备御，讨贼立功；一面遣中郎将卢植，皇甫嵩，朱隽，各引精兵，分三路讨之。

且说张角一军，前犯幽州界分。幽州太守刘焉，乃江夏竟陵人氏，汉鲁恭王之后也；当时闻得贼兵将至，召校尉邹靖计议。靖曰："贼兵众，我兵寡，明公宜作速招军应敌。"刘焉然其说，随即出榜招募义兵。榜文行到涿县，乃引出涿县中一个英雄。那人不甚好读书；性宽和，寡言语，喜怒不形于色；素有大志，专好结交天下豪杰；生得身长七尺五寸，两耳垂肩，双手过膝，目能自顾其耳，面如冠玉，唇若涂脂；中山靖王刘胜之后，汉景帝阁下玄孙；姓刘，名备，字玄德。昔刘胜之子刘贞，汉武时封涿鹿亭侯，后坐酎金失侯，因此遗这一枝在涿县。玄德祖刘雄，父刘弘。弘曾举孝廉，亦尝作吏，早丧。玄德幼孤，事母至孝；家贫，贩屦织席为业。家住本县楼桑村。其家之东南，有一大桑树，高五丈馀，遥望之，童童如车盖。相者云："此家必出贵人。玄德幼时，与乡中小儿戏于树下，曰："我为天子，当乘此车盖。"叔父刘元起奇其言，曰："此儿非常人也！"因见玄德家贫，常资给之。年十五岁，母使游学，尝师事郑玄、卢植；与公孙瓒等为友。及刘焉发榜招军时，玄德年已二十八岁矣。

当日见了榜文，慨然长叹。随后一人厉声言曰："大丈夫不与国家出力，何故长叹？" 玄德回视其人：身长八尺，豹头环眼，燕颔虎须，声若巨雷，势如奔马。玄德见他形貌异常，问其姓名。其人曰："某姓张，名飞，字翼德。世居涿郡，颇有庄田，卖酒屠猪，专好结交天下豪杰。适才见公看榜而叹，故此相问。"玄德曰："我本汉室宗亲，姓刘，名备。今闻黄巾倡乱，有志欲破贼安民；恨力不能，故长叹耳。"飞曰："吾颇有资财，当招募乡勇，与公同举大事，如何？"玄德甚喜，遂与同入村店中饮酒。正饮间，见一大汉，推著一辆车子，到店门首歇了；入店坐下，便唤酒保："快斟酒来吃，我待赶入城去投军。"玄德看其人：身长九尺，髯长二尺：面如重枣，唇若涂脂；丹凤眼，卧蚕眉：相貌堂堂，威风凛凛。玄德就邀他同坐，叩其姓名。其人曰："吾姓关，名羽，字寿长，后改云长，河东解良人也。因本处势豪，倚势凌人，被吾杀了；逃难江湖，五六年矣。今闻此处招军破贼，特来应募。"玄德遂以己志告之。云长大喜。同到张飞庄上，共议大事。

飞曰："吾庄后有一桃园，花开正盛；明日当于园中祭告天地，我三人结为兄弟，协力同心，然后可图大事。"玄德、云长、齐声应曰："如此甚好。"次日，于桃园中，备下乌牛白马祭礼等项，三人焚香，再拜而说誓曰："念刘备、关羽、张飞，虽然异姓，既结为兄弟，则同心协力，救困扶危；上报国家，下安黎庶；不求同年同月同日生，但愿同年同月同日死。皇天后土，实鉴此心。背义忘恩，天人共戮。"誓毕，拜玄德为兄，关羽次之，张飞为弟。祭罢天地，复宰牛设酒，聚乡中勇士，得三百馀人，就桃园中痛饮一醉。来日收拾军器，但恨无马匹可乘。正思虑间，人报"有两个客人，引一夥伴当，赶一群马，投庄上来。"玄德曰："此天佑我也！"三人出庄迎接。原来二客乃中山大商：一名张世平，一名苏双，每年往北贩马，近因寇

发而回。玄德请二人到庄，置酒管待，诉说欲讨贼安民之意。二客大喜，愿将良马五十匹相送；又赠金银五百两，镔铁一千斤，以资器用。玄德谢别二客，便命良匠打造双股剑。云长造青龙偃月刀，又名冷艳锯，重八十二斤。张飞造丈八点钢矛。各置全身铠甲。共聚乡勇五百馀人，来见邹靖。邹靖引见太守刘焉。三人参见毕，各通姓名。玄德说起宗派，刘焉大喜，遂认玄德为侄。

不数日，人报黄巾贼将程远志统兵五万来犯涿郡。刘焉令邹靖引玄德等三人，统兵五百，前去破敌。玄德等欣然领军前进，直至大兴山下，与贼相见。贼众皆披发，以黄巾抹额。当下两军相对，玄德出马，—左有云长，右有翼德—，扬鞭大骂："反国逆贼，何不早降！" 程远志大怒，遣副将邓茂出战。张飞挺丈八蛇矛直出，手起处，刺中邓茂心窝，翻身落马。程远志见折了邓茂，拍马舞刀，直取张飞。云长舞动大刀，纵马飞迎。程远志见了，早吃一惊；措手不及，被云长刀起处，挥为两段。后人有诗赞二人曰：

英雄发颖在今朝，一试矛兮一试刀。初出便将威力展，三分好把姓名标。

众贼见程远志被斩，皆倒戈而走。玄德挥军追赶，投降者不计其数，大胜而回。刘焉亲自迎接，赏劳军士。次日，接得青州太守龚景牒文，言黄巾贼围城将陷，乞赐救援。刘焉与玄德商议。玄德曰："备愿往救之。"刘焉令邹靖将兵五千，同玄德，关，张，投青州来。贼众见救军至，分兵混战。玄德兵寡不胜，退三十里下寨。玄德谓关、张曰、"贼众我寡，必出奇兵，方可取胜。"乃分关公引一千军伏山左，张飞引一千军伏山右，鸣金为号，齐出接应。次日，玄德与邹靖，引军鼓噪而进。贼众迎战，玄德引军便退。贼众乘势追赶，方过山岭，玄德军中一齐鸣金，左右两军齐出，玄德麾军回身复杀。三路夹攻，贼众大溃。直赶至青州城下，太守龚景亦率民兵出城助战。贼势大败，剿戮极多，遂解青州之围。后人有诗赞玄德曰：

运筹决算有神功，二虎还须逊一龙。初出便能垂伟绩，自应分鼎在孤穷。

龚景犒军毕，邹靖欲回。玄德曰："近闻中郎将卢植与贼首张角战于广宗，备昔曾师事卢植，欲往助之。"于是邹靖引军自回，玄德与关、张引本部五百人投广宗来。至卢植军中，入帐施礼，具道来意。卢植大喜，留在帐前听调。

时张角贼众十五万，植兵五万，相拒于广宗，未见胜负。植谓玄德曰："我今围贼在此，贼弟张梁，张宝在颍川，与皇甫嵩、朱隽对垒。汝可引本部人马，我更助汝一千官军，前去颍川打探消息，约期剿捕。"玄德领命，引军星夜投颍川来。时皇甫嵩、朱隽领军拒贼，贼战不利，退入长社，依草结营。嵩与隽计曰："贼依草结营，当用火攻之。"遂令军士，每人束草一把，暗地埋伏。其夜大风忽起。二更以后，一齐纵火，嵩与隽各引兵攻击贼寨，火焰张天，贼众惊慌，马不及鞍，人不及甲，四散奔走。

杀到天明，张梁、张宝引败残军士，夺路而走。忽见一彪军马，尽打红旗，当头来到，截往去路。为首闪出一将，身长七尺，细眼长髯；官拜骑都尉；沛国谯郡人也：姓曹，名操，字孟德。操父曹嵩，本姓夏侯氏；因为中常侍曹腾之养子，故冒姓曹。曹嵩生操，小字阿瞒，一名吉利。操幼时，好游猎，喜歌舞；有权谋，多机变。操有叔父，见操游荡无度，尝怒之，言于曹嵩。嵩责操。操忽心生一计：见叔父来，诈倒于地，作中风之状。叔父惊告嵩，嵩急视之，操故无恙。嵩曰："叔言汝中风，今已愈乎？"操曰："儿自来无此病；因失爱于叔父，故见罔耳。"嵩信其言。后叔父但言操过，嵩并不听。因此，操得恣意放荡。时人有桥玄者，谓操曰："天下将乱，非命世之才，不能济。能安之者，其在君乎？"南阳何顒见操，言："汉室将亡，安天下者，必此人也。"汝南许劭，有知人之名。操往见之，问曰："我何如人？"劭不答。又问，劭曰："子治世之能臣，乱世之奸雄也。"操闻言大喜。年二十，举孝廉，为郎，除洛阳北都尉。初到任，即设五色棒十馀条于县之四门。有犯禁者，不避豪贵，皆责之。中常侍蹇硕之叔，提刀夜行，操巡夜拏住，就棒责之。由是，内外莫敢犯者，威名颇震。后为顿丘令。因黄巾起，拜为骑都尉，引马步军五千，前来颍川助战。正值张梁、张宝败走，曹操拦住，大杀一阵，斩首万馀级，夺得旗旛、金鼓马匹极多。张梁、张宝死战得脱。操见过皇甫嵩，朱隽，随即引兵追袭张梁、张宝去了。

却说玄德引关、张来颍川，听得喊杀之声，又望见火光烛天，急引兵来时，贼已败散。玄德见皇甫嵩，朱隽，其道卢植之意。嵩曰："张梁、张宝势穷力乏，必投广宗去依张角。玄德可即星夜往助。"玄德领命，遂引兵复回。到得半路，只见一簇军马，护送一辆槛车，车中之囚，乃卢植也。玄德大惊，滚鞍下马，问其缘故。植曰："我围张角，将次可破；因角用妖术，未能即胜。朝廷差黄门左丰前来体探，问我索取贿赂。我答曰：'军粮尚缺，安有馀钱奉承天使？'左丰挟恨，回奏朝廷，说我高垒不战，惰慢军心；因此朝廷震怒，遣中郎将董卓来代将我兵，取我回京问罪。" 张飞听罢，大怒，要斩护送军人，以救卢植。玄德急止之曰："朝廷自有公论，汝岂可造次？"军士簇拥卢植去了。

关公曰："卢中郎已被逮，别人领兵，我等去无所依，不如且回涿郡。"玄德从其言，遂引军北行。行无二日，忽闻山后喊声大震。玄德引关、张纵马上高冈望之，见汉军大败，后面漫山塞野，黄巾盖地而来，旗上大书"天公将军"。玄德曰："此张角也！可速战！" 三人飞马引军而出。张角正杀败董卓，乘势赶来，忽遇三人冲杀，角军大乱，败走五十馀里。三人救了董卓回寨。卓问三人现居何职。玄德曰："白身。"卓甚轻之，不为礼。玄德出，张飞大怒曰："我等亲赴血战，救了这厮，他却如此无礼；若不杀之，

难消我气！”便要提刀入帐来杀董卓。正是：人情势利古犹今，谁识英雄是白身？安得快人如翼德，尽诛世上负心人！毕竟董卓性命如何，且听下文分解。

# ROMANCE DOS TRÊS REINOS
## 1º capítulo

*"Diz-se que a tendência do mundo é unir-se após longo tempo dividido e separar-se após longo tempo unido."*

LUO GUANZHONG

*Banqueteando-se no jardim de pessegueiros, três valorosos juram-se irmãos; Destruindo os Turbantes Amarelos, os heróis obtêm seus primeiros méritos.*

Dizem os versos:

Em contínuo fluir ao leste, vão-se as águas do Longo Rio[1].
Suas espumas, como o tempo, levam consigo os heróis.
Sucesso ou derrota, certo ou errado: vazios.
Verdejantes, as montanhas permanecem;
rubro, dia após dia, o poente.

Lua de outono, vento de primavera.
O velho ermitão sobre a margem muitos já apreciou.
O vinho grosseiro traz alegria ao encontro.
A miríade do que foi, é e será:
a tudo encaremos sorrindo.

[1] "Longo Rio" é a tradução literal de 长江, conhecido como "Yangtzé" ou "Yangzi" no Ocidente. Este nome, contudo, diz respeito apenas a seu baixo curso, na região de Yangzhou, tendo sido aplicado ao rio como um todo por ingleses e franceses. (n.t.)

Diz-se que a tendência do mundo é unir-se após longo tempo dividido e separar-se após longo tempo unido. Ao fim dos Zhou, sete reinos disputaram o poder e Qin saiu-se vencedor. Após seu fim, Chu e Han guerrearam entre si. Levantando-se em revolta após eliminar a Serpente Branca, o império foi unificado pelo Imperador Gaozu dos Han. Restaurado por Guangwu e transmitido até o Imperador Xian, dividiu-se então em três estados.

Quanto à causa da desordem, teve início nos reinados dos imperadores Huan e Ling. Aquele privava bons oficiais de postos no governo e punha sua confiança nos eunucos do palácio. Após sua morte e a assunção do Imperador Ling, o Generalíssimo Dou Wu e o Grande Tutor Chen Fan auxiliaram-se mutuamente no governo; por causa de estratagemas, Cao Jie e outros eunucos foram executados. Passaram então a agir abertamente e puniam seus opositores, tornando-se cada vez menos refreados em suas ações.

No dia de lua cheia do quarto mês do segundo ano da Era Jianning[2], o Imperador se encontrava no Palácio da Calidez e Virtude e, ao preparar-se para sentar no trono, um vento fortíssimo surgiu de repente do canto do palácio. Uma enorme cobra verde azulada voou da viga do teto e enrolou-se no trono; o Imperador desmaiou com o choque e foi resgatado pelos oficiais, os quais fugiram em seguida. Um momento depois, a cobra desapareceu. De repente, teve início uma pesada tempestade com ventos poderosos, raios e granizo, a qual durou até o meio da noite e destruiu incontáveis casas. Dois anos depois[3], houve um terremoto em Luoyang. Ao mesmo tempo, o mar transbordou e as ondas levaram consigo muitos habitantes litorâneos.

No ano inicial da Era Guanghe[4], uma galinha tornou-se galo. No primeiro dia do sexto mês[5], um ar escuro com mais de trinta metros de comprimento voou para o Palácio da Calidez e Virtude. No mês seguinte, outono, um arco-íris foi visto no Salão de Jade e as encostas de montanhas e rios em Wuyuan colapsaram por completo. Para além desses, foram muitos os sinais funestos.

O Imperador questionou seus oficiais quanto aos motivos para tais desastres naturais. O Conselheiro Cai Yong, expressando-se incisivamente, sugeriu, por meio de memorando, que os fenômenos tinham relação com a interferência de mulheres e eunucos nos assuntos do governo. Ao lê-lo, o

---

[2] 21 de maio de 170 EC. (n.t.)
[3] Março-abril de 172 EC. (n.t.)
[4] 178 EC. (n.t.)
[5] 3 de julho de 178 EC. (n.t.)

Imperador suspirou profundamente e se retirou. Detrás deste, posicionado sem ser percebido, o eunuco Cao Jie também leu seu conteúdo e o divulgou por completo; utilizando-se de falsas acusações, conseguiu que Cai Yong fosse punido com o exílio em sua terra natal.

A seguir, os eunucos Zhang Rang, Zhao Zhong, Feng Xu, Duan Gui, Cao Jie, Hou Lan, Jian Shuo, Chen Kuang, Xia Yun e Guo Sheng passaram a agir em conluio, sendo este grupo conhecido por Dez Atendentes Regulares. O Imperador respeitava Zhang Rong e nele depositava sua confiança a ponto de chamá-lo de pai.

As questões de Estado eram, dia após dia, pior administradas, causando o descontentamento da população por todo o império e o surgimento de multidões de bandidos. Na prefeitura de Julu, nesta época, havia três irmãos: Zhang Jue, Zhang Bao e Zhang Liang. O primeiro não conseguira passar nas provas de seleção para o serviço público e, por isso, passou a viver nas montanhas a coletar ervas. Lá, encontrou um homem idoso segurando um cajado, de olhos azuis e aparência juvenil, que o chamou para segui-lo a uma caverna onde lhe entregou os três rolos do Livro Celeste e disse: “Estas são as artes essenciais para a paz e harmonia. Por meio delas, pode educar e levar a salvação a todos. Caso pensamentos desleais germinem em seu coração, será, sem dúvida, capturado e receberá a justa retribuição por suas ações nefastas”. Curvando-se, Zhang Jue perguntou-lhe o nome, ao que respondeu: “Sou o Imortal do Sul”. Com isso, uma brisa soprou e o homem desapareceu.

Zhang Jue, então, pegou o livro e o estudou com afinco por dias e noites a fio, aprendendo a invocar vento e chuva. Passou a ser chamado de “Mestre da Paz Suprema”.

No primeiro mês do ano inicial da Era Zhongping[6] teve início uma epidemia e Zhang Jue começou a distribuir águas encantadas com talismãs para curar a população, nomeando-se Grande Mestre Virtuoso. Seus aprendizes somavam mais de quinhentos, vagando por todas as direções do império, todos capazes de escrever e recitar encantamentos.

O número de seus seguidores crescia dia após dia. Zhang Jue estabeleceu-os em 36 divisões – as grandes com mais de dez mil pessoas cada, as pequenas, de seis a sete mil – e escolheu seus líderes, a quem chamava de generais. Diziam os rumores de então que “o céu esmeralda está morto, o céu amarelo se estabelece” e “o início de um novo ciclo temporal traz bom augúrio ao mundo”. O nome do primeiro ano do ciclo sexagenário era *jiazi*[7] e

[6] Entre janeiro e fevereiro de 184 EC. (n.t.)
[7] Iniciado em 31 de janeiro de 184 EC. (n.t.)

as pessoas por todas as partes começaram a escrevê-lo nas portas de suas casas com argila branca.

Nas oito províncias de Qing, You, Xu, Ji, Jing, Yang, Yan e Yu, inúmeras pessoas e famílias apoiavam o Grande Mestre Virtuoso Zhang Jue. Um dos seus seguidores, Ma Yuanyi, foi enviado com ouro e tecidos para obter os favores do eunuco Feng Xu, o qual passou a agir infiltrado.

Em discussão com seus irmãos mais novos, Zhang Jue disse: “O coração do povo é algo difícil de se obter, mas este já é fiel à nossa causa. Caso não aproveitemos para tomar o mundo agora, nos arrependeremos”.

Ordenou em segredo que fossem feitos estandartes amarelos e fixou a data para a insurreição; ao mesmo tempo, enviou seu seguidor Tang Zhou com carta urgente para Feng Xu. No caminho para o palácio, porém, seu enviado teve uma mudança de sentimentos e notificou a corte quanto aos planos. O Imperador convocou então o Generalíssimo He Jin, o qual despachou tropas para capturar Ma Yuanyi, Feng Xu e quaisquer outros envolvidos; o primeiro foi executado e os outros aprisionados.

Ao saber que seus planos foram descobertos, Zhang Jue convocou suas forças na mesma noite e assumiu o título de General Senhor dos Céus – seus irmãos Zhang Bao e Zhang Liang assumiram, respectivamente, os nomes de General Senhor da Terra e General Senhor dos Humanos. Proclamou para a multidão: “Hoje os Han têm seu fim e o Grande Sábio surge. Todos, sem exceção, devem se submeter à Vontade Celeste para que obtenham paz e harmonia”.

Por todo o império, pessoas começaram a usar panos amarelos e juntaram-se a Zhang Jue em sua rebelião. Seus números chegavam a quase meio milhão e as forças do governo fugiam como folhas sopradas pelo vento diante da magnitude das forças rebeldes.

He Jin peticionou ao Imperador que proclamasse sem perda de tempo um edito comandando que todos os locais do império se preparassem para enfrentar os traidores e contribuíssem no combate. Ao mesmo tempo, os três Generais Cavaleiros do Palácio Interno Lu Zhi, Huangfu Song e Zhu Jun, liderando forças de elite, avançaram por diferentes caminhos contra os rebeldes.

As tropas de Zhang Jue atacavam então as fronteiras da Província de You. Liu Yan, seu governante, era nativo de Jingling, em Jiangxia, e descendente da família imperial. Ao saber que o exército rebelde se aproximava, convocou o oficial militar Zou Jing para discutir a questão. Este disse: “Eles são muitos e nós somos poucos. Deve convocar tropas sem demora para combater os

inimigos”. Agindo de acordo com o aconselhado, Liu Yan imediatamente ordenou a publicação de anúncio para o alistamento de valentes.

Ao chegar ao distrito de Zhuo, a proclamação atraiu a atenção de um herói da região. Este homem não era particularmente afeito aos estudos, tinha boa natureza e falava pouco; feliz ou enraivecido, seu semblante não demonstrava suas emoções. Possuía aspirações grandiosas e desejava estabelecer relações com os valorosos do mundo. Tinha de altura quase um metro e oitenta, seus lóbulos tocavam os ombros, suas mãos chegavam aos joelhos e seus olhos conseguiam enxergar suas orelhas. Seu rosto era belo como se esculpido em jade, seus lábios rubros como se pintados.

Seu ancestral direto era Liu Sheng, Príncipe Jing de Zhongshan, sendo neto do neto do Imperador Jing[8], o qual governara há mais de trezentos anos. Seu nome era Liu, seu nome Bei, nome de cortesia Xuande.

O filho de Liu Sheng foi Liu Zhen. Nos tempos do Imperador Wu, recebeu o título de Marquês do Pavilhão de Zhuolu, mas o perdeu por não contribuir adequadamente com as oferendas ancestrais. Este ramo familiar permaneceu, assim, no distrito de Zhuo.

O avô de Xuande foi Liu Xiong; seu pai, Liu Hong. Este foi selecionado para o serviço governamental por recomendação em virtude de sua obediência filial e bom histórico; trabalhou como oficial da corte, mas morreu cedo. Órfão de pai ainda em tenra idade, Xuande dedicou-se ao máximo a servir sua mãe. Sendo pobres, trançava e negociava assentos e calçados como meio de vida.

Sua família habitava o vilarejo de Lousang. Ao sudeste de sua casa, havia uma amoreira enorme, com mais de trinta metros de altura; observando-a a distância, sua copa lembrava o dossel de uma carruagem. Um adivinho falou, um dia: “É certo que alguém nobre sairá desta casa”. Em sua infância, brincando com outras crianças do vilarejo sob a árvore, Xuande disse: “Eu serei o Filho Celeste[9] e esta será minha carruagem!”. Surpreso ao ouvir isso, seu tio Liu Yuan exclamou: “Esta criança não é uma pessoa comum!”. Vendo a situação de pobreza da família de Xuande, passou a ajudá-los financeiramente.

Aos quinze anos, sua mãe o enviou para estudar em outros lugares; teve Zheng Xuan e Lu Zhi como professores, e fez amizade com Gongsun Zan, entre outros.

---

[8] Embora iguais na romanização, os dois Jing são escritos e pronunciados de modo diferente; o primeiro é 靖, enquanto que o segundo 景. (n.t.)

[9] Termo usado pelo Imperador. (n.t.)

Quando da proclamação do anúncio de Liu Yan, Xuande contava vinte e oito anos de idade. Ao ver o conteúdo publicado, soltou um longo e profundo suspiro. Uma pessoa, então, disse-lhe em voz austera: “Se um homem de caráter não se dispõe a oferecer toda a força que possui pela sua terra, qual o sentido de ficar suspirando desse jeito?”.

Xuande então se voltou e olhou para o homem: era alto, com mais de um metro e oitenta; tinha aparência feroz e impressionante, com olhos redondos em rosto de pantera, queixo de andorinha e barba de tigre; sua voz era tremenda como um trovão e sua postura como a de um cavalo em galope. Percebeu que sua aparência não era comum e perguntou seu nome. Recebeu como resposta: “Meu sobrenome é Zhang, meu nome é Fei, nome de cortesia Yide. Minha família mora em Zhuo há gerações e temos boa quantidade de terras por aqui. Trabalho vendendo álcool e matando porcos. Tenho como desejo estabelecer relações com os valorosos do mundo. Agora mesmo vi você suspirando ao ler o anúncio e por isso o interroguei”.

Xuande disse: “Eu sou membro da família dos Han, meu sobrenome é Liu, e meu nome é Bei. Ouvi há pouco sobre a revolta dos Turbantes Amarelos e tenho a ambição de destruir os rebeldes e trazer paz ao povo, lamento apenas que minha força não seja bastante, por isso suspirei”. Zhang então respondeu: “Eu tenho muitos bens e dinheiro que posso usar para recrutar valorosos de nossa região; juntos, podemos iniciar algo grandioso. O que me diz?”. Xuande ficou extremamente feliz e juntos partiram para beber na taverna local.

Enquanto bebiam, viram um homem grande empurrando uma carroça, parando em frente à taverna para descansar. Ao entrar, sentou-se e gritou para o atendente: “Rápido, sirva-me vinho e traga-me algo de comer. Preciso me apressar, pois vou à cidade para me alistar nas tropas”.

Xuande o observou: tinha mais de dois metros de altura e sua barba media quase meio metro; seu rosto era marrom avermelhado, seus lábios eram rubros como se pintados, seus olhos levemente inclinados para cima, como os de uma fênix, e suas sobrancelhas volumosas. Sua aparência era magnífica e tinha uma presença poderosa e inspiradora. Xuande imediatamente solicitou que se sentassem juntos e perguntou seu nome. “Meu sobrenome é Guan, meu nome é Yu, meu nome de cortesia foi Shouchang, mas depois mudei para Yunchang. Sou do distrito de Xie, na prefeitura de Hedong. Lá havia um tirano local que maltratava e oprimia o povo, por isso o matei. Fugi, e desde então, há quase seis anos, vago de um lugar a outro. Hoje escutei que estão aqui à procura de recrutas para combater os rebeldes e vim com o ob-

jetivo de me alistar". Xuande contou-lhe de sua ambição e Yunchang ficou muito feliz com o que ouviu.

Os três foram juntos à herdade de Zhang Fei para deliberar sobre questões grandiosas. O anfitrião disse: "Atrás desta propriedade há um jardim de pessegueiros, suas flores estão desabrochando. Amanhã, nesse jardim, façamos sacrifícios ao Céu e Terra e juremos irmandade. Unidos em esforço e alma, podemos alcançar grandes feitos". Xuande e Yunchang concordaram entusiasmadamente.

No dia seguinte, dentro do jardim de pessegueiros, prepararam um boi preto e um cavalo branco para a oferenda. Os três queimaram incensos, curvaram-se em reverência e proclamaram seus votos: "Eis Liu Bei, Guan Yu e Zhang Fei. Embora de diferentes famílias, aqui declaramos nossa assunção em irmandade. Unidos em esforço e alma, trabalharemos para salvar e ajudar quem de nós necessite. Responderemos às necessidades da terra e traremos paz ao povo. Não pedimos por nascer no mesmo dia, mês e ano, mas no mesmo dia, mês e ano ansiamos por morrer. Céu e Terra são testemunhas da sinceridade em nossos corações. Que traição ou ingratidão recebam a recompensa devida". Terminado o voto, Liu Bei foi saudado como irmão mais velho, Guan Yu como irmão do meio e Zhang Fei como o mais novo.

Após o sacrifício ao Céu e Terra, em reunião com valentes da região somando mais de trezentos, outros bois foram abatidos e o vinho foi servido, com todos comendo e bebendo ao contento de seus corações no jardim de pessegueiros.

Chegado o novo dia, aprontaram as armas para as tropas, mas lamentavam a ausência de cavalos que pudessem montar. Enquanto ponderavam a questão, um servo anunciou: "Meu senhor, dois mercadores acabam de chegar com um grupo de serviçais e uma tropa de cavalos". Xuande exclamou: "O Céu nos favorece!", e os três saíram para receber os visitantes.

Tratava-se de dois grandes mercadores de Zhongshan, Zhang Shiping e Su Shuang, que viajavam ao norte anualmente para negociar cavalos, mas viram-se forçados a voltar por terem encontrado bandidos no caminho. Xuande convidou-os para entrar na propriedade, acomodou-os e serviu-lhes vinho, narrando a seguir seu desejo de travar combate com os rebeldes e trazer paz ao povo. Felizes com o que ouviram, os mercadores se dispuseram a doar cinquenta cavalos de boa qualidade à sua causa, além de quinhentos taéis de metais preciosos, quinhentos quilos de ferro trabalhado e dinheiro para pagarem pelos demais equipamentos que precisassem.

Xuande agradeceu e despediu-se dos mercadores. A seguir, contratou um ferreiro de excelência para forjar suas armas, escolhendo para si um par de espadas. Para Yunchang foi feito um *guandao*[10] chamado Lâmina Crescente do Dragão Índigo, e também chamado Serra de Fria Beleza, com peso de mais de quarenta quilos, e para Zhang Fei uma lança de ferro com dois metros e meio de comprimento. Cada um também comprou armadura para todo o corpo.

Com força somando mais de quinhentos valentes recrutados localmente, apresentaram-se a Zou Jing, quem, por sua vez, introduziu-os a Liu Yan. Os três, depois de prestarem seus respeitos, apresentaram-se. Após Xuande mencionar sua linhagem, Liu Yan ficou imensamente contente e o tratou como sobrinho.

Poucos dias depois, foram avisados que o general dos Turbantes Amarelos Cheng Yuanzhi, no comando de cinquenta mil soldados, atacaria o distrito de Zhuo. Liu Yan ordenou a Zuo Jing que comandasse Xuande e seus irmãos na liderança de seus quinhentos homens e partissem para o combate.

Os três irmãos avançaram alegremente até chegarem ao sopé da montanha Daxing, onde encontraram o inimigo. Sem exceção, os rebeldes tinham seus cabelos desgrenhados e usavam um pano amarelo amarrado na testa.

Imediatamente, os dois exércitos posicionaram-se frente a frente e Xuande avançou – com Yunchang à esquerda e Yide à direita – brandindo seu chicote e repreendendo: “Traidores do Império, rendam-se enquanto ainda podem!”. Cheng Yuanzhi se enfureceu e enviou seu general assistente Deng Mao para combatê-los. Zhang Fei aprumou sua Lança Serpente e, com uma só estocada, atravessou o peito de Deng Mao, derrubando-o de seu cavalo.

Vendo a derrota de seu subordinado, Cheng Yuanzhi instigou seu cavalo e brandiu sua arma em direção a Zhang Fei. No entanto, viu-se surpreendido pelo avanço de Yunchang contra si e, pego despreparado, foi cortado ao meio pelo ataque inimigo.

Posteriormente, um poema foi composto em apreciação aos feitos dos dois irmãos:

Heróis extraordinários hoje surgiram,
Brandindo espada e lança.

---

[10] A arma em questão recebeu esse nome por causa do guerreiro chinês Guan Yu (160-220 EC), cujo nome significa literalmente “Espada de Guan”. Trata-se de um anacronismo chamá-la assim antes que sua fama surgisse. (n.t.)

Já de início exibem força excelente,
Na terra tripartida fazem-se conhecidos.

Ao verem a derrota de seu líder, os rebeldes abandonaram suas armas e fugiram. Xuande partiu em seu encalço e capturou enorme quantidade, retornando com grande vitória. Liu Yan os recebeu pessoalmente e distribuiu recompensas.

No dia seguinte, chegou-lhes uma carta oficial enviada por Gong Jing, governante da província de Qing, informando sobre o cerco que enfrentava dos Turbantes Amarelos e suplicando por ajuda. Liu Yan e Xuande discutiram a questão, ao que este disse: “Disponho-me humildemente a partir no resgate”.

Liu Yan ordenou então que Zou Jing partisse com os três irmãos no comando de cinco mil soldados. Ao verem as forças que chegavam para o auxílio da cidade, as forças rebeldes dividiram-se para o combate. Percebendo-se em desvantagem numérica e sem possibilidade de obter vitória, Xuande recuou quinze quilômetros e montou um acampamento fortificado.

Em conversa com Guan e Zhang, Xuande disse: “Eles são muitos e nós poucos, para obter a vitória é preciso agir engenhosamente”. Ordenou então que o Senhor Guan[11] e Zhang Fei, cada um liderando mil soldados, se escondessem respectivamente nas faces leste e oeste da montanha e aguardassem o tocar de um gongo como sinal para que atacassem em conjunto.

No dia seguinte, Xuande e Zou Jing avançaram com grande clamor sobre os rebeldes, os quais partiram para o combate. Xuande então ordenou que suas tropas recuassem e os inimigos, buscando se aproveitar da situação, empreenderam perseguição. Após cruzarem a região montanhosa, Xuande ordenou que tocassem os gongos e as tropas escondidas emergiram dos dois lados da montanha.

Comandando seus soldados, deu meia-volta e juntou-se ao combate; atacadas simultaneamente por três direções, as forças rebeldes foram completamente destruídas. Gong Jing também liderou suas milícias para fora das muralhas em auxílio no combate, impondo grande derrota aos invasores e eliminando grande quantidade deles. Assim teve fim o cerco à cidade.

Posteriormente, um poema foi composto em apreço aos feitos de Xuande:

---

[11] Outro ponto de anacronismo, Guan Yu é às vezes referido como “Senhor Guan”, forma de tratamento que reflete o respeito que obteve posteriormente. (n.t.)

Soberbos no planejamento,
Os dois tigres precisam de um dragão.
Ainda de poucos, porém grandes feitos,
O órfão pobre por certo chegará ao trono.

Após as tropas serem banqueteadas por Gong Jing, Zou Jing desejava retornar. Xuande disse-lhe: “Ouvi recentemente que o General Cavaleiro do Palácio Interno Lu Zhi está travando combate contra o líder rebelde Zhang Jue em Guangzong. No passado, ele fora meu mestre; desejo, pois, partir em seu auxílio”.

Zou Jing partiu com suas tropas e Xuande, juntamente a seus irmãos e seus quinhentos soldados originais, avançou em direção a Guangzong. Ao alcançarem o exército de Lu Zhi, saudaram-no e apresentaram seu propósito, sendo recebidos com grande alegria.

As forças invasoras de Zhang Jue contavam então com cento e cinquenta mil homens e a defesa de Zhi somava cinquenta mil, um incapaz de derrotar o outro. Xuande foi convocado e Zhi falou: “Os bandidos aqui estão cercados, mas Zhang Liang e Zhang Bao estão combatendo os generais Huangfu Song e Zhu Jun na prefeitura de Yingchuan. Colocarei mais mil soldados sob suas ordens, somando aos que trouxe, para que vá até eles obter informações sobre sua situação e acertar a possibilidade de uma ação conjunta”. Recebida a ordem, Xuande partiu na mesma noite.

Huangfu Song e Zhu Jun estavam combatendo os rebeldes. Estes, não conseguindo obter sucesso, decidiram bater em retirada para o distrito de Changshe e levantar acampamento no campo próximo à cidade. Song disse para Jun: “Os bandidos usam os campos para acamparem, devemos atacá-los com fogo”. Deu ordem em seguida para que todos os soldados carregassem palha consigo e a colocassem secretamente em torno do acampamento inimigo. À noite, soprou um vento repentino; perto da meia-noite, o fogo foi acesso e os soldados atacaram em conjunto. As chamas subiram ao céu. Os rebeldes entraram em pânico, incapazes de alcançar seus cavalos ou vestir suas armaduras, e fugiram para todos os lados.

O morticínio continuou até a manhã seguinte. Zhang Liang e Zhang Bao reuniram o que restou de suas tropas e conseguiram forçar uma rota de fuga. Viram então, de súbito, uma força de cavalaria avançando sob bandeiras carmesim em sua direção, cortando seu caminho. Um general raiou diante de seus olhos. Media cerca de um metro e setenta e cinco, com olhos esguios e longa barba. Ocupava o cargo de Comandante de Cavalaria e era nativo do

distrito de Qiao, no principado de Pei. Seu sobrenome era Cao e seu nome era Cao[12], nome de cortesia Mengde.

O pai de Cao era Cao Song. Originalmente do clã Xiahou, mudou de sobrenome, pois fora adotado pelo Atendente Regular Cao Teng, eunuco do palácio. Quando criança, Cao era chamado pelos nomes de A'man e Jili; habilidoso nos jogos de caça e com gosto por canto e dança, era cheio de astúcia e ardil. Enfurecido com a vida desregrada e extravagante, seu tio falou com o irmão e este repreendeu o filho. Uma ideia surgiu repentina em Cao. Em outro momento, ao ver seu tio se aproximando, jogou-se no chão e agiu como se paralisado por um golpe de ar. E o tio, assustado, correu para avisar Song e partiram em urgência para ver o menino. Encontraram Cao sem qualquer problema, ao que seu pai falou: "Seu tio disse que você estava paralisado, já se recuperou?". E o filho respondeu: "Não aconteceu nada do tipo comigo, mas perdi o amor de meu tio, ele me acusa de coisas que não fiz". Song acreditou nessas palavras e passou a não dar ouvidos a nada que seu irmão falava sobre Cao. A partir de então, este se viu livre para agir como bem entendesse.

Um homem chamado Qiao Xuan um dia o chamou e disse: "O mundo ruma ao caos. Sem alguém de talento incomparável, a paz não será possível. Aquele capaz de pacificar o mundo seria você?". He Yong, homem de Nanyang, falou ao ver Cao: "Os Han perecerão. Este homem é quem trará paz ao mundo".

Em Runan habitava certo Xu Shao, famoso por sua habilidade no julgamento do caráter e habilidade das pessoas. Cao foi vê-lo e perguntou: "Que tipo de homem eu sou?". Xu Shao recusou-se a responder. Pressionado, no entanto, acabou por dizer: "Em tempos de paz e prosperidade, um ministro habilidoso; em tempos caóticos, alcançará altas posições usando de todos os meios à disposição". Cao ficou muito satisfeito com o que ouviu.

Aos vinte anos de idade, foi selecionado para o serviço oficial por recomendação de obediência filial e bom histórico, e nomeado Comandante do Norte em Luoyang, a capital. Logo após assumir seu posto, ordenou que bastões de cinco diferentes cores e mais de uma dezena de chicotes fossem colocados nos quatro portões da cidade. Quem quer que violasse a lei, mesmo sendo rico ou poderoso, não escaparia da punição.

O tio do eunuco Jian Shuo, um dos Atendentes Regulares, saiu à noite portando uma arma. Foi detido por Cao, então realizando a patrulha, e pu-

[12] Apesar da coincidência na romanização, os caracteres e sua pronúncia são diferentes. (n.t.)

nido fisicamente. Por meio desse exemplo, ninguém ousava violar a lei e seu nome tornou-se conhecido.

Posteriormente foi nomeado para o governo do distrito de Dunqiu. Em virtude da rebelião dos Turbantes Amarelos, recebeu o título de Comandante de Cavalaria e partiu para auxiliar Yingchuan no comando de cinco mil soldados, entre cavalaria e infantaria.

Chegou no exato momento em que Zhang Liang e Zhang Bao buscavam fugir após serem derrotados, bloqueando seu caminho e os atacando. A quantia de decapitados foi enorme. Tambores de metal, bandeiras e cavalos foram apreendidos em grande número. Zhang Liang e Zhang Bao, lutando por suas vidas, conseguiram escapar. Cao cumprimentou Huangfu Song e Zhu Jun, e partiu em seguida com suas tropas em perseguição aos dois líderes rebeldes.

Como dizíamos anteriormente, Xuande comandava Guan e Zhang no avanço com suas tropas para Yingchuan. Ao ouvirem os gritos da batalha e verem o fogo que subia do campo apressaram a marcha, mas os rebeldes já haviam sido derrotados.

Vendo Huangfu Song e Zhu Jun, foi até eles para comunicar a ideia de Lu Zhi. Song falou: "As forças de Zhang Liang e Zhang Bao estão esgotadas, é certo que partirão para Guangzong e se reunirão com Zhang Jue. Xuande deve partir imediatamente em auxílio".

Recebida a ordem, Xuande partiu de volta no comando de suas tropas. No meio do caminho, avistou um grupo de cavalaria vindo em sua direção, na escolta de uma carroça de prisioneiro. O preso não era ninguém menos que Lu Zhi.

Alarmado, Xuande desmontou rapidamente e inquiriu sobre o ocorrido. Zhi respondeu: "Cerquei Zhang Jue e estava pronto para destruí-lo. Ele, no entanto, utilizou-se de feitiços e eu não pude obter a vitória. A corte enviou o eunuco Zuo Feng para averiguar a situação e este me pediu propina. Minha resposta foi: 'Os suprimentos para as tropas estão em falta, de onde poderia tirar dinheiro para presenteá-lo e obter seus favores?'. Zuo Feng guardou grande rancor e voltou à corte para apresentar seu memorando. Disse que eu me escondia atrás de muros altos e me recusava a partir em combate, prejudicando a moral dos soldados. Furiosa, a corte enviou o General Cavaleiro do Palácio Interno Dong Zhuo para assumir meu posto e comandar meus soldados. Ainda, ordenou que eu fosse levado à capital para receber punição".

Zhang Fei ficou lívido de raiva com o que ouviu e quis matar os oficiais de escolta para soltar Lu Zhi, mas Xuande agiu rápido e o impediu. Disse: "A

corte fará a justiça, pode mesmo agir impetuosamente?". Em seguida, a escolta e a carroça com Lu Zhi partiram.

Falou o Senhor Guan: "O Cavaleiro do Palácio Interno Lu foi preso e outro comanda suas forças. Nós não temos mais motivo para continuar neste caminho. Por agora, seria melhor retornarmos para o distrito de Zhuo". Xuande concordou com o que ouviu e os três irmãos partiram em direção ao norte.

Após quase dois dias de marcha, ouviram de repente grande barulho e gritos vindos detrás de uma montanha. Os três em seus cavalos avançaram a um ponto alto para observar o que ocorria.

Viram tropas desbaratadas dos Han e, atrás delas, avançando em sua direção, soldados dos Turbantes Amarelos por todos os lados. Em sua bandeira estava escrito com grandes letras: "General Senhor dos Céus". Xuande então disse: "Este é Zhang Jue! Avancemos para o combate!". Os três partiram rapidamente em seus cavalos, comandando suas tropas.

Zhang Jue estava massacrando o exército comandado por Dong Zhuo e avançava com ímpeto sobre ele. Repentinamente, viu três pessoas avançando em sua direção com suas tropas. Seus homens caíram em grande confusão e foram derrotados, fugindo por mais de vinte quilômetros.

Os três foram para o acampamento militar com Dong Zhuo após resgatá-lo. Este perguntou sobre que postos ocupavam presentemente. Xuande respondeu: "Somos plebeus". Zhuo então fez pouco-caso deles, tratando-os com nenhum respeito.

Xuande partiu, mas Zhang Fei ficou furioso e disse: "Nós lutamos pessoalmente na batalha e salvamos esse sujeito. Ainda assim, ele nos trata com tanta falta de cortesia. Minha fúria não terá fim se eu não o matar". Preparou-se então para sacar sua espada e entrar na tenda de Dong Zhuo para matá-lo.

De fato:

Ontem como hoje, os sentimentos são fortes.<br>
Quem sabia serem os heróis plebeus?<br>
Em virtude com Yide quem se compara<br>
Ao buscar livrar o mundo de tamanho ingrato?

O que aconteceu com Dong Zhuo? Ouça a seguir.

# epístola

(n.t.) | La Valletta

# VI. Epístola a Lucílio

## Sêneca

**O texto:** As *Epistulae Morales ad Lucilium* são uma coleção de 124 cartas enviadas por Sêneca a seu discípulo Lucílio, no período de afastamento de sua vida pública, escritas por volta de 65 a.C. No conjunto, são como um diário ou manual de meditações filosóficas, por meio das quais o filósofo enfoca muitos temas tradicionais da filosofia estoica, como o desprezo pela morte, a coragem do sábio e a virtude como o bem supremo. Na carta VI o filósofo discorre sobre o tema da amizade e da comunhão da vida.

**Texto traduzido:** Seneca, Lucius Annaeus. "VI.". In. *Ad Lucilium Epistulae Morales*. Vol. I. London/New York: William Heinemann/G.P. Putnam's Sons, 1917, pp. 24-28.

**O autor:** Sêneca (4 a.C.-65 d.C.), filósofo, nasceu em Córdova, na antiga Hispania. Criado em Roma, se formou em retórica e filosofia, ligando-se à corrente estoica, da qual foi um dos expoentes. Como escritor, é conhecido por suas obras filosóficas e por suas tragédias. Seus escritos, que incluem ensaios e uma centena de cartas que tratam de questões morais, constituem um dos corpos mais importantes de material primário acerca da escola de Zenão. Em 65 d.C., forçado a tirar a própria vida por suposta cumplicidade em uma conspiração contra Nero, fez de seu suicídio um símbolo do estoicismo.

**A tradutora:** Maíra Meyer Bregalda é bacharel, mestre e doutora em Linguística pela Unicamp. É tradutora dos selos editoriais Autêntica, Ciranda Cultural, Pensamento e Belas Letras, e dedica-se à tradução de escritos de Sêneca.

# VI. Epistulae Ad Lucilium

*"Quidni multa habeam, quae debeant colligi,*
*quae extenuari, quae attolli?"*

SENECA

*Seneca Lucilio suo Salutem*

1. Intellego, Lucili, non emendari me tantum sed transfigurari. Nec hoc promitto iam aut spero, nihil in me superesse, quod mutandum sit. Quidni multa habeam, quae debeant colligi, quae extenuari, quae attolli? Et hoc ipsum argumentum est in melius translati animi, quod vitia sua, quae adhuc ignorabat, videt. Quibusdam aegris gratulatio fit, cum ipsi aegros se esse senserunt.

2. Cuperem itaque tecum communicare tam subitam mutationem mei; tunc amicitiae nostrae certiorem fiduciam habere coepissem, illius verae, quam non spes, non timor, non utilitates suae cura diuellit, illius, cum qua homines moriuntur, pro qua moriuntur.

3. Multos tibi dabo, qui non amico, sed amicitia caruerint. Hoc non potest accidere cum animos in societatem honesta cupiendi par uoluntas trahit. Quidni non possit? Sciunt enim ipsos omnia habere communia, et quidem magis aduersa.

4. Concipere animo non potest, quantum momenti afferri mihi singulos dies uideam. "Mitte", inquis, "et nobis ista, quae tam efficacia expertus es." Ego uero omnia in te cupio transfundere, et in hoc aliquid gaudeo discere, ut doceam. Nec me ulla res delectabit, licet sit eximia et salutaris, quam mihi uni sciturus sum. Si cum hac exceptione detur sapientia, ut illam inclusam teneam nec enuntiem, reiciam. Nullius boni sine socio iucunda possessio est.

5. Mittam itaque ipsos tibi libros et ne multum operae inpendas, dum passim profutura sectaris, inponam notas, ut ad ipsa protinus, quae probo et miror, accedas. Plus tamen tibi et uiua uox et conuictus quam oratio proderit. In rem praesentem uenias oportet, primum, quia homines amplius oculis quam auribus credunt; deinde, quia longum iter est per praecepta, breue et efficax per exempla.

6. Zenonem Cleanthes non expressisset, si tantummodo audisset; uitae eius interfuit, secreta perspexit, obersuauit illum, an ex formula sua uiueret. Platon et Aristoteles et omnis in diuersum itura sapientium turba plus ex moribus quam ex uerbis Socratis traxit; Metrodorum et Hermarchum et Polyaenum magnos uiros non schola Epicuri sed contubernium fecit. Nec in hoc te accerso tantum, ut proficias, sed ut prosis; plurimum enim alter alteri conferemus.

7. Interim quoniam diurnam tibi mercedulam debeo, quid me hodie apud Hecatonem delectauerit dicam. "Quaeris", inquit, "quid profecerim? Amicus esse mihi coepi". Multum profecit; numquam erit solus. Scito esse hunc amicum omnibus. Vale.

# VI. Epístola a Lucílio

*"Por que eu não teria ainda muito*
*que redimensionar, reduzir e edificar?"*

SÊNECA

*Sêneca saúda o seu Lucílio*

1. Compreendo, Lucílio, que eu não somente estou mudando, mas me transformando, e já não garanto ou espero que não esteja sobrando nada em mim para ser modificado. Por que eu não teria ainda muito que redimensionar, reduzir e edificar? E é exatamente esta a prova de que a alma mudou para melhor, pois os próprios defeitos, que até então ela ignorava, passou a enxergar. Felicitamos alguns doentes quando eles passam a perceber a própria doença.

2. Assim, desejaria imensamente comunicar, a ti, tão repentina modificação que se deu em mim: desde agora comecei a ter uma confiança mais sólida em nossa amizade, aquela verdadeira, que nem a esperança, nem o medo ou a preocupação com o próprio interesse podem romper, aquela que morre com os homens e pela qual morrem os homens.

3. Vou te mostrar muitos a quem faltou não um amigo, mas a amizade: isso não pode acontecer quando uma vontade igual atrai as almas para uma aliança que almeja o que é honesto. E por que não pode? Com efeito, sabem que elas mesmas têm tudo em comum e, de fato, mais ainda as adversidades.

4. Não podes imaginar quanta melhora eu vejo, que cada dia me traz. "Envia também a mim", dizes, "esses remédios tão eficazes que experimentaste". Eu certamente almejo infundir tudo em ti e, se me rejubilo em aprender, é para ensinar: e nenhum assunto vai me agradar, mesmo que seja superior e salutar, se eu for o único a saber sobre ele. Se a sabedoria me for da-

da sob a condição de mantê-la reclusa e não a compartilhar, recusarei: não há posse de qualquer bem que seja agradável sem um companheiro.

5. Assim, enviarei também os próprios livros e, para que não empregues muito esforço em procurar, aqui e ali, os trechos úteis, porei marcas para que chegues imediatamente aos que aprovo e admiro. Além disso, a conversa e a convivência serão mais vantajosas a ti do que o texto escrito: convém que venhas à minha presença, primeiro porque os homens dão mais crédito aos olhos do que às orelhas, depois porque longo é o caminho através dos preceitos, breve e eficaz através dos exemplos.

6. Cleantes não teria reproduzido Zenão tão bem se somente o tivesse ouvido: esteve presente na vida dele, perscrutou seus segredos, observou se ele vivia de acordo com as próprias regras. Platão, Aristóteles e toda a multidão de sábios que deveriam pertencer a seitas opostas extraíram mais ensinamentos das atitudes do que das palavras de Sócrates. Não foi a escola de Epicuro que fez de Metrodoro, Hermarco e Polieno grandes homens, e sim a relação de camaradagem entre eles. E não te convido somente a fazer progressos, mas também a seres útil: com efeito, contribuiremos imensamente um com o outro.

7. Por ora, já que te devo tua pequena paga diária, direi o que hoje gostei de ler em Hecatão: "Queres saber", diz ele, "que progresso fiz? Comecei a ser amigo de mim mesmo". Muito progrediu: nunca estará só. Fica sabendo que um amigo assim está ao alcance de todos. Adeus.

# ensaio

(n.t.) | Ilha de Malta

# Como construir um mundo

**Frank Herbert**

**O texto:** Tradução do ensaio "Como construir um mundo" ("How to Build a World"), de Frank Herbert, publicado originalmente na revista *Amra*, em maio de 1965. O texto partiu de um discurso proferido pelo autor durante a 22ª Convenção Mundial de Ficção Científica (Pacificon II), que aconteceu entre 4 e 7 de setembro de 1964. Segundo Herbert, o tema deste ensaio é resultado da publicação serializada de *Duna* na revista *Analog*, entre dezembro de 1963 e março de 1964. *Duna* é considerado um dos maiores *best sellers* da ficção científica, tendo sido já adaptado duas vezes para o cinema. Neste ensaio, Herbert discute suas inspirações e os processos de criação do mundo fictício em que sua obra se ambienta e divaga sobre temas relacionados à ecologia, cultura, línguas, entre outros.

**Texto traduzido:** Herbert, F. "How to Build a World". *Amra*, v. 2, n. 34, May 1965.

**O autor:** Frank Patrick Herbert (1920-1986), escritor estadunidense, nasceu em Tacoma, Washington. Além de escritor de ficção científica, foi um jornalista de grande sucesso, servindo à Marinha como fotógrafo. É autor de vários contos, novelas e romances nos quais explora ideias relacionadas à filosofia, psicologia, política e ecologia, sendo a questão da sobrevivência humana e sua evolução um dos temas principais de sua obra. É amplamente conhecido pelo romance de ficção científica *Duna*, lançado em 1965, e os cinco livros subsequentes da série.

**O tradutor:** Ademar Soares Jr. é graduado em Letras – Inglês/Literatura e mestre em Letras – Literatura pela UFPI. Foi bolsista Fulbright do programa Foreign Language Teaching Assistant (2020-2022) e professor de língua estrangeira na University of Connecticut, onde também estudou tradução literária. É tradutor, professor e pesquisador em estudos da tradução.

# How to Build a World

*"Here's how Dune was built.
First, there was the idea – The Idea!"*

FRANK HERBERT

This subject, [for a speech at the Pacificon II] was handed to me apparently because of the "Dune" serials in Analog. I must confess to some misgivings in tackling it. Better worlds have been built, you know. But since I've been called "a sacrilegious bastard" on numerous occasions, I guess I can add hubris to my sins.

Here's how Dune was built.

(I want to insert here the warning that this will be a rambling discourse: building a world is a rambling process with alluring sidelines difficult to resist – especially for a person who can't just go to the dictionary to look up a word without spending the next hour or so reading the dictionary.)

First, there was the idea – THE IDEA!

This idea originated almost ten years ago while I was doing a newspaper article. That article took me to Florence, Oregon, a coastal town with dune problems. Because it's the home of a coöperative project by State and Federal authorities seeking control of dunes, Florence has become a mecca for people with similar problems from all over the world. Tell the Florence Chamber of Commerce I mentioned this. It's true: Delegations to study dune control at Florence have come from such places as Israel, Chile, Italy, Spain, Algeria, Turkey, Libya, Iran, India, Saudi Arabia, Mexico – just to name a few.

At Florence, they've solved the dune problem at least to the extent of controlling sand movement – developing grasses to hold them, perfecting

techniques such as plantings on plantings on the windward side to anchor a dune, plantings on the lee side to make them grow taller and form windbreaks.

In doing the newspaper article on this project, I found hooked by dunes. Seriously – odd things can catch your imagination. I had a real thing for dunes. I began studying dry-land cultures because that's where most dunes are found. This is just another form of reading the dictionary.

Slowly, the writer in me began to rear up and I saw I might have the makings of a story setting here. (This was after about two years.) Then I began to think perhaps I had the makings of an entire world here – a world you might recognize somewhat if you'd ever lived in an arid region. A whole world, I thought – a planet in extremis for lack of water. People brutalized by this necessity. A culture, a civilization squirming out of such a morass.

Now, that's the chief thing most people remark where Dune is concerned – the dry planet ecology. But it was just a means to an end. A planet, in my way of thinking, is a kind of spaceship, a biosphere hurtling through uninhabitable regions. And the important thing for the story is the ship's occupants.

Let me say in passing – because this [Pacificon II] audience has just been treated to a discussion of Sword and Sorcery – that Dune is a Sword-&-Sorcery story. For purposes of story treatment, psi is an exact equivalent to sorcery – and you who've read this story know Dune's emphasis on cutting instruments.

The people, then: How does this world inflict itself on its people?

For this kind of world-building project there has to be a take-off point, something you as a reader can identify. As I've hinted, that take-off point for Dune is these dry-land cultures known to us here on Earth. For Dune, though, the dryness is amplified. That's not as simple as it might sound. If you stretch your imagination to the point where you can consider Earth as a living creature, it isn't a much greater stretch to think of the human population as Earth's disease. For much of Earth, humans act counter to a healthy, self-perpetuating ecology.

There is one region, though, where this virus-homo has modified his virulence and is less of a blight on the biosphere. That's in the dry regions. (Some of you may have noted that up to this point I've not used the word "desert". In the English language, "desert" has such extreme, one-value implications, while dryness is a relative matter, even in the desert. Dune is dry. Some deserts, by comparison, are wet.) In Earth's desert regions, virus-

homo uses extra care to nurture a full spectrum of those growing things – plant, animal, insect – which make human life possible. Husbandry here still has some of its ancient religious implications: marriage to the earth and the need to make the earth fertile. Here, we find an ancient tradition still active – of improving the land, of getting into the natural rhythm of things, of maintaining man as viable part of the surrounding ecology.

In these arid regions this has not always been the case, nor is it everywhere the case today. But it is here you find this phenomenon most dramatically displayed as part of folk cultures, accepted usage – "the way things are done." Resistance to change, conservatism, you know, isn't always a non-survival characteristic. The tradition and culture of these desert people can look back on lessons of many mistakes and see the evidence of those mistakes around them even today.

For example, nomadic tribes with desert background began the destruct-tion of the cedars of Lebanon. As a result, topsoil over a once-fertile region is scant and thin. The land is less fertile, produces less food than it did in Biblical times – although the region's rainfall is not sufficiently different to account for the change. Destruction of watersheds over vast regions of China had a direct bearing on China's legendary poverty. (It wasn't the completely controlling factor, of course; I'm not talking about total cause and effect, only tracing parts of immediate chains – a chancey procedure when discussing the land that originated Tao.)

Intimate association with the earth that sustains them, then, is a characteristic of these arid regions. In a sense, this is a characteristic of all the less fortunate areas of the Earth – but let's not confuse exploitation with intimate use. Italian rice farmers exploit their land. Some Japanese rice farmers exploit their land. Wheat farmers of the American plains exploit their land. All of these people have a thing in common: they make little effort to fit their activity into any sustaining cycle of the countryside. More and more Japanese rice farmers are turning to chemical fertilizers. The Italians are far down that road. American wheat farmers paid once with a dust bowl. They have problems of exhausted soil in some regions of Washington and South Dakota right now. Chemical fertilizers are filling some of the gaps – but more and more gaps are appearing. "Put and take" are not balancing out in these regions.

Let's contrast this with some other rice culture regions now: South China, Korea, southwestern Japan, India, Turkey, Sicily. (I'm making this

rice-wheat comparison because both use large chunks of real estate and involve seeds of grass-type plants.)

First, these regions use animal and human excrement for fertilizer – a much maligned procedure because it quite definitely is a source of disease. Second, some are blessed with soil replenishment by floods. In both cases, the people live close to their dirt. It sustains them and they sustain it. These are wet climates, though: How about the deserts of Dune?

Well, both are cases of living intimately with the planet – and, most vital: in extremis the primitive does a better job of surviving. What is it about these primitives that helps them survive?

Most people in our country tend to think of inhabitants in rice culture regions as existing on a simple diet. Not true. The more primitive of these regions actually enjoy a wide variety of foods – but they eat things we don't normally consider food: wild and semi-domesticated plants, insects; they also eat all of the fish. They get their B vitamins from beer and their calcium from lime. They cook some foods a minimal time to conserve both fuel and food value. Other foods they've learned to long enough to make them digestible.

Example: During the Korean war, large numbers of United Nations troops died in North Korean and Chinese prison camps. There was one dramatic exception: the Turks.

First, their religion told them and they believed (and could not be shaken from that belief) that they were better men than their captors.

Second, they recognized food when they saw it – in green leaves, grubs under logs, the soft inner bark of trees.

Third, they knew the rough rice their captors gave them had to be cooked a long time to make it digestible and they waited out that cooking time patiently.

Fourth, they stuck together as a tribe and helped each other.

Fifth, when they found their food, they didn't destroy the source. They took only part of the grubs, didn't ring the trees, left the green plant to create more greenery.

They were a primitive people with a long peasant tradition of pampering the earth, of fitting themselves into the earth's own cycle rather than upetting the rhythms.

This is something you'll recognize as having been adapted to Dune. This a fact of Dune.

Ecologists are just beginning to recognize what most primitives know by instinct: The more kinds of life there are within the ecological domain, the more chemical energy there is bound up in living matter; where life teems and proliferates in intimate association – precisely here you find life most dependent on life's variety.

The energy interchange of life is most complicated. It's interdependent in ways we understand only dimly. Increasingly apparent is the fact that we still don't know the extent of our interdependence – one life form upon another. For this reason, I dealt only in generalities for some of this living interdependence on Dune. What details of the intertwining are known, those are larded through the story. Where precise facts are unknown, I skirted them rather than invent. Introducing unknowns in this area distracts from the few unknowns central to the story conflict.

But since a world does inflict itself upon its inhabitants, I had to solve for some of these unknowns. Thus you find birds of all kinds on Dune converted to blood drinkers, bats dependent upon human saliva for part of their moisture, dew precipitators (a logical and practical device that some manufacturer of chromoplastics such as DuPont should take up) – and Dune gives you the pure invention: the worm-spice-Little Maker cycle, a deliberate parody on the other forms of interdependence.

Are you beginning to see how a world is built?

The dominating factor of Dune is its lack of water. Moisture, not water, becomes a matter of constant concern. Plants must preserve moisture by exaggerations of the ways they do it on Earth deserts.

Humans must do the same.

You can come right out and state these survival methods – and in some cases I do: giving details of stillsuits and other desert clothing, pointing up reclamation of the body's water. A more powerful device, though, is to make these "facts" appear as part of the general culture. For this you go to the language because language is the map of the culture. The language of Dune is filled with clues to the planet's severity, some invented for the occasion, some borrowed from the languages of Earth's primitive desert cultures.

"Speed is a device of Satan." – Arabic

"The sun is your enemy, the moon your friend." – FrankHerbertic

Take note of Dune's many words for knife, the use of landscape features as calendar markers (Navajo), the many words for ways to kill with poison, the refined uses of assassination. Without being told of it specifically, you

know these are important matters in the culture. Note the general austerity of life during the nomadic migrations on Dune contrasted with the richness of their surroundings in semi-permanent camps, the artistic treatment of everyday tools. These are civilization surfacing.

Special words for items necessary to life betray the background of the culture. Note the many ways in Dune that words for water are coupled to other words implying use or function.

Language is the map of the culture. Arabic, for example, has some sixty words for camel or camels. This one fact alone tells you the importance of camels to an Arab's survival. [No doubt the Arabs are similarly impressed with the number of words we use for all various kinds – tracked, wheeled, armored, racing, or whatnot – of camelless carriages.]

This is not a mere surface phenomenon. We only know a world through our human reactions to it. We record these reactions in our languages – and sometimes we bury our reactions, our judgements, in our definitions. The language moves on and the original judgements are mostly forgotten. Those judgements still exist, though. They map our world as it has inflicted itself upon us.

These many hidden assumptions in our most common words trace out our cultural history, our wanderings, and our wonderings. Here are a few examples for your amusement:

ATONE – to become at-one with oneself – from OFr.

BARGAIN – from LL for boat and to haggle, both referring to imported goods. Note the implication that something brought by boat was cheaper and subject to greater depression in price.

SMUGGLE – we get this one from Gr and Anglo-Saxon, out of words meaning to creep under cover of smoke.

DELIGHT – its root words mean enjoyable to the tongue.

PRECARIOUS – from L: full of prayer.

MARTYR – from Gr word for witness. Martyr carries an old custom in its definition – trial by ordeal. If you died you were innocent: "a witness of the gods"; but if you lived through the ordeal, you obviously had the Devil's help and were immediately slain.

VILLAIN – a social judgement: a dweller on a farm, a rustic, a hayseed, was originally a villein.

AUTHENTIC – from Gr meaning one who acts for himself, thus does the Job well. "If you want a Job done well, do it yourself." Curiously, the early English meaning carried the idea of demanding obedience: "Do it the way I tell you to do it!"

CHAGRIN – literally, you get Turkish gooseflesh: shagreen, the rough leather from the rump of a horse.

ZANY – the idiot protected by the gods, a frequent idea among primitives, from the Hebrew for "the Lord shows mercy on such a one."

CHALLENGE – rooted in Latin for false accusation and in its original English sense carried the definite idea of calling a person out purely for the sake of cutting him down in a duel.

[PROVE – the older meaning, "test or try the validity or worth of", has gradually been replaced by "establish validity or worth of". The old saying, "The exception proves the rule," made more sense with the older meaning.]

Reading the dictionary is fun, isn't it?

Okay, these are some of the places you dig up the knowledge on how to build a world. There are others.

First, you have your own experiences of living. I've told you about Florence and the fact article by which I earned my bread and beans. There's also the fact that I've lived in the Sonora desert of Mexico – and I could talk to you all night about that.

Beyond this, there's the fact that I've read more than 200 books, pamphlets, reports, and special papers on dry land ecology, desert societies, and animal and human adaptations to deserts of all kinds ranging from the Gobi through the Sonora, the Sahara, and the Kalahari. You'd be surprised at the extensive specialized material on these subjects no farther away than your library. It ranges from how far a soldier in the desert can march in one day on how much water to how to control poisonous reptiles. You get hundreds of curious sidelights such as the fact that threats to survival increase the viability of pine seeds. Pine trees whose seeds normally are viable only once in every nine years will sprout every year when the trees are threatened by invasion of dunes.

Humans show the same characteristic. Sexual instinct increases under stress, even under the stress of starvation, a fact that carries most terrible implications when you combine it with the pressures of population on food sources.

You were warned this would be a rambling discourse. It rambled the way research for Dune rambled. By this device, I hoped to give you some feeling of the slow growth of the idea into a full-fledged story. It's like a ship gathering barnacles, collecting thousands of details. Many of those details contribute to the story without ever appearing in it. They're like the cultural traces you find in languages. They contribute to the way the characters behave. The details are present as roots if not as foliage. In one sense, such details are like genes: they help shape the finished product from inside.

The finished product, of course, is the story and the world.

During this talk, I've been doing something – sometimes consciously – that I once did purely unconsciously: referring to Dune only as a story. Not a novel, but a story. A friend who'd noted this characteristic of my conversation once brought me up short by calling my attention to it.

"Why do you always say you're working on a story and never on a novel?" he asked.

It took some digging in my own roots and I had to admit finally that I had an unconscious assumption: If I don't tell a good story, even if I create a world, there's nothing novel about it.

# Como construir um mundo

*"Eis como Duna foi construída.*
*Primeiro, houve a ideia – A Ideia!"*

FRANK HERBERT

Esse tema [para uma palestra na Pacificon II] aparentemente me foi dado por causa da serialização de *Duna*, na *Analog*. Devo confessar algumas reticências ao enfrentá-lo. Mundos melhores já foram construídos, sabe? Mas já que eu tenho sido chamado de "um bastardo sacrílego" em inúmeras ocasiões, acho que posso acrescentar soberba aos meus pecados.

Eis como *Duna* foi construída.

(Quero inserir aqui o aviso de que este será um discurso divagante: a construção de um mundo é um processo de divagação com caminhos paralelos sedutores difíceis de resistir – especialmente para alguém que não consegue pegar o dicionário para consultar uma palavra sem passar uma hora ou mais lendo o dicionário).

Primeiro, houve a ideia – A IDEIA!

Essa ideia se originou há quase dez anos, enquanto eu estava escrevendo um artigo de jornal. Esse artigo me levou a Florence, no Oregon, uma cidade costeira com problemas de dunas. Por ser a sede de um projeto cooperativo das autoridades estaduais e federais que buscam o controle das dunas, Florence se tornou uma meca para pessoas com problemas semelhantes ao redor do mundo. Diga à Câmara de Comércio de Florence que mencionei isso. É verdade: delegações para estudar o controle de dunas em Florence têm vindo de lugares como Israel, Chile, Itália, Espanha, Argélia, Turquia, Líbia, Irã, Índia, Arábia Saudita, México – só para citar alguns.

Em Florence, resolveram o problema das dunas pelo menos a ponto de controlar o movimento da areia – desenvolvendo gramíneas para segurá-las, aperfeiçoando técnicas de plantio no lado do barlavento para ancorar uma duna e plantando ao lado do sota-vento para fazê-las crescer mais altas e formar quebra-ventos.

Ao escrever o artigo de jornal sobre esse projeto, vi-me fisgado pelas dunas. Sério – coisas estranhas podem captar sua imaginação. Eu tive uma verdadeira queda por dunas. Comecei a estudar culturas de terras secas porque é onde se encontra a maioria das dunas. Esta é apenas outra maneira de ler o dicionário.

Lentamente, o escritor em mim começou a se levantar e vi que poderia ter ali os ingredientes para a ambientação de uma história (isso foi depois de mais ou menos dois anos). Então, comecei a pensar que talvez eu tivesse ali os ingredientes para um mundo inteiro – um mundo que você poderia reconhecer de alguma forma se já tivesse vivido em uma região árida. Um mundo inteiro, pensei – um planeta *in extremis* por falta de água. Pessoas brutalizadas por essa necessidade. Uma cultura, uma civilização se contorcendo para sair desse pântano.

Agora, essa é a principal coisa que a maioria das pessoas comenta no que diz respeito a Duna – a ecologia do planeta seco. Mas ele era apenas um meio para atingir um fim. Um planeta, no meu modo de pensar, é uma espécie de espaçonave, uma biosfera atravessando regiões inabitáveis. E o importante para a história são os ocupantes da nave.

Deixe-me dizer de passagem – porque este público [Pacificon II] acabou de ser agraciado com uma discussão sobre Espada e Feitiçaria – que Duna é uma história de Espada e Feitiçaria. Para fins de tratamento da história, psi é um equivalente exato à feitiçaria – e você que leu essa história sabe da ênfase de Duna em instrumentos cortantes.

O povo, então: – Como este mundo se inflige a seu povo?

Para esse tipo de projeto de construção de mundo tem de haver um ponto de partida, algo que você, como leitor, possa identificar. Como sugeri, o ponto de partida para Duna são essas culturas de terras secas conhecidas por nós aqui na Terra. Embora, em Duna, a secura seja amplificada. Isso não é tão simples quanto pode parecer. Se você conseguir estender sua imaginação ao ponto de poder considerar a Terra como uma criatura viva, não é muito difícil pensar na população humana como uma doença da Terra. Em grande parte da Terra, os humanos agem contra uma ecologia saudável e autoperpetuadora.

No entanto, há uma região onde esse vírus-homo modificou sua virulência e é menos maléfico para a biosfera. Isso é nas regiões secas (alguns de vocês devem ter notado que até aqui eu não usei a palavra "deserto". Na língua inglesa, "deserto" tem implicações extremas e de valor único, enquanto a secura é uma questão relativa, mesmo no deserto. Duna é seca. Alguns desertos, em comparação, são úmidos). Nas regiões desérticas da Terra, o vírus-homo utiliza cuidados extras para nutrir um espectro amplo das coisas em crescimento – plantas, animais, insetos – que tornam a vida humana possível. A agricultura nesses lugares ainda tem algumas de suas implicações religiosas: o casamento com a terra e a necessidade de torná-la fértil. Aqui, encontramos uma tradição antiga ainda ativa – de melhorar a terra, de entrar no ritmo natural das coisas, de manter o homem como parte viável da ecologia ao seu redor.

Nessas regiões áridas isso nem sempre foi assim, nem é assim em todos os lugares hoje em dia. Mas é nesses lugares que você encontra esse fenômeno mais dramaticamente exibido como parte das culturas populares, uso aceito – "a maneira como as coisas são feitas". A resistência à mudança, o conservadorismo, sabe, nem sempre é uma característica de não sobrevivência. A tradição e a cultura desse povo do deserto podem relembrar lições de muitos erros e ver a evidência desses erros ao seu redor até hoje.

Por exemplo, tribos nômades originárias do deserto começaram a destruir os cedros do Líbano. Como resultado, o solo superficial de uma região outrora fértil se tornou escasso e fino. A terra é menos fértil e produz menos alimentos do que nos tempos bíblicos – embora as chuvas na região não sejam suficientemente diferentes para explicar a mudança. A destruição de bacias hidrográficas em vastas regiões da China teve uma influência direta na lendária pobreza do país (não foi o fator de controle completo, é claro; não estou falando de causa e efeito totais, apenas traçando partes de cadeias imediatas – um procedimento casual ao discutir a terra que originou o Tao).

A associação íntima com a terra que as sustenta, portanto, é uma característica dessas regiões áridas. De certo modo, essa é uma característica de todas as áreas menos afortunadas da Terra – mas não vamos confundir exploração com uso íntimo. Os produtores de arroz italianos exploram suas terras. Alguns rizicultores japoneses exploram suas terras. Os fazendeiros de trigo das planícies americanas exploram suas terras. Todas essas pessoas têm uma coisa em comum: pouco se esforçam para encaixar suas práticas a qualquer ciclo sustentável do campo. Cada vez mais os produtores de arroz japoneses estão se voltando para os fertilizantes químicos. Os italianos estão muito à frente nessa direção. Os fazendeiros de trigo americanos sofreram

uma vez com uma tempestade de areia e seca. Eles têm problemas de solo esgotado em algumas regiões de Washington e Dakota do Sul atualmente. Os fertilizantes químicos estão preenchendo algumas lacunas – mas cada vez mais essas lacunas estão aparecendo. “Colocar e tirar” não estão se equilibrando nessas regiões.

Vamos contrastar isso com algumas outras regiões de cultura do arroz agora: Sul da China, Coreia, sudoeste do Japão, Índia, Turquia, Sicília (estou fazendo esta comparação arroz-trigo porque ambos usam grandes porções de terra e envolvem sementes de planta do tipo gramínea).

Em primeiro lugar, essas regiões usam excremento humano e animal como fertilizante – um procedimento muito difamado porque é definitivamente uma fonte de doenças. Em segundo lugar, algumas são abençoadas com a reposição do solo pelas enchentes. Em ambos os casos, as pessoas vivem perto da própria sujeira. Ela as sustenta e elas a sustentam. Porém, esses são climas úmidos: e os desertos de Duna?

Bem, ambos são casos de vivência íntima com o planeta – e, o mais vital: *in extremis*, o primitivo sobrevive melhor. O que há nesses primitivos que os ajuda a sobreviver?

A maioria das pessoas em nosso país tende a pensar que os habitantes das regiões de cultivo de arroz vivem com uma dieta simples. Não é verdade. As mais primitivas dessas regiões, na verdade, desfrutam de uma grande variedade de alimentos – mas comem coisas que normalmente não consideramos como comida: plantas silvestres e semidomesticadas, insetos; eles também comem todos os tipos de peixe. Eles obtêm suas vitaminas B da cerveja e seu cálcio do limão. Eles cozinham alguns alimentos por um tempo mínimo para conservar os valores energéticos e nutritivos. Outros alimentos eles aprenderam a cozinhar por tempo suficiente para torná-los digeríveis.

Exemplo: Durante a Guerra da Coreia, muitos soldados das Nações Unidas morreram em campos de prisioneiros norte-coreanos e chineses. Houve uma dramática exceção: os turcos.

Primeiro, a religião deles lhes dizia e eles acreditavam (e essa crença não podia ser abalada) que eram homens melhores do que seus captores.

Segundo, reconheciam comida quando a viam – nas folhas verdes, larvas sob troncos, na casca interna e macia das árvores.

Terceiro, sabiam que o arroz bruto que seus captores lhes davam precisava ser cozido por muito tempo para se tornar digerível e eles esperavam pacientemente esse tempo de cozimento.

Quarto, permaneceram unidos como uma tribo e ajudaram uns aos outros.

Quinto, quando encontravam comida, não destruíam a fonte. Pegavam apenas parte das larvas e não anelavam as árvores, deixando a planta viva para criar mais vegetação.

Eles eram um povo primitivo com uma longa tradição camponesa de mimar a terra, de se ajustar ao próprio ciclo da terra em vez de perturbar seus ritmos.

Isso é algo que você reconhecerá como tendo sido adaptado para Duna. Esse é um fato de Duna.

Os ecologistas estão só começando a reconhecer o que a maioria dos primitivos sabia por instinto: quanto mais tipos de vida há em um domínio ecológico, mais energia química está ligada à matéria viva; onde a vida fervilha e prolifera em associação íntima – é precisamente onde você encontrará vida mais dependente da variedade de vida.

O intercâmbio de energia da vida é muito complicado. Ele é interdependente de modos que entendemos apenas vagamente. Cada vez mais evidente é o fato de que ainda não sabemos a extensão de nossa interdependência – uma forma de vida sobre a outra. Por esse motivo, tratei apenas de modo geral acerca de algumas dessas interdependências de vida em Duna. Os detalhes claros desse entrelaçamento são contados ao longo da história. Onde fatos precisos não eram claros, eu os contornei em vez de inventar. A introdução de incógnitas nessa área distrai das poucas incógnitas centrais para o conflito da história.

Mas como um mundo se inflige aos seus habitantes, tive que resolver algumas dessas incógnitas. Assim, você encontrará em Duna pássaros de todos os tipos convertidos em bebedores de sangue, morcegos dependentes da saliva humana para parte de sua umidade, condensadores de orvalho (um dispositivo lógico e prático que algum fabricante de plástico cromado como a DuPont deveria adotar) – e Duna lhes dá a pura invenção: o ciclo verme-especiaria-criadorzinho, uma paródia deliberada sobre as outras formas de interdependência.

Você está começando a ver como um mundo é construído?

O fator dominante de Duna é a falta de água. Umidade, não água, torna-se uma questão de preocupação constante. As plantas devem preservar a umidade exagerando a maneira como o fazem nos desertos da Terra.

Os humanos devem fazer o mesmo.

Você pode ser direto e especificar esses métodos de sobrevivência – e em alguns casos eu o faço: dando detalhes de trajes destiladores e outras roupas do deserto, apontando o reaproveitamento da água do corpo. Um mecanismo mais poderoso, porém, é fazer com que estes "fatos" apareçam como parte da cultura geral. Para isso você vai para a língua, porque a língua é o mapa da cultura. A língua de Duna é repleta de pistas sobre a severidade do planeta, algumas inventadas para a ocasião, outras emprestadas das línguas das culturas primitivas dos desertos da Terra.

"A pressa é um artifício de Satanás." – Árabe

"O sol é seu inimigo, a lua sua amiga" – FrankHerbértico

Observe as muitas palavras de Duna para faca, o uso de características da paisagem como marcadores de calendário (Navajo), as muitas palavras para maneiras de matar com veneno, os usos refinados de assassinato. Sem que isso seja dito especificamente, você sabe que esses são assuntos importantes na cultura. Perceba a austeridade geral da vida durante as migrações nômades em Duna, contrastando com a riqueza de seus arredores em acampamentos semipermanentes, o tratamento artístico das ferramentas cotidianas. Essas são as civilizações vindo à tona.

Palavras especiais para itens necessários à vida revelam o pano de fundo da cultura. Observe as muitas maneiras, em Duna, em que as palavras para água são acopladas a outras palavras que implicam uso ou função.

A língua é o mapa da cultura. O árabe, por exemplo, tem cerca de sessenta palavras para camelo ou camelos. Esse fato por si só mostra a importância dos camelos para a sobrevivência de um árabe [sem dúvida, os árabes são igualmente impressionados com o número de palavras que usamos para os vários tipos – monitorados, com rodas, blindados, de corrida ou outros – de carruagens sem camelos].

Isso não é um mero fenômeno superficial. Só conhecemos um mundo por meio de nossas reações humanas a ele. Registramos essas reações em nossas línguas – e às vezes enterramos nossas reações, nossos julgamentos, em nossas definições. A língua segue em frente e os julgamentos originais são, em sua maioria, esquecidos. No entanto, esses julgamentos ainda existem. Eles mapeiam nosso mundo como ele se infligiu a nós.

Essas muitas suposições ocultas em nossas palavras mais comuns traçam nossa história cultural, nossas andanças e nossas dúvidas. Aqui estão alguns exemplos para sua diversão:

UNIR – tornar-se uno consigo mesmo – do latim.

BARGANHA – do latim tardio para barco e pechincha, ambos se referindo a mercadorias importadas. Perceba a implicação de que algo trazido de barco era mais barato e sujeito a uma maior diminuição de preço.

CONTRABANDEAR – do grego e anglo-saxão, de palavras que significam rastejar escondido sob a fumaça.

DELEITE – as palavras raiz soam agradáveis para a língua.

PRECÁRIO – do latim: cheio de preces.

MÁRTIR – da palavra grega para testemunha. Mártir carrega um costume antigo em sua definição – julgamento por provação. Se você morresse, era inocente: "uma testemunha dos deuses"; mas se você sobrevivesse à provação, obviamente teve a ajuda do Diabo e seria morto imediatamente.

VILÃO – um julgamento social: um morador de uma fazenda, um rústico, um caipira, era originalmente um habitante de vila, um *villanus*.

AUTÊNTICO – do grego, que significa aquele que age por si mesmo, assim faz bem o trabalho. "Se você quer um trabalho bem feito, faça você mesmo". Curiosamente, o significado do inglês primitivo trazia a ideia de exigir obediência: "Faça do jeito que eu digo para você fazer!"

CHAGRÉM: literalmente, você tem garupa de cavalo: *chagrin*, o couro áspero da garupa de um cavalo.

ZAINE – o idiota protegido pelos deuses, uma ideia frequente entre os primitivos, do hebraico para "o Senhor tem misericórdia dele".

DESAFIO – o termo em inglês "challenge" tem raiz latina para falsa acusação e em seu sentido original em inglês carregava a ideia definitiva de convocar uma pessoa apenas para matá-la em um duelo.

[PROVAR – o significado antigo, "tentar ou testar a validade ou valor de", foi gradualmente substituído por "estabelecer validade ou valor de". O velho ditado, "A exceção prova a regra", fazia mais sentido com o significado antigo].

Ler o dicionário é divertido, não é?

Bem, esses são alguns dos lugares onde você desenterra o conhecimento sobre como construir um mundo. Há outros.

Em primeiro lugar, tem suas próprias experiências de vida. Já lhe contei sobre Florence e do artigo com o qual ganhei meu pão e meu feijão. Há

também o fato de que morei no deserto de Sonora, no México – e eu poderia conversar com você a noite inteira sobre isso.

Além disso, há o fato de eu ter lido mais de 200 livros, panfletos, relatórios e artigos especiais sobre ecologia de terras secas, sociedades desérticas e adaptações animais e humanas a desertos de todos os tipos, desde o Gobi até o Sonora, o Saara e o Kalahari. Você ficaria surpreso com o extenso material especializado sobre esses assuntos não mais distante do que sua biblioteca. Os temas variam de quão longe um soldado no deserto consegue marchar em um dia e com quanta quantidade de água até como controlar répteis venenosos. Você encontra centenas de informações curiosas como o fato de que as ameaças à sobrevivência aumentam a viabilidade das sementes de pinheiro. Os pinheiros cujas sementes normalmente são viáveis apenas uma vez a cada nove anos brotarão todos os anos quando as árvores estiverem ameaçadas pela invasão das dunas.

Os humanos apresentam as mesmas características. O instinto sexual aumenta sob estresse, até mesmo sob o estresse da fome, um fato que carrega implicações ainda mais terríveis quando se combina com as pressões da população sobre as fontes de alimento.

Você foi avisado que este seria um discurso divagante. Divagou da mesma forma que a pesquisa para Duna divagou. Por meio desse mecanismo, esperava dar a você uma noção do lento desenvolvimento da ideia até se tornar uma história completa. É como um navio recolhendo cracas, recolhendo milhares de detalhes. Muitos desses detalhes contribuem para a história sem nunca aparecer nela. Eles são como os traços culturais que você encontra nas línguas. Eles contribuem para a maneira como os personagens se comportam. Os detalhes estão presentes como raízes, ou então como folhagem. Em certo sentido, esses detalhes são como genes: ajudam a moldar o produto final por dentro.

O produto final, é claro, é a história e o mundo.

Durante esta palestra, tenho feito algo – às vezes conscientemente – que antes fazia de forma puramente inconsciente: referir-me a Duna apenas como uma história. Não é um romance, mas uma história. Um amigo que notou essa característica na minha fala, certa vez, me surpreendeu ao chamar minha atenção para isso.

– Por que você sempre diz que está trabalhando em uma história e nunca em um romance? – ele perguntou.

Foi preciso escavar um pouco em minhas próprias raízes e finalmente tive que admitir que tinha uma suposição inconsciente nisso: se eu não contar uma boa história, mesmo que eu crie um mundo, não há nada de novo nisso.

# memória

(n.t.) | Ilha de Gozo

# CINCO POEMAS DE KAVÁFIS

KONSTANTINOS KAVÁFIS

**O TEXTO:** Em 9 de junho de 1953, Jorge de Sena publicou pela primeira vez, no suplemento literário d'*O Comércio do Porto*, ao lado de um longo ensaio, cinco poemas traduzidos de Konstantinos Kaváfis: "À Espera dos Bárbaros" ("Περιμένοντας τους Βαρβάρους"), "Canção da Jónia" ("Ιωνικόν"), "A Bordo" ("Του πλοίου"), "A Origem" ("Η αρχή των") e "Nos arrabaldes de Antióquia" ("Εις τα περίχωρα της Αντιοχείας"). Seu contato com a lírica do poeta alexandrino teve início em 1952, quando começou a trabalhar nas versões de seus poemas ao português. Após duas décadas traduzindo-o, lançou em 1970 o livro *Constantino Cavafy - Noventa e Mais Quatro Poemas*, pela Inova, edição que seria reeditada pelas editoras Centelha, em 1986, e Asa, em 2003, e que reúne 90 dos 154 poemas que constituem o cânone kavafiano. Esta seleção, mantida em português lusitano e publicada ao lado do original grego, homenageia a primeira tradução de Sena publicada há exatamente 70 anos.

**Preparação dos originais:** Roger Sulis, da (n.t.).
**Fontes consultadas:** em português: Cavafy, C. *90 e mais quatro poemas*. Versão portuguesa, prefácio, comentários e notas de Jorge de Sena. Coimbra: Centelha, 1986; em grego: Καβάφης, Κ. *Τα ποιήματα*: 1897-1918 & *Τα ποιήματα:* 1919-1933. Επιμέλεια Γ. Π. Σαββίδη. Αθήνα: Ίκαρος, 1963.

**O AUTOR:** Konstantinos Kaváfis (1863-1933), poeta grego, nasceu em Alexandria do Egito. Considerado um dos maiores poetas gregos da modernidade, sua obra, embora pequena em volume e escrita à margem da própria Grécia, além de pouco conhecida em sua época, ocupa, pelo apuro e raridade de sua essência, um lugar de destaque, não somente no cânone das letras helênicas, mas também da literatura universal.

**O TRADUTOR:** Jorge de Sena (1919-1978), poeta, escritor e tradutor português, naturalizado brasileiro, nasceu em Lisboa. Formado em Engenharia Civil, dedicou-se à carreira de escritor, atuando no meio político, educacional e cultural. Por sua posição política, foi perseguido durante a ditadura de Salazar, exilando-se no Brasil em 1959 e posteriormente nos EUA em 1965. É considerado um dos maiores intelectuais portugueses do século XX, tendo escrito ficção, drama, ensaio e poesia, além de ter se dedicado à tradução, sobretudo de autores de língua inglesa, como Ernest Hemingway, William Faulkner, Emily Dickinson, entre outros.

# Πεντε ποιηματα του Καβαφη

*"Αύριο, μεθαύριο, ή με τα χρόνια θα γραφούν*
*οι στίχ' οι δυνατοί που εδώ ήταν η αρχή των."*

ΚΩΝΣΤΑΝΤΙΝΟΣ ΚΑΒΑΦΗΣ

## ΠΕΡΙΜΕΝΟΝΤΑΣ ΤΟΥΣ ΒΑΡΒΑΡΟΥΣ

– Τι περιμένουμε στην αγορά συναθροισμένοι;

Είναι οι βάρβαροι να φθάσουν σήμερα.

– Γιατί μέσα στην Σύγκλητο μια τέτοια απραξία;
Τι κάθοντ' οι Συγκλητικοί και δεν νομοθετούνε;

Γιατί οι βάρβαροι θα φθάσουν σήμερα.
Τι νόμους πια θα κάμουν οι Συγκλητικοί;
Οι βάρβαροι σαν έλθουν θα νομοθετήσουν.

– Γιατί ο αυτοκράτωρ μας τόσο πρωί σηκώθη,
και κάθεται στης πόλεως την πιο μεγάλη πύλη
στον θρόνο επάνω, επίσημος, φορώντας την κορώνα;

Γιατί οι βάρβαροι θα φθάσουν σήμερα.
Κι ο αυτοκράτωρ περιμένει να δεχθεί
τον αρχηγό τους. Μάλιστα ετοίμασε
για να τον δώσει μια περγαμηνή. Εκεί
τον έγραψε τίτλους πολλούς κι ονόματα.

– Γιατί οι δυο μας ύπατοι κ' οι πραίτορες εβγήκαν
σήμερα με τες κόκκινες, τες κεντημένες τόγες·
γιατί βραχιόλια φόρεσαν με τόσους αμεθύστους,
και δαχτυλίδια με λαμπρά, γυαλιστερά σμαράγδια·
γιατί να πιάσουν σήμερα πολύτιμα μπαστούνια
μ' ασήμια και μαλάματα έκτακτα σκαλιγμένα;

Γιατί οι βάρβαροι θα φθάσουν σήμερα·
και τέτοια πράγματα θαμπώνουν τους βαρβάρους.

– Γιατί κ' οι άξιοι ρήτορες δεν έρχονται σαν πάντα
να βγάλουνε τους λόγους τους, να πούνε τα δικά τους;

Γιατί οι βάρβαροι θα φθάσουν σήμερα·
κι αυτοί βαρυούντ' ευφράδειες και δημηγορίες.

– Γιατί ν' αρχίσει μονομιάς αυτή η ανησυχία
κ' η σύγχυσις. (Τα πρόσωπα τι σοβαρά που εγίναν).
Γιατί αδειάζουν γρήγορα οι δρόμοι κ' η πλατέες,
κι όλοι γυρνούν στα σπίτια τους πολύ συλλογισμένοι;

Γιατί ενύχτωσε κ' οι βάρβαροι δεν ήλθαν.
Και μερικοί έφθασαν απ' τα σύνορα,
και είπανε πως βάρβαροι πια δεν υπάρχουν.

—

Και τώρα τι θα γένουμε χωρίς βαρβάρους.
Οι άνθρωποι αυτοί ήσαν μια κάποια λύσις.

*Τα Ποιήματα*, Τ. Α' 1897-1918.

## ΙΩΝΙΚΟΝ

Γιατί τα σπάσαμε τ’ αγάλματά των,
γιατί τους διώξαμεν απ’ τους ναούς των,
διόλου δεν πέθαναν γι’ αυτό οι θεοί.
Ω γη της Ιωνίας, σένα αγαπούν ακόμη,
σένα η ψυχές των ενθυμούνται ακόμη.
Σαν ξημερώνει επάνω σου πρωί αυγουστιάτικο
την ατμοσφαίρα σου περνά σφρίγος απ’ την ζωή των·
και κάποτ’ αιθερία εφηβική μορφή,
αόριστη, με διάβα γρήγορο,
επάνω από τους λόφους σου περνά.

*Τα Ποιήματα*, Τ. Α’ 1897-1918.

## ΤΟΥ ΠΛΟΙΟΥ

Τον μοιάζει βέβαια η μικρή αυτή,
με το μολύβι απεικόνισίς του.

Γρήγορα καμωμένη, στο κατάστρωμα του πλοίου·
ένα μαγευτικό απόγευμα.
Το Ιόνιον πέλαγος ολόγυρά μας.

Τον μοιάζει. Όμως τον θυμούμαι σαν πιο έμορφο.
Μέχρι παθήσεως ήταν αισθητικός,
κι αυτό εφώτιζε την έκφρασί του.
Πιο έμορφος με φανερώνεται
τώρα που η ψυχή μου τον ανακαλεί, απ' τον Καιρό.

Απ' τον Καιρό. Είν' όλ' αυτά τα πράγματα πολύ παληά –
το σκίτσο, και το πλοίο, και το απόγευμα.

*Τα Ποιήματα*, Τ. Β' 1919-1933.

**Η ΑΡΧΗ ΤΩΝ**

Η εκπλήρωσις της έκνομής των ηδονής
έγινεν. Απ' το στρώμα σηκωθήκαν,
και βιαστικά ντύνονται χωρίς να μιλούν.
Βγαίνουνε χωριστά, κρυφά απ' το σπίτι· και καθώς
βαδίζουνε κάπως ανήσυχα στον δρόμο, μοιάζει
σαν να υποψιάζονται που κάτι επάνω των προδίδει
σε τι είδους κλίνην έπεσαν προ ολίγου.

Πλην του τεχνίτου πώς εκέρδισε η ζωή.
Αύριο, μεθαύριο, ή με τα χρόνια θα γραφούν
οι στίχ' οι δυνατοί που εδώ ήταν η αρχή των.

*Τα Ποιήματα*, Τ. Β' 1919-1933.

**ΕΙΣ ΤΑ ΠΕΡΙΧΩΡΑ ΤΗΣ ΑΝΤΙΟΧΕΙΑΣ**

Σαστίσαμε στην Αντιόχειαν όταν μάθαμε
τα νέα καμώματα του Ιουλιανού.

Ο Απόλλων εξηγήθηκε με λόγου του, στην Δάφνη!
Χρησμό δεν ήθελε να δώσει (σκοτισθήκαμε!),
σκοπό δεν τόχε να μιλήσει μαντικώς, αν πρώτα
δεν καθαρίζονταν το εν Δάφνη τέμενός του.
Τον ενοχλούσαν, δήλωσεν, οι γειτονεύοντες νεκροί.

Στην Δάφνη βρίσκονταν τάφοι πολλοί. –
Ένας απ’ τους εκεί ενταφιασμένους
ήταν ο θαυμαστός, της εκκλησίας μας δόξα,
ο άγιος, ο καλλίνικος μάρτυς Βαβύλας.

Αυτόν αινίττονταν, αυτόν φοβούνταν ο ψευτοθεός.
Όσο τον ένοιωθε κοντά δεν κόταε
να βγάλει τους χρησμούς του· τσιμουδιά.
(Τους τρέμουνε τους μάρτυράς μας οι ψευτοθεοί.)

Ανασκουμπώθηκεν ο ανόσιος Ιουλιανός,
νεύριασε και ξεφώνιζε: «Σηκώστε, μεταφέρτε τον,
βγάλτε τον τούτον τον Βαβύλα αμέσως.
Ακούς εκεί; Ο Απόλλων ενοχλείται.
Σηκώστε τον, αρπάξτε τον ευθύς.
Ξεθάψτε τον, πάρτε τον όπου θέτε.
Βγάλτε τον, διώξτε τον. Παίζουμε τώρα;
Ο Απόλλων είπε να καθαρισθεί το τέμενος.»

Το πήραμε, το πήγαμε το άγιο λείψανον αλλού·
το πήραμε, το πήγαμε εν αγάπη κ’ εν τιμή.

Κι ωραία τωόντι πρόκοψε το τέμενος.
Δεν άργησε καθόλου, και φωτιά
μεγάλη κόρωσε: μια φοβερή φωτιά:
και κάηκε και το τέμενος κι ο Απόλλων.

Στάχτη το είδωλο· για σάρωμα, με τα σκουπίδια.

Έσκασε ο Ιουλιανός και διέδοσε –
τι άλλο θα έκαμνε – πως η φωτιά ήταν βαλτή
από τους Χριστιανούς εμάς. Ας πάει να λέει.
Δεν αποδείχθηκε· ας πάει να λέει.
Το ουσιώδες είναι που έσκασε.

*Τα Ποιήματα*, Τ. Β′ 1919-1933.

# Cinco poemas de Kaváfis

*"Amanhã, depois, anos depois, serão*
*escritos os versos de que é esta a origem."*

KONSTANTINOS KAVÁFIS

## À ESPERA DOS BÁRBAROS

O que esperamos nós em multidão no *Forum*?

Os Bárbaros, que chegam hoje.

Dentro do Senado, porque tanta inacção?
Se não estão legislando, que fazem lá dentro os senadores?

É que os Bárbaros chegam hoje.
Que leis haveriam de fazer agora os senadores?
Os Bárbaros, quando vierem, ditarão as leis.

Porque é que o Imperador se levantou de manhã cedo?
E às portas da cidade está sentado,
no seu trono, com toda a pompa, de coroa na cabeça?

Porque os Bárbaros chegam hoje.
E o Imperador está à espera do seu Chefe
para recebê-lo. E até já preparou
um discurso de boas-vindas, em que pôs,
dirigidos a ele, toda a casta de títulos.

E porque saíram os dois Cônsules, e os Pretores,
hoje, de toga vermelha, as suas togas bordadas?
E porque levavam braceletes, e tantas ametistas,
e os dedos cheios de anéis de esmeraldas magníficas?
E porque levavam hoje os preciosos bastões,
com pegas de prata e as pontas de ouro em filigrana?

Porque os Bárbaros chegam hoje,
e coisas dessas maravilham os Bárbaros.

E porque não vieram hoje aqui, como é costume, os oradores
para discursar, para dizer o que eles sabem dizer?

Porque os Bárbaros é hoje que aparecem,
e aborrecem-se com eloquências e retóricas.

Porque, sùbitamente, começa um mal-estar,
e esta confusão? Como os rostos se tornaram sérios!
E porque se esvaziam tão depressa as ruas e as praças,
e todos voltam para casa tão apreensivos?

Porque a noite caiu e os Bárbaros não vieram.
E umas pessoas que chegaram da fronteira
dizem que não há lá sinal de Bárbaros.

E agora, que vai ser de nós sem os Bárbaros?
Essa gente era uma espécie de solução.

*[Antes de 1911]*

## CANÇÃO DA JÓNIA

Porque lhes quebrámos as estátuas,
porque os expulsámos dos seus templos,
não morreram, não, os deuses.
A ti, terra da Jónia, ainda eles amam,
e em suas almas sempre te recordam.
Quando a manhã de Agosto é alvorada em ti,
passa em teu ar um ardor dos deuses vivos;
e às vezes uma etérea forma juvenil,
indefinida, em trânsito subtil,
teus montes sobrevoa.

*[1911]*

## A BORDO

Claro que é parecido este pequeno
retrato dele, a lápis.

Feito num momento, no convés do barco,
numa tarde encantadora.
O mar da Jónia a rodear-nos.

Parece-se com ele. Não era ele mais belo?
Sensível era a ponto de sofrer –
o que seu rosto iluminava.
Mais belo me aparece, agora que,
fora do Tempo, eu o recordo n'alma.

Fora do Tempo. Tudo isto é muito antigo –
o desenho, e o navio, e o entardecer.

*[1919]*

## A ORIGEM

Consumara-se o prazer ilícito.
Ergueram-se ambos do catre humilde.
À pressa se vestiram, sem falar.
Saíram separados, furtivamente;
e, ao caminhar inquietos pela rua,
como que receavam que algo neles traísse
em que espécie de amor há pouco se deitavam.

Mas quanto assim ganhou a vida do poeta!
Amanhã, depois, anos depois, serão
escritos os versos de que é esta a origem.

*[1921]*

## NOS ARRABALDES DE ANTIÓQUIA

Ficámos siderados em Antióquia
com as últimas façanhas de Juliano.

Apolo "pessoalmente" em Dafne lhe dissera
que mais não proferia (forte pena!)
oráculo nenhum, enquanto o templo
não fosse, em Dafne, purificado.
Os mortos em redor incomodavam-no.

Em Dafne havia numerosos túmulos.
E um dos que lá estavam sepultados
era o magnífico – de nossa fé a glória –
Babilas, santo e triunfante mártir.

O falso deus a ele se referia, a ele é que temia,
enquanto ao pé o sentisse, não proferiria
oráculos: ficava mudo e quedo.
(Que os falsos deuses temem nossos mártires!)

O Apóstata Juliano arregaçou as mangas…
Todo irritado, vocifera: "Levem-no,
tirem daqui, quanto antes, o Babilas.
Não me ouvem? O grande Apolo está inquieto.
Levem-no sem demora, tirem-no daqui.
Desenterrem-no e levem-no para onde queiram.
Que é brincadeira julgam? Façam o que eu mando.
Apolo quer purificado o templo."

E assim exumámos as santas relíquias,
com honras devotas nós as transladámos.

O que afinal aproveitou ao templo!…
Não tardou um instante, e um fogo começou,
um grande incêndio que alastrou terrível:
e o templo ardeu e Apolo ardeu também.

A imagem? – cinza p'ra varrer no lixo.

Juliano esteve a ponto de estourar, e fez correr –
– que havia ele de fazer? – que o fogo fora posto
por nós, Cristãos, é claro. Deixem-no falar.
De resto, nada se provou. Que fale…
O caso é que por pouco não estourou de raiva.

*[1933]*

# Canção da minha nudez

## Antonia Pozzi

**O texto:** O poema “Canção da minha nudez” (“Canto della mia nudità”), de Antonia Pozzi, faz parte dos poemas inéditos de *Parole*, livro originalmente publicado em 1939. Nele, a poeta fala da nudez física e psicológica, da oferta de si, nua e plena, que parece ficar sem resposta, uma vez que só será aceita pela morte. Apresenta-se dos cabelos aos pés, caracterizada pela magreza e pela palidez, como se o sangue não corresse mais por suas veias, pois apenas no meio do peito aparece uma pulsação azul. Joelhos, tornozelos e articulações são magros, mas firmes como um puro-sangue. Fala também da solidão, que encerra o poema, ao dizer que um dia se curvará se encontrar o amor, mas que em outro ficará nua e sozinha, debaixo da terra, quando a morte a chamar. Além da resignação desoladora, emerge a força do adjetivo utilizado, referente a aspectos físicos de seu próprio corpo e a aspectos mais introspectivos, que revelam inquietação, tensão e languidez.

**Texto traduzido:** Pozzi, A. *Parole*. Milano: Garzanti, 1989.

**A autora:** Antonia Pozzi (1912-1938), poeta italiana, nasceu em Milão. Estudiosa de estética e de Flaubert, é considerada uma das vozes mais originais da poesia moderna italiana, pois manifesta tanto influências do Crepuscularismo quanto do expressionismo alemão, ao desenhar atmosferas desoladas, mas carregadas de sensibilidade. Reservada como suas palavras, buscava transferir peso e substância às imagens e difundir sentimento nas coisas transfiguradas. Seus poemas, escritos entre 1929 e 1938, foram publicados postumamente em 1939, na antologia *Parole. Liriche*. Além da literatura, dedicou-se também à fotografia e ao piano. Em um período histórico marcado pelo fascismo, suicidou-se aos 26 anos, após ingerir uma dose excessiva de barbitúricos.

**O tradutor:** Gleiton Lentz, editor da (n.t.), é pós-doutor em Estudos da Tradução (PGET/UFSC), doutor em Literatura (UFSC/Università di Firenze), tradutor e revisor. Para a (n.t.) traduziu Dino Campana, Carlo Michelstaedter e Isabela di Morra.

## *Canto della mia nudità*

Guardami: sono nuda. Dall'inquieto
languore della mia capigliatura
alla tensione snella del mio piede,
io sono tutta una magrezza acerba
inguainata in un color d'avorio.
Guarda: pallida è la carne mia.
Si direbbe che il sangue non vi scorra.
Rosso non ne traspare. Solo un languido
palpito azzurro sfuma in mezzo al petto.
Vedi come incavato ho il ventre. Incerta
è la curva dei fianchi, ma i ginocchi
e le caviglie e tutte le giunture,
ho scarne e salde come un puro sangue.
Oggi, m'inarco nuda, nel nitore
del bagno bianco e m'inarcherò nuda
domani sopra un letto, se qualcuno
mi prenderà. E un giorno nuda, sola,
stesa supina sotto troppa terra,
starò, quando la morte avrà chiamato.

Palermo, 20 luglio 1929

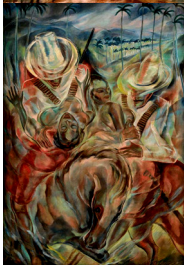
## *Canção da minha nudez*

Olha-me: estou nua. Da inquieta
languidez da minha cabeleira
à ligeira tensão do meu pé,
sou toda uma magreza amarga
embainhada na cor marfim.
Olha: pálida é a minha carne.
Dir-se-ia que o sangue não a percorre.
O vermelho não transparece. Apenas uma lânguida
palpitação azul se esfuma no meio do peito.
Vê como tenho o ventre vazio. Incerta
é a curva dos quadris, mas os joelhos
e os tornozelos e todas as juntas
são magros e firmes como os de um puro-sangue.
Hoje, inclino-me nua, na claridade
do banheiro branco e me inclinarei nua
amanhã sobre o leito, se alguém
me encontrar. E um dia nua, sozinha,
deitada supina sob a terra,
estarei, quando a morte me chamar.

Palermo, 20 de julho de 1929

[antonia pozzi]

Olha:
pálida é a minha carne.
Dir-se-ia que o sangue não a percorre.
O vermelho não transparece.
Apenas uma lânguida palpitação azul se esfuma no meio do peito.
Vê, como tenho o ventre vazio.
Incerta é a curva dos quadris,
mas os joelhos
e os tornozelos
e todas as juntas
são magros e firmes
como os de um puro-sangue.

Hoje,
inclino-me
nua,
na claridade
do banheiro
e me inclinarei
nua
amanhã
sobre o leito, se alguém
me encontrar.
E um dia nua,
sozinha,
deitada
supina
sob a terra,
estarei,
quando
a
morte
me chamar.

# INDEX

**CAPA:**

Grafites marítimos, Ilha de Malta
ARQUIVO (n.t.)

**INTERNAS:**
**Aline Daka** (p. 3)
*Sozinha,* 2023
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

**VINHETAS:**

**Ilha de Malta** (pp. 9, 107, 128, 232, 238 e 257)
Fotos de Gleiton Lentz
ARQUIVO (n.t.)

**ENTRADAS:**
**Codex Tovar** (p. 10)
Detalhe de *A fundação de Tenochtitlan* (91v.), séc. XVI
Manuscrito
JOHN CARTER BROWN LIBRARY, PROVIDENCE

**Ivan Kirkov** (p. 28)
Detalhe de *Pássaro de fogo*, 1975
Ciclorama
НАРОДЕН ТЕАТЪР "ИВАН ВАЗОВ", SOFIA

**Alessandro Zezzos** (p. 37)
*Uma senhora veneziana*, c. 1886
Aquarela
COLEÇÃO PARTICULAR

**Carlos Enríquez Gómez** (p. 48)
*O rapto das mulatas*, 1938
Óleo sobre tela
MUSEO NACIONAL DE BELLAS ARTES DE CUBA, HAVANA

**Codex Manesse** (p. 59)
Detalhe de *Herr Konrad von Altstetten* (p. 249v), séc. XIV
Iluminura
Universitätsbibliothek Heidelberg, Heidelberg

**Dorothy Lathrop** (p. 80)
Ilustração para *Hitty*, de Rachel Field, 1929
Litografia
WikiArt, Visual Art Encyclopedia

**Adlestrop Railway Station** (lugar) (p. 87)
Detalhe da Estação de Trem de Adlestrop, [s.d.]
Fotografia
Mary Evans & Peter Higginbotham Collection

**Samuel Beckett** (p. 100)
“James Joyce”, no manuscrito de *Murphy*, 1935-36
Ilustração do autor
Archive.org

**Casa memorială George Bacovia** (lugar) (p. 108)
Detalhe do poema em prosa "Divagări utile"
Placa memorial
Muzeul Național al Literaturii Române, Bacău

**Marie Hadad** (p. 129)
Retrato, [s.d.]
Óleo sobre tela
Coleção Particular

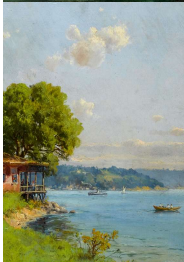
**Utagawa Toyokuni III e Utagawa Hiroshige** (p. 139)
*Seleta das dez flores dos dias atuais: crisântemo de verão*, 1858
Xilogravura
Tokyo Museum Collection, Tóquio

**Aline Daka** (p. 168)
*Ás de espadas*, 2023
Nanquim sobre papel
Arquivo (n.t.)

**William Merrit Chase** (p. 168)
Detalhe (medalhão) de *Nu de costas*, 1888
Óleo sobre tela
The Myron Kunin Collection, Nova Iorque

**Ignacio Núñez Soler** (p. 185)
Detalhe de *Um domingo em Itá Enramada*, 1964
Óleo sobre tela
Museo del Barro, Asunción

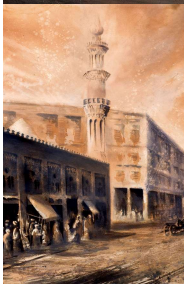
**Hoca Ali Rıza** (p. 200)
Detalhe de *Istanbul*, 1919
Óleo sobre tela
Sakip Sabanci Museum, Istanbul

**Dai Jin** (p. 212)
Detalhe de *Visitando a cabana de palha três vezes*, sécs. XIV-XV
Pintura em seda
SHENYANG PALACE MUSEUM, SHENYANG

**Herculaneum** (lugar) (p. 233)
Detalhe de *Quíron instruindo Aquiles*, c. 45-79 d.C.
Afresco romano
MUSEO ARCHEOLOGICO NAZIONALE, NÁPOLES

**John Schoenherr** (p. 239)
Detalhe de *Capela*, 1985
Ilustração
DUNE WIKI

**Andreas Georgiadis** (p. 258)
Detalhe de *Ao entardecer*, [s.d.]
Tinta sobre papel
COLEÇÃO PARTICULAR

**Aline Daka** (p. 273)
Antonia Pozzi, 2021
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

**CONTRACAPA:**
Escritório de Tradução em La Valletta, Malta, 2022
Foto de Gleiton Lentz
ARQUIVO (n.t.)

A (n.t.) | 25º acabou-se de editar em 15 de agosto de 2023,
na Ilha do Desterro, Santa Catarina, Brasil.

Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, **Baramond**
Búlgaro: **Palatino Lynotipe** Árabe: **Sakkal Majalla**
Japonês: MingLiu Chinês: Simsun